

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO

JIMMY BARBOSA PESSOA

**Sem endereço para ir e sem um lar para voltar:** sobre o sentido da vida em Frankl, estratégias de *coping* e questões da existência com moradores de rua na cidade de São Paulo

São Paulo  
2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO

JIMMY BARBOSA PESSOA

**Sem endereço para ir e sem um lar para voltar:** sobre o sentido da vida em Frankl, estratégias de *coping* e questões da existência com moradores de rua na cidade de São Paulo

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutor em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho.

Orientador: Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos.

São Paulo  
2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

-----FICHA CATALOGRÁFICA-----

PESSOA, J. B. **Sem endereço para ir e sem um lar para voltar:** sobre o sentido da vida em Frankl, estratégias de *coping* e questões da existência com moradores de rua na cidade de São Paulo. 2024. Tese (Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

A vida, em toda sua combinação de experiências e vivências, forma nossa existência e constrói a nossa subjetividade. Nesta etapa da minha vida, tenho que fazer um registro necessário e de grande importância, que é agradecer. Seria injusto se eu mencionasse apenas as pessoas que passaram por minha vida neste processo do doutorado, pois para chegar até este degrau que é um dos mais altos da academia e da produção científica, foi necessária a travessia de vales, desertos, sertões, montanhas, cidades, praias e estradas (de terra e asfalto), a qual teve a contribuição de muitas pessoas. Tenho a consciência de que não conseguirei mencionar todas aqui, mas quero escrever pelo menos sobre aquelas que estiveram mais próximas durante esta minha tenra existência na Terra.

À Eterna Divindade, agradeço pela oportunidade da vida e pela capacidade que tem me dado para aprender e desenvolver novas ideias e propostas científicas.

À minha mãe, Maria Margarida Barbosa Pessoa, por seu amor, apoio, incentivo e todo tempo dedicado à minha criação, desde que morávamos em uma fazenda no sertão cearense, na cidade de Apuiarés, no Ceará, em Caucaia, e, depois, na região metropolitana de Fortaleza, até minha mudança para São Paulo. Ela sempre me ajudou muito mais que do que podia e, ainda hoje, sempre busca me apoiar com suas orações, palavras e carinho.

Ao meu pai, Antônio José Farias Pessoa (*in memoriam*), que através de sua vida, forneceu recursos para me apoiar e contribuir com parte do meu sustento durante meus estudos e atividades acadêmicas e ainda me ensinou o que sabia sobre o mundo e seus desafios.

À minha irmã Carolina (Carol) e aos meus irmãos Dimitry e Webster (Tezim) pela companhia e pela partilha de experiências de mudanças, trabalho e de lutas e vitórias que toda família enfrenta, mas que vence somente quando permanece unida. E, ainda, tenho a alegria de ter recebido em nosso lar, como membros de nossa família,

meu cunhado, Erivelto Junior, e a cunhada Camylla, os quais agradeço também, por suas conversas e apoio ao meu trabalho.

Aos meus avós, José Maria e Francisca Pinto (Vó Nenzinha), Antônio Guedes (Vovô Santoi) e Francisca Farias (Vovó Chica). Vivenciei parte da minha vida em suas casas, ouvindo suas histórias e recebendo o carinho que elas e eles sabiam oferecer, sempre com cuidado, afeto e nas bases de uma presente cultura nordestina e religiosa.

Às minhas tias e tios Cássia Barbosa (tia Dedé); Maria José (tia Mazé) e seu esposo Manoel; Cristina Pessoa e seu esposo, tio Lima; José Batista (tio Neto) e sua esposa tia Adriana; Barbosa Filho e Francisco José (tio Pichico), os quais sempre me deram sua atenção e me cuidaram. Quero deixar registrado o apoio especial da tia Cristina e da tia Mazé, pois ambas me incentivaram a ler desde a infância, me presenteando com revistinhas em quadrinhos e livros infanto-juvenis, e ainda, me apoiando nos estudos no Brasil e no exterior.

À minha ex-companheira Ana Mara, o registro de um agradecimento especial, com muita ternura e profunda felicidade. Durante quase 15 anos, ela esteve ao meu lado me apoiando, dando amor e auxílio, tendo me presenteado com os dois frutos mais lindos da minha existência: minha linda filha, Sophia Pessoa, e meu querido bebê, Nicholas Pessoa, que são parte do meu sentido de vida e meus grandes amores neste mundo.

Aos professores que passaram em minha vida, desde o ensino fundamental até o universitário. Primeiramente, agradeço aos professores da Escolinha Sossego da Mamãe, Escola de Ensino Fundamental Matilde Barbosa Gois e da Escola de Ensino Médio São Sebastião, todas em Apuiarés, além do Colégio Luzardo Viana em Caucaia e do Colégio Master, em Fortaleza. Também aqueles da 10ª Companhia de Guardas, em Fortaleza, da 10ª Região, Martins Soares Moreno, subordinada ao Comando Militar do Nordeste – CMNE. Esta unidade, na qual servi no Exército Brasileiro entre os anos de 2006-2008, foi onde aprendi sobre o amor à Pátria e a servir ao povo brasileiro. Aos professores da graduação, do Seminário de Teologia das Assembleias

de Deus do Ceará, da Faculdade Católica de Fortaleza, das Faculdades Nordeste, da FATECI, da Universidade de Fortaleza e da Universidade Cruzeiro do Sul. Meus agradecimentos aos docentes do período do mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com os quais aprendi muito sobre pesquisa e produção científica. A todas essas instituições que foram fundamentais para a minha formação acadêmica, que me ensinaram sobre Ciência, a ter senso crítico e a sempre buscar o conhecimento, minha gratidão!

À Universidade de São Paulo (USP), um agradecimento especial, pois foi a instituição onde realizei este doutorado. Aos professores do Programa em Psicologia Social e do Trabalho (PST) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), com os quais tive a oportunidade de ter aulas, participar da Comissão do Programa e ser representante discente do PST entre os anos de 2021 e 2022, em um momento muito difícil para o mundo, que foi a pandemia da Covid-19. Também menciono minha participação nas atividades de avaliação acadêmica dos projetos de Iniciação Científica (IC) do IPUSP, bem como em eventos e atividades acadêmicas com os seguintes docentes: Wellington Zangari, Gustavo Massola, Fátima Machado, Néelson Júnior, Luís Galeão, Marcelo Ribeiro, Sandra Ribeiro, Yvette Lehman, Antonio Filho e Bernardo Svartman. Gostaria de estender os agradecimentos à professora Leyla Cury, que preside o Comitê de Ética, e a todo corpo administrativo e operacional do IPUSP e PST, representados por Teresa Peres, secretária do PST.

Ao meu orientador e professor Esdras Guerreiro Vasconcellos, deixo meus agradecimentos especiais, tanto por tudo que me ensinou quanto pela atenção despendida em muitos momentos para orientação on-line e presencial e preparação de documentos para meu estágio doutoral. Também sou grato pela paciência e compressão diante da minha falta de experiência e, principalmente, por me corrigir e orientar sobre a importância de aperfeiçoar a minha escrita para melhor compreensão das ideias desenvolvidas neste trabalho, bem como em toda a minha produção teórico-científica. Agradeço a oportunidade de receber sua orientação e ajuda em momentos extremamente difíceis que enfrentei neste doutorado. Por fim, minha

gratidão à professora Esther Cabado Modia, que foi quem me possibilitou conhecer o professor Esdras.

Ao Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Coimbra (IEF UC), ligado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal), onde tive a oportunidade de realizar um estágio doutoral entre o fim de setembro e dezembro de 2021. Posteriormente, passei a ser membro-colaborador de pesquisa e reflexão sobre a existência humana da Instituição, estando registrado tanto junto ao IEF UC quanto ao quadro de investigadores científicos da União Europeia. Deixo meus agradecimentos aos professores Mario de Santiago (diretor do IEF), Joaquim Braga (tutor no período do estágio) e ao doutorando Robert Junqueira (auxiliar da direção do IEF). Como também, ao professor Carlos Francisco de Sousa Reis, da Faculdade de Psicologia e Educação. Também agradeço a todos os colegas portugueses, brasileiros, europeus, africanos e asiáticos que fiz durante o estágio e que muito me agregaram ao falar sobre suas culturas, pesquisas e formas de perceber o mundo.

Ao grupo de colegas orientandos do professor Esdras, que foi muito especial nesta trajetória. Em reuniões de orientação coletiva, cafés, eventos e atividades online e presenciais, me ajudaram com suas observações, escuta e atenção: Erika Nakano (amiga que destaco por sua ajuda e acolhimento em muitos momentos difíceis na construção desta tese), Carol, Lara, Thales, Claudia, Cassio, Helena, João e Renata. O meu muito obrigado pela camaradagem!

Ao professor Geraldo José que, além de participar desta banca de defesa, também esteve na qualificação e muito me ajudou com seus apontamentos e ideias pertinentes para a produção desta pesquisa. Também deixo um agradecimento especial ao doutor, professor e amigo Alberto Nery, que acompanhou parte desta pesquisa dando suas ideias e sugestões na banca de qualificação e em algumas conversas, oferecendo sua escuta nos momentos de noite escura da alma pelos quais passei. Obrigado, Alberto! A professora Doris Peçanha, pela gentileza de participar da banca e trazer ricas contribuições.

A cada pessoa que passou em minha vida no período em que fui estudante dos ensinos fundamental e secundário; no serviço militar, entre os anos de 2006 e 2008; na vida religiosa, entre 2008 e 2019; nos cursos de graduação em Teologia e Psicologia; nas especializações no Ensino da Filosofia e em Ética e Filosofia Política; no mestrado em Ciência da Religião e no doutorado em Psicologia. Gratidão ao grupo de estudantes, psicólogos e profissionais de variadas áreas que, voluntariamente, tem me ajudado no projeto do Instituto Jimmy Pessoa (IJP). Muito obrigado por tamanho apoio! E, ainda, sou grato a cada aluna e aluno que me incentivou em todo este período de formação acadêmica, de quem tive a honra de ser professor ou supervisor, em variadas instituições de ensinos e nos cursos e palestras que tenho ministrado. Além disso, agradeço aos colegas docentes com quem tive a oportunidade de trabalhar nas instituições em que atuei como professor, assim como a todos que tem feito leitura de meus textos, assistido aos meus vídeos, me seguido nas redes sociais e buscado cooperar com todo o trabalho que tenho realizado.

À Gabriela, pelo apoio na correção dos textos da qualificação, desta tese e outros escritos que tenho produzido e compartilhado. Fico sempre muito atento aos seus apontamentos em todos os manuscritos que temos trabalhado. E, com muito destaque, sou imensamente grato aos participantes desta pesquisa, os quais mesmo sem ter o nome citado nestas páginas, serão lembrados por mim ao revisar cada fala. Lembrarei com carinho dos lugares onde realizamos estas entrevistas, que colaboraram imensamente para a produção desta produção científica, e penso que elas ainda ajudarão muitas outras pesquisas acadêmicas e pessoas e instituições interessadas nesta temática.

A vocês todos, eu agradeço imensamente. Foram estas experiências que me trouxeram grande aprendizado, que me motivaram em muitos momentos de luta e que me fizeram encontrar sentido de vida para pensar, pesquisar, escrever, sonhar e viver.

“Ao realizar este trabalho com a população de rua, nos gritos, eu entendi uma história de dor, no silêncio, eu escutei um pedido de socorro. Na rua eu senti o medo, mas também vivenciei esperança, e mesmo não tendo para onde ir, cada um sabia para onde precisava caminhar. Porém, o mais importante da pesquisa é que elas e eles me fizeram aprender ainda mais sobre o sentido da vida.”

Jimmy Barbosa Pessoa

## RESUMO

PESSOA, J. B. **Sem endereço para ir e sem um lar para voltar:** sobre o sentido da vida em Frankl, estratégias de *coping* e questões da existência com moradores de rua na cidade de São Paulo. 2024. Tese (Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Este projeto de pesquisa teve como objetivo analisar a existência de um sentido de vida para pessoas em situação de rua e, com base nos resultados que indicaram a descoberta ou construção desse sentido por homens, mulheres e pessoas transfemininas, buscou investigar como ele é elaborado. A partir da perspectiva teórica da Logoterapia, foi constatado que os conceitos de valores de criação, vivência e atitude fazem parte da construção desse significado. Também foi estabelecida uma conexão entre o conceito de sentido de vida e os métodos de enfrentamento (*coping*) presentes nas práticas das pessoas para lidar com as dificuldades da vida nas ruas. A proposta consistiu em conduzir uma pesquisa qualitativa pelo método etnográfico, com perguntas semiestruturadas, envolvendo 25 participantes, sendo 19 homens, três mulheres e três pessoas transfemininas, que estão em situação de rua há mais de três anos na cidade de São Paulo. O questionário foi elaborado pelo pesquisador e seu orientador e está dividido em perguntas relacionadas à história de vida do sujeito entrevistado e sua percepção sobre o sentido da vida. A partir da análise dos dados coletados pelo método hermenêutico, com base na teoria de Viktor Frankl, compreendeu-se como as pessoas em situação de rua encontram um sentido para suas vidas. Foi também descoberto que a situação de rua não é a única fonte de sofrimento para essas pessoas e que questões de existência, vazio existencial e outras circunstâncias têm levado algumas delas a perderem o interesse pela vida. Analisaram-se ainda as formas de enfrentamento de situações estressoras por parte dos entrevistados e como eles superam crises e frustrações em suas vidas. Além disso, desenvolveu-se uma análise psicossocial filosófica sobre o sentido da vida e a esperança, que é uma ação motivadora para a construção de possibilidades transformadoras e que contribui para a mudança de vida da população que ainda está vivendo nas ruas.

Palavras-chave: Sentido de vida. Pessoas em situação de rua. Valores. *Coping*. Existência.

## ABSTRACT

PESSOA, J. B. **Nowhere to go and nowhere to call home**: on the meaning of life in Frankl, coping strategies, and existential issues with homeless individuals in the city of São Paulo. 2024. Tese (Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

This research project aimed to analyze the existence of a meaning of life for people experiencing homelessness and, based on the results that indicated the discovery or construction of this meaning by men, women and transfeminine people, sought to investigate how it is elaborated. From the theoretical perspective of Logotherapy, it was found that the concepts of values of creation, experience and attitude are part of the construction of this meaning. A connection was also established between the concept of meaning of life and the coping methods present in the practices of people dealing with the difficulties of life on the streets. The proposal consisted of conducting a qualitative research using the ethnographic method, with semi-structured questions, involving 25 participants, 20 men, two women and three transfeminine people, who have been homeless for more than three years in the city of São Paulo. The survey was prepared by the researcher and his advisor and is divided into questions related to the life story of the interviewee and their perception of the meaning of life. From the analysis of the data collected by the hermeneutic method, based on Viktor Frankl's theory, it was understood how they find meaning in their lives. It was also discovered that homelessness is not the only source of suffering for these people and that issues of existence, existential emptiness and other circumstances have led some of them to lose interest in life. The interviewees' ways of coping with stressful situations and how they overcome crises and frustrations in their lives were also analyzed. In addition, a philosophical and psychosocial analysis was developed on the meaning of life and hope, which is a motivating action for the construction of transformative possibilities and that contributes to the change of life of the population that is still living on the streets.

Keywords: Meaning of life. Individuals experiencing homelessness. Values. Coping. Existence.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>UM BREVE APONTAMENTO HISTÓRICO SOBRE AS CIDADES E AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA.....</b>	<b>23</b>
<b>2.1</b>	<b>Um panorama da história das cidades e a problemática do “morador de rua” .....</b>	<b>23</b>
<b>2.2</b>	<b>A cidade de São Paulo: panorama histórico.....</b>	<b>25</b>
<b>3</b>	<b>UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL-ANTROPOLÓGICA DA POPULAÇÃO DE RUA.....</b>	<b>28</b>
<b>3.1</b>	<b>As diferenças dos sujeitos e grupos em situação de rua: perfis de “moradores de rua” .....</b>	<b>28</b>
3.1.1	Nômades urbanos coletores.....	29
3.1.2	Nômades urbanos “noiados” .....	29
3.1.3	Morador de rua.....	30
3.1.4	Andarilhos urbanos-regionais.....	30
3.1.5	Desatinos da rua.....	31
3.1.6	Coletores da generosidade.....	31
3.1.7	Dependentes químicos.....	31
3.1.8	Recicladores.....	32
<b>3.2</b>	<b>O(s) espaço(s) de convivência social, cuidado pessoal e abrigo das pessoas em situação de rua.....</b>	<b>32</b>
3.2.1	Vias abertas.....	33
3.2.2	Vias fechadas (ruas sem saída).....	33
3.2.3	Viadutos e pontes.....	33
3.2.4	Entroncamento de avenidas, marginais e ruas com grama e árvores.....	34
3.2.5	Templos religiosos.....	34
3.2.6	Parques e praças.....	34
3.2.7	Equipamentos sociais.....	34
<b>3.3</b>	<b>Os hábitos: uma construção do comportamento influenciada pelo ambiente.....</b>	<b>35</b>

3.4	<b>“Tempo é miséria”: o “morador de rua” e a questão cronológica-social.....</b>	36
3.5	<b>O corpo é oprimido, mas a alma liberta: a condição biopsicológica da pessoa em situação de rua.....</b>	38
3.6	<b>O “morador de rua” e suas crises de (in)existência.....</b>	39
3.7	<b>Patologia sociocultural e vida nas ruas.....</b>	41
4	<b>VIKTOR FRANKL: PANORAMA BIOGRÁFICO E UMA INTRODUÇÃO GERAL SOBRE A LOGOTERAPIA.....</b>	44
4.1	<b>O autor e promovedor da Logoterapia: uma introdução biográfica sobre Viktor E. Frankl.....</b>	44
4.2	<b>Uma introdução teórica sobre a Logoterapia.....</b>	46
4.3	<b>A construção de um sentido de vida segundo as perspectivas teóricas de Viktor Frankl.....</b>	47
4.4	<b>A vontade de sentido.....</b>	49
5	<b>LOGOTERAPIA E UM PANORAMA DE OUTRAS DEFINIÇÕES TEÓRICAS.....</b>	50
5.1	<b>Os três eixos básicos do pensamento de Frankl.....</b>	50
5.2	<b>Logoterapia e a vontade de liberdade.....</b>	51
5.3	<b>A tríade trágica.....</b>	52
5.4	<b>Sentido de vida e valores da existência humana.....</b>	52
5.5	<b>A dimensão noética.....</b>	53
5.6	<b><i>Homo Patiens</i>.....</b>	55
5.7	<b>Neuroses noogênicas.....</b>	55
5.8	<b>Neurose coletiva.....</b>	56
5.9	<b>Noodinâmica.....</b>	56
5.10	<b>Autotransferência.....</b>	57
5.11	<b>Vazio existencial.....</b>	57
6	<b>O CONCEITO DE <i>COPING</i>: UMA INTRODUÇÃO.....</b>	58
7	<b>SØREN KIERKEGAARD: ANGÚSTIA, EXISTÊNCIA E SENTIDO DE VIDA.....</b>	62
8	<b>INTER-ERAS, ECONOMIALISMO E PSICOEXISTÊNCIA: APRESENTAÇÕES TEÓRICAS.....</b>	65

<b>8.1</b>	<b>Inter-Eras: uma nova análise psicossocial para novas experiências e velhas práticas</b> .....	65
8.1.1	Inter-Eras: um novo momento social com antigas práticas humanas.....	66
8.1.2	O fator fundante do período Inter-Eras.....	66
<b>8.2</b>	<b>Economialismo: um projeto de economia social baseado na saúde mental e na sustentabilidade</b> .....	67
<b>8.3</b>	<b>Psicoexistência: tratando das questões da alma e da existência</b> .....	70
<b>9</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	72
<b>9.1</b>	<b>Objetivo geral</b> .....	72
<b>9.2</b>	<b>Objetivos específicos</b> .....	72
<b>10</b>	<b>MÉTODO</b> .....	74
<b>10.1</b>	<b>Amostra</b> .....	74
<b>10.2</b>	<b>Instrumento</b> .....	75
10.2.1	Roteiro de perguntas semi-estruturadas.....	77
<b>10.3</b>	<b>Procedimentos</b> .....	77
<b>10.4</b>	<b>Análise dos dados</b> .....	78
<b>11</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	80
<b>11.1</b>	<b>Análise sociodemográfica</b> .....	80
11.1.1	Distribuição por gênero.....	80
11.1.2	Distribuição por estado civil.....	81
11.1.3	Distribuição por faixa etária.....	81
11.1.4	Distribuição por escolaridade.....	82
11.1.5	Distribuição por renda mensal.....	83
11.1.6	Distribuição por atividade ou auxílio financeiro.....	83
11.1.7	Distribuição por uso de drogas.....	84
11.1.8	Distribuição pelo encontro de um sentido de vida.....	85
<b>11.2</b>	<b>O sentido de vida</b> .....	85
<b>11.3</b>	<b>Coping religioso, emoção e focado no problema</b> .....	87
<b>12</b>	<b>DISCUSSÃO: O ENCONTRO E/OU CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE VIDA E AS AÇÕES DE ENFRENTAMENTO DAS SITUAÇÕES STRESSORAS PELA POPULAÇÃO DE RUA</b> .....	89

12.1	O sentido de vida encontrado e/ou construído pelas pessoas em situação de rua.....	89
12.2	O enfrentamento do vazio existencial e o conceito de <i>Homo Patiens</i> no enfrentamento do mundo.....	93
12.3	A autotranscendência na construção do sentido de vida.....	95
12.4	Superando o stress pelo <i>coping</i> religioso e focado na emoção.....	96
12.5	Da teoria à praxis: uma análise filosófica e da Psicoexistência sobre a esperança e o sentido da vida.....	100
12.6	Rompendo situações do cotidiano para construção do sentido de vida.....	100
12.7	Moradia: trabalhando com os “tijolos” de esperança.....	102
12.8	O sujeito em situação de rua no contexto de Inter-eras e possibilidades no modelo do economialismo.....	103
13	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
	REFERÊNCIAS.....	108
	ANEXO A – TCLE.....	114
	ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	116
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	121
	APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES.....	124
	APÊNDICE C – FOTOS.....	258

## 1 INTRODUÇÃO

Em um mundo pós-pandêmico, muitas questões sociais e políticas eclodiram em todo o planeta. Sejam estas questões relacionadas a conflitos, saúde pública ou economia, o fato é que os problemas se ampliaram e a população mais vulnerável sofreu — e tem sofrido — terrivelmente o efeito desta catástrofe. Um dos grupos mais afetados é o de pessoas em situação de rua que, antes mesmo da pandemia de Covid-19, sofria situações humilhantes. Com o processo pandêmico e a ausência de apoio do Estado a esta população, sua vulnerabilidade foi potencializada.

Por entender que este problema é complexo e amplo, realizamos para esta tese uma pesquisa com vinte e cinco pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo. O objetivo foi compreender se, diante do abandono e alta vulnerabilidade, elas conseguem desenvolver os valores de criação, experiência e atitude que constroem o sentido de vida de acordo com Viktor E. Frankl (1946/2019a, 1965/2019c). Buscamos, ainda, identificar quais são os mecanismos que as ajudam a superar situações stressoras a partir dos conceitos de *coping*. Para além de verificar se os sujeitos conseguem construir um sentido de vida em suas experiências como “moradores de rua”, buscamos ampliar a análise para situações que perpassam toda a história de sua vida.

De acordo com dados de pesquisas, o contingente de pessoas vivendo nas ruas da cidade de São Paulo cresceu 13% entre os anos de 2019 e 2022, sendo que, atualmente, elas correspondem a um total de 85,9 mil pessoas (Dias; Migliari, 2022). Este grupo social vivencia uma perda de seus direitos básicos e uma experiência de exclusão e grande vulnerabilidade social. A partir destes dados e percebendo todo um panorama de aumento de pessoas em situação de rua e acirramento de crises sociais, decidimos iniciar um projeto de pesquisa que analisasse um importante quesito na história das pessoas em situação de rua: o sentido de vida.

O interesse por essa temática surgiu das experiências do pesquisador com a população em situação de rua do centro de São Paulo — incluindo a região da Cracolândia e um centro de apoio social — no período da graduação, quando estagiava nas áreas de Psicologia Social e Psicologia da Educação. A escolha pelo assunto também foi influenciada pela sua atuação como líder religioso em comunidades periféricas e em ações sociais nas regiões centrais de Fortaleza e São

Paulo. A partir de então, passou a se aprofundar nesse fenômeno social, escolhendo-o como tema de pesquisa no doutorado.

Considerando a complexidade do tema, escolhemos investigá-lo através de uma pesquisa em modelo etnográfico com vinte e cinco pessoas em situação de rua da cidade de São Paulo. Por meio de uma entrevista semiestruturada, com um questionário produzido e submetido a juízes colaboradores que são especialistas na temática, realizamos uma coleta de dados sobre os sujeitos, suas histórias de vida e vivências na atualidade. Em seguida, esses dados foram analisados qualitativamente, com a finalidade de verificar se os entrevistados conseguem construir um sentido de vida frente a um estado de vulnerabilidade, ampliando a análise para as situações que perpassam toda a sua história de vida.

Com essa pesquisa, tivemos por objetivo analisar se existe um sentido de vida para a pessoa em situação de rua e, se sim, investigar como ele é elaborado. A partir da lente teórica da Logoterapia, descobrimos que os conceitos de valores de criação, vivência e atitude fazem parte da construção desse sentido. Sobre os objetivos específicos desta pesquisa, eles foram: (i) levantar a maior quantidade de informações sobre os sujeitos entrevistados, através de uma coleta de dados pelo método etnográfico; (ii) buscar entender qual é a percepção de vida que a pessoa constrói morando na rua; (iii) realizar uma análise qualitativa dos dados a partir de conceitos teóricos de Frankl, com ênfase na construção do sentido de vida pelos valores de criação, vivência e atitude; (iv) compreender e analisar a construção de um sentido de vida para estes sujeitos; (v) saber se as estratégias de coping, como o religioso, colaboram, no enfrentamento das situações stressoras, que estes enfrentam na vida na rua; (vi) registrar se as crenças, perspectivas ideológicas, situações do passado e/ou do presente — como os vícios ou o medo do futuro — contribuem para que permaneçam em situação de rua e, a partir dos resultados encontrados, apresentamos alternativas de ações em políticas públicas para essa população, visando seu apoio e assistência.

A importância desta pesquisa justifica-se pela necessidade de se aprender mais sobre esse fenômeno social e político, e contribuir para a apresentação de possibilidades para a promoção de apoio à população de rua, tornando-se mais uma ferramenta para a transformação e ajuda individual e coletiva. Esta pesquisa serve

como um instrumento para lançar um olhar aos invisibilizados, pois mesmo estando em muitos lugares, os “moradores de rua” continuam imperceptíveis para grande parcela da população e parte do poder público. Ademais, o estudo oferece um texto teórico que pode servir de referência bibliográfica tanto para as universidades quanto para governos e sociedade. Este tema é objeto de estudo da Psicologia Social e do Trabalho, conforme praticado no IP-PST que foca nas relações sociais e de trabalho no ser humano moderno. Oferecendo contribuições inéditas aos campos acadêmico e social e aos estudos da Logoterapia e de *coping*.

No que se refere ao estado da arte da pesquisa, realizamos uma apresentação teórica, no capítulo dois, sobre a história das cidades no contexto ocidental e a problemática dos “moradores de rua” nos espaços urbanos. Mostraremos, de forma introdutória, como essa questão social se desenvolveu no contexto paulistano, como se deu o aumento desse contingente populacional na maior metrópole brasileira, e quais foram os principais problemas decorrentes disso. Em seguida, apresentamos panoramicamente, nos capítulos quatro e cinco, os aspectos teóricos sobre o sentido da vida para Viktor Frankl, mais especificamente, sobre os valores de criação, experiência/vivência e atitude, os quais foram o eixo teórico para a análise das entrevistas. Foi analisado se estas contribuem ou não para a construção do sentido de vida.

Discorreremos sobre as questões do vazio existencial e do sofrimento humano presentes na teoria de três partes, denominada “tríade trágica” pelo autor (Frankl, 1946/2019a, 1965/2019c, 1967/2020b). Com isso, percebemos a importância de conduzir a pesquisa a partir do que Frankl (1969/2020a) chama de “vontade de sentido”, que “(...) pode ser definida como o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos.” (Frankl, 1969/2020a, p. 50). Os escritos e conceitos de Frankl levam os leitores a refletirem sobre a vida e seu sentido, e confrontarem a realidade de vida do indivíduo e sua vida na questão das escolhas (liberdade), da práxis (vontade) e dos desafios (sofrimento) (Frankl, 1974/2016).

Buscamos desenvolver uma ponte entre sentido de vida e *coping* para contribuir com a análise dos dados, com o intuito de saber como o sujeito consegue desenvolver bem-estar mesmo enfrentando situações altamente estressoras vivendo nas ruas. A teoria de *coping*, conforme Antoniazzi, Dell’Aglío e Bandeira (1998), e,

ainda, pela lente de Vasconcellos (2017), é concebida como o conjunto de estratégias utilizadas pelas pessoas para se adaptarem a circunstâncias adversas e enfrentarem situações cotidianas de stress.

Dado que o sentido de vida é singular e específico de cada indivíduo, nosso objetivo é compreender como ele se revela nas vivências dos “moradores de rua”. Fica claro que, em alguns casos, a escolha de “ir para a rua” representa uma busca por significado. Em outras circunstâncias, observa-se que a ausência de propósito de vida pode ser a motivação para adotar essa condição, mesmo que haja uma crença na existência de um propósito mais amplo. No momento presente, entretanto, parece que o sentido desejado para a vida ainda não foi encontrado por parte das pessoas entrevistadas, estando elas à procura deste significado. Em contrapartida, para outras, o sentido foi descoberto e é vivenciado diariamente.

Nos resultados encontrados, vinte e dois participantes entendem que a vida tem um sentido. Estes sentidos variam conforme a percepção de cada um. Podemos identificar sentidos vinculados à crença em Deus e à possibilidade de oportunidades futuras para mudar vida e conseguir um trabalho. Os sujeitos trazem em suas falas que a existência é marcada pelo “querer mudar de vida, escolher o melhor e seguir o certo”. Este entendimento liga-se a percepções religiosas, éticas e existenciais. Os três participantes que afirmaram que a vida é desprovida de sentido entendem que essa falta de significado se dá em termos metafísicos e existenciais. Ainda assim, falam sobre a importância do bem-estar e do cuidado com o próximo e o mundo à sua volta.

Na presente tese, introduzimos um termo para designar a atual conjuntura histórica, social e política que estamos atravessando, o “Inter-Eras”. Temos o hábito de traçar linhas temporais e atribuir nomes a épocas que marcam distintos momentos da experiência humana, tais como: Idade Antiga, Idade Média, Moderna e Pós-Moderna. No atual contexto, percebemos que o que conhecemos como “Era Pós-Modernidade” encontra sua conclusão nos primeiros meses de 2020, com a emergência da pandemia de Covid-19. É a partir desse cenário sombrio e desafiador que se inaugura o período do Inter-Eras, que representa a conclusão de um longo processo de transformação social que vinha ocorrendo mundialmente.

O Inter-Eras caracteriza-se pela coexistência de antigas e novas ideias e práticas, tais como a construção de muros e cercas em países para dividir territórios e restringir a entrada de migrantes, a formulação de políticas nacionalistas discriminatórias e a aceitação e legitimação de mensagens e condutas violentas por parte da população. Também podemos citar o distanciamento social e consequentes adoecimento emocional e dificuldade de interação, que resultam, em grande parte, do uso excessivo de redes sociais pela população.

Trata-se de uma geração que compartilha muita informação, mas quase não vivencia a emoção das relações presenciais. A internet torna-se símbolo do avanço tecnológico e de transformação social. A cada dia, ela tem sido palco de mais casos de violência, discriminação e propagandas ideológicas com crenças que vêm desde a Idade Antiga e Média. Ações extremistas caracterizadas pela barbárie e o caos são propagandeadas como solução para problemas complexos como a pobreza e a guerra. No entanto, sabe-se que a solução deve passar pela reflexão, análise, ciência e trabalho coletivo. A contradição assim se estabelece: junto ao avanço tecnológico, vemos a disseminação de pensamentos obscurantistas e retrógados.

Às ações concretas somam-se sentimentos exacerbados de egoísmo que prejudicam a compreensão dos problemas e ação conjunta para superá-los, o que pôde ser evidenciado com a falta de cooperação na distribuição de vacinas durante a segunda onda da pandemia de Covid-19. Adicionalmente, podemos observar a negação de dados científicos, a negligência com a saúde mental e a ausência de medidas efetivas para reduzir as emissões de carbono e preservar o meio ambiente. Essas práticas persistem em um contexto de notável avanço tecnológico e abundância de teorias e produções relacionadas a direitos humanos, ética, bem-estar social, fraternidade universal, entre outros (Pessoa, 2024a)<sup>1</sup>.

O conceito de “economialismo” é utilizado como base teórica para a proposta de uma atuação psicossocial e econômica. Esta ideia tem por premissa central o desenvolvimento de uma política econômica que priorize a saúde mental e as necessidades individuais e coletivas. No âmbito da sustentabilidade, busca-se a elaboração de projetos e ações sustentáveis em espaços urbanos que preservem a natureza e impulsionem o crescimento econômico por meio de uma distribuição de

---

<sup>1</sup> PESSOA, J. B. **Inter-Eras**. São Paulo: IJP Publicações, 2024a. Obra no prelo.

renda justa — não necessariamente igualitária, uma vez que tal igualdade é utópica, mas sim com base no trabalho e contribuição de cada membro da sociedade (Pessoa, 2024b)<sup>2</sup>.

Parte da proposta “economialista” é a construção de moradias populares em espaços menores, com pouco ou nenhum uso, para abrigar pessoas em situação de rua em alta vulnerabilidade social, e a colaboração para seu desenvolvimento pessoal e coletivo. Além da moradia, é essencial que esta intervenção conte com uma extensão de atendimentos psicológicos e educacionais e ofertas de emprego — considerando que grande parte destes homens, mulheres e pessoas transfemininas tem uma profissão ou possui experiência em determinadas áreas e pode atuar como mão de obra especializada.

Por fim, desenvolvemos uma reflexão teórico-científica sobre os aspectos psicológicos, filosóficos e antropológicos do sujeito em situação de rua, considerando sua vontade, possibilidades, liberdade e sentido de vida. Esta parte teórica tem por objetivo realizar uma análise geral da pesquisa de campo e trazer conceitos psicossociais e filosóficos a respeito do sentido de vida a partir da lente da “Psicoexistência”.

A Psicoexistência é uma abordagem cuja origem está nas reflexões desenvolvidas por Søren Aabye Kierkegaard sobre a existência humana. Tal abordagem também foi influenciada por filósofos, psicólogos e psiquiatras como Gabriel Marcel, Martin Buber, Karl Jasper, Albert Camus e Viktor Frankl, que analisaram o fenômeno humano em sua integralidade, contemplando tanto seus aspectos filosóficos e metafísicos quanto aqueles relativos à corporeidade do sujeito, suas emoções, sentimentos, subjetividades, linguagem e relações com o mundo (Pessoa, 2024c)<sup>3</sup>.

No momento em que esta tese foi desenvolvida, a população de rua havia triplicado na cidade de São Paulo em um intervalo de oito anos. Segundo dados nacionais, as pessoas em situação de rua no Brasil correspondem a cerca de 227 mil pessoas (IPEA, 2023), tendo a pandemia de Covid-19 agravado essa situação.

---

<sup>2</sup> PESSOA, J. B. **Economialismo**: o primeiro capítulo. São Paulo: IJP Publicações, 2024b. Obra no prelo.

<sup>3</sup> PESSOA, J. B. **Psicoexistência e seus fundamentos**. São Paulo: IJP Publicações, 2024c. Obra no prelo.

Mesmo com alguns exemplos de pessoas que deixaram a rua e hoje têm sua vida social e econômica organizada — com moradia, emprego, educação, família e uma história de superação para contar —, as cifras mostram que o problema persiste. Faz-se necessária a união entre os poderes políticos e judiciários, grupos religiosos, instituições e grupos sociais, iniciativa privada, instituições educacionais e demais membros da sociedade, para que haja um mutirão para reverter esta situação, além de ações afirmativas que deem continuidade a esse trabalho. O foco deve ser tirar as pessoas das ruas, de forma que estas se tornem apenas lugares de passagem e que essas pessoas tenham uma moradia para onde regressar, descansar, se alimentar, amar, enfim, ter seu espaço, seu “cantinho” e viver uma vida com maior qualidade, bem-estar e cuidado emocional.

## 2 UM BREVE APONTAMENTO HISTÓRICO SOBRE AS CIDADES E AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

### 2.1 Um panorama da história das cidades e a problemática do “morador de rua”

O estabelecimento do ser humano em um determinado território é uma prática relativamente moderna se comparada ao nomadismo. Antes das cidades surgirem há cerca de 5 mil anos (Rolnik, 1995), o campo era o lugar onde as pessoas viviam e o nomadismo era uma forma de vida comum. De acordo com Benevolo (1982/2019), os seres humanos primitivos se estabeleciam temporariamente em cavidades naturais e tendas simples feitas apenas de pele e/ou madeira — compartilhando espaços, utensílios, fogo, alimento, culto, etc. —, mudando de local conforme as necessidades impostas pelas estações do ano.

A cidade, enquanto “local de um núcleo equipado, diferenciado e, ao mesmo tempo privilegiado, sede da autoridade” tem por origem a aldeia, se formando “quando as indústrias e os serviços já não são executados pelas pessoas que cultivam a terra, mas por outras que não têm essa obrigação e que são mantidas pelas primeiras com o excedente do produto total.” (Benevolo, p. 27, 1982/2019). No entanto, a cidade não é meramente uma aldeia ampliada: ela se diferencia, entre outras coisas, por ser proporcionalmente maior e pela sua velocidade de transformação. Acrescenta Benevolo (1982/2019, p. 30):

Ela [a cidade] assinala o tempo da nova história civil: as lentas transformações do campo (onde o excedente é produzido) documentam as mudanças mais raras da estrutura econômica; as rápidas transformações da cidade (onde é distribuído o excedente) mostram, ao contrário, as mudanças muito mais profundas da composição e das atividades da classe dominante, que influenciam toda a sociedade. Tem início a aventura da “civilização” que, continuamente, corrige as suas formas.

Toda essa mudança decisiva — chamada de “evolução urbana” — teve início no vasto território quase plano, em forma de meia-lua, que corresponde aos desertos da África e da Arábia e os montes que os encerram ao Norte, do Mediterrâneo ao Golfo Pérsico. A evolução das cidades é motivada pelo desenvolvimento da agricultura, pelo aperfeiçoamento da criação de víveres e pelo trabalho coletivo, o que dá início a uma nova fase da economia. O aumento da produção agrícola, a

concentração do excedente nas cidades e o crescimento da população e da oferta de produtos são garantidos pelo domínio técnico-militar da cidade sobre o campo (Benevolo, 1982/2019).

Um grande contingente de pessoas começou a buscar abrigo nestes novos espaços de convivência humana na tentativa de conseguir melhor trabalho e condições de vida mais dignas. Como explica Rolnik: “Para estas cidades afluíam camponeses das províncias vizinhas, atraídos pelas artes da lã e da seda, pelas obras públicas da cidade, pelo serviço nas casas ricas, ou simplesmente por uma vaga de servidor ou mendigo.” (Rolnik, 1995, p. 30-31). Esta cultura urbana, que se consolida na Europa a partir do século XVII, se estende até a Revolução Industrial. A migração de pessoas do campo para a cidade esteve presente durante todo esse período devido à crescente oferta de trabalho nas fábricas, no comércio e em serviços gerais. Com o avanço tecnológico, a estrutura urbana sofreu transformações arquitetônicas, sociais e políticas: os conglomerados urbanos se expandiram e o crescimento do comércio e da industrialização modificou a paisagem das cidades. A partir do século XX, as metrópoles e megalópoles surgiram com uma diversidade de tecnologias, povos, idiomas, grupos sociais e modos culturais. Hoje, as cidades são o lugar de morada da maior parte da população mundial. O modo de vida urbano é acelerado, e o tempo — seja ele virtual ou presencial — é a principal moeda de troca. Nesse sentido, o ditado popular “tempo é dinheiro” ainda se repete: quem vive na cidade tem que “plantar trabalho” para “colher dinheiro”.

As megalópoles, metrópoles e centros urbanos têm sua história registrada na arquitetura: as marcas do tempo e de períodos históricos estão em fachadas, prédios e residências. Por conta disso, para Rolnik (1995, p. 9), “(...) além de contingente das experiências humanas, a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história”. O desenvolvimento e progresso influíram sobre as estruturas arquitetônicas, que buscam encantar moradores e visitantes a partir de uma combinação de vidros, aço, concreto e um *design* moderno e iluminado pela tecnologia do século XXI. Entretanto, todo o desenvolvimento das metrópoles e o avanço tecnológico não necessariamente se traduziram em uma vida digna para sua população. Com o crescimento urbano desordenado, os habitantes passaram a enfrentar dificuldades econômicas, vivendo do lixo, caridade e apoios sociais.

Isso expõe uma contradição fundamental do modelo econômico capitalista que, se por um lado proporciona uma vida relativamente mais vantajosa do que a vida nas estradas (Rolnik, 1995), por outro, gera uma situação de miséria, extrema pobreza e vulnerabilidade entre a população por visar o lucro e não o seu bem-estar. Em outras palavras, a cidade expressa uma vontade de acolher todas as pessoas em um mesmo território (de olhar para o exilado e para o estrangeiro e apoiá-lo) e, ao mesmo tempo, promove exclusão e ausência de oportunidades e apoio para a parcela mais vulnerável da população. Trata-se de uma versão de Babel, uma confusão de grupos sociais que não se entendem sobre as necessidades dos mais vulneráveis: os ricos querem a tranquilidade, e os pobres, a mesma oportunidade de uma boa condição de vida. Enfim, são duas cidades que convivem em uma mesma realidade sócio geográfica e temporal.

A dicotomia urbana faz com que o cidadão do período Inter-Eras vivencie um espaço de fronteira na relação com o outro que está em situação de rua. Enquanto ele possui abrigo nesta cidade, o outro vive nas ruas; enquanto ele tem a rua como endereço para correspondência, o outro a tem como local de moradia. A cidade, embora tenha e esteja em franco desenvolvimento econômico, ainda não tratou com eficiência a crise de moradia que a persegue desde a sua fundação como fenômeno social-antropológico (Mongin, 2009). Como resultado, milhões de pessoas ficam sem assistência social e condições básicas para a sobrevivência, e muitas delas acabam indo para as ruas. Vivendo sob uma situação de miséria e de grande vulnerabilidade social, e sem condições de arcar com as despesas de um aluguel, elas buscam se acomodar em espaços que possam oferecer alguma segurança, assistência ou ajuda para suprir suas necessidades.

## **2.2 A cidade de São Paulo: panorama histórico**

A cidade de São Paulo se desenvolve como fruto da expansão e disputa europeia (principalmente entre Portugal, Espanha, França, Holanda e Inglaterra) pelos territórios recém-descobertos da América do Sul. No meio destes conflitos, os impérios português e espanhol fizeram um acordo dividindo o continente em duas partes. O acordo, chamado de Tratado de Tordesilhas, teve o lado leste, incluindo as

terras da futura capital de São Paulo, destinado à Coroa de Portugal. Essa porção de terra foi denominada São Vicente, uma das duas capitanias hereditárias que prosperaram (a outra foi a de Pernambuco). Após um período, em missão religiosa, os jesuítas deixaram a região do litoral e subiram a serra para implantar uma comunidade no meio da Mata Atlântica. Conforme Morse (1954, p. 16):

São Paulo foi realmente a primeira colônia oficial do Brasil no interior. Em 1553 alguns jesuítas, entre os quais os conhecidos padres Nóbrega e Anchieta, deixaram a colônia marítima em São Vicente [...], subiram a escarpa serra do litoral e estabeleceram uma missão no planalto, mais ou menos 70 quilômetros do oceano. Consagrada a 25 de janeiro de 1554, a missão tomou seu nome ao santo cuja conversão foi celebrada a primeira missa.

O desenvolvimento de São Paulo ocorreu em passos lentos. O vilarejo passou por períodos difíceis e que exigiram muito esforço de seus habitantes na organização da comunidade. Sua história está ligada à figura dos bandeirantes, que se embrenharam no sertão brasileiro em busca de minerais preciosos, caças e indígenas, e fundaram aldeias para garantir a manutenção das terras para o império português. Em 1822, estima-se que a população da cidade colonial fosse de 24.311 habitantes e cerca de 4.576 domicílios (Marcilio, 2004). No ano de 1872, a cidade de São Paulo era menor que muitas outras capitais do Brasil, como Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Teresina, sendo a décima primeira cidade brasileira em tamanho (Porta, 2004).

No ano de 1920, período do Brasil República, a cidade de São Paulo já era a segunda no ranking das capitais do Brasil, ficando atrás apenas da então capital do país. Nessa época, o crescimento da cidade paulista era impressionante, sendo não apenas uma líder industrial, mas política, econômica, social e cultural. Em pleno crescimento demográfico, São Paulo atraiu para o seu território pessoas de outras regiões do Brasil e de vários países do mundo, tornando-se a cidade mais cosmopolita da América do Sul.

A partir de meados do século XX, um fenômeno social marca o cenário nacional. Em efervescência nas décadas de 1930 e 1950, o êxodo rural se estende até os anos 1990. Ele se caracteriza pela migração de milhões de brasileiros, principalmente nordestinos, para os grandes centros das metrópoles e cidades industriais do Sudeste. A cidade de São Paulo e os municípios industriais que fazem limite com a capital paulista (como é o caso do Grande ABC, região que abrange

Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul) foram os que atraíram os maiores contingentes populacionais (Bógus, 1992).

Sem uma organização política e social que orientasse o seu crescimento, a cidade vai sobrecarregando toda sua estrutura e, com o passar dos anos, passa a conviver com problemas econômicos e sociais que também influenciam o aumento de pessoas em situação de rua. Mesmo tendo uma infraestrutura avançada, a cidade enfrenta grandes desafios concernentes à elaboração e implementação de políticas públicas, exigindo da governança e da população grande esforço para cuidar de toda sua gente, principalmente de seus grupos mais vulneráveis, como a população de rua.

### **3 UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL-ANTROPOLÓGICA DA POPULAÇÃO DE RUA**

A problemática do “morador de rua” é um assunto discutido no Brasil desde meados do século XX. Porém, nos espaços acadêmicos, ela recebeu maior atenção apenas a partir da década de 1980, com a produção de estudos e pesquisas que tratavam sobre o fenômeno das pessoas em situação de rua, as crises de moradia e a ausência de políticas públicas (Barbosa; Paulino, 2003; Bógus; Wanderley, 1992; Ciampa, 1977; Ciampa, 1987/2018; Lane, 1981/2006; Lane; Codo, 2017; Sawaia, 1999; Snow; Anderson, 1998).

Fazer uma descrição psicossocial e antropológica sobre as pessoas em situação de rua é um enorme desafio. Tal descrição poderia, por si só, dar vida a uma nova tese. Porém, como nossa proposta pretende ser inovadora e inédita, além de trazer uma maior compreensão acerca das vivências de pessoas em situação de rua, discorreremos sobre seus perfis, espaços, hábitos, tempo e corporalidade. Consideramos que estas cinco categorias do sujeito estão integradas e devem ser analisadas não separadamente, mas enquanto partes de um todo.

A seguir, traçamos alguns perfis de “moradores de rua”, tendo por objetivo confrontar a percepção preconceituosa e ignorante de que “todas as pessoas em situação de rua são as mesmas” e fazem parte de um mesmo grupo social. Na verdade, esse grupo social é diverso, heterogêneo, se divide de maneira organizada e possui práticas pessoais e coletivas diferentes. Além disso, há uma diferença comportamental em cada sujeito que foi identificado e analisado como parte destes perfis. Buscamos, assim, valorizar suas diferenças, subjetividades e histórias de vida, tanto no passado quanto no presente.

#### **3.1 As diferenças dos sujeitos e grupos em situação de rua: perfis de “moradores de rua”**

Ao andarmos pelas ruas da cidade de São Paulo, podemos observar, em muitas vias, a presença de barracas, sacos de dormir, cobertores, carrinhos para coleta de materiais recicláveis e outros objetos que servem como abrigo para pessoas em situação de rua. Devemos compreender que neste grande contingente

populacional de desabrigados existem subgrupos e indivíduos solitários que percorrem os espaços dos centros urbanos.

Considerando essas diferenças observadas e coletadas no diário de campo, foi realizada uma análise deste fenômeno psicossocial e foram construídas nesta pesquisa, tipologias para a compreensão das diferenças comportamentais das pessoas em situação de rua, as quais listamos nas próximas seções.

### 3.1.1 Nômades urbanos coletores

Os nômades urbanos coletores são pessoas em situação de rua que passam parte da noite ou do dia em meio ao lixo e nas vias da cidade recolhendo materiais recicláveis, recebendo doações, procurando comida, roupas, calçados e objetos que tenham possibilidade de uso ou de venda. Questões éticas e morais perpassam suas falas e comportamentos. Frequentemente, seus discursos estão ligados ao “temor a Deus”, “comer do suor do seu rosto”, “não mexer em nada de ninguém” e “ajudar ao próximo”. Normalmente, os sujeitos deste grupo estão acompanhados de outras pessoas, suas roupas são mais limpas e possuem pertences como bolsas, carroças, livros, eletrônicos e outros bens, além de animais domésticos como cachorros e gatos.

### 3.1.2 Nômades urbanos “noiados”

Geralmente, os sujeitos desse grupo sofrem com vícios em crack e drogas K. Buscam furtar outras pessoas em situação de rua, transeuntes, estabelecimentos comerciais ou residências, além de patrimônio público (fios e cabos de eletricidade e telefonia, grades de ferro ou aço, tampas de bueiro, etc.). Agem como “predadores” do espaço urbano e de grupos sociais e são constantemente chamados de “noias” por outros “moradores de rua”. Por isso, o uso da expressão, “noiados”.

Os nômades urbanos “noiados” estão nas filas das doações de comida e roupas. Logo após receberem as doações, se evadem do local. Muitos não possuem pertences e nem mochilas ou bolsas, utilizando os objetos e já os descartando. Os locais onde dormem, e/ou ficam por horas ou dias, ficam repletos de lixo no decorrer do dia, demonstrando sua falta de cuidado. Não se estabelecem em um ponto e não

constroem conexões muito duradouras. A situação de vulnerabilidade deste grupo é mais acentuada: o cuidado com a higiene é limitado; suas roupas estão sujas e rasgadas em grande parte do tempo e sua condição física apresenta mais debilidade.

### 3.1.3 Morador da rua

Este tipo analisado permanece em um mesmo local (calçadas e embaixo de marquises) por meses ou anos, mantendo-o conservado e limpo. Possui boas relações com os proprietários de imóveis próximos à sua barraca. Geralmente, sua habitação é feita de papelão, madeira, plásticos pretos e/ou cobertores (sendo alguns doados por órgãos públicos) ou então é uma barraca de acampamento, saco de dormir ou carroça — às vezes adaptada com cama e pequenas prateleiras e locais para guardar pertences mais valiosos, como perfumes, relógios, smartphones, enlatados, roupas, etc.

A ideia de ajudar o próximo e o apreço pelo trabalho honesto são bastante presentes em seus discursos. Por fim, seu local de moradia é *point* de encontro entre pessoas em situação de rua que estão como nômades urbanos, tanto coletores quanto predadores<sup>4</sup>.

### 3.1.4 Andarilhos urbanos-regionais

Estas pessoas fazem longos percursos entre estados e cidades do interior de São Paulo. A maioria delas vai para a capital ou grandes cidades do interior ou litoral paulistas e passa alguns dias buscando alimentos ou concertando algum objeto, como smartphones, celulares e rádios, além de pegar doações, ir ao hospital e conseguir remédios. É comum possuírem mochila ou bolsa. São bastante práticos, tendo sempre à mão o que vão precisar para sua próxima tarefa.

Possuem algumas relações sociais, mas seu tempo parece ser bem cronometrado e muitas vezes buscam algum tipo de trabalho para conseguir dinheiro.

---

<sup>4</sup> Durante as pesquisas de campo, o tipo “nômade predador urbano” frequentemente se aproximava para ver o que estávamos fazendo e se eram doações (podíamos ouvi-los perguntando para as outras pessoas em situação de rua). Destaca-se que os nômades urbanos predadores eram sempre recebidos com maior cuidado e atenção por parte de outros “moradores de rua”, como os “nômades coletores urbanos”.

Sua fala sempre fazia referência à estrada. Às vezes, usavam a expressão “no trecho” para se referirem aos trabalhos que realizam em suas viagens pelas rodovias. Alguns conheciam boa parte do Brasil, inclusive pontos turísticos que são símbolos nacionais, como o Cristo Redentor, praias de Santa Catarina ou do Nordeste, Campos do Jordão, etc.

### 3.1.5 Desatinos da rua

Correspondem àquelas e àqueles que, estando em situação de adoecimento psicológico (seja no aspecto psicótico e/ou neurótico), vagueiam pelas vielas, avenidas e ruas da cidade, expressando os sintomas de suas crises mentais e vivenciando desamparo e falta de assistência às suas necessidades de tratamento e cuidado psiquiátrico e psicológico. Estas pessoas, em muitos casos, se encontram muito sujas e também fisicamente adoecidas, apresentando gripes, febres e tremores. São carentes de maior cuidado com a saúde por suas limitações racionais-existenciais.

### 3.1.6 Coletores da generosidade

Este grupo pede ajuda em mercados, calçadas, templos religiosos, instituições beneficentes, públicas e privadas e em outros locais. Porém, geralmente possui uma moradia, que pode ser uma palafita, casebre ou barraca em regiões periféricas ou de invasão. Na rua, busca alimento e vestimentas e, ocasionalmente, realiza serviços para algum ganho financeiro.

### 3.1.7 Dependentes químicos

Embora uma grande parcela da população de rua faça uso de drogas lícitas e/ou ilícitas, existe um grupo específico que está nas ruas em decorrência de e para o uso de entorpecentes. Estas pessoas se estabelecem nas “Cracolândias”, agrupamentos de dependentes químicos, de diversos tamanhos, que estão

espalhados pela região central ou bairros que compõem o centro estendido da cidade de São Paulo.

### 3.1.8 Recicladores

Este grupo também compartilha o espaço da rua e sempre está em movimento. São homens, mulheres e pessoas trans que passam dia e noite coletando materiais recicláveis em carroças, carrinhos de supermercado, sacos, sacolas, bolsas e/ou mochilas. Estão sempre concentrados em conseguir o próprio sustento a partir de seu trabalho como catadores, porém utilizam muitos equipamentos sociais e, algumas vezes, pedem ajuda. Eles se diferenciam de outros grupos que catam material reciclável e estão vivendo na rua por possuírem moradia. Vivem em casas nas periferias, albergues, kitnets ou quartos na região central de São Paulo ou bairros que têm melhor acesso ao metrô/trem. Deixam seus carrinhos de coleta em locais que são próprios para seu estacionamento, no centro de São Paulo.

## **3.2 O(s) espaço(s) de convivência social, cuidado pessoal e abrigo das pessoas em situação de rua**

Embora as pessoas que vivem sem um lar sejam frequentemente denominadas moradores *de rua*, os espaços por elas alcançados são muito mais amplos. Homens, mulheres e pessoas trans estão presentes nas praças, avenidas, prédios públicos ou privados abandonados e estradas que cortam as cidades e ligam a outras capitais, estados ou cidades do interior. Em São Paulo, “moradores de rua” também se deslocam pelas rodovias Castelo Branco, Anhanguera, Bandeirantes e Imigrantes, fazendo o uso de equipamentos sociais dos governos municipais e estaduais e instituições sociais e religiosas.

Na pesquisa de campo, foi fundamental conhecer um pouco dos espaços que são utilizados por essa população para os mais diversos fins: dormir, comer, higiene, guardar seus pertences, etc. Tais lugares são responsáveis por moldar a subjetividade dos indivíduos, sendo muitas vezes considerados sagrados e de grande importância para eles. Determinados aglomerados de barracas ou sacos de dormir são chamados

de “família”. Em uma das falas se diz “aqui nesta família somos 5, 6 ou 7”, referindo-se ao número de pessoas que ocupam aquele espaço e nele fazem suas próprias regras. Outras pessoas em situação de rua que por ali passem são bem-vindas, mas devem seguir as regras daquela “família”.

A seguir, trazemos uma lista dos lugares e os seus respectivos usos. Ao final do trabalho, no Apêndice C, são encontradas fotos tiradas pelo autor desses ambientes.

### 3.2.1 Vias abertas

Locais para fluxo contínuo e acesso a outros lugares da cidade ou para sair do ambiente urbano. São avenidas grandes com muito trânsito e cujas calçadas têm pouco movimento de pedestres. Há grandes muros de prédios, terrenos, galpões e fábricas que servem para acomodar barracas e casas de madeira, papelão e plástico.

### 3.2.2 Vias fechadas (ruas sem saída)

Locais em que se montam barracas e se estacionam carroças. Marquises e alpendres servem como abrigo para as pessoas dormirem. Ali existem muitas ruas fechadas em formato de vilas e com condomínios que, no período da noite, têm seus portões fechados e, às vezes, um segurança. Há também vilas que estão sempre fechadas e trazem uma placa em sua entrada indicando uma lei municipal que autorizou o seu fechamento.

### 3.2.3 Viadutos e pontes

Nestes locais, são levantadas barracas (às vezes com cozinhas e banheiros improvisados) que servem para os “moradores de rua” se abrigarem, fazerem comida, se encontrarem no fim do dia, etc. Ali são acolhidos aqueles que tem carrinhos de coleta de materiais recicláveis e que passam o dia e parte da noite se locomovendo. Existem espaços que estão parcialmente fechados e, por isso, são mais cobiçados por oferecem melhor proteção e privacidade.

### 3.2.4 Entroncamento de avenidas, marginais e ruas com grama e árvores

Também servem como local de abrigo e apresentam barracas que são geralmente maiores. São lugares desprotegidos da chuva e do frio. Ali, as fogueiras são feitas com mais material e a permanência dos grupos é menor. Frequentemente, servem como local de passagem e de encontro de andarilhos.

### 3.2.5 Templos religiosos

Possuem duplo significado para as pessoas em situação de rua. Para algumas, é onde pedem esmolas e vivenciam sua crença; para outras, é o lugar onde exercem sua espiritualidade e fé. Ali constroem vínculos afetivos, pois são acolhidos pelos membros ou religiosos que atuam nos templos. As igrejas católicas e evangélicas são os espaços mais frequentados, porém, também existe uma parcela que visita os centros espíritas e de religiões africanas e orientais.

### 3.2.6 Parques e praças

Nestes locais, foi observada a presença, durante o dia — pois, no período da noite, os parques são fechados e todos devem se retirar —, de pessoas em situação de rua que ali descansam. Elas não conseguem dormir à noite por conta do perigo ou do trabalho como catadoras, então dormem nestes lugares e ali ficam com seus animais, usam os banheiros e também se alimentam.

### 3.2.7 Equipamentos sociais

Estão distribuídos em vários pontos da cidade de São Paulo. Em sua grande maioria estão localizados na região central e no centro estendido. São variados em sua atuação, porém, todos prestam assistência social às pessoas em situação de rua e que estão em grande vulnerabilidade social. Os serviços ofertados variam conforme a suas organização, incluindo doação de comida, roupas e calçados; promoção de higiene; emissão de documentos; atividades de ensino, cultura e espiritualidade e

assistência social. A “tenda” foi um dos espaços construídos pela prefeitura para prestar serviços durante a pandemia, ainda funcionando em alguns locais. Existem também os centros de distribuição de alimentos e de promoção de cuidados com a higiene, que são mantidos por ONGs e instituições religiosas. Existem equipamentos que fazem corte de cabelo e barba gratuitamente, além de locais de doação de roupas, alimentos, brinquedos e utensílios de uso pessoal, como barbeadores, espelhos, canetas, bolsas, sacos de dormir, etc.

### **3.3 Os hábitos: uma construção do comportamento influenciada pelo ambiente**

Todos os seres humanos são constituídos por um elemento fundamental para a existência, que é a subjetividade. A subjetividade pode ser considerada a matéria-prima do trabalho da Psicologia em todas suas vertentes e abordagens, pois saber como o ser humano age, responde a estímulos e realiza suas escolhas é de grande importância para uma melhor compreensão do indivíduo. O sujeito em situação de rua tem sua subjetividade influenciada pelo ambiente em variadas situações, e é nesta interação indivíduo-ambiente que é construído o hábito.

De forma geral, a Filosofia compreende os hábitos como componentes que moldam o caráter, influenciam a vontade e podem, em alguns casos, ter implicações na liberdade dos indivíduos. Na elaboração teórica sobre o hábito da pessoa em situação de rua, três elementos são importantes: a história de vida que a levou para a rua, a experiência na rua e suas perspectivas e sonhos para sair dela.

Ao considerar a sua história de vida, observa-se que mesmo em situação de grande vulnerabilidade, o sujeito em situação de rua não perde parte de sua conduta e práticas de crença e civilidade. Por outro lado, o discurso do senso comum insiste em se referir a ele de forma preconceituosa e pejorativa. Há uma ausência de empatia com aqueles que sofrem pela falta de moradia e pedem doações em ambientes comerciais, religiosos e nas ruas<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Durante a pesquisa de campo, duas situações se repetiram: transeuntes pararam ou passaram mais devagar para saber quem estava conversando com o “morador de rua” — inclusive em carros e ônibus — e pessoas em situação de rua cumprimentaram o pesquisador por ele se sentar no chão, ficar na porta das barracas e conversar com elas sem nenhum estigma.

Sobre os motivos que levaram os sujeitos a viverem nas ruas, muitas vezes foi citado o hábito de usar droga, visto como principal responsável pelos conflitos familiares e dificuldades de realização do trabalho e como obstáculo para a sobriedade. Há ainda situações em que o diálogo é impossibilitado pelas lembranças dolorosas do sujeito, que incluem a quebra de vínculos sociais-familiares.

Os hábitos desse grupo social relacionam-se a aspectos da linguagem e suas práticas cotidianas. A sua linguagem é marcada por um entrelaçamento de gírias e dialetos que variam conforme sua origem geográfica, crença e escolaridade. Esta mistura colabora para a formulação de novos significados para palavras conhecidas. A palavra “família”, como vimos, passa a ser usada para se referir aos moradores do mesmo espaço; a palavra “maloca” aparece com a mesma finalidade; “manguear” refere-se ao ato de pedir esmolas; dentre outros exemplos.

Os hábitos também estão relacionados à rotina dos sujeitos em situação de rua que geralmente é: levantar-se para ir a um local que tenha café da manhã e onde possa fazer sua higiene; tentar fazer um “corre”, uma espécie de bico ou trabalho de diária, ou o “trampo”, que pode ser a coleta de materiais recicláveis ou outra atividade remunerada; e, ao final do dia, retornar ao espaço onde fica sua família ou buscar um lugar para dormir. Nessa rotina, o “morador de rua” vivencia seus hábitos, traz sua subjetividade e espera a realização de seus sonhos ou receber algum tipo de oportunidade e ajuda.

### **3.4 “Tempo é miséria”: o “morador de rua” e a questão cronológica-social**

No presente trabalho, o tempo se relaciona diretamente à cronologia da história de vida dos sujeitos entrevistados e de seu cotidiano. Pessoas em situação de rua enfrentam um cenário de sofrimento econômico, desamparo e vulnerabilidade. Elas se veem impossibilitadas de fazer uso consciente do próprio dinheiro devido ao vício em drogas ou álcool. Ademais, vivem o desemprego por conta de sua marginalização social e/ou doenças, ausência de recursos, falta de vestimenta adequada e más condições de higiene.

O tempo vivido também está relacionado ao corpo, daí a importância de sempre partirmos de uma análise integral do ser humano. O passar a viver na rua marca a

existência da pessoa e essa data torna-se parte de sua história de vida. Às vezes, ela se vê tentada a perder a esperança sobre a possibilidade de mudança e vive todo dia como se fosse o mesmo, não diferenciando mais datas ou períodos. Os dias, assim, se tornam banais, não havendo distinção entre dias úteis e finais de semana, feriados ou datas comemorativas.

A passagem do tempo é determinada pela superação e sobrevivência. A filosofia de “viver um dia de cada vez” vai se tornando um mantra para o sujeito. E qual é o motivo de não haver mudança em sua vida? Analisamos que mesmo com a mudança dos dias, não existem mudanças concretas pois a miséria é quem dita o movimento dos “ponteiros” da sua existência.

O tempo e a miséria se entrecruzam de três maneiras para a pessoa em situação de rua. Primeiramente, há um habituar-se com a condição de precariedade e uma perda da percepção de novos dias e da esperança por uma nova vida. O sujeito também não possui um tempo que possa dedicar para guardar suas coisas, descansar, cuidar de sua higiene, construir relações e vivenciar novas possibilidades em sua história. Por fim, as datas em sua existência se dividem em “antes da rua” e “depois da rua” (respectivamente, AR e DR). Tal organização cronológica acaba prevalecendo sobre datas comemorativas, como datas de aniversário, casamento, comemorações de uma conquista, etc. Pensar há quanto tempo está na rua faz parte de sua história como sujeito no mundo. Esse tempo pode ser percebido como “tempo vivido” ou como “tempo perdido” pela pessoa, que se viu privada de viver com sua família, realizar um trabalho e desenvolver autocuidado com a saúde mental e bem-estar pessoal e físico.

Porém, existe uma parcela grande desta população que, durante as falas sobre o sentido de vida e o tempo, traz um olhar de esperança sobre o amanhã, uma compreensão de que há possibilidades de mudança no presente, além de uma vontade de “deixar para trás” experiências passadas que a fizeram sofrer ou que geram saudade. A percepção de um sentido de vida não quer dizer que a pessoa esqueceu aquilo de ruim que aconteceu, mas que acredita em uma intervenção divina ou em uma provável oportunidade de mudança.

### **3.5 O corpo é oprimido, mas a alma liberta: a condição biopsicológica da pessoa em situação de rua**

Na maioria dos casos, o sujeito em situação de rua não nasceu na rua, nasceu em um lar. Na pesquisa, todos os entrevistados narraram ter sua origem em uma família, mas que a abandonaram devido a conflitos e/ou uso de alguma droga lícita ou ilícita em excesso que gerou um vício.

Sobre a parcela da população de rua que sofre com a ausência de um sentido de vida, podemos dizer, a partir de Frankl, que ela vivencia crises existenciais, padecendo de depressão, agressões e adicção. São pessoas depressivas por não encontrarem uma realização para se sentirem felizes e, agressivas, por usarem da violência para obter algum ganho e também por serem alvo de violência (seja psicológica, física ou emocional) no seu cotidiano. Ainda, uma maioria absoluta sofre de dependência de drogas como crack, drogas K, álcool e outras substâncias alucinógenas.

O “sentido do corpo” é construído a partir da relação que o sujeito tem consigo mesmo e sua própria imagem. É a capacidade de percepção sobre sua condição física e de elaboração da sua realidade presente. É a imagem que ele tem de si e como dialoga com suas variadas faces e condições estéticas. A partir das diferentes relações das pessoas em situação de rua com seus corpos e o mundo, identificamos dois grupos: um que mantém cuidado com sua higiene, possui bens portáteis e objetos; e outro que tem pouco ou nenhum cuidado com o corpo, exalando mal cheiro e mal hálito, e, igualmente, pouco asseio com suas vestes, mochilas e sacolas.

Analisar a condição dos corpos não é limitar-se ao estético, mas considerar as ações do sujeito em sua integralidade, ou seja, sua relação consigo mesmo e com o outro. Mesmo estando em uma situação de alta vulnerabilidade, as práticas de empatia, ações de solidariedade e demonstração de espírito de coletividade são corriqueiros entre as pessoas em situação de rua. Elas podem enfrentar muitas limitações e, ainda assim, compartilhar espaços nas barracas e refeições. São capazes de manter o cuidado com o outro quando este está doente ou triste por alguma situação difícil na vida.

Tal estado biopsicológico é caracterizado por uma ausência de coisas materiais e, ao mesmo tempo, pela possibilidade de bem-estar da alma e a alegria mesmo em situações adversas, de miséria e de sofrimento. O rosto da pessoa em situação de rua pode se iluminar com um sorriso perante a esperança e percepção de um sentido de vida mesmo em meio ao sofrimento. Em outras palavras, ela se encontra em uma situação de ambiguidade: vivencia a falta de bens materiais, mas pode experimentar múltiplas relações sociais; é invisibilizada por grande parte da sociedade, mas vê o mundo ao seu redor em detalhes; não possui um lar, mas conhece a história de vida de várias pessoas com as quais compartilha seu sofrimento e sua história de dor e luta; tem o corpo coberto de cicatrizes adquiridas em sua jornada, mas uma alma liberta de um sistema socioeconômico que impede muitas pessoas de viverem a vida em sua essência.

### **3.6 O “morador de rua” e suas crises de (in)existência**

Ao realizarem qualquer cadastro, os habitantes da cidade têm como obrigação apresentar seu endereço de moradia ou de trabalho. Tal localidade pode ser no centro, na periferia, no bairro nobre, em um distrito industrial ou em um condomínio: o importante é que ela exista. É por meio dessa declaração que o sujeito também existe para a burocracia estatal ou privada. A pessoa em situação de rua pode até passar por todos os espaços que compõem a cidade, mas ela não está “oficialmente” em nenhum, não possuindo um endereço, uma rua para “provar” sua morada. No entanto, é a rua que se torna seu espaço de pertencimento. A partir dessa percepção, ela tem um lugar no mundo, embora esse lugar seja uma rua sem nome; ela própria é alguém “sem identidade”, ou alguém que se reduz à identidade de “morador de rua”. Devido ao preconceito e ignorância, ela é tratada como marginal, ou seja, como estando à margem da sociedade.

Apesar de a pessoa em situação de rua estar ali, de ter uma existência, ela é invisibilizada pela sociedade, devendo agir como uma caçadora e coletora urbana, fazendo “bicos” ou “corres” para sobreviver frente aos perigos e exigências da “selva de pedra”. É uma pessoa que se encontra em uma situação de pobreza não apenas material, mas também no sentido de sua percepção sobre a vida, que é desprovida

de esperança e perspectivas para o futuro. Assim, há um conjunto de situações sociais, econômicas, psicológicas e existenciais que marcam o sujeito que vivencia uma situação de pobreza (Yazbek; Wanderley, 1992).

É em um campo social de profundas crises coletivas e pessoais que se situa o “morador de rua”. Também é na ambiguidade que esse sujeito se constrói, tem sua subjetividade formada e encontra seu espaço. A cidade passa a ter lugares conhecidos por abrigar a população de rua, e os habitantes de casas e apartamentos e trabalhadores dos comércios daquele entorno tornam-se secundários. Assim, o “morador de rua” ganha certa notoriedade, mas por ser identificado como um “problema” para o qual se vê uma única solução: tirá-lo de lá. Após serem removidos das ruas, não é uma preocupação do Estado saber para onde vão. O que importa é tirá-los desses espaços a qualquer custo, mesmo que para isso seja necessária a violência.

A pessoa em situação de rua tem de se mudar de “nenhum lugar” para “lugar nenhum”. Na realidade, ela não busca apenas um lugar para viver, mas um abrigo para sobreviver e ter a oportunidade de continuar buscando seus direitos: uma moradia, um trabalho e condições de vida que deem um sentido para sua existência, e que façam com que ela supere a crise existencial gerada pela falta de um lar, trabalho formal, documentação, convívio familiar, bem-estar emocional, etc.

Devido à sua construção pessoal e social, tal indivíduo encontra-se em um sofrimento contínuo e de difícil superação. A crise existencial é percebida em algumas de suas falas, ausência de atitudes, desesperança, comportamento agressivo, permissividade para se submeter a situações insalubres, vício em substâncias químicas, desmotivação, tristeza profunda e variados casos de neuroses. Tais circunstâncias, trazem a amostra, que o sofrimento psicológico sofrido por estas pessoas, são frutos, de uma Patologia do Social e, tanto suas origens e consequências, podem ser compreendidas por uma condição sistêmica, em todo panorama sócio-econômico e psicológico.

Ao entregar-se às drogas e ao desânimo, o indivíduo não consegue superar a sua crise e continua, desenfreadamente, a buscar pelo prazer na tentativa de esquecer sua angústia e o vazio existencial. Em razão da falta de sentido, a vontade de prazer aparece enquanto forma de satisfação para a existência (Frankl,

1974/2016), mesmo que implicando a perda de família, lar, trabalho, formação, carreira, perspectivas de esperança, novas aprendizagens e muitas outras possibilidades. Os prazeres momentâneos são usados para mascarar o sofrimento existencial, mas levam à mais dor por causarem a perda de elementos importantes para a vida.

O encontro com ou a construção de um sentido de vida passa por um ponto fundamental que é a vontade de sentido para se manter vivo (Frankl, 1974/2016). Pode parecer uma afirmação simplista, mas que, quando analisada pela lente da Psicoexistência, abrange o significado de “sentir-se vivo”. Tal significado envolve a percepção de que esse indivíduo não é invisível ou de que seu problema tem uma solução, mesmo que as estruturas dominantes do sistema de políticas públicas digam o contrário.

Em seu sentir, o sujeito em situação de rua percebe-se para além da sua concretude corporal. Ele sente seu interior e expressa sua subjetividade nas ruas, sendo assim visto. A expressão da sua existência se dá através dos sentimentos que imprime nas pinturas que faz no chão e na decoração que usa para enfeitar sua palafita, espaço de dormir ou carroça. Ele deixa visível aquilo que achou na rua, algo que alguém jogou fora e que, para ele, adquire um significado e passa a ser parte de sua história. Nesse existir, resistir, reutilizar e recriar, o sujeito constrói seu legado tanto para si quanto para o grupo com quem mora e para as pessoas que passam pelo local onde ele vive, expressa seus sentimentos, sofre suas dores, elabora pensamentos de esperança, age para manter-se vivo e busca construir ou encontrar seu sentido de vida.

### **3.7 Patologia sociocultural e vida nas ruas**

Embora o fenômeno de pessoas em situação de rua, seja histórico e esteja presente em todos os países e regiões do planeta, é necessário, analisar as consequências para a saúde mental, dentro de todo o campo social. Este trabalho analítico, deve ser percebido, de uma maneira, sistêmica, que compreenda, o processo histórico e bio-psicológico, dos sujeitos, em toda a experiência de vida nas ruas, antes de sua condição de sem abrigo e quais suas perspectivas para o futuro.

Apresentando o conceito de Psicopatologia Sociocultural, Dalgarrondo (2019, p. 12), escreve:

Visa estudar os transtornos mentais como comportamentos desviantes que surgem a partir de certos fatores socioculturais, como discriminação, pobreza, migração, estresse ocupacional, desmoralização sociofamiliar etc. Os sintomas e os transtornos devem ser estudados, segundo essa visão, no seu contexto eminentemente sociocultural, simbólico e histórico.

Ao tratar sobre a possibilidade de análise da sintomatologia, Dalgarrondo (2019, p.12), explica: “É neste contexto de normas, valores e símbolos culturalmente construídos que os sintomas recebem seu significado e, portanto, poderiam ser precisamente estudados e tratados”.

Em uma análise sociológica sobre o sofrimento psíquico e social, Durkheim (2004) argumenta que a relação entre o indivíduo e a sociedade é extremamente estreita. Sendo a sociedade um todo, as partes que a compõem, ou seja, os sujeitos, são afetadas por todas essas crises sociais, o que impacta a saúde psicológica dos membros de todo o corpo social. Essa percepção da integralidade da saúde mental do indivíduo e da sociedade traz em seu contexto o adoecimento do corpo, causado pelo excesso de trabalho, as crises sociais e políticas, a falta de serviços básicos para a população e todo o histórico de sofrimento, privação e vulnerabilidade que o ser humano enfrenta em seu percurso histórico-social.

Outro autor que analisa o sofrimento psicológico e a relação entre o indivíduo e a sociedade é Michel Foucault. Ele discorre sobre o poder sobre os corpos em um processo histórico-social e econômico. O biopoder é apresentado por Foucault como um mecanismo político de dominação, e com o avanço do capitalismo, a ideia de bem-estar do corpo, em relação à saúde, está relacionada à produção do trabalho, consumo e lucro. Os poderes se transformam, se disseminam e continuam a influenciar a produção cultural, mas com a noção de dominação biopolítica, visando à produção econômica (Foucault, 2016).

A análise da situação dos indivíduos em situação de rua, através da lente da Psicopatologia Social, permite uma compreensão mais profunda do fenômeno da pobreza e da presença de grupos sem abrigo, especialmente em áreas urbanas densamente povoadas. Ao integrar perspectivas teóricas da Psicologia, Sociologia, Antropologia e Filosofia, somos fornecidos com um arcabouço conceitual robusto e métodos de pesquisa eficazes para uma análise mais completa dessa realidade social

complexa. Essas abordagens multidisciplinares oferecem uma visão abrangente do problema e são fundamentais para a formulação de propostas teórico-práticas destinadas a desafiar preconceitos arraigados e desenvolver projetos que visem a construção de habitações dignas, o estabelecimento de abrigos e a reabilitação de edifícios para atender às necessidades da população desabrigada. Além disso, essas propostas incluem a criação de infraestrutura para oferecer suporte educacional, serviços de saúde e programas de capacitação profissional, juntamente com oportunidades de parcerias entre o setor público, privado e organizações do terceiro setor, para promover a geração de empregos e fornecer apoio psicossocial.

## **4 VIKTOR FRANKL: PANORAMA BIOGRÁFICO E UMA INTRODUÇÃO GERAL SOBRE A LOGOTERAPIA**

### **4.1 O autor e promovedor da Logoterapia: uma introdução biográfica sobre Viktor E. Frankl**

Viktor Emil Frankl nasceu em 26 de março de 1905, no distrito de Leopoldstadt em Viena, Áustria, vindo a falecer na mesma cidade em 02 de novembro de 1997. Professor de Neurologia e Psiquiatria e estudioso da natureza e cura das neuroses (Allport, 1946/2019), Frankl compreendia que a saúde mental dos sujeitos estava relacionada à construção de um sentido para a sua vida. Estudante curioso e dedicado de Filosofia e Medicina, chegou, ainda jovem, a trocar correspondências com Sigmund Freud (responsável por desenvolver a abordagem psicanalítica) e a participar do grupo de estudos e pesquisa de Alfred Adler (criador da Psicologia Individual). Como aluno de Medicina, escolheu a Psiquiatria como sua área de especialização e, desde o período como estagiário na Universidade de Viena, dedicou-se ao tratamento dos casos com ênfase no trabalho de promoção e cuidado com a vida (Frankl, 1995/2010). Frankl cuidou e dirigiu uma ala no hospital psiquiátrico de Viena, que era destinada ao cuidado de pessoas que haviam tentado suicídio, além de realizar palestras e atividades que buscavam apoiar e divulgar a valorização da vida.

Com foco nos estudos de Medicina, Filosofia e Psicologia, Frankl desenvolveu a abordagem teórica que recebe o nome de Logoterapia. O pensador da Terceira Escola Vienense teve forte influência da fenomenologia e do existencialismo em suas obras e práticas psicoterapêuticas. Porém, ele se diferenciava da maioria dos pensadores existencialistas europeus por não ser pessimista ou antirreligioso; ao contrário, Frankl enfrentou com coragem o sofrimento e as forças do mal, assumindo uma visão surpreendentemente positiva sobre a capacidade humana de transcender uma situação difícil e descobrir uma verdade orientadora para a vida (Allport, 1946/2019).

Uma das experiências de vida mais amargas para Frankl (2010, 1946/2019a) foi ter enfrentado campos de concentração durante o governo nazifascista na Alemanha, no período da Segunda Guerra Mundial. Foi prisioneiro em Auschwitz e

outros campos (Kaufering III, subcampo do complexo de Dachau, e Türkhei), onde vivenciou o terror e as agruras da perda de quase todos seus parentes e pertences, incluindo um manuscrito. Despojado de suas roupas, acessórios, joias, casa, móveis, objetos pessoais, profissão e liberdade político-social, lhe restavam apenas a sua liberdade individual, a escolha de viver e o existir em si ou, como ele afirma, “a existência nua e crua” (Frankl, 1946/2019a).

De acordo com as obras teóricas e biográficas de Frankl, sua experiência como prisioneiro nesses espaços de terror e sofrimento foi marcada tanto pela valorização e a escolha da vida quanto pelo enfrentamento do desespero e da angústia, que o levaram a pensar na morte e ter sentimentos de desesperança. Mas, em uma reflexão profunda a partir de perspectivas de crença, de ideias filosóficas e da relação com outros prisioneiros, percebeu que a escolha pela vida seria o meio para enfrentar e vencer aqueles dias de tormento e agonia.

Ao comentar sobre o conceito de liberdade desenvolvido por Frankl a partir dessas experiências, Allport (1946/2019) explica que a última liberdade humana, ou seja, a capacidade de escolher a atitude pessoal que se assume diante de determinado conjunto de circunstâncias, é quesito fundamental para a existência dos sujeitos. Partindo dessa premissa, uma das formas de pensar a liberdade em Frankl é compreendendo que a vida é sofrimento, e sobreviver é encontrar o sentido da dor. Ou seja, se há, de algum modo, um propósito na vida, também deve haver um propósito na dor e na morte.

Além de uma história de vida admirável, Frankl ficou conhecido pelo desenvolvimento teórico da Logoterapia, como citado acima. Trazendo uma nova perspectiva teórica para o campo psicológico e científico, a Logoterapia amplia a discussão sobre o ser humano ao trazer o tema da espiritualidade para o campo acadêmico. Ela não propõe uma discussão sobre a fé, mas sobre as influências da crença na vida do sujeito, considerando enquanto temas principais a alma, o sentido psicológico do termo e o sujeito em sua experiência com a crença ou sua percepção da transcendência.

## 4.2 Uma introdução teórica sobre a Logoterapia

Desenvolvida por Frankl (1946/2019a), a abordagem teórica da Logoterapia pode ser definida “como menos retrospectiva e menos introspectiva”, concentrando-se mais “nos sentidos a serem realizados pelo paciente em seu futuro.” (Frankl, 1946/2019a, p. 123). Essa perspectiva retira o enfoque na formação de círculos viciosos e mecanismos retroalimentadores que desempenham um papel importante na criação de neuroses. Assim, é quebrado o autocentrismo (*self-centeredness*) típico do neurótico, ao invés de fomentá-lo e reforçá-lo constantemente. De fato, a Logoterapia confronta o paciente com o sentido de sua vida e o reorienta. Tornar o paciente consciente desse sentido pode contribuir enormemente para sua capacidade de superar a neurose (Frankl, 1946/2019a).

Discorrendo sobre o significado do termo “Logoterapia” e sua diferenciação teórica das outras abordagens desenvolvidas por teóricos de Viena, Frankl (1946/2019a, p. 124) escreve:

O termo “*logos*” é uma palavra grega e significa “sentido”! A Logoterapia, ou, como tem sido chamada por alguns autores, a “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”, concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por esse sentido. Para a Logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano. Por essa razão costumo falar de uma vontade de sentido, a contrastar com o princípio do prazer (ou, como também poderíamos chamá-lo, a vontade de prazer), no qual repousa a psicanálise freudiana, e contrastando ainda com a vontade de poder, enfatizada pela psicologia adleriana através do uso do termo “busca de superioridade”.

O sentido de vida pode ser construído<sup>6</sup> pelo sujeito a partir de todos os elementos que este considera importantes (Frankl, 2016). Nessa construção, ele vivencia valores e desenvolve habilidades na relação com o mundo e nas práticas do cotidiano.

---

<sup>6</sup> Neste trabalho, usamos a expressão construir um sentido de vida e, em alguns momentos, encontrar um sentido de vida. Ambas as frases, são mencionadas por estudiosos da Logoterapia. Porém, existem, percepções, que defendem o uso apenas de uma das expressões. Ou seja, Construir um sentido ou encontrar um sentido de vida.

### 4.3 A construção de um sentido de vida segundo as perspectivas teóricas de Viktor Frankl

Ao elaborar uma lente teórica sobre o “sentido de vida”, Frankl (1946/2019a) explica que, também, existe um sentido no sofrimento e perceber este sentido é desenvolver outro olhar e compreensão sobre o sofrimento e sua importância para a vida.

Não há sentido apenas no gozo da vida, que permite à pessoa a oportunidade de concretizar valores de forma criativa. Não há sentido apenas no gozo da vida, que permite à pessoa a realizar valores na experiência do que é belo, na experiência da arte ou da natureza. Também há sentido naquela vida que — como no campo de concentração — dificilmente oferece uma chance de se realizar criativamente e em termos de experiência, mas que lhe reserva apenas a possibilidade de configurar o sentido da existência, que consiste precisamente na atitude com que a pessoa se coloca face à restrição forçada de fora sobre o seu ser (Frankl, 1946/2019a, p. 89-90).

Pensar e compreender o sentido de vida é refletir sobre a vida e o significado do sofrimento. Em dias de angústias terríveis em campos de concentração, Frankl diz que a reflexão sobre a existência e o sentido de vida ajudou a promover um espírito resiliente entre as pessoas: “essas reflexões eram a única coisa que ainda podia nos ajudar, pois esses pensamentos não nos deixavam desesperar quando não enxergávamos chance alguma de escapar com vida.” (Frankl, 1946/2019a, p. 103).

O sentido da vida é propulsor de mudança, motivação e força para o ser humano superar as crises, desafios do cotidiano e experiências que o marcaram. Para Frankl (1946/2019a, p. 130),

O que o ser humano realmente precisa não é um estado livre de tensões, mas antes a busca e a luta por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente. O que ele necessita não é a descarga de tensão a qualquer custo, mas antes o desafio de um sentido em potencial à espera de seu cumprimento.

Ainda, segundo o autor:

Não existe situação na vida que realmente não tivesse sentido. Isso se deve ao fato de que os aspectos aparentemente negativos da existência humana, particularmente aquela tríade trágica constituída de sofrimento, culpa e morte, também podem ser transformados em algo positivo, num mérito, quando são enfrentados com atitude e postura corretas (Frankl, 1948/2007, p. 90).

O sentido de vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para o outro e de uma hora para a outra; não é uma definição enrijecida (Frankl, 1946/2019a). Ele não pode ser definido por um ou dois profissionais apenas, sendo pessoal, subjetivo, amplo e infinito, além de necessário para que cada ser humano viva nesse mundo.

Com suas reflexões sobre o sentido de vida, Frankl registra que “havia querido simplesmente transmitir ao leitor (...) que a vida tem um sentido potencial sob quaisquer circunstâncias, mesmo as mais miseráveis” (Frankl, 1946/2019a, p. 10). Com relação ao sofrimento, ele afirma que “se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Afinal de contas, o sofrimento faz parte da vida.” (Frankl, 1946/2019a, p. 90). Encontrar um sentido e vivenciar a vida a partir do significativo da existência é a proposta do psicanalista em seus textos, análises e construções teóricas.

Compreender o sofrimento, mesmo em um ambiente terrível como o campo de concentração — aliás, existiria espaço mais tenebroso na história? —, implica ver a vida a partir de uma perspectiva que encontra na liberdade a importância de se viver e enfrentar o sofrimento, com a certeza de que há um sentido para a existência. Tendo como exemplo as pessoas que enfrentaram o campo de concentração e viveram dignamente, vencendo situações extremas, Frankl (1946/2019a, p. 89) escreve: “elas provaram que, inerente ao sofrimento há uma conquista, que é uma conquista interior. A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até o último suspiro, configurar sua vida de modo que tenha sentido”.

Diferentemente da compreensão de que o ser humano busca a felicidade, a questão do sentido da vida está atrelada à busca de um sentido para ser feliz. Sobre isso, “na nossa maneira de ver, o ser humano não é alguém em busca da felicidade, mas sim alguém em busca de uma razão para ser feliz, através — e isto é importante — da realização concreta do significado potencial inerente e latente numa situação dada.” (Frankl, 1946/2019a, p. 162).

#### 4.4 A vontade de sentido

Ao tratar do conceito teórico da “vontade de sentido”, Frankl explica que: “a busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma ‘racionalização secundária’ de impulsos instintivos.” (Frankl, 1946/2019a, p. 124). Continuando sua explicação sobre o sentido e a pessoa, o autor escreve: “esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido.” (Frankl, 1946/2019a, p. 123-124).

Considerando que o ser humano é o responsável por sua vida — sendo a responsabilidade uma de suas características fundamentais —, Frankl (1948/2007) baseia-se na ideia da ação ou dos atos como a verdadeira resposta para as perguntas vitais sobre o sentido da vida. Este encontra-se relacionado ao sentido da existência, à compreensão do aqui e do agora, de cada pessoa e situação.

Além disso, a responsabilidade de nossa existência não está somente “na ação”, mas necessariamente “no aqui e agora”, ou seja, na concretude de determinada pessoa numa determinada situação. Assim, a responsabilidade da existência é sempre uma responsabilidade *ad persona* e *ad situationem* (Frankl, 1948/2007, p. 17).

A existência e a necessidade do ser humano também são tratadas em relação ao espiritual. O teórico não se limita a um olhar para as questões físicas (biológicas e fisiológicas) e sociais (relações familiares e vida em sociedade) do indivíduo, tampouco trata seus aspectos psicológicos apenas pela lente comportamental, instintiva ou psicanalista. Os âmbitos instintivo e espiritual são considerados. Para Frankl (1948/2007), a espiritualidade perpassa a história da humanidade, sendo, por isso, necessário explorá-la e analisá-la.

## 5 LOGOTERAPIA E UM PANORAMA DE OUTRAS DEFINIÇÕES TEÓRICAS

### 5.1 Os três eixos básicos do pensamento de Frankl

Em uma análise dos aspectos teóricos da Logoterapia, Thiago Aquino (2012) diz que essa abordagem “(...) é definida como uma psicoterapia centrada no sentido da existência, já que a palavra grega *logos* corresponde a sentido e direção e *therapeía* deriva-se do verbo *therapeúo*, prestar cuidados médicos, tratar.” (Liddell; Scott, 1983 *apud* Aquino, 2012, p. 207). Portanto, a Logoterapia é uma forma de tratamento que se dá pela construção do sentido. A elaboração de seu sistema de cura é composto por três eixos básicos: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida (Lukas, 1989) definidos abaixo:

- a) liberdade da vontade: trata-se do eixo antropológico cujo pressuposto é a liberdade de escolha do indivíduo independentemente das circunstâncias externas e internas às quais ele está submetido. Apesar de o ser humano ser afetado por tais condicionamentos, ainda assim ele poderia decidir o que faria no próximo instante (Frankl, 1946/2019a; Frankl, 1975/2019b; Aquino, 2012);
- b) vontade de sentido: de acordo com essa concepção teórica, haveria um desejo, por parte do ser humano, de atribuir sentidos e valores à sua existência ou a todas as suas experiências no mundo. Segundo Frankl (1995/2010), essa motivação seria um fenômeno primário e principal fator de preservação da saúde mental do indivíduo (Aquino, 2012);
- c) sentido da vida: trata-se de uma visão filosófica do mundo. Diferencia-se da visão niilista por considerar que há sempre um sentido oculto nas situações que está pronto para ser descoberto. Nessa procura, a consciência intuitiva (*Gewissen*) seria responsável por localizar as possibilidades de sentido. Outro aspecto da teoria de Frankl é a análise existencial, que ele desenvolve a partir de um método antropológico de pesquisa. Para o psiquiatra, não existe uma explicação genérica para a existência, uma vez que “(...) a pessoa também explica a si mesma: se explica, se desdobra se desenvolve no transcurso da vida” (Frankl, 1967/1990, p. 63). A função da análise existencial é interpretar a

existência com base nas possibilidades de ser no mundo e nos desdobramentos do ser (Aquino, 2012).

## 5.2 Logoterapia e a vontade de liberdade

Como proposta de cuidado e apoio psicológico, a Logoterapia parte da percepção de que o ser humano é livre em sua universalidade e integralidade, sendo a vontade de sentido de vida (liberdade da vontade) um elemento central. A abordagem tem por foco a valorização da experiência do outro, as possibilidades de um aprendizado integrado e a busca pelo sentido da vida a partir dos significados das experiências vividas. A Logoterapia compreende e contempla o sentido do ser e reconhece que a influência da crença ou da religião na construção humana é uma realidade.

Ao tratar das percepções sobre o sentido na Logoterapia, Alberto Nery (2019) diz que ele sempre existe, podendo ser único ou diverso, com uma característica pessoal, além de compartilhado e mutável. Existe sentido inclusive no sofrimento, o que não significa que é preciso sofrer para se ter um sentido. Os diferentes caminhos para se encontrar sentido podem ser classificados, segundo Nery (2019, p. 38), em:

- a) valores de criação: o que o homem dá ao mundo, sob a forma de suas obras e criações;
- b) valores de experiência: o que o homem recebe do mundo, em termos de encontros e experiências;
- c) valores de atitude: a postura que adota diante da vida quando confrontado com um destino que não pode mudar.

Ao analisar o conceito de liberdade de vontade em Frankl, Nery (2019) explica ele parte do pressuposto de que o indivíduo é livre para realizar a sua vontade. Mesmo em contextos de opressão, haveria certo nível de liberdade de escolha, podendo ele engajar-se ou não na realização de um sentido para a vida (Frankl, 1969/1988 *apud* Nery, 2019). O uso da liberdade (espiritual) poderia converter o sofrimento em uma

conquista interior, reconfigurando assim a percepção do indivíduo sobre a vida (Nery, 2019).

Em termos metodológicos, a Logoterapia utiliza o método antropológico para coleta de dados e análise do indivíduo (Nery, 2019), pois, para Frankl, o ser humano explica a si mesmo e se desenvolve e se desdobra no transcurso da vida. O papel da análise existencial seria compreender as suas possibilidades de existência e de ser no mundo, bem como os seus desdobramentos (Aquino, 2012).

### **5.3 A tríade trágica**

A perspectiva teórica de Frankl baseia-se em três elementos da “tríade trágica”, a dor, a culpa e a morte. Ela apoia-se na visão de que “não há um único ser humano que possa dizer que jamais sofreu, que jamais falhou e que não morrerá” (Frankl, 1978/2005, p. 94). Na experiência de dor, o ser humano pode vivenciar novas possibilidades e construir caminhos para o sentido de vida. Isto não significa que o ser humano precisa sofrer mais para encontrar sentido, mas que precisa aprender que nos momentos de crises o sentido também pode ser vivido.

### **5.4 Sentido de vida e valores da existência humana**

Sobre o sentido de vida em Frankl, Nery (2019) analisa que ele:

- a) varia de pessoa para pessoa e, até mesmo, de dia para dia e de hora para hora;
- b) é mutável e particular de cada indivíduo;
- c) pode ser descoberto por cada indivíduo, sendo esse processo de sua responsabilidade (o indivíduo não pode inventar o sentido, mas pode encontrá-lo em suas ações);
- d) é único, mas também passível de ser compartilhado, uma característica que diz respeito à própria condição humana;
- e) sempre está presente, independentemente da circunstância;

- f) pode ser encontrado através de diferentes formas: valores de criação (o que o homem dá ao mundo, sob a forma de suas obras e criações); valores de experiência (o que o homem recebe do mundo, em termos de encontros e experiências), e valores de atitude (a postura que se adota diante da vida quando confrontado com um destino que não pode mudar) (Frankl, 2005, p. 91; Nery, 2019, p. 37-38);
- g) pode ser identificado até mesmo em situações de sofrimento;
- h) enquanto suprasentido ou sentido último, ultrapassa a capacidade intelectual de compreensão humana, que é finita.

Em toda sua produção teórica e bibliográfica e nas aulas e conferências por ele ministradas, Frankl explica que o sentido de sua vida é colaborar para que outras pessoas encontrem o sentido de suas vidas (Frankl, 1995/2010). O sentido pode ser encontrado a partir da experiência do sujeito e dos valores que ele elabora para si (Frankl, 1946/2019a, 1969/2020a), como o valor de criação (o que o sujeito cria, pratica ou realiza em sua vida), o valor de experiência ou vivência (o convívio em sociedade e a relação com a natureza) e o valor de atitude (ação da pessoa frente ao sofrimento inevitável). A partir do último, também denominado “segunda tríade da Logoterapia”, questiona-se como o sujeito age e o que faz para superar o seu sofrimento. Por sua vez, a “tríade trágica” e “tríade dos valores” são definições teóricas que analisam o sujeito em três dimensões.

### **5.5 A dimensão noética**

Na perspectiva noética, Frankl considera o espiritual, onde o humano não é apenas uma dimensão própria, mas também a dimensão propriamente dita do ser. Além das dimensões biológica/orgânica e psicológica, o ser humano é dotado de uma dimensão noética ou espiritual. Por mais que a dimensão espiritual constitua a dimensão propriamente dita, ela não é a única dimensão da existência, pois o ser humano é uma unidade e uma totalidade corpóreo-psíquico-espiritual (Frankl, 1948/2007; Nery, 2019).

Nesse sentido, “a essa totalidade, ao ser humano total, pertence o espiritual, e lhe pertence como sua característica mais específica. Enquanto somente se falar de corpo e mente, é evidente que não se pode estar falando de totalidade.” (Frankl, 1948/2007, p. 23).

A percepção de Frankl sobre os aspectos espirituais do ser humano não se baseia em entendimentos mágicos ou místicos. Na realidade, leva em consideração os estudos da História, da Antropologia e da Arqueologia que identificam nos povos e nos indivíduos uma relação histórica com o sagrado, com o transcendente ou com o interior a partir de uma linguagem que possui um sentido imaterial e que se torna importante para o sujeito em sua história e construção pessoal-social. A existência humana é existência espiritual, noética; considerada superior às demais, é também a mais compreensiva por incluir as dimensões inferiores, que são as dimensões do corpo, ou de entrada (relacionadas a fenômenos somáticos do organismo humano). Por fim, o homem se difere dos animais porque faz parte de seu ser a dimensão noética (Nery, 2019).

Desfazendo falas preconceituosas e ignorantes sobre a Logoterapia, é preciso compreender que ela trata da alma e não da salvação da alma. Portanto, “o alvo da psicoterapia é a cura da alma (*Seelische Heilung*), ao passo que o alvo da religião, por seu turno, é a salvação da alma (*Seelenheil*).” (Frankl, 1948/2007, p. 73). Mesmo contemplando a perspectiva da divindade, do espiritual no sentido da existência, “a Logoterapia se baseia em afirmações sobre valores tomados como fatos, não em julgamentos sobre fatos tomados como valores.” (Frankl, 1969/2020a, p. 92). A proposta psicoterapêutica da abordagem é a valorização da fala, da experiência percebida pela consciência, da compreensão de que os seres humanos constituem uma unidade com dimensões biológicas, psíquicas e espirituais (Almada, 2013).

A abordagem convida a Psicologia a considerar a dimensão espiritual e oferece uma prática de psicoterapia voltada para o sentido da vida, que é a motivação fundamental do homem (Pessoa, 2020). Para o tema que nos ocupa, junto ao desânimo profissional, temos de considerar a maneira com que a existência encontra sentido no trabalho e de que forma a dimensão espiritual se manifesta nele (Almada, 2013, p. 76).

Podemos afirmar que a liberdade de escolha permeia a capacidade humana de eleger realidades mais ou menos significativas para a vida (sem que seja necessário entrar em um debate sobre relativismo moral e situacional). Ao compreendermos a dimensão espiritual enquanto característica inerente ao ser humano, torna-se imperativo conhecer e amar o indivíduo nessa esfera. Ele deve receber apoio em sua busca por um sentido para a existência através da espiritualidade pois, no caminho, pode encontrar obstáculos, ser reprimido ou se deparar com um “vazio existencial”. As origens do vazio são diversas e estão relacionadas com as necessidades do indivíduo (Almada, 2013).

### **5.6 *Homo Patiens***

Quanto ao conceito de *Homo Patiens*, ele refere-se à possibilidade existencial que aparece quando o ser humano é desafiado a transformar a dor em uma conquista. O termo refere-se ao ser humano que sofre, que sabe como sofrer, como transformar seus sofrimentos em uma conquista humana (Frankl, 1978/2005).

### **5.7 Neuroses noogênicas**

Em contraste com as neuroses psicogênicas, a Logoterapia elaborou o conceito de “neuroses noogênicas” para contemplar as neuroses que resultam da frustração e angústia do indivíduo com a existência (Frankl, 1946/2019a). Nesse caso, o sofrimento humano deve-se à uma situação não concretizada, como a dor de uma perda ou uma escolha que gera desconforto e não traz realização pessoal. Assim, o sofrimento não tem por origem uma patologia, mas uma condição humana de angústia existencial (Frankl, 1946/2019a).

Eu negaria categoricamente que a busca por um sentido para a existência da pessoa, ou mesmo sua dúvida a respeito, sempre provenha de alguma doença ou mesmo resulte em doença. A frustração existencial em si mesma não é patológica nem patogênica. A preocupação ou mesmo o desespero da pessoa sobre se a sua vida vale a pena ser vivida é uma angústia existencial, mas de forma alguma uma doença

mental (Frankl, 1946/2019a, p. 128). O enfrentamento destas frustrações requer a elaboração de um sentido de vida pelo sujeito.

### **5.8 Neurose coletiva**

A “neurose coletiva” é o resultado da experiência em massa de um comportamento social. Na atualidade, ela está relacionada ao vazio existencial, um fenômeno que tem ocorrido pelos seguintes motivos (Frankl, 1946/2019a; Nery, 2019):

- a) atitude existencial provisória: vaguear constante e sem sentido, “dirigido para a bomba atômica futura”;
- b) posicionamento fatalista: sensação de incapacidade de agir e tomar o destino nas próprias mãos;
- c) pensamento coletivista: não conseguir se diferenciar e ignorar a si mesmo (autoritarismo/conformismo);
- d) fanatismo: ignorar a personalidade do outro, em detrimento de uma posição radical em direção a um sentido.

A neurose coletiva ainda pode ser percebida em três sintomas básicos: depressão, agressão e tóxicodependência (Frankl, 1974/2016) que levam o sujeito ao vazio existencial e à morte. Enquanto a depressão, em muitos casos, leva o indivíduo à morte através do suicídio; a agressão causa sua morte pela violência; e a adicção, pelo uso de drogas, que faz com que ele perca toda a sua relação com a vida e destrua o próprio corpo.

### **5.9 Noodinâmica**

A busca por sentido certamente pode causar tensão ao invés de equilíbrio interior. Entretanto, essa tensão é um pré-requisito indispensável para a saúde mental. A construção de um sentido para a vida, mesmo em situações difíceis, é fundamental para a manutenção da vida humana. Nas palavras de Frankl (1946/2019a, p. 130):

O que o ser humano realmente precisa não é um estado livre de tensões, mas antes o desafio de um sentido em potencial à espera de seu cumprimento. O ser humano precisa não de homeostase, mas daquilo que chamo de “noodinâmica”, isto é, da dinâmica existencial num campo polarizado de tensão, onde um polo está representado por um sentido a ser realizado e o outro polo, pela pessoa que deve realizá-lo.

### **5.10 Autotranscendência**

A autotranscendência significa o direcionamento do indivíduo para algo que não o “si mesmo”, ou seja, uma percepção para além de sua própria existência. Tal percepção constrói um sentido de viver para o outro, tendo como fundamento a prática de apoio e assistência a questões sociais/coletivas (Frankl, 1969/2020a).

### **5.11 Vazio existencial**

O vazio existencial aparece quando o ser humano confronta-se com a ausência de sentido na vida, que pode o abater (Frankl, 1975/2019b). O vazio não é uma questão simples ou apenas neuropsicológica e quem o vivencia pode ser levado ao tédio e à perda de interesse pelo mundo — um aspecto das sociedades contemporâneas (Frankl, 1975/2019b). Para Frankl (1969/2020a), o vazio existencial em si não é nada patológico, mas ele pode resultar em uma doença neurótica, “neurose noogênica” para a Logoterapia.

## 6 O CONCEITO DE *COPING*: UMA INTRODUÇÃO

Os indivíduos possuem conflitos, tarefas, adversidades e problemas para solucionar em sua existência. Algumas ações são tomadas para o enfrentamento de e resposta a situações estressoras, ou pelo menos para gerar melhores condições de vida, bem-estar psíquico, físico e emocional. Com o objetivo de explicar as tomadas de decisão do sujeito perante situações de stress, Richard S. Lazarus desenvolveu em 1966 o conceito de *coping*. Conforme explica Vasconcellos (2017, p. 288):

Quando, em 1966, Lazarus desenvolveu o conceito de *coping* para explicar como o aparelho psicofisiológico (cérebro e funções psicológicas da emoção e cognição) processa e elabora estímulos e informações, ele teorizou as duas dimensões de avaliação que precedem a tomada de decisão ou a reação comportamental ao estímulo *stressante*. São elas: a avaliação *primária* elaborada pelo neocortex (denominada cognitiva) e a avaliação *secundária* processada pelo sistema límbico (denominada emocional).

Ainda de acordo com Vasconcellos (2017, p. 287):

Todo ser humano possui e faz uso de estratégias para alcançar o desejado estado de bem-estar. Nessa constatação, não consideramos a pertinência ou não das estratégias, mas tão somente o fato de todo ser humano tê-las. Impreterivelmente, todos desenvolvemos *coping*. Estando em todos os grupos e camadas sociais, do camponês analfabeto que viva no mais profundo interior do país, totalmente afastado da civilização e informação, até o mais laureado cientista do MIT ou prêmios Nobel do Max-Planck Instituto, todos possuem essa capacidade. Todos desenvolvemos estratégias para reduzir o *stress* e o desprazer.

Antoniuzzi, Dell’Aglia e Bandeira (1998) explicam que o *coping* é um conjunto de estratégias utilizadas pelas pessoas para se adaptarem a circunstâncias adversas. Os esforços despendidos para lidar com situações estressantes, crônicas ou agudas têm sido objeto de estudo da psicologia social, clínica e da personalidade, estando fortemente atrelados ao estudo das diferenças individuais.

Explicando introdutoriamente o conceito de *coping*, Dias; Pais-Ribeiro, 2019, p. 55-56) escrevem:

Numa perspectiva cognitiva e comportamental, os autores definem *coping*, sinteticamente, como as estratégias que as pessoas utilizam para se adaptar às circunstâncias adversas decorridas ao longo da vida. Tais estratégias possuem o potencial de circunstâncias adversas decorridas ao longo da vida. Tais estratégias possuem o potencial de impactar, de forma positiva ou negativa, a saúde física e mental das pessoas, com capacidade de modificar a evolução do estresse, seja evitando a situação estressora ou a confrontando.

Conforme Vaz Serra (2011), as estratégias para lidar com o stress são um fator mediador dos efeitos que os acontecimentos sociais podem ter sobre o indivíduo. Existem muitas formas de *coping* que podem focar na emoção ou na resolução do problema (Folkman; Lazarus, 1980). O *coping* com foco na emoção é um esforço adequado para regular o estado emocional associado ao stress.

Os esforços de *coping* são dirigidos a um nível somático ou nível de sentimentos, tendo por objetivo alterar o estado emocional do indivíduo (Antoniazzi; Dell'Aglio; Bandeira, 1998). Realizar atividade física, fumar um cigarro, tomar um tranquilizante, assistir TV ou a um filme e ouvir música são exemplos de estratégias para reduzir a sensação desagradável de um estado de stress. De acordo com Vaz Serra (2011, p. 445), "(...) as estratégias focadas nas emoções também são frequentemente designadas por mecanismos redutores dos estados de tensão."

Quanto ao *coping* focalizado no problema, temos que:

[ele] constitui-se em um esforço para atuar na situação que deu origem ao stress, tentando mudá-la. A função desta estratégia é alterar o problema existente na relação entre a pessoa e o ambiente que está causando a tensão. A ação de coping pode ser direcionada internamente ou externamente. Quando o coping focalizado no problema é dirigido para uma fonte externa de stress, inclui estratégias tais como negociar para resolver um conflito interpessoal ou solicitar ajuda prática de outras pessoas. O coping focalizado no problema, e dirigido internamente, geralmente inclui reestruturação cognitiva como, por exemplo, a redefinição do elemento estressor (Antoniazzi; Dell'Aglio; Bandeira, 1998, p. 284).

Ainda, para Folkman e Lazarus (1980), o uso de estratégias de *coping* focalizando o problema ou a emoção depende de uma avaliação da situação estressora na qual o sujeito encontra-se envolvido. Pode haver mudanças de estratégia a cada estágio da situação de stress.

Uma terceira estratégia de *coping* observada e desenvolvida por Coyne e DeLongis (1986) está centrada nas relações interpessoais, nas quais o sujeito busca apoio para a resolução da situação estressante. Esse conceito teórico foi estudado mais profundamente por O'Brien e DeLongis (1996), com o objetivo de entender o papel da personalidade e dos fatores situacionais na escolha das estratégias de *coping* (Antoniazzi; Dell'Aglio; Bandeira, 1998).

Outra estratégia de coping é o coping religioso, no qual o sujeito enfrenta situações de stress por meio de suas crenças. De acordo com Kenneth Pargament, um pesquisador mundialmente reconhecido no assunto e que desenvolveu o conceito

de Coping Religioso/Espiritual (CRE), quando as pessoas se voltam para a religião para lidar com o stress, ocorre o coping religioso (Pargament, 1997). Nesta análise das estratégias de enfrentamento do stress a partir da religião ou espiritualidade, Pargament amplia o campo da análise psicossociológica para incluir o domínio da religião ou crença. Ao emergir do sujeito na espiritualidade, o psicólogo pode analisar o comportamento que o indivíduo desenvolve em função da fé, tanto no coping diante das experiências de crises quanto na relação com sua história de vida.

Ao estudar o conceito, Vasconcellos (2023) cita uma pesquisa realizada por Vasconcellos et al. (2004) que contou com a participação de 1.500 executivos brasileiros. Foi constatado que 83% deles viviam numa fase de perigo, 2% viviam numa fase grave e 15% viviam numa fase leve de stress. Tais níveis correspondem à distribuição normal na população não-executiva brasileira. Porém, o que mais nos interessou saber foi a prática religiosa dos executivos investigados. As diferenças encontradas tiveram relevância e significância estatística da ordem de 0,05% e de 0,001%.

Os resultados obtidos podem ser vistos na tabela a seguir.

Tabela 1 - Relação entre religiosidade e stress entre executivos

<b>Perigo</b>	95% dos Não Praticantes 80% dos Ateus 79% dos Sem Religião 74% dos Praticantes
<b>Grave</b>	20% dos Ateus 4% dos Não Praticantes 2% dos Sem Religião 0,4% dos Praticantes
<b>Leve</b>	20% dos Ateus 4% dos Não Praticantes 2% dos Sem Religião 0,4% dos Praticantes

Fonte: Vasconcellos et al. (2004).

A constatação de que os executivos não praticantes de uma religião possuem os níveis mais altos de stress (seguidos dos ateus) e, também, de que no nível leve de stress não foi encontrado nenhum ateu, parece corroborar a hipótese da importância da prática religiosa como *coping*<sup>7</sup>. Se tomarmos como base essa pesquisa, a prática religiosa parece contribuir como um eficiente *coping* para o combate ao stress (Vasconcellos, 2023).

Ao avaliarem uma vasta literatura (e.g. Endler; Parker, 1990; Folkman *et al.*, 1986; Lazarus; Folkman, 1984; Seiffge-Krenke, 1983) que atesta o resultado positivo das ações de *coping* sobre a saúde psicológica, Dias e Pais-Ribeiro (2019) afirmam que elas têm atuado mais sobre o desenvolvimento da doença do que sobre as situações estressoras. Ou seja, as estratégias de enfrentamento utilizadas pelas pessoas entrevistadas promoveram maior qualidade de vida nos aspectos físicos, emocionais e psicológicos, não tratando apenas o fator gerador de stress e melhorando o sujeito em sua integralidade.

Apontando para outras pesquisas, Holroyd e Lazarus (1982) complementam que a capacidade e a maneira como o indivíduo utiliza as estratégias de *coping* podem alterar o funcionamento biológico e, portanto, ter influência sobre a saúde através de uma variedade de mecanismos. Por exemplo, as respostas ao estresse neuroendócrino podem ser alteradas, contribuindo para mudanças na saúde, comportamentos de risco ou respostas cognitivas e comportamentais da pessoa (Dias; Pais-Ribeiro, 2019).

Apesar de os estudos sobre *coping* terem sido de interesse para pesquisadores nos últimos tempos, o fenômeno precisa ser melhor desenvolvido, principalmente no que diz respeito a suas questões teóricas, conceituais e práticas (Antoniuzzi; Dell'Aglio; Bandeira, 1998). No entanto, mesmo encontrando dificuldades para investigar e chegar a um consenso sobre o *coping*, investigadores como Lazarus e Folkman têm conseguido bons resultados sobre seus métodos, como o religioso e o de enfrentamento de problema.

---

<sup>7</sup> Resultado disponível em: VASCONCELLOS, E. G. Se o justo não florescer como a Palmeira, o *coping* falhou. In: ZANGARI, W.; MACHADO, F. R.; PAIVA, G. J. (Orgs.). **A Psicologia do Enfrentamento Religioso na Saúde e na Doença**: Eventos em Psicologia Social – Vol. 1. Curitiba: CRV, 2023.

## 7 SØREN KIERKEGAARD: ANGÚSTIA, EXISTÊNCIA E SENTIDO DE VIDA

A busca pelo sentido da vida é uma discussão de longa data no campo filosófico, sendo que autores da Antiguidade, como Sócrates, Platão e Agostinho, a associaram à busca pela felicidade. Nas obras do filósofo e teólogo dinamarquês Søren Aybee Kierkegaard (1813-1855), há uma tentativa de compreendê-la em outra chave: a obtenção de um sentido para a vida estaria diretamente relacionada ao cumprimento dos mandamentos bíblicos, tidos como a revelação da vontade de Deus para a humanidade. Em outras palavras, para Kierkegaard, o verdadeiro sentido da vida pode ocorrer apenas em uma relação com a divindade por meio da fé, que deve ser prioridade na vida do sujeito (Kierkegaard, 1844/2020).

O pensador, considerado pai do existencialismo, explica que o ser humano está condicionado a passar por três estágios<sup>8</sup> durante a vida: o estético, o ético e o religioso. No estágio estético, o sujeito vive para o prazer do mundo, para a promoção da sua própria satisfação. No ético, ele busca seguir os padrões e normas de uma vida correta perante a sociedade e suas obrigações e deveres pessoais e sociais. Porém, ambas não trazem uma reflexão sobre a transcendência e uma práxis para a realização dos desígnios divinos — isso ocorre porque esses estágios estão baseados em satisfações terrestres e não eternas. No estágio religioso, o ser humano procura concretizar a vontade do divino e sua existência consiste em uma crença e obediência para o alcance da eternidade. É seguindo a vontade do Criador que ele encontra o sentido da vida (Kierkegaard, 1844/2020).

O pensamento do filósofo prescinde de uma ideia de essência universal, mas considera a liberdade e a subjetividade dos indivíduos como fatores principais em sua existência. Ele constrói uma oposição ao idealismo hegeliano. Conforme De Sá (2010, p. 323):

---

<sup>8</sup> Søren Kierkegaard usa a expressão “estágios”. Nesse trabalho, escolhemos a palavra “estágio” que tem o mesmo significado de “fase” para caracterizar diferentes momentos da vida humana.

Kierkegaard elaborou seu pensamento filosófico numa referência de oposição direta à filosofia idealista de Hegel (1770-1831), que pode ser considerado o último grande representante e o ápice da tradição essencialista iniciada com Platão. O indivíduo não pode, segundo Kierkegaard, ser explicado a partir de nenhuma essência universal. O ser do homem consiste em sua própria existência singular, sua subjetividade, que é pura liberdade de escolha. Por isso a filosofia não se reduz à construção de sistemas abstratos, à especulação conceitual e à descrição de essências ideais; filosofar é afirmar a existência enquanto liberdade e assumir a responsabilidade pelas próprias escolhas. Vemos, portanto, que o primado tradicional da essência sobre a existência é radicalmente invertido por Kierkegaard, justificando, assim, a opinião amplamente aceita de que esse filósofo e teólogo dinamarquês é o principal e mais direto precursor do existencialismo.

Uma das principais obras de Kierkegaard é “O conceito de angústia”. Escrito sob o pseudônimo Vigilius Haufniensis — que em dinamarquês significa “vigia de Copenhague” —, trata de esclarecer psicologicamente o conceito de angústia. Tem-se que a angústia é uma “antipatia simpática” e uma “simpatia antipática” (Kierkegaard, 1844/2020). Ao tratar da angústia, Kierkegaard parte de um ponto de vista psicológico que abrange as questões existenciais do ser humano em toda sua complexidade.

Construindo uma definição sobre angústia, Kierkegaard (1844/2020, p. 45) escreve:

A angústia é uma qualificação do espírito que sonha, e pertence como tal à Psicologia. Na vigília está posta a diferença entre meu eu e meu outro; no sono, está suspensa, e no sonho ela é um nada insinuado. A realidade efetiva do espírito se apresenta sempre como uma figura que tenta sua possibilidade, mas se evade logo que se queira captá-la, e é um nada que só pode angustiar.

A base do conceito de angústia pode ser resumido pela afirmação: “a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade” (Kierkegaard, 1844/2020, p. 45). Observa-se que a liberdade da escolha, da potência humana de ação e realização é fundamento do entendimento sobre a relação entre escolha e angústia. A relação dialética do ser humano com a angústia pode ser explicada a partir da relação entre prazer e sentimento de preocupação, incerteza e busca insaciável, estabelecendo-se uma ambiguidade, que é psicológica e, conseqüentemente, existencial. O filósofo traz a importante constatação de que a angústia é uma condição à qual o ser humano está predestinado: “afinal, enquanto espírito, não pode fugir da angústia” (Kierkegaard, 1844/2020, p. 47).

O sentido dado pela religião é constantemente trazido pelos entrevistados nessa pesquisa. Ao serem indagados sobre o que os ajuda a vencer os desafios da vida, trazem principalmente Deus como resposta (ver Apêndice B). Mesmo em situações de dificuldade e vulnerabilidade social, a religião aparece em suas falas e ações. Há uma crença de que seguir os preceitos da fé cristã é importante para se ter força e condições de vencer na vida.

O estágio religioso vivenciado pelas pessoas em situação de rua colabora tanto para uma reflexão sobre a existência quanto para a construção de novas possibilidades, desenvolvimento individual e coletivo da espiritualidade, apoio emocional e direcionamento de um olhar esperançoso para as crises. Assim, homens e mulheres encontram um sentido de vida que os ajuda na jornada de constantes desafios que é viver em situação de rua.

## **8 INTER-ERAS, ECONOMIALISMO E PSICOEXISTÊNCIA: APRESENTAÇÕES TEÓRICAS**

### **8.1 Inter-Eras: uma nova análise psicossocial para novas experiências e velhas práticas**

O conceito de “Inter-Eras” relaciona-se à integração de tempos, pensamentos, conhecimento e saberes, além de perspectivas sociais e coletivas. Com o fim do século XX, essa integração não se baseava mais apenas nos encontros, no trabalho integrado em um mesmo ambiente ou no compartilhamento de lugares por cientistas, pesquisadores ou profissionais de diferentes campos de atuação.

Enquanto a modernidade e pós-modernidade mesclavam a relação presencial e as possibilidades de atividades virtuais, no Inter-Eras, o virtual tornou-se obrigatoriedade em muitos casos, seja para poupar despesas, acelerar decisões ou cumprir exigências. Esse modelo de interação é chamado de “híbrido” ou “remoto”, funcionando em uma plataforma virtual que oferece inúmeras ferramentas para a realização do trabalho, como botões digitais para apresentar materiais, espaço de envio de mensagens gerais ou privadas para os participantes, gravação de vídeos, compartilhamento de link, mecanismo de segurança para aceitar participantes, modelos de fundos de tela etc.

A ampliação das relações interpessoais para além do escritório, da praça, da firma, comércio ou da rua, traz, ainda, possibilidades de interação que simulam um ambiente de trabalho, com normas e regras como manter os microfones desligados e as câmeras (havendo uma foto que se adequa ao perfil da empresa); sinalizar que deseja falar acionando o botão de “levantar a mão” ou enviar uma mensagem de texto no chat ao lado. Mais adiante, no Capítulo 5, trataremos da mudança ocorrida nas relações em todos os ambientes e, mais especificamente, nas relações laborais.

A construção da sociabilidade sofreu mudanças. Se antes as pessoas se conheciam principalmente no dia a dia, na empresa, faculdade, escola, trabalho e em cada lugar que frequentavam, agora deve-se primeiro buscar informações sobre a pessoa em alguma rede social ou site de pesquisa e então encontrá-la pessoalmente. Virtualmente, as pessoas permanecem conectadas. Os espaços individual e coletivo,

peçoal e profissional se misturam constantemente e, nessa “dança” cheia de interações, os usuários realizam seus trabalhos, conhecem e sabem sobre as publicações de terceiros, etc.

#### 8.1.1 Inter-Eras: um novo momento social com antigas práticas humanas

Elaborar um novo termo ou conceituação teórica para tratar desse novo período da história se faz necessário por muitos motivos, porém, destaco três: primeiramente, há uma necessidade de se fazer lembrar desse tempo e de tratá-lo enquanto uma nova era sociopolítica e histórica, da qual questões como o incentivo à uma economia sustentável, ciência e microbiologia, a dinâmica das comunicações e a pandemia da Covid-19 fazem exclusivamente parte. Em segundo lugar, devemos considerar uma nova nomenclatura para possibilitar um avanço no desenvolvimento da linguagem e para colaborar com as pesquisas científicas e a construção de novos estudos no presente e no futuro.

Por último, entendemos que gerações que vivenciam fatos extraordinários e que romperam com a “normalidade” política, social e temporal devem deixar sua colaboração analítica sobre sua própria era vivida. Tratar do período Inter-Eras é, portanto, apresentar às novas gerações o que foi a pandemia de Covid-19, a vida durante o enfrentamento da pandemia e as consequências e transformações sociais causadas por essa crise de escala mundial.

#### 8.1.2 O fator fundante do período Inter-Eras

A Covid-19 é o fato marcante e fundante desse novo período, primeiro, por revelar que o discurso de governos e nações sobre paz, igualdade, fraternidade e a busca por justiça social, de gênero e povos, encontra um limite em grandes crises. Durante a pandemia, projetos e formas de dominação, apoiados em antigos conceitos e velhas práticas político-sociais, foram retomados ou ampliados por muitas nações como forma de governança e administração do caos social. Tais práticas se difundiram nos planos individual e coletivo, incluindo a apologia ao negacionismo ou ao superpoder de grupos intitulados “científicos”, a ignorância religiosa ao “explicar” o

vírus, a corrupção desenfreada mesmo em um momento de dor e morte nunca visto antes e a ampliação de confrontos e ameaças de uso da força. Além disso, houve a falta de distribuição e a ocasional proibição da venda de vacinas dos países ricos para os países pobres e o impedimento da entrada de imigrantes em países do hemisfério norte. Essas e outras práticas constituíram os fatos que romperam com o conceito de direitos humanos tão propagandeado na pós-modernidade.

A compreensão da existência de um novo período e a produção de uma nomenclatura para designá-lo não levam à criação de uma era, mas à sua identificação. Refletir sobre um novo tempo da humanidade é desenvolver um processo analítico que descreve um fato ou fatos. Ao ampliarmos a percepção sobre a Covid-19 enquanto evento que inaugurou uma era, vemos que ela foi responsável por um novo tempo social, político, econômico e novas perspectivas para a humanidade que, não obstante, reproduz antigas práticas.

A pós-modernidade tem seu fim no ano de 2019; os últimos dias desse ano podem ser considerados os seus “últimos suspiros”. O período Inter-Eras tem seu início na segunda década dos anos 2000, tendo nascido em meio à pandemia. O ano de 2020 pode ser considerado o marco para esse “novo alvorecer da história”.

## **8.2 Economialismo: um projeto de economia social baseado na saúde mental e na sustentabilidade**

A economia economialista tem por foco um trabalho individual e/ou coletivo caracterizado pela relação igualitária de produção e o cuidado com a saúde mental dos trabalhadores em todas as funções e carreiras. Para o economialismo, a produção da riqueza por parte dos setores agrícola, industrial e de serviços deve visar o bem-estar emocional e necessidades do trabalhador e o cuidado com a natureza. Apoiada na sustentabilidade, essa perspectiva tem como proposta a construção de projetos e ações que cuidem da natureza e promovam crescimento econômico não apenas medido pela quantidade de lucro, mas também pela conservação da natureza e ações sustentáveis, como uso de energia renovável ou limpa e reaproveitamento de materiais industrializados ou orgânicos.

Deve-se considerar uma organização para a economia que tenha como proposta a distribuição justa (e não igualitária, pois isso é irrealizável) da riqueza, para que as diferenças entre os indivíduos sejam minimamente superadas. A proposta economialista aponta como fator fundamental a saúde do trabalhador em sua integralidade, ou seja, a prevenção e cuidado com a saúde mental e física de cada homem, mulher e pessoa trans que constrói a sociedade.

No processo de prevenção e cuidado com a saúde mental, os sujeitos devem ser apoiados e terem atendimento psicológico e psiquiátrico e acesso a ações psicoterapêuticas em grupo e individuais. Eles devem ser estimulados a criarem um espaço no ambiente de trabalho que sirva para descompressão emocional, descanso e convivência social. No trabalho “home office”, os trabalhadores devem reservar pausas e momentos de relaxamento de 15 a 20 minutos para seu cuidado emocional e psicológico.

Com o excesso de trabalho e ausência de cuidado com a saúde mental na realização de atividades laborais, patologias como burnout, stress e ansiedade têm atingido a vida de milhões de profissionais (CID, 2022). Prevenir essas doenças e recuperar aqueles que adoeceram torna-se essencial para a economia e desenvolvimento da sociedade. Por isso, a proposta economialista foca na organização de projetos que cuidem da capacitação e requalificação de pessoas para atuar no mercado de trabalho e em ações sociais para o bem-estar social e do planeta. O economialismo olha para frente ao construir suas metas, por isso, deve-se oferecer todo o incentivo a usinas de dessalinização, energia verde, fim do uso excessivo de combustíveis fósseis, construção de usinas para transformar lixo em energia nas grandes e médias cidades, comercialização de produtos reutilizáveis e medição de produção de riqueza tendo como parâmetro a qualidade do ambiente de trabalho e o desenvolvimento sustentável.

No modelo economialista, as empresas são incentivadas a incluir em seus quadros de funcionários pessoas que estão resolvendo suas pendências com a lei ou estão recebendo tratamento de dependências químicas. Também são encorajadas a apoiar pessoas sem residência com a oferta de cursos, palestras e oficinas para formação profissional e orientação de carreira, além de serviços de cuidado físico, emocional, espiritual e psicológico. Ademais, são convidadas a difundir informações

sobre o avanço tecnológico para que os funcionários recebam capacitação para uso de novos equipamentos e ferramentas de aparelhos eletrônicos que estão conectados à rede mundial de computadores.

Realizar esse projeto envolve uma preparação teórica e construção de possibilidades que devem sempre focar no cuidado humano para a formulação e produção econômica. Toda atividade laboral deve se pautar pelo cuidado com a saúde mental do trabalhador, a ação coletiva de conscientização de autocuidado, cuidado com o próximo e a conservação do planeta, e não pelo consumo desenfreado.

Os impostos desse novo modelo econômico devem seguir diretrizes que tragam justiça e equidade para os ganhos de cada empresa e pessoa física. Deve-se cobrar mais impostos de quem ganha mais. Para isso, é necessário, em um primeiro momento, promover a conscientização para que donos de grandes fortunas e instituições privadas possam fazer a escolha de pagar mais impostos e reverter esse dinheiro em ações efetivas para cuidado com a população mais vulnerável nas áreas da saúde, educação, moradia e trabalho.

É preciso compreender que a economia, assim como a natureza e a produção humana (construções e inventos), tem um limite de crescimento. A medição de crescimento econômico não pode ser baseada apenas nos números, mas na distribuição de renda, promoção de saúde para as pessoas e preservação ambiental. Todas essas ações devem ser desenvolvidas principalmente dentro das grandes cidades, pois estas são os maiores centros poluidores e concentram grande parte da população mundial. Tais cidades enfrentam variados desafios, referentes à geração de emprego, miséria e abandono de pessoas em vulnerabilidade social.

O economialismo surge perante os desafios de cuidado com a população e com o meio ambiente e a geração de riqueza e desenvolvimento econômico justo e equilibrado. Para essas ações se concretizarem, deve-se pensar na construção de políticas econômicas e públicas que se entrelacem e foquem na promoção de novas aprendizagens e geração de oportunidades para grupos sociais em situação de vulnerabilidade. Eles necessitam maior assistência e apoio para sua qualificação profissional, valorização de seus saberes e experiências, além de incentivos para mudança de vida por meio de projetos de educação, emprego, moradia e trabalho com tratamento e remuneração justas. Por fim, viver sob uma perspectiva

economialista é acreditar em novas formas de fomentar e elaborar o sentido de vida a partir de fazeres socioeconômicos-educacionais.

### **8.3 Psicoexistência: tratando das questões da alma e da existência**

A Psicoexistência é uma abordagem que tem suas raízes nas ideias de Søren Aabye Kierkegaard acerca da existência humana. Sua fundamentação e construção teórica também teve a influência de filósofos, psicólogos e psiquiatras como Gabriel Marcel, Martin Buber, Karl Jasper, Albert Camus e Viktor Frankl, os quais analisaram o fenômeno humano em sua integralidade. Seu olhar filosófico dialogava com as questões existenciais e abarcava aspectos metafísicos e da corporeidade do sujeito como suas emoções, sentimentos, subjetividade, linguagem e relações com o mundo (Pessoa, 2024c).

Tratar o ser humano a partir de todos esses aspectos é tratá-lo em sua integralidade, considerando suas ações, história de vida, vontade, liberdade e subjetividade. Toda psicoanálise e psicoterapia com embasamento científico segue propostas teóricas que se fundamentam em teses elaboradas a partir de métodos de observação, registros de comportamento e análises. Esses dados, ao serem analisados, servem para uma construção teórica que colabora para o estudo e o cuidado com a saúde mental. A Psicoexistência segue a proposta psicocientífica para realizar investigações e atuar sobre a saúde do indivíduo. Ela considera o ser humano enquanto seu objeto de estudo, observando suas ações individuais e dentro do contexto social e das relações interpessoais. Ainda, considera a fala que o indivíduo traz dentro de espaços de cuidado psicológico e durante o atendimento individual ou grupal, sendo que a análise da fala pode ocorrer pelo uso de instrumentos de avaliação e testes psicológicos.

A matéria-prima do trabalho do psicólogo que segue a Psicoexistência é a subjetividade da pessoa. Valoriza-se toda sua forma de perceber o mundo, seus anseios, vontades e liberdade de escolha, sem desprezar elementos da sua formação individual-ética, como suas crenças e espiritualidade. Compreendemos que existem potências e que o sujeito não se encontra reduzido apenas à sua sexualidade, agentes biológicos e neurológicos ou ações de seus desejos. Também, o sujeito se vê

influenciado por ideologias, doutrinas, experiências de vida e de dores, preocupações e estímulos externos nas questões políticas, econômicas e sociais.

Essa abordagem não afirma que a existência precede a essência, mas que a existência e a essência são mutuamente constituídas, pois as experiências do sujeito não são apenas corpóreas. Assim como a essência sofre transformações, a existência também passa por mudanças durante toda a vida. Assim, não há ideia de inconsciente, mas de experiências para além da consciência que fazem parte da relação do ser humano com o mundo e com a sua interioridade, uma relação marcada por um mistério que é revelado a cada dia.

A Psicoexistência compreende que o trabalho de análise deve ser desenvolvido através da compreensão que o indivíduo tem sobre o tempo e o espaço; da sua relação com o outro e com o seu próprio corpo no mundo e da espiritualidade como elemento que também compõe sua subjetividade. Tal proposta de trabalho psicológico ainda necessita ser mais bem elaborada e desenvolvida em termos teóricos e científicos. No entanto, ela nos oferece uma reflexão sobre os anseios, crises, angústias e perspectivas do sujeito no Inter-Eras, ampliando o olhar sobre um movimento que é construído entre os sujeitos, o meio social e o mundo.

## 9 OBJETIVOS

### 9.1 Objetivo geral

Com essa pesquisa, tivemos por objetivo geral analisar se existe um sentido de vida para a pessoa em situação de rua e, se sim, investigar como ele é elaborado. A partir da lente teórica da Logoterapia, procuramos descobrir se os conceitos de valores de criação, vivência e atitude fazem parte da construção desse sentido. Ademais, buscamos descobrir e analisar quais são as ações de enfrentamento desenvolvidas pelas pessoas em situação de rua que podem se relacionar com os conceitos de *coping*, e discorrer, por meio de uma lente psicossocial e filosófica, a respeito do sentido da vida e a vivência nas ruas.

### 9.2 Objetivos específicos

Sobre os objetivos específicos, eles são:

- a) fazer um levantamento da maior quantidade de informações sobre os sujeitos entrevistados, através de uma coleta de dados pelo método etnográfico e através de questionário;
- b) compreender e analisar se existe a construção de um sentido de vida para esses sujeitos;
- c) realizar uma análise qualitativa dos dados a partir de conceitos teóricos de Frankl, com ênfase na construção do sentido de vida pelos valores de criação, vivência e atitude;
- d) buscar entender qual é a percepção de vida que a pessoa constrói morando na rua;
- e) registrar se as crenças, perspectivas ideológicas, situações do passado e/ou algo do presente (como os vícios ou o medo do futuro) contribuem para que permaneçam em situação de rua;
- f) realizar uma análise psicossocial e filosófica sobre questões da existência e sobre a pessoa em situação de rua;

- g) a partir dos resultados encontrados, apresentar alternativas de ações em políticas públicas para pessoas em situação de rua, visando seu apoio e assistência.

## 10 MÉTODO

O percurso metodológico que adotamos nesse trabalho seguiu a abordagem qualitativa. Segundo Godoy (1995, p. 62), esse tipo de pesquisa tem as seguintes características:

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. No trabalho intensivo de campo, os dados são coletados utilizando-se equipamentos como videoteipes e gravadores ou, simplesmente, fazendo-se anotações num bloco de papel. Para esses pesquisadores um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados. A pesquisa qualitativa é descritiva.

Sobre a pesquisa do tipo qualitativa com finalidades acadêmicas, Gaskell (2002) diz que ela oferece dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações que acompanham os comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

Seguindo essa proposta, entregamos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) específico para o participante da pesquisa qualitativa, uma pessoa em situação de rua. Em seguida, realizamos uma leitura conjunta, apontando todos os itens do TCLE e frisando que as entrevistas seriam gravadas e transcritas e constariam nos Apêndices da tese e, por fim, que as gravações seriam apagadas. Também comunicamos que sua identidade seria mantida em sigilo e que seus dados ou informações pessoais não seriam compartilhados.

A análise qualitativa do conteúdo das entrevistas foi feita a partir dos textos de Frankl, da lente da Logoterapia sobre os valores de criação, atitude e vivência e a construção do sentido de vida, e dos conceitos de *coping*.

### 10.1 Amostra

Os participantes da pesquisa foram vinte e cinco pessoas, sendo vinte sujeitos do sexo masculino e cinco pessoas do sexo feminino (sendo três delas trans), na faixa

etária de 18 a 75 anos. Todos os entrevistados eram maiores de idade. Buscamos pessoas que estão há mais de três anos em situação de rua na cidade de São Paulo. O motivo da escolha de 20 homens e 5 mulheres se deve aos dados do censo de 2020 realizado pela prefeitura de São Paulo que apontava que mais de 80% das pessoas em situação de rua eram homens. Foi verificado pelo pesquisador em seus trabalhos e no projeto piloto que a quantidade de homens “moradores de rua” é realmente muito superior ao número de mulheres. Assim, o número escolhido de entrevistados de cada sexo (20 homens e 5 mulheres) corresponde à porcentagem dos dados da pesquisa: 80% pessoas do sexo masculino e 20% do sexo feminino (Secretaria Especial de Comunicação, 2022).

Os “moradores de rua” foram convidados a participar da pesquisa a partir da interação do pesquisador com os mesmos. O pesquisador se apresentou e falou sobre o projeto de pesquisa de doutorado, fazendo um convite individual aos vinte homens, duas mulheres e três pessoas transfemininas para participarem da pesquisa e salientando que o sigilo seria garantido nas entrevistas. Prontamente, todos eles aceitaram a proposta. Toda a pesquisa teve seu início após aprovação do Comitê de Ética e seguiu as normas e instruções repassadas pela orientação.

## **10.2 Instrumento**

O instrumento de pesquisa foi um questionário (Apêndice A) com perguntas que visaram traçar o perfil sociodemográfico do sujeito entrevistado e compreender as suas percepções acerca do sentido de vida. Esclarecemos eventuais dúvidas do sujeito durante a coleta de dados através do questionário, para que ele tivesse sempre o melhor entendimento possível das perguntas.

Para a elaboração do roteiro do questionário, seguimos o método de entrevista semiestruturada. Foram feitas perguntas semiabertas com o objetivo de conhecer a vivência da pessoa em situação de rua. A coleta de dados buscou informações sobre seu histórico de vida, rotina, onde se alimenta, onde realiza sua higiene, se possui objetos (como roupas, acessórios, calçados etc.), se mantém contato com a família, quais são suas relações sociais, principais queixas e inquietações na vida. Na segunda parte, investigamos a sua visão sobre o sentido da vida.

De acordo com Severino (2015), o questionário, pode ser definido, como conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por partes dos sujeitos pesquisados, com o objetivo de conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. Ao usar o modelo de questionário aberto, o sujeito pode elaborar as respostas, com suas próprias palavras, a partir de sua elaboração pessoal.

Sobre a pesquisa semiestruturada, temos que:

[ela] tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador (Triviños, 1987, p. 146-152).

Além disso, a entrevista semi-estruturada “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.” (Triviños, 1987, p. 146-152). Como sugere Triviños (1987), a entrevista semiestruturada é aquela que parte de alguns questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses. É a partir da amplitude de interrogativas e respostas do entrevistado que vão surgindo e se estruturando hipóteses.

A importância da entrevista é dada pela necessidade de coletar dados para as análises. Como explica Duarte (2004, p. 115):

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados.

### 10.2.1 Roteiro de perguntas semi-estruturadas

Durante a coleta de dados, empregamos as seguintes perguntas para obter informações sobre o significado da vida e as estratégias de enfrentamento das situações difíceis enfrentadas pelos entrevistados em suas vidas nas ruas:

- a) O que significa viver na rua para você?
- b) O que você mais gosta na rua?
- c) O que você não gosta na vida na rua?
- d) Quais as maiores dificuldades na sua vida?
- e) Você precisou aprender algo para viver na rua?
- f) Tem algo de sua vida antes da rua que você sente falta?
- g) A rua é boa para você?
- h) Como faz amigos na rua?
- i) Você já teve oportunidade de morar em algum lugar como casa, abrigo, etc.?  
Se sim, por que não foi?
- j) Você tem medo de viver na rua?
- k) Como você entende a vida?
- l) Tem algo que te ajuda a viver e vencer os desafios da rua?
- m) Você pensa ou já pensou em mudar de vida?
- n) A vida tem um sentido?

### 10.3 Procedimentos

No que tange aos procedimentos, realizamos um total de vinte e cinco entrevistas com pessoas em situação de rua. Acompanhamos esses sujeitos durante as suas movimentações por regiões da capital paulista com o intuito de aprender sobre seus cotidianos, questões pessoais e interações sociais. O procedimento da pesquisa seguiu o modelo de pesquisa etnográfica que, segundo Severino (2015), visa compreender os processos do dia a dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microssocial visto por uma “lente de aumento”. Os métodos e

técnicas aplicados são compatíveis com a abordagem qualitativa, sendo que o método etnográfico proporciona, por si só, uma descrição do fenômeno pesquisado.

Os dados foram coletados na pesquisa de campo e registrados com o necessário rigor e seguindo todos os procedimentos da pesquisa de campo, incluindo a transcrição exata da fala do entrevistado. Esses materiais coletados, foram trabalhados, por meio de uma análise científica igualmente rigorosa (Severino, 2015).

Buscamos desenvolver uma pesquisa que também segue características antropológicas, investigando a história de vida do entrevistado, o seu meio social e suas perspectivas sobre a vida. De acordo com Hoebel e Frost (1976), a Antropologia é o estudo da humanidade, visando a compreensão sobre o ser humano e os fenômenos que o rodeiam; ou seja, é o estudo do ser humano como um todo.

Conduzi a coleta de dados através de uma abordagem individual dos participantes que selecionei nas diferentes regiões onde conduzi as entrevistas, abrangendo bairros da região central de São Paulo, bem como das Zonas Oeste, Leste, Norte e Sul. Iniciei cada entrevista com uma breve apresentação pessoal e uma explicação sobre o propósito da entrevista. Após obter o consentimento dos participantes, procedi com a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e esclareci eventuais dúvidas. Em seguida, iniciei a gravação das entrevistas. Durante o processo, segui rigorosamente o roteiro de perguntas estabelecido. Após a conclusão e gravação de cada entrevista, procedi à transcrição das falas, garantindo fidelidade ao conteúdo original. Em seguida, realizei o tratamento dos dados, analisando as respostas relacionadas ao sentido de vida, estratégias de enfrentamento (*coping*) e outras questões existenciais dos sujeitos entrevistados.

#### **10.4 Análise dos dados**

Realizamos uma análise dos dados a partir das perspectivas teóricas de Viktor Frankl a respeito dos valores na construção do sentido da vida. Usamos a Logoterapia enquanto lente hermenêutica sobre a construção de sentido, incluindo as categorias de valores de criação, de experiência e de atitude. Ainda, fizemos uma análise dos dados a partir do conceito de *coping*, discutido por Vasconcellos, Lazarus e Folkman. Por fim, fizemos uma breve análise psicossocial e filosófica sobre a existência e os

sujeitos em situação de rua e a elaboração (ou encontro) desse sentido de vida, trazendo possibilidades práticas que podem colaborar para o bem-estar e apoio a essa parcela da população.

## 11 RESULTADOS

Após a conclusão da coleta de dados, procedemos com a análise seletiva dos resultados obtidos, com o objetivo de identificar a essência dos conceitos relacionados ao sentido de vida, estratégias de enfrentamento das dificuldades enfrentadas na vida na rua e questões existenciais dos participantes. A coleta de dados foi realizada com pessoas que vivem em situação de rua há três anos ou mais. Entre esses participantes, identificamos vinte e quatro sem deficiência, enquanto uma pessoa apresentava deficiência, sendo cadeirante. Embora não tenhamos abordado diretamente a questão da cor da pele, essa característica foi observada pelo pesquisador com base nas características físicas dos participantes: cinco pessoas identificadas como negras, cinco como brancas e quinze com características pardas.

### 11.1 Análise sociodemográfica

#### 11.1.1 Distribuição por gênero

Tabela 2 - Distribuição por gênero

<b>Gênero</b>	<b>Quantidade</b>
Homens	19
Mulher	3
Pessoas Trans de aparência feminina	3

Fonte: Elaboração própria.

Na distribuição por gênero, a maioria dos entrevistados são homens, refletindo a predominância desse grupo social entre as pessoas em situação de rua. Os dados desta pesquisa revelaram que o número de mulheres se equiparou ao número de pessoas trans com aparência feminina, ultrapassando a proposta inicial do projeto de pesquisa, que era entrevistar apenas cinco mulheres. Alcançamos o sucesso de incluir mais participantes do sexo feminino, dividindo-os entre mulheres biológicas e pessoas trans que se identificam com características femininas. Um aspecto relevante

observado é que o medo da violência nas ruas é uma preocupação comum a todos os gêneros. Homens, mulheres e pessoas trans expressam o temor da violência física em suas falas, evidenciando sua presença constante.

#### 11.1.2 Distribuição por estado civil

Tabela 3 - Distribuição por estado civil

<b>Estado civil</b>	<b>Quantidade*</b>
Solteiro	18
Casado/união estável	6
Divorciado	1

Fonte: Elaboração própria.

No caso dos entrevistados casados, houve uma falta de compreensão por parte de dois deles. Embora vivam juntos, ambos se identificaram como solteiros, mas destacaram que compartilham a mesma barraca há alguns anos. Porém, mantivemos o registro de seis participantes, que estão casados ou em união estável. Os demais entrevistados se apresentaram de acordo com seu estado civil. O número de solteiros reflete a realidade da maioria das pessoas em situação de rua. No entanto, é importante notar que alguns deles já tiveram relacionamentos longos, mas optaram por se identificar como solteiros em vez de divorciados.

#### 11.1.3 Distribuição por faixa etária

Tabela 4 - Distribuição por faixa etária

<b>Faixa etária</b>	<b>Quantidade</b>
18 – 19	01
20 – 24	01
25 – 29	04
30 – 39	10
40 – 49	05
50 a mais	04

Fonte: Elaboração própria.

A faixa etária das pessoas em situação de rua encontra-se em sua maioria na meia-idade. Em termos percentuais, temos: 18-19 anos: 1 participante (2.08%); 20-24 anos: 1 participante (2.08%); 25-29 anos: 4 participantes (8.33%); 30-39 anos: 10 participantes (20.83%); 40-49 anos: 5 participantes (10.42%); 50 anos ou mais: 4 participantes (8.33%).

#### 11.1.4 Distribuição por escolaridade

Tabela 5 - Distribuição por escolaridade

<b>Escolaridade</b>	<b>Quantidade</b>
Analfabeto	01
Ensino fundamental incompleto	12
Ensino fundamental completo	04
Ensino médio incompleto	01
Ensino médio completo	07
Superior incompleto	--
Superior completo	--
Pós-graduado	--

Fonte: Elaboração própria.

A maioria dos participantes, quase 50%, não concluiu o ensino fundamental. Se somarmos o participante analfabeto e os quatro que apenas concluíram o ensino fundamental, ultrapassamos a marca de metade das pessoas em situação de rua com baixa ou nenhuma escolaridade. Essa característica da falta de formação escolar, destaca a importância crucial da educação e da formação profissional para auxiliar as pessoas a saírem das ruas e a terem melhores oportunidades de emprego e desenvolvimento pessoal, profissional e social.

### 11.1.5 Distribuição por renda mensal

Tabela 6 - Distribuição por renda mensal

<b>Renda mensal</b>	<b>Quantidade</b>
Maior ou igual a um salário mínimo	06
Menor que um salário mínimo	16
Sem renda	03

Fonte: Elaboração própria.

Há uma variedade de renda entre as pessoas em situação de rua, no entanto, mais da metade dos entrevistados sobrevive com menos de um salário mínimo. Além disso, há uma porcentagem significativa que não possui renda e depende de doações ou da prática de pedir esmolas (conhecido como “manguear”). Essa situação deve ser reconhecida como uma dificuldade socioeconômica que requer a implementação de medidas para oferecer oportunidades de ganho a essas pessoas. Isso inclui a criação de programas que proporcionem treinamento em diversas áreas, como construção civil, marcenaria, serralheria, arquitetura, entre outras. Tais iniciativas poderiam capacitar esses indivíduos a se tornarem profissionais qualificados, abrindo portas para uma vida mais digna e independente.

### 11.1.6 Distribuição por atividade ou auxílio financeiro

Tabela 7 - Distribuição por atividade ou auxílio financeiro

<b>Atividade ou auxílio financeiro</b>	<b>Quantidade</b>
Coleta de reciclagem	14
Artesanato	1
Arte de rua	1
Assistência social – auxílio do governo	4
Atividade voluntária	1
Manguear – pedir ajuda na rua	3
Pensão	1

Fonte: Elaboração própria.

O trabalho de coleta de reciclagem é o mais comum entre os participantes. Mesmo aqueles que se dedicam a outras atividades, em algum momento já realizaram ou consideraram a coleta de reciclagem como fonte de renda. As demais atividades são praticadas por uma quantidade significativamente menor de participantes, e quando somadas, não chegam a igualar o número de pessoas em situação de rua envolvidas na coleta de reciclagem. Acreditamos que essa atividade poderia ser mais bem estruturada como parte de um projeto social em parceria justa com o governo e empresas, visando auxiliar essa parcela da população com remuneração adequada pelo trabalho realizado.

#### 11.1.7 Distribuição por uso de drogas

Tabela 8 - Distribuição por uso de drogas

<b>Vício em drogas</b>	<b>Quantidade</b>
Crack, cocaína e/ou álcool	09
Citou que não faz uso	01
Não citaram em suas falas se fazem uso ou não	15

Fonte: Elaboração própria.

Esta pesquisa não teve como objetivo registrar dados sobre o uso de entorpecentes. No entanto, em algumas entrevistas, o vício em drogas foi mencionado como uma das razões para a vida nas ruas. Identificamos que 09 participantes deixaram suas casas e abandonaram suas vidas devido ao uso de crack, cocaína ou álcool. Outros 15 participantes não abordaram essa questão, e 01 entrevistado afirmou não fazer uso de drogas. Esses dados destacam como o vício é uma grande problemática e um fator exacerbador das crises e dificuldades enfrentadas pelo sujeito ao buscar estabelecer-se em um lar e construir sua vida pessoal, profissional e social. Vale ressaltar que, dos dezesseis entrevistados que não mencionaram seu uso de drogas, três me informaram após a entrevista, que os conflitos familiares foram motivados pela retirada de objetos de casa para comprar crack. Porém, não me informaram, se ainda fazem uso de algum entorpecente. Mas, foi observado, que parte dos quinze entrevistados, que não citaram sobre fazer uso ou não de drogas,

possuíam dedos manchados nas suas pontas, dentes estragados e com pouca higiene. Situações semelhantes a usuários de drogas ilícitas.

#### 11.1.8 Distribuição pelo encontro de um sentido de vida

Tabela 9 - Distribuição sobre o sentido de vida

<b>Sobre sentido de vida</b>	<b>Quantidade</b>
Entrevistados encontram um sentido na vida	20
Entrevistados não percebem um sentido de vida	03
Não souberam responder	02

Fonte: Elaboração própria.

Dos vinte e cinco participantes entrevistados sobre o sentido da vida, vinte expressaram a convicção de que a vida possui um propósito, duas pessoas, não souberam responder, enquanto três relataram a ausência de sentido. No entanto, mesmo esses três participantes que não percebem um sentido imediato e os dois que não souberam responder, ainda manifestaram a disposição para sonhar, buscar realizações pessoais e desenvolver projetos de vida. Suas falas refletem elementos de valores, atitude, criatividade e vivência, em linha com a perspectiva de Viktor Frankl.

#### 11.2 O sentido de vida

Tratando sobre o sentido de vida, algumas falas que foram resultados da coleta de dados foram:

Tabela 10 - Sujeito e sentido de vida

Sujeito	Sobre o Sentido de Vida
E	"Muito. Construir família. Ter sua própria moradia, conseguir seus objetivos"
N	"É ter uma esperança na vida"
O	"Sei lá. Qualquer coisa que... Aprender, a gente aprende. A gente não nasceu sabendo. A gente aprende com o dia a dia. O sentido da vida?"
O	"O sentido da vida é nunca desistir. É lutar. Sempre"
I	A vida sempre tem sentido, basta a gente escolher a escolha certa. A gente fazer a escolha certa, né?
M	"Sentido até tem, mas não desse jeito pra gente que a gente vive, né? Desse jeito assim... Mas tem sentido sim, é saber viver, né?"
D	"Ainda tenho sentido de vida, né? Ainda tenho sentido de vida, tenho alegria. Eu ainda tenho alegria, ainda cumprimento as pessoas, (...) as pessoas, né? Cumprimenta. Ainda tenho a esperança de vida ainda, acredito, ainda creio num milagre ainda que vai acontecer. E a vida ainda... tem muitos aí que eu vejo aí, né, meu, que acham que a vida não tinha mais sentido, não tinha mais perspectiva. A Vi fala de muita gente que já se jogou de viaduto, já deu cabo da própria vida, mas eu... Eu falo pra mulher mesmo nas condições que eu tiver, na situação que eu estiver, eu entrego tudo nas mãos de Deus e Ele tá no controle, né? Tá no controle de tudo, do meu trabalho, da minha situação, de tudo que eu faço. A hora que Ele estender as mãos e falar, meu, seu milagre chegou, glória a Deus. Só dobrar o joelho e agradecer a Deus e seguir o meu caminho"
B	"Ah, Jesus Cristo. Jesus Cristo é a grande base de tudo, né? Ele também morou na rua, né? É, é. Jesus Cristo também foi da rua. Na realidade, na época dele da rua não tinha... É, não tinha tanta facilidade como hoje, né? Hoje você morar na rua é fácil. Jesus Cristo, na época que ele morou na rua, não. Você pode ver que o que levou ele à rua, levou ele à cruz, né?"
I	A vida? A vida é uma dádiva, pai. Quem deu ela pra gente foi Deus. A gente tem livre arbítrio. Mas no final de tudo, quem decide é Deus"

F	Ah, é só ter o conhecimento da palavra de Deus. Pra mim é só orando, fazendo oração, né?”
---	---

Fonte: Elaboração própria.

### 11.3 Coping religioso, emoção e focado no problema

As falas coletadas sobre estratégias de *coping* foram as seguintes:

Tabela 11 - Sujeito e estratégias de *coping*

Sujeito	Estratégias de <i>coping</i>
F	“Ah, é só ter o conhecimento da palavra de Deus. Pra mim é só orando, fazendo oração, né?”
I	“A vida? A vida é uma dádiva, pai. Quem deu ela pra gente foi Deus. A gente tem nível arbítrio. Mas no final de tudo, quem decide é Deus”
I	“Só Deus”
V	“Deus”
Q	“...e então assim, tem mais Deus pra dar do que sei lá quem pra tirar” (L.,2023).” Deus, né. Deus, Deus”
Y	“Primeiramente, Deus. Sempre”
B	“Cara... Só a fé. Acho que não tem ajuda maior... do que a fé. E a fé você não pode dar, eles têm que ter, né?”
B	“Ah, Jesus Cristo. Jesus Cristo é a grande base de tudo, né? Ele também morou na rua, né? É, é. Jesus Cristo também foi da rua. Na realidade, na época dele da rua não tinha... É, não tinha tanta facilidade como hoje, né? Hoje você morar na rua é fácil. Jesus Cristo, na época que ele morou na rua, não. Você pode ver que o que levou ele a rua, levou ele a cruz, né?”
D	“...Eu ainda procurei saída, corri pra ir pra igreja. Eu acredito que Deus ainda... Pra Deus sempre há uma saída, né, mano? Sempre tem uma solução pra Deus. Deus é o impossível...”

K	<p>“Deus. O que me ajuda é Deus. Primeiramente, Deus, né, mano? Porque se eu não tiver fé em Deus, se eu não tiver na presença d’Ele agora... (D.,2023). “É Deus. Só se apegando a Deus”</p>
R	<p>“A perspectiva, ou seja, e essa perspectiva, ela também tá associada a uma base da minha criação, né? É... Não só a base da minha criação, mas também a base da minha personalidade. Porque, por exemplo, uma pessoa em situação de rua, ela pode ter uma perspectiva, mas ela não tem uma base tão sólida na sua educação e na sua personalidade, então ela fica vulnerável nesse quesito. Eu não me sinto vulnerável nesse quesito. Então quando eu uno perspectiva à minha base e à minha base de educação, base intelectual inclusive. É... Eu crio, de uma certa maneira, uma blindagem”</p>
D	<p>“Ah, a vida eu entendo... de altos e baixos, né, pô. Uma hora tá... alto, baixo, uma hora a pessoa tá... na situação boa, outra hora a pessoa tá numa situação ruim. Uma hora a pessoa tá caminhando pra frente, outra hora a pessoa volta pra trás. É altas e baixas, né?”</p>

Fonte: Elaboração própria.

## **12 DISCUSSÃO: O ENCONTRO E/OU CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE VIDA E AS AÇÕES DE ENFRENTAMENTO DAS SITUAÇÕES STRESSORAS PELA POPULAÇÃO DE RUA**

A partir dos dados apresentados e analisados na pesquisa, elaboramos, neste capítulo, uma análise filosófica-existencial sobre as questões existenciais do sujeito em situação de rua. São abordadas perspectivas sociais e possibilidades percebidas para a transformação de sua realidade por meio da elaboração de um sentido de vida. Nessa parte da pesquisa, utilizamos os teóricos Søren Kierkegaard e Viktor Frankl, trazendo apontamentos das suas obras sobre o sentido de vida e os aspectos da existência humana. Ainda, discorremos, uma balise sobre o coping religioso e focado na emoção. Além de uma análise psicológica, sociológica e filosófica, trazemos propostas de ações para a transformação de vida da população em situação de rua, incluindo a construção de moradias e a oferta de trabalho e educação. A esperança aparece como instrumento que colabora para a criação de um sentido e novas perspectivas de cuidado e transformação social.

### **12.1 O sentido de vida encontrado e/ou construído pelas pessoas em situação de rua**

Ao tratarmos sobre o descobrimento de um sentido de vida a partir dos escritos de Frankl, aprendemos que a proposta do teórico não é apresentar ideias para o convencimento, mas conceitos para tratar da realidade do ser humano e possibilidades de reflexão e desenvolvimento de um sentido e propósito de vida (Frankl, 1974/2016).

Ao discorrerem sobre o sentido da vida, entrevistados foram confrontados com a pergunta sobre o que os ajuda a superar as crises e situações difíceis do dia a dia e, ainda, sobre possibilidades e perspectivas para o futuro. Eles trouxeram em suas falas que a vida tem um sentido que pode estar ligado à fé, a uma crença religiosa/espiritual, ao trabalho, à própria vontade, à possibilidade de oportunidade e à vida em comunidade. São esses elementos que os fizeram construir um sentido para a existência e colaboraram para que eles encontrassem esperança mesmo em

meio a situações de vulnerabilidade e momentos difíceis. Podemos verificar isso nos seguintes trechos de entrevista:

Ah, Jesus Cristo. Jesus Cristo é a grande base de tudo, né? Ele também morou na rua, né? É, é. Jesus Cristo também foi da rua. Na realidade, na época dele da rua não tinha... É, não tinha tanta facilidade como hoje, né? Hoje você morar na rua é fácil. Jesus Cristo, na época que ele morou na rua, não. Você pode ver que o que levou ele à rua, levou ele à cruz, né? (B., 2023).

Ainda tenho sentido de vida, né? Ainda tenho sentido de vida, tenho alegria. Eu ainda tenho alegria, ainda cumprimento as pessoas, (...) as pessoas, né? Cumprimenta. Ainda tenho a esperança de vida ainda, acredito, ainda creio num milagre ainda que vai acontecer. E a vida ainda... tem muitos aí que eu vejo aí, né, meu, que acham que a vida não tinha mais sentido, não tinha mais perspectiva. A Vi fala de muita gente que já se jogou de viaduto, já deu cabo da própria vida, mas eu... Eu falo pra mulher mesmo nas condições que eu tiver, na situação que eu estiver, eu entrego tudo nas mãos de Deus e Ele tá no controle, né? Tá no controle de tudo, do meu trabalho, da minha situação, de tudo que eu faço. A hora que Ele estender as mãos e falar, meu, seu milagre chegou, glória a Deus. Só dobrar o joelho e agradecer a Deus e seguir o meu caminho (D., 2023)<sup>9</sup>.

O sentido discorrido pelos entrevistados perpassa, como falamos anteriormente, a força de vontade, trabalho, fé e a crença em novas possibilidades de vida — mesmo as idades, o sexo e/ou orientação sexual, crença religiosa, idade e história de vida sendo diferentes. Ao encontrarem um sentido de vida, os sujeitos traçam caminhos para buscar uma mudança em sua situação de ausência de moradia e emprego informal, tristeza e sofrimento emocional. Eles têm a consciência de que quando não há um sentido, a pessoa pode dar fim à própria vida. Isso é relatado pelo entrevistado D. que reconhece a importância de se ter um sentido de vida. Para ele o sentido está em ter uma boa relação com as pessoas, acreditar em um milagre e ter esperança.

O sentido encontrado entre escolhas, ações, crenças e esperança, revela como é a relação do indivíduo com as questões da existência. Não se trata apenas de aspectos comportamentais aprendidos ou supostas pulsões de vida e de morte, mas da relação do sujeito com o mundo. Nas entrevistas (ver Apêndice B), pôde-se

---

<sup>9</sup> O entrevistado D. reside com sua companheira em uma barraca de papelão e plástico preto, em uma praça entre a região central e a Zona Sul de São Paulo. Todo o percurso da entrevista foi extremamente divertido. Ele estava sorrindo, segundo ele, pela atenção que recebeu e a oportunidade que teve de falar. Ficou muito grato pela quase uma hora que fiquei com ele e fez questão de me mostrar sua barraca, a carroça para coleta de materiais recicláveis e o material que tinha recolhido naquele dia. Realizei a entrevista no fim do dia, já no início da noite, e isso me fez perceber que mesmo após um dia cansativo, o sentido de vida o motivava a ficar ali e a contar sobre ele.

constatar que temas relacionados à vontade, sonho, esperança, crença, amor, sentimentos e emoções estavam presentes na construção de um sentido. Esses e outros aspectos apresentados por pessoas em situação de rua são fundamentais para que haja novos aprendizados, novas ações e novas experiências.

De acordo com Frankl (1946/2019a), o sentido não é pré-definido, rígido ou alcançado apenas de uma forma. Ele pode ser encontrado de variadas maneiras e possuir diversos significados. No entanto, isso não quer dizer que o sentido de vida careça de uma definição teórica. Ele fundamenta-se a partir de perspectivas sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o enfrentamento de desafios — são os valores de criação, vivência e atitude. Como explica Nery (2023, p. 79):

A primeira consideração relevante a fazer tem a ver com a compreensão da natureza dinâmica do sentido. Embora algumas fontes de sentido nos acompanhem no decorrer da vida, muitas delas certamente vão se atualizar e mudar com os passar dos anos, dos meses, dos dias e até das horas.

Ao trazer um comentário explicativo sobre os valores, Nery (2023, p. 81) escreve:

De maneira simplificada, os valores de criação representam tudo aquilo que somos capazes de entregar ao mundo através de nossas obras e criações. Sempre que fazemos algo concreto, que criamos alguma coisa, das mais simples até as mais sofisticadas, colocamos em prática os valores de criação.

Podemos encontrar práticas desse conceito de valor na vivência de nossos entrevistados quando trazem as seguintes falas: “É assim, acho que minha mãe, né? Minha mãe, as porta lá, na casa dela, tá sempre aberto pra mim, todo mês eu vou lá, fico uns dias lá, dou uma renovada no espírito e saio renovado (H., 2023).” e:

Compro um alquinho no posto de gasolina, faço meu café, que nem ia fazer agora meu café. Fiz um arroz agora meio-dia, pra mim comer com a mulher, fritar linguiça de uma cesta aí que me... vira e mexe eu ganho na rua aí, o alimento que a senhora me dá na rua. E aí eu faço debaixo da carroça, né, mano? (D., 2023).

Os valores de experiência são definidos, para Frankl, da seguinte maneira:

[os valores de experiência] se apresentam por meio daquilo que recebemos do mundo ao nosso redor, tanto em termos de experiência como nos encontros. Os valores de experiência são também chamados de valores de vivência e, de maneira prática, conectam-se com o sentido que encontramos nas vivências ou experiências (...) (Nery, 2023, p. 81).

Dessa forma, o sentido pode estar na relação com a natureza, sua diversidade de fauna e flora; na cultura e seus elementos, como na arte e suas mais diversas expressões; ou, ainda, na bondade e na beleza (Nery, 2023).

Os entrevistados discorrem sobre os valores de experiência nas seguintes falas:

Eu já pensei em mudar de vida. Já pensei em mudar de vida, pensei em tornar, tentar fazer uma... Arrumar uma varoa, um pessoal, né? Pra eu poder tentar, uma pessoa que presta, poder me dar mais conselhos, né? E tentar encontrar mesmo de novo, no caso tentar conversar com meu irmão de novo porque meu irmão é muito gente boa. Tem muitos irmãos, muitas pessoas que gostam de mim (F., 2023).

São as atitudes das pessoas que revelam sobre o seu descobrimento do sentido, pois o sentido não tem sua origem apenas no indivíduo, mas também no que ele aprende com o mundo, com o outro e sua vontade perante as situações da vida. De acordo com Nery (2023, p. 80): "(...) as coisas, as possibilidades, os projetos, as experiências e as pessoas em si podem ou não ser fontes de sentido. Quem vai definir isso é a própria pessoa, a depender da atitude que tomar diante delas".

Essa construção da vontade tem como primazia a autonomia do sujeito, a valorização de suas potências e a possibilidade de escolha como algo que o estimula a encontrar um sentido. Eles percebem que fazer uma escolha pode ajudá-los a mudar de vida e a vivenciar novas aprendizagens e novas experiências. Como traz um dos entrevistados sobre a relação entre escolha e sentido de vida: "A vida sempre tem sentido, basta a gente escolher a escolha certa. A gente fazer a escolha certa, né?" (I., 2023).

O sentido vai sendo encontrado a partir de uma série de experiências, percepções de vida, características pessoais e diversas dos sujeitos em sua relação com o mundo. Nessa busca, eles aprendem que sua existência é maior do que os problemas, que pode mudar de vida a partir de suas escolhas e que suas ações colaboram para a transformação da existência em sua integralidade. O sentido é elaborado a partir das ideias dos valores, que são: valores de criação ou o que o homem dá ao mundo, sob a forma de suas obras e criações; valores de experiência ou o que o homem recebe do mundo, em termos de encontros e experiências; e valores de atitude ou a postura que se adota diante da vida, quando se é defrontado com um destino ao qual não pode mudar (Frankl, 2005, p. 91; Nery, 2019, p. 37-38).

Como já dissemos, tais valores são fundamentais para o encontro de sentido. Podemos encontrar nas falas e nas ações dos entrevistados a presença de valores,

aprendizados e experiências, que se deram em sua relação com o mundo e com outras pessoas que se solidarizam umas com as outras. Conforme relata um deles:

É formado por iniciativas, até por iniciativas pessoais. Ou seja, uma pessoa que solidariza com a situação. Ele tem algo de recursos financeiros, ele consegue produzir individualmente os próprios fundos pra sair à noite e dar uma colaboração. Nem que seja com um pão com mortandela e uma água da torneira (R., 2023).

Uma das coisas que faz parte da minha resiliência, a minha resiliência, não significa que seja a resiliência de todos. Mas que faz parte da minha resiliência é o... Não me adaptar à ela, não tê-la como um fim em si mesmo. Porque isso pra mim, comparado com a grande maioria, eu até posso me entender como uma pessoa de sorte, na medida que eu tenho uma perspectiva. Voltamos pro início da nossa conversa. Na medida que eu tenho uma perspectiva. Como a grande maioria das pessoas não têm essa perspectiva. Nessa parte da sua resiliência, ele toma a rua como um fim em si mesmo, entendeu? (R., 2023).

Os valores trazidos por Frankl revelam como a relação sujeito e mundo é fundamental para a construção do sentido de vida. Essas perspectivas e práticas contemplam os aspectos psicológicos, sociais, econômicos, espirituais e o bem-estar físico e emocional. A vivência dos sujeitos, a sua autonomia, a sua atuação no meio social, a sua criatividade e a sua decisão de enfrentar o mundo proporcionam experiências que os levam a enxergar o mundo com outro olhar, a solucionar problemas, construir relações saudáveis e experienciar novas práticas que os levam à construção de um sentido de vida.

## **12.2 O enfrentamento do vazio existencial e o conceito de *Homo Patiens* no enfrentamento do mundo**

Na contramão da descoberta de um sentido de vida, o vazio existencial também se fez presente entre os entrevistados. Estes não souberam responder se havia ou não um sentido de vida ou afirmavam que a vida não tinha um sentido, narrando um sentimento de vazio. Segundo Frankl (1974/2016), o vazio existencial ou frustração existencial pode ser observado em todas as camadas da sociedade e em todos os períodos da história da humanidade. Também, o vazio existencial e o sentido de vida são questões encontradas tanto nos grupos mais abastados e materialmente, intelectualmente e socialmente prósperos, quanto em grupos em vulnerabilidade social, como é o caso das pessoas em situação de rua.

De acordo com o pai da logoterapia, o vazio existencial torna-se uma realidade quando o ser humano confronta uma falta de sentido. O problema do sentido, em toda sua radicalidade, pode chegar a abatê-lo (Frankl, 1975/2019b). O vazio não é uma questão simples ou apenas neuropsicológica. O ser humano, ao não encontrar um sentido para a sua existência pode ser tomado por esse estado, ser levado ao tédio e à perda de interesse pelo mundo — o que é recorrente em toda sociedade contemporânea (Frankl, 1975/2019b). Para Frankl (1969/2020a), o vazio existencial em si não é nada patológico, mas pode resultar em uma doença neurótica, “neurose noogênica” para a Logoterapia.

Ao enfrentar o vazio existencial, o ser humano cai em situações de vício, violência, medo e sofrimento emocional e psicológico, conforme um entrevistado traz em sua fala:

Eu tenho medo... quando eu tô drogado eu fico extremamente paranoico. Com medo. Mas o drogado não tem um pingão de medo. Nenhum pingão. Eu vou na Cracolândia lá, eu fico lá... se eu não tiver drogado, durmo lá dentro. Sem medo de fazerem mal nenhum comigo. Ando em Parque Dom Pedro de madrugada, sem um menor, um pingão de medo. Mas a brisa, se eu usar droga, eu fico com medo dentro do shopping. Se eu estiver andando dentro do shopping. Acho que vão me matar dentro do shopping (H., 2023).

O vazio existencial é fruto de dificuldades nos relacionamentos, dores, perdas, luto, angústia, medo e circunstâncias que, no geral, causam profundo sofrimento. Para superar o vazio é necessário elaborar ações com base nos valores de criação e de autotranscendência para encontrar e construir um sentido de vida. Nessa experiência de aprendizado e superação de circunstâncias difíceis, o sujeito desenvolve novas potências e possibilidades que o ajudam a romper com sentimentos que o impedem de vivenciar a vida com um sentido.

O *Homo Patiens* aparece como possibilidade existencial quando o ser humano é desafiado a transformar a dor em uma conquista. O termo refere-se ao ser humano que sofre, que sabe como sofrer e como transformar seus sofrimentos em uma conquista humana (Frankl, 1978/2005), como vemos na seguinte fala:

Meu maior desafio de viver na rua.... Meu maior desafio de viver na rua é perder tudo e não ter nada. Então é muito ruim morar na rua porque eu nunca morei, nunca passei por isso. Então hoje é um aprendizado pra mim. Tô aprendendo muito sobre a vida, antes eu tinha medo dela. Antes eu não sabia conviver nela. Então hoje em dia a gente tem que saber enfrentar os obstáculos pra poder crescer na vida. Felizmente antes a gente era no alto, hoje a gente está no baixo. Mas a gente vamo aprendendo no dia a dia. E se Deus quiser, a gente vamo conseguir vencer essa luta (N., 2023).

Transformar as situações de sofrimento em oportunidade de crescimento pessoal e superação leva o ser humano a vivenciar o encontro de um sentido que se apoia nos valores de criação, vivência e atitude. O desafio de superar situações de dor (sejam elas físicas ou psíquicas), sentimentos de culpa e pensamentos sobre a morte está relacionado à aprendizagem de um sentido de vida que abarque todos os âmbitos e situações da existência (sentido para a dor, sentido para a vida, sentido nas crises, sentido nos amores, sentido nos momentos de provas e sentido para viver). Ao elaborar um sentido perante os momentos de aflição, cria-se a esperança de que haverá uma solução para e uma mudança de vida. Trata-se de encontrar motivo para a felicidade mesmo em terríveis momentos de aflição e medo e, assim, olhar para o caos e ver oportunidades de conquista.

### **12.3 A autotranscendência na construção do sentido de vida**

A autotranscendência significa o direcionamento do indivíduo para algo que não o “si mesmo” ou para além de sua própria existência (Frankl, 1969/2020a). Há a construção de um sentido no viver para o outro, através da prática de apoio e assistência a questões sociais/coletivas. Com base em pesquisas de campo, foi observado que a vida em comunidade sempre ajuda o sujeito a vencer situações difíceis do cotidiano. Alguns exemplos de práticas comunitárias entre pessoas em situação de rua são: cozinhar coletivamente, dividir alimentos doados com outros colegas e dormir perto um do outro com o intuito de se protegerem e terem suas vidas mais preservadas. Como podemos observar na fala do entrevistado:

Na rua? Eu não gosto de ver esses caras que tá sofrendo assim, pior do que eu, né, meu? Nas condições mais piores do que eu. Vi um parceiro meu deitado aqui, deitado aqui ó, que eu ia até dar ia dar um arroz pra ele, né, mas como eu comi arroz puro hoje, aí eu falei pra mulher que eu ia fazer um café e ia levar um café e um pão pra ele, que eu tenho aí, né, e que ia dar um arroz puro pra ele, porque eu comi arroz puro também, só com a linguça (D.,2023).

A relação de bem-estar comunitário associa-se à ideia de autotranscendência, de pensar no outro, de ter boa convivência com o mesmo e de viver junto em todas as circunstâncias. O entrevistado E. (2023), ao ser interrogado sobre como entende a vida, responde: “Ah, como que eu entendo a vida? A melhor forma, a melhor forma é continuar ajudando o próximo, fazendo com que você melhore cada dia mais”.

Nessa autotranscendência, o sentimento de empatia, o autocuidado e o apoio recíproco os ajudam a perceber a vida para além de um pragmatismo que muitas vezes influencia a sociedade a ter comportamento egoístas e de nenhum cuidado para com o próximo. Como se percebe na entrevistada de N. (2023), que ao falar sobre como se aproxima de outra pessoa e esta passa a fazer parte da família:

A gente conversa, a gente chega, boa tarde, ah, bom dia. E se a pessoa for educada, a gente chega, pergunta o nome, já vai fazendo uma amizade, vai se conhecendo. Agora se for sem educação, a gente já se afasta. Então tipo, com isso, a gente já cria uma família agora. Então é uma coisa que a gente já trouxe pra perto da gente (N.,2023).

O cuidado com o outro leva o indivíduo a enxergar a vida além de si mesmo, buscando ouvir ao outro, entender seus pontos de vista, construir ideias e tomar atitudes conjuntamente. Assim, o sujeito transcende o individual e vivencia o coletivo como princípio de vida. Na vida em família ou na maloca (como falam as pessoas em situação de rua), a amizade, a confiança e o amor que recebem da e compartilham com a outra pessoa constrói um sentido para suas vidas.

#### **12.4 Superando o stress pelo *coping* religioso e focado na emoção**

O conceito de *coping* tem como significado o enfrentamento das situações de stress. Uma de suas possibilidades de estratégia é o *coping* religioso, onde a pessoa, através da crença, realiza o enfrentamento de situações estressoras. Ela traz em suas falas e atitudes a fé em um ser divino que ajuda a solucionar problemas até mesmo quando eles parecem insolucionáveis.

Um exemplo que ilustra esta possibilidade de análise, pode ser visto na fala de dois entrevistados, que trazem as seguintes respostas ao serem questionados sobre o que os ajuda a vencer as dificuldades da vida nas ruas: “Deus. O que me ajuda é Deus. Primeiramente, Deus, né, mano? Porque se eu não tiver fé em Deus, se eu não

tiver na presença d'Ele agora... (D., 2023)” e “A vontade de viver mesmo, a fé em Deus. Um dia eu vou sair daqui.” (B., 2023).

Holroyd e Lazarus (1982) dizem que a maneira como o indivíduo utiliza as estratégias de *coping* pode alterar o funcionamento biológico e, portanto, ter influência sobre a saúde. Por exemplo, tais estratégias podem operar sobre as respostas ao estresse neuroendócrino, contribuindo para mudanças na saúde, nos comportamentos de risco ou nas respostas cognitivas ou comportamentais da pessoa (Dias; Pais-Ribeiro, 2019).

A fé em Deus parece fortalecer significativamente os entrevistados, tanto no que diz respeito à capacidade de enfrentar as dificuldades da rua quanto na crença de que suas vidas terão uma mudança positiva como resultado dessa fé. Isso evidencia que o *coping* religioso desempenha um papel elaborado em suas vidas, sendo expresso através da fé que eles relatam ter em Deus.

Ao falar sobre superação de desafios, a citação de Jesus Cristo, Deus ou alguma expressão da fé cristã, é recorrente, por parte dos entrevistados, como responde uma das pessoas que participaram da pesquisa:

Ah, Jesus Cristo. Jesus Cristo é a grande base de tudo, né? Ele também morou na rua, né? É, é. Jesus Cristo também foi da rua. Na realidade, na época dele da rua não tinha... É, não tinha tanta facilidade como hoje, né? Hoje você morar na rua é fácil. Jesus Cristo, na época que ele morou na rua, não. Você pode ver que o que levou ele a rua, levou ele a cruz, né? (B., 2023).

Nas ruas, a fé em uma divindade ajuda os sujeitos a perceberem novas possibilidades, acreditarem na mudança de suas vidas, se fortalecerem para viver mais um dia e compreenderem que uma força ou poder os ajuda nesse desafio. Os entrevistados também trazem as seguintes respostas ao serem perguntados sobre como entendem a vida: “A vida? A vida é uma dádiva, pai. Quem deu ela pra gente foi Deus. A gente tem livre arbítrio. Mas no final de tudo, quem decide é Deus” (I., 2023) e “Ah, é só ter o conhecimento da palavra de Deus. Pra mim é só orando, fazendo oração, né?” (F., 2023).

Estas ações de crença, os ajudam a enfrentar os desafios da rua, como: violência, desamparo, preconceito, dificuldade financeira. Através da oração, de conhecer os ensinamentos bíblicos, fé, crença e perspectivas místicas levam os sujeitos entrevistados a orar e a crer em textos, imagens, objetos e rituais considerados sagrados. A crença e espiritualidade os conduzem em um caminho de

esperança que pode gerar novas oportunidades em seu contexto social e proporcionar uma mudança de vida.

O entrevistado G., ao ser questionado sobre quais são os maiores desafios de viver na rua, responde:

O maior desafio é eu tá com vida. Não importa a dificuldade, tudo custa dificuldade. Mas o que importa é o desafio, é o que a gente passa. A gente tá aqui, amanhã se Deus quiser eu vou tá aqui de novo, ou talvez não, e quem manda é Ele, quem cuida da minha vida é Deus (G., 2023).

No enfrentamento desses desafios, que são situações estressantes para o entrevistado, a fé de que Deus cuida de sua vida o faz perceber a possibilidade da esperança. O sujeito acredita no amanhã. Sua fala sobre o futuro remete à esperança, à certeza de um dia com novas possibilidades. Para G., Deus cuida do que ele tem de mais precioso: sua vida. Mesmo que o medo seja o principal problema para ele e todos os entrevistados (uma preocupação que aparece na maioria absoluta das entrevistas), ele acredita que Deus é capaz de cuidar de sua vida todos os dias.

Mesmo que a população de rua vivencie o abandono por parte da sociedade, a divindade na qual acreditam não a abandona e sempre a ajuda. Em muitos casos, ela é o único socorro encontrado em momentos de grandes crises. Tal certeza a leva a esperar por uma saída mesmo em momentos difíceis e a viver cada dia com um sentido que se relaciona à fé, valores e mudanças.

Uma estratégia evidente de enfrentamento das dificuldades da rua, destacada nas falas dos entrevistados, é a abordagem das situações de acordo com as perspectivas de *coping* focado na emoção. Essa teoria, elaborada por Richard Folkman e Lazarus (1980), envolve o manejo das emoções associadas à situação estressante, visando reduzir seu impacto emocional sem necessariamente resolver o problema subjacente. Folkman e Lazarus (1980), sustentam que o tipo de *coping* adotado depende da avaliação cognitiva que a pessoa faz da situação estressante. Quando a situação é percebida como inalterável ou além do controle pessoal, é mais provável que o *coping* se concentre na emoção.

Um exemplo ilustrativo do *coping* focado na emoção é apresentado na fala do participante R., que menciona:

A perspectiva, ou seja, e essa perspectiva, ela também tá associada a uma base da minha criação, né? É... Não só a base da minha criação, mas também a base da minha personalidade. Porque, por exemplo, uma pessoa em situação de rua, ela pode ter uma perspectiva, mas ela não tem uma base tão sólida na sua educação e na sua personalidade, então ela fica vulnerável nesse quesito. Eu não me sinto vulnerável nesse quesito. Então quando eu uno perspectiva à minha base e à minha base de educação, base intelectual inclusive. É... Eu crio, de uma certa maneira, uma blindagem (R.,2023).

O entrevistado R. expressa a convicção de que, apesar de não proferir palavras que possam alterar sua condição de estar na rua, sua capacidade intelectual e educação proporcionam uma espécie de blindagem, tornando-o menos vulnerável às situações adversas que ocorrem no ambiente de rua. Além dessas duas características fundamentais em sua vida, ele atribui sua personalidade à sua criação, o que, segundo ele, contribui para uma perspectiva de vida diferenciada e reforça essa blindagem. Essa visão fortalecida o torna menos suscetível às situações estressantes e às “tentativas de maus sentimentos” que possa enfrentar na rua.

Outro exemplo eloquente de uma estratégia de coping focada na emoção pode ser observado na fala do entrevistado D., quando questionado sobre sua percepção da vida. Ele descreve a vida como uma intercalação de momentos difíceis e conquistas, utilizando a expressão "altos e baixos". Apesar de reconhecer que nem tudo pode mudar, ele destaca que situações positivas continuam surgindo, contribuindo de forma geral para sua jornada de vida. O entrevistado declara:

Ah, a vida eu entendo... de altos e baixos, né, pô. Uma hora tá... alto, baixo, uma hora a pessoa tá... na situação boa, outra hora a pessoa tá numa situação ruim. Uma hora a pessoa tá caminhando pra frente, outra hora a pessoa volta pra trás. É altas e baixas, né? (D., 2023).

Essa percepção de altos e baixos não representa uma aceitação resignada da sua situação. Além disso, reflete o sentimento interno que o entrevistado cultivou para enfrentar os desafios e situações que ele enfrenta diariamente, com a convicção de que sua força de vontade o conduzirá a vivenciar experiências positivas, mesmo estando em situação de rua. Estar na rua não implica que tudo seja negativo. É possível construir e encontrar momentos de alegria mesmo nesse contexto. Viver é compreender cada momento da existência e enfrentar todas as situações como algo passageiro, seja elas boas ou ruins, pois todas têm seu tempo para acontecer. O que realmente importa é viver plenamente.

## **12.5 Da teoria à praxis: uma análise filosófica e da Psicoexistência sobre a esperança e o sentido da vida**

A importância de se refletir sobre a vida foi muito bem explorada por Albert Camus quando ele disse que “julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da Filosofia” (Camus, 1943/2023, p. 18). Esse tema está presente nos escritos dos filósofos chamados “existencialistas” e também em autores da Filosofia moderna, como Schopenhauer, Nietzsche, Jaspers, Heidegger, Sartre, Marcel, Camus, Buber e muitos outros. O propósito deste capítulo, que marca a conclusão da tese, reside na compreensão de que um trabalho científico sólido no campo das humanidades e da saúde deve ser fundamentado em uma sólida articulação filosófica. Nesta pesquisa, o embasamento filosófico está centrado na articulação entre o sentido da vida e a esperança. Portanto, refletir e destacar este tema é de suma importância para esta fase final da pesquisa, que marca o encerramento da tese.

Nesse trabalho, compreendemos que o termo “questões da existência” é mais adequado por não seguirmos os conceitos de alguns teóricos da corrente do existencialismo. Ademais, os autores aqui citados não se apresentavam como existencialistas, mas como estudiosos da existência. Eles trazem colaborações que ultrapassavam essa corrente filosófica, a qual, no século XX, não fazia menção à espiritualidade ou à crença como um ponto importante a ser analisado. Kierkegaard e Frankl se diferenciavam de alguns dos conhecidos e proeminentes teóricos do existencialismo e, ao mesmo tempo, se aproximavam do pensamento de filósofos como Jaspers e Marcel. Porém, esses dois não se apresentavam como existencialistas: Gabriel Marcel se dizia neo-socrático e, Karl Jasper, um psiquiatra que tratava das questões da realidade e da existência humana em sua análise científica e trabalho clínico, possuía apontamentos fenomenológicos

## **12.6 Rompendo situações do cotidiano para construção do sentido de vida**

Viver a vida com um sentido faz parte da fala de mais de noventa por cento dos entrevistados na pesquisa de campo. Família, cultura, crença ou “força de vontade”

são vistos como parte da construção do sentido de vida e do processo de superação de crises, estando presentes na fala da maioria das pessoas.

Ao observarmos os desafios vivenciados pelas pessoas em situação de rua e suas motivações para continuar a sonhar com melhores condições de vida, percebemos que o que as move é a busca/vontade de sentido (Frankl, 1974/2016), de uma vida mais digna e a realização de seus sonhos. No caso da população de rua, esse movimento tem dois significados: o de ser, trabalhar, agir e vivenciar a difícil experiência da vida na rua; e o de se mover dentro dos espaços sociais, urbanos e rurais (em alguns casos) — um movimento de nômade do período Inter-Eras.

Conforme Frankl (1974/2016), o sentido pode ser encontrado em todos os elementos que o sujeito considerar importantes em sua existência. Ao encontrar esse sentido, o indivíduo tem como objetivo realizá-lo, por mais difícil que seja, sendo o não realizar igualmente difícil, causando inquietude. Assim, o sentido é o combustível que move o sujeito em direção à realização existencial.

Na pesquisa de campo, foi observado que questões relacionadas ao desprezo, falta de oportunidade, preconceito e violência impedem as pessoas de colocarem em prática, com maior determinação, ações que podem levá-las à mudança de vida. Suas energias e forças acabam sendo drenadas ao terem que provar constantemente que são honestas e querem trabalhar com dignidade, precisando apenas de uma oportunidade e reconhecimento de seu potencial. Romper com estigmas, preconceitos e a violência emocional que se sofre nas ruas é mais um motivo para oferecer possibilidade de moradia a essas pessoas a partir do trabalho e ações colaborativas. Deve-se valorizar sua autonomia, pois elas também querem mostrar que podem agir para mudar sua própria situação. Portanto, não se trata de doar uma casa a elas, mas ajudá-las a conseguir uma moradia.

A partir de um trabalho interdisciplinar em conjunto com o Estado, as universidades, os centros de atenção à saúde mental, hospitais psiquiátricos e comunidades terapêuticas (um trabalho humanizado, com embasamento técnico e supervisão dos órgãos responsáveis, associados a igrejas, centros espíritas, religiões de matriz-africana, orientais e de crenças espiritualistas), pode-se oferecer melhores condições de vida à pessoa em situação de rua. Muito pode ser feito para que ela

abandone o estado de vulnerabilidade e tenha moradia, trabalho, educação (do ensino básico ao universitário) e cuidado com a saúde física, mental, emocional e espiritual.

### **12.7 Moradia: trabalhando com os “tijolos” de esperança**

Na década de 1990, realizando uma pesquisa minuciosa e dedicada, a autora Céline Sachs produziu um texto tratando da questão habitacional em São Paulo. Sachs (1999) analisou projetos da época do governo militar e os incentivos à construção de moradias populares. O resultado foi que os órgãos que deveriam incentivar e desenvolver projetos de moradia atenderam apenas 13% dos mais necessitados — estando grande parte dos investimentos destinados às classes média e mais abastadas. Os estudos revelaram que o problema da falta de moradia também está relacionado à corrupção ou ao mal uso do dinheiro público.

A autora indica algumas ações coletivas/comunitárias para promover a construção de casas populares. Por exemplo, o bairro de Vila Nova Conceição e a cidade de Osasco, na Grande São Paulo, desenvolveram modelos viáveis de habitação para atender a população de rua, a qual geralmente recorre a invasões e construção de moradias irregulares e sem nenhuma infraestrutura em espaços públicos (Sachs, 1999).

A moradia é uma questão central para grande parte dos entrevistados. A construção de moradias poderia ser realizada através de uma parceria público-privada e de apoio financeiro dos poderes executivos e legislativos, bem como de doações de pessoas jurídicas e físicas. As obras poderiam contar com a participação da própria comunidade de pessoas em situação de rua, voluntários, universidades, secretarias estadual e municipal e governo federal, forças armadas e empresas contratadas. A grande questão é que esse trabalho precisa ser iniciado para que haja confiança por parte da população e das pessoas interessadas. Devem ser escolhidos profissionais que não tenham relação com nenhum governo e que se dediquem a esse projeto prestando contas semanalmente para a sociedade, tanto por meio das redes sociais quanto por comerciais televisivos e de rádio e relatórios enviados a todos os órgãos e instituições que apoiam a causa. Acreditamos que, com o avanço das obras e os

resultados alcançados, mais incentivo, apoio e ajuda serão enviados para alcançarmos o objetivo da moradia para todos.

## **12.8 O sujeito em situação de rua no contexto de Inter-eras e possibilidades no modelo do economialismo**

A pandemia marca o início de um novo período de transição, conhecido como Inter-eras. Neste contexto de crise sanitária, social, econômica e política, testemunhamos o surgimento de uma nova fase na história global. Com dois grandes colapsos sociais - a perda de milhões de vidas devido à insuficiência respiratória e outras complicações físico-psicológicas, juntamente com a crise econômica resultante das medidas de distanciamento social, que levaram ao fechamento de fronteiras, estabelecimentos comerciais, turísticos e educacionais, bem como à suspensão de obras e serviços - a situação socioeconômica de muitos se agravou ainda mais, especialmente para aqueles que já enfrentavam grande vulnerabilidade social.

O período de Inter-eras revela uma sociedade que, apesar de proclamar ideais de fraternidade e cuidado com o próximo, muitas vezes nega a dignidade humana às pessoas em situação de rua. Isso se manifesta em atitudes como recusar oportunidades de fumar, beber ou comer algo melhor, como um doce ou sorvete, simplesmente porque estão sem moradia. Além disso, persistem preconceitos em relação à recusa de certos alimentos ou à relutância em assumir determinados tipos de trabalho. É crucial compreender que, mesmo em situação de rua, essas pessoas ainda possuem subjetividade, sonhos, desejos e liberdade.

Portanto, é essencial desenvolver atividades que proporcionem um sentido de propósito em suas vidas, considerando suas contribuições para o mundo em relação ao que recebem do meio social em que vivem e como enfrentam as crises cotidianas. Embora haja uma profusão de vídeos sobre afeto e respeito nas redes sociais durante o período de Inter-eras, estamos testemunhando um aumento alarmante da violência contra mulheres (Pesquisa..., 2023), pessoas trans (ANTRA, 2024) e a falta de políticas públicas eficazes para aqueles em situação de rua ou lutando contra vícios em substâncias, como evidenciado pelo aumento das chamadas "cracolândias" em muitas grandes cidades brasileiras.

A experiência do período de Inter-eras é marcada por uma inundação de notícias falsas, promessas de enriquecimento rápido, negação da ciência, aumento da destruição ambiental, exaltação de ideologias nacionalistas e xenófobas, construção de muros, incitação à guerra e divisões sociais. Enquanto alguns enriquecem durante a pandemia da Covid-19, testemunhamos um aumento dramático de pessoas sem-teto e miseráveis (Um novo..., 2022). Vivemos em uma era de tecnologia e informação sem precedentes, conectados virtualmente, mas distantes fisicamente.

Embora nos deparamos com belas ideias em vídeos, observamos tristes realidades nos corredores do poder e no cotidiano da vida social. Compreender como conceitos antigos se misturam a possibilidades futuristas, como videochamadas, salas de aula virtuais, robôs, drones e órgãos artificiais, é crucial. No entanto, mesmo com todo esse avanço tecnológico, é difícil determinar, por meio de um "GPS Social", para onde estamos indo como sociedade e qual será nosso destino. Portanto, é crucial focar nas novas possibilidades trazidas pelo economialismo para garantir a continuidade da vida e uma abordagem mais inclusiva e equitativa diante dos desafios impostos pelo período de Inter-eras.

A abordagem economialista no trabalho com pessoas em situação de rua visa incentivar a capacitação dessas pessoas, valorizando seus interesses e experiências de vida. Ela reconhece o bem-estar emocional como um elemento fundamental para o desenvolvimento socioeconômico, estabelecendo projetos e metas que priorizam tanto o cuidado com a saúde mental quanto o crescimento das empresas.

Uma das estratégias é promover o empreendedorismo entre os catadores de reciclagem, oferecendo apoio para melhorar suas condições de trabalho, como parcerias com instituições privadas e organizações do terceiro setor. Isso pode incluir a oferta de cursos, apoio à saúde física e emocional, manutenção de seus equipamentos de coleta e até mesmo projetos para adquirir veículos elétricos de pequeno porte para a coleta de reciclagem motorizada. Além disso, podem ser implementadas ações para facilitar a aquisição de moradias, como apartamentos individuais ou compartilhados, a fim de tirar as pessoas da situação de rua.

No contexto economialista, o incentivo também envolve conscientizar empresários e investidores sobre a importância e vantagens de investir em áreas que

promovam o cuidado com as cidades, como a construção e reforma de habitações populares e a manutenção de espaços públicos. Isso pode incluir a contratação de pessoas em situação de rua para trabalhar na conservação de vias públicas, por meio de programas de zeladoria promovidos por empresas e organizações não governamentais ou religiosas.

O desenvolvimento social é uma responsabilidade compartilhada entre trabalhadores, investidores e instituições. Portanto, a conscientização, incentivos fiscais com limites e expansão das metas de cuidado com o meio ambiente são fundamentais. Cada empresa e instituição deve incluir em seus contratos sociais e estatutos a responsabilidade de cuidar da saúde mental e do meio ambiente. É crucial destacar a importância do engajamento da sociedade e incentivar a colaboração monetizada por meio da cooperação entre os grupos, investimento econômico e dedicação em aprender sobre ações e propostas que valorizem a saúde mental, a sustentabilidade e as liberdades individuais.

As pessoas em situação de rua devem ser trazidas para o centro do protagonismo. Elas devem ser apoiadas e envolvidas em práticas que as incluam em atividades e trabalho, aproveitando as oportunidades em suas áreas de interesse. Tudo isso começa com acesso à moradia, educação e promoção da saúde.

### 13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentido de vida é construído a partir das relações do sujeito com o seu meio social e interpessoal, das suas experiências e conhecimentos teóricos. O processo de aprendizagem do sujeito é ponto-chave para o encontro do sentido. O aprendizado pode ser de teorias científicas, filosóficas ou técnicas, e também de saberes populares que são transmitidos oralmente e perpassam gerações. A experiência gera conhecimento e o aprender amplia as nossas possibilidades de experienciar a vida. Quando constrói um sentido de vida pela junção de saberes e práxis, a pessoa desenvolve-se, enfrentando o sofrimento por acreditar em um futuro diferente do presente de crises e de um passado traumático.

Além dos elementos da aprendizagem e da prática, o fazer e o viver para o outro (a autotranscendência mencionada por Frankl) levam o ser humano a encontrar um sentido de vida. O conceito de *Homo Patiens*, relacionado à transformação de situações difíceis em possibilidades de superação e crescimento, é outro componente fundamental para o elaboração de um sentido. O sentido perpassa um contínuo processo de transformação, aprendizagem, ensino, alegrias e atitudes de superação perante momentos difíceis e de dores.

Nesse trabalho, vinte e dois entrevistados trouxeram em suas falas que a vida tem um sentido. Encontramos em suas entrevistas elementos da teoria dos valores de criação, vivência e atitude, fazendo parte de suas percepções sobre a vida. Quanto à questão de enfrentamento das situações stressoras, foi analisado o “ *coping religioso*” trazido pelos entrevistados. Eles disseram que por conta de sua fé em Deus conseguem vencer dificuldades e enfrentar a vida nas ruas. Por isso, podemos afirmar que mesmo em situação de rua e enfrentando grande vulnerabilidade social, os sujeitos contruíram ou encontraram um sentido de vida para as suas existências.

A pesquisa construiu um traçado histórico, social, antropológico e etnográfico dos sujeitos entrevistados. Foram desenvolvidos conceitos a partir dos perfis das pessoas e foi elaborada uma análise socioantropológica sobre seu comportamento e meio social. Ademais, foi feito um breve resumo histórico sobre a evolução das cidades, a história da cidade de São Paulo e a relação com as questões sociais e políticas que são fatores determinantes para a atuação com a população de rua.

Percebeu-se que essa parcela da sociedade enfrentou um processo de marginalização por questões econômicas, de saúde mental, mudanças geográficas, ausência de educação e trabalho, pandemia de Covid-19 e outros fatores biopsicológicos e sociais.

Ainda, nessa tese, apresentamos as ideias do economialismo que é uma nova lente teórica socioeconômica que defende a necessidade de se elaborar um projeto econômico alinhado com o cuidado com a saúde mental e física dos trabalhadores e a preservação ambiental.

De maneira breve, discorreremos sobre o atual momento social a partir da elaboração de uma nova nomenclatura para caracterizá-lo: “Inter-Eras”. Tal momento histórico é definido por ideias antigas e até “medievalescas” que convivem com ideias progressistas e de avanço tecnológico. Ideias retrógradas circulam nos espaços virtuais, físicos e no debate social, subvertendo o “certo” e apresentando soluções simplistas para problemas complexos.

Tratamos, ainda, sobre a possibilidade de apoio e intervenções para a construção de moradias e promoção de trabalho, educação e saúde. Realizamos uma breve análise e reflexão filosófica sobre a pessoa em situação de rua e a esperança, no que tange ações individuais e coletivas. Falar sobre a esperança é vivenciar um percurso de aprendizado, crescimento, mudança e desenvolvimento humano. Assim, percebemos que a construção do sentido é fundamental para as mudanças aspiradas por governos, agentes públicos, instituições de educação, empresas e sociedade civil como um todo.

Quando há um sentido, não apenas a vida do sujeito sofre alterações, mas tudo aquilo que o cerca. Ele passa a ter condições para enfrentar desafios, sobreviver mesmo em situações difíceis e buscar soluções para problemas, seja por via da fé, enfrentamento de problema, busca de outras direções para sua vida ou construção de possibilidades individuais e coletivas para viver a vida com um sentido.

## REFERÊNCIAS

- ALLPORT, G. W. Prefácio a edição norte-americana de 1984. *In*: Frankl, E. V. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 47<sup>a</sup>. Ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1946/2019.
- ALMADA, R. **O cansaço dos bons**: a logoterapia como alternativa ao desgaste profissional. Vargem Grande Paulista, SP: Editora Cidade Nova, 2013.
- ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de psicologia (Natal)*, v. 3, p. 273-294, 1998.  
Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/epsic/a/XkCyNCL7HjHTHgtWMS8ndhL/abstract/?lang=pt>.  
Acesso em: 30 abr. 2023.
- ANTRA. Violência. [S.l.], 2024. Disponível em:  
<https://antrabrasil.org/category/violencia/>. Acesso em: 29 abr. 2024.
- AQUINO, T. A. A. Análise da narrativa de Viktor Frankl acerca da experiência dos prisioneiros nos campos de concentração. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 206-215, dez. 2012. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S18096867201200020011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18096867201200020011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- B. **Entrevista 2**. 19 set. 2023. Entrevistador: Jimmy Barbosa Pessoa. São Paulo, 2023. 2 arquivos mp4 (10 min e 52 s). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta tese.
- BARBOSA, J.; PAULINO, S. **Identidade perdida: memórias de um morador de rua**. São Paulo: Legnar, 2003.
- BENEVOLO, L. **História da cidade**. Tradução Sílvia Mazza; revisão da tradução Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 1982/2019.
- BÓGUS, L. M. M. Urbanização e metropolização: o caso de São Paulo. *In*: BÓGUS, L. M. M.; WANDERLEY, L. E. W. (Orgs.). **A luta pela cidade em São Paulo**. São Paulo: Cortez, 1992.
- CAMUS, A. O mito de sísifo. Tradução Ari Roitman e Paulina Watch. 29 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1943/2023.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987/2018.
- CIAMPA, A. C. **A identidade social e suas relações com a ideologia**. 1977. 147 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Ciências Humanas e

da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1977.  
<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16935>

CID: burnout é um fenômeno ocupacional. **Organização Panamericana da Saúde – OPAS**, 28 mai. 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/28-5-2019-cid-burnout-e-um-fenomeno-ocupacional>. Acesso em: 10 nov. 2023.

D. **Entrevista 4**. 19 set. 2023. Entrevistador: Jimmy Barbosa Pessoa. São Paulo, 2023. 3 arquivos mp4 (13 min e 54 s). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta tese.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

DIAS, A. L. F.; MIGLIARI, W. **Para entender a nota técnica**: o que o CadÚnico pode nos dizer sobre o fenômeno da população em situação de rua no Município de São Paulo? 2022. Disponível em: <<https://polos.direito.ufmg.br/nota-tecnica-sobre-a-aplicacao-do-cadunico-com-a-populacao-em-situacao-de-rua-no-municipio-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 06 mar. 2023.

DIAS, E. N.; PAIS-RIBEIRO, J. L. O Modelo de <em>Coping</em> de Folkman e Lazarus: Aspectos Históricos e Conceituais. **Revista Psicologia e Saúde**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 55–66, 2019. DOI: 10.20435/pssa.v11i2.642. Disponível em: <https://pssaucdb.emnuvens.com.br/pssa/article/view/642>. Acesso em: 20 jan. 2024.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, n. 24, p. 213-225, 2004.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Tradução de Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

F. **Entrevista 6**. 09 out. 2023. Entrevistador: Jimmy Barbosa Pessoa. São Paulo, 2023. 1 arquivo mp4 (17 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta tese.

FOLKMAN, S.; LAZARUS, R. S. An analysis of coping in a middle-aged community sample. **Journal of Health and Social Behavior**, p. 219-239, 1980. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/2136617?casa\\_token=CSMWRE2GoiwAAAAA%3AbFbPm-3ni0Gbar6-Kp9AaLtXwUdRmMvqatuLwDmAZAVnY-pAdIVSsJg3xd5K7cZLkZYTQI1k4ia\\_fBgn3EjINLTD6Ykd4uL3KjuaAIKd3R0m326n3vaa&seq=1](https://www.jstor.org/stable/2136617?casa_token=CSMWRE2GoiwAAAAA%3AbFbPm-3ni0Gbar6-Kp9AaLtXwUdRmMvqatuLwDmAZAVnY-pAdIVSsJg3xd5K7cZLkZYTQI1k4ia_fBgn3EjINLTD6Ykd4uL3KjuaAIKd3R0m326n3vaa&seq=1). Acesso em: 12 mai. 2023.

FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. Tradução por Walter O. Schupp e Helga H. Reinhold. 10ª Ed. Rev. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1948/2007.

FRANKL, V. E. **A Vontade de Sentido**: fundamentos e aplicações da Logoterapia. São Paulo: Paulus, 1969/2020a.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 47ª Ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1946/2019a.

FRANKL, V. **Logoterapia y análisis existencial**. Barcelona: Editorial Herder, 1967/1990.

FRANKL, V. E. **O que não está escrito nos meus livros**. Tradução de Cláudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 1995/2010.

FRANKL, V. E. **O sofrimento humano**: fundamentos antropológicos da Psicoterapia. Tradução de Renato Bittencourt e Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações, 1975/2019b.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e Existencialismo**: textos selecionados em Logoterapia. Tradução de Ivo Studart Pereira. São Paulo: É Realizações, 1967/2020b.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e Sentido da Vida**. Tradução de Alípio Maia de Castro. São Paulo: Quadrante, 1965/2019c.

FRANKL, V. E. **Sede de Sentido**. Tradução de Henrique Elfes. São Paulo: Quadrante, 1974/2016.

FRANKL, V. E. **Um sentido para a vida**: Psicoterapia e humanismo. Tradução de Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida, SP: Ed. Ideias e Letras, 1978/2005.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. *In*: Bauer, M.W.; Gaskell, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, p. 57-63, 1995.

H. **Entrevista 8**. 30 out. 2023. Entrevistador: Jimmy Barbosa Pessoa. São Paulo, 2023. 1 arquivo mp4 (13 min e 20 s). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta tese.

HOEBEL, E. A.; FROST E. L. **Antropologia Cultural e Social**. São Paulo: Cultrix, 1976.

I. **Entrevista 9**. 30 out. 2023. Entrevistador: Jimmy Barbosa Pessoa. São Paulo, 2023. 1 arquivo mp4 (4 min e 59 s). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta tese.

INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA – IPEA. Briga de família e desemprego são os motivos mais citados por pessoas em situação de rua para explicar sua circunstância. **Instituto de Pesquisa Aplicada – IPEA**, 11 dez. 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/14597-briga-de-familia-e-desemprego-sao-os-motivos-mais-citados-por-pessoas-em-situacao-de-rua-para-explicar-sua-circunstancia>. Acesso em: 04 out. 2023.

KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativo direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 1844/2020.

LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981/2006.

LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

LUKAS, E. **Logoterapia**: a força desafiadora do espírito. Tradução de Sá Porto. São Paulo: Edições Loyola; Santos: Leopoldianum Editora, 1989.

MARCILIO, M. L. A população paulistana ao longo dos 450 anos da cidade. In: PORTA, P. (Org.) **História da Cidade de São Paulo** – a cidade colonial. Vol. 1. Paz e Terra: São Paulo, 2004.

MONGIN, O. **A condição urbana**: a cidade na era da globalização. Tradução Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

MORSE, R. M. **De Comunidade a Metrópole**: biografia de São Paulo. São Paulo: Serviço de comemorações culturais, 1954.

N. **Entrevista 14**. 12 nov. 2023. Entrevistador: Jimmy Barbosa Pessoa. São Paulo, 2023. 1 arquivo mp4 (6 min e 6 s). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta tese.

NERY, A. D. **Distress moral entre pastores adventistas na grande São Paulo**. 2019. 193 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019. <https://doi.org/10.11606/T.47.2019.tde-19112019-191153>.

NERY, A. **A vida tem sempre um sentido?** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PARGAMENT, K.I. **The psychology of religion and coping**: theory, research, practice. New York: Guilford Press, 1997.

PESQUISA aponta aumento de violência contra a mulher no Brasil em 2022 e integrantes do Comitê de Equidade comentam os números. **Justiça do Trabalho – TRT da 4ª Região (RS)**, [S.l.], 10 mar. 2023. Disponível em:

<https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/546409>. Acesso em: 29 abr. 2024.

PESSOA, J. B. **Anjos Cansados**: O sofrimento de pastores com sintomas da síndrome de *burnout* na Assembleia de Deus ministério do Belém em São Paulo. 2020. 122 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/23445>

PESSOA, J. B. **Inter-Eras**: Um novo período na história mundial acompanhado de velhos tempos. São Paulo: IJP publicações, 2024a. Obra no prelo.

PESSOA, J. B. **Economialismo**: O primeiro capítulo. São Paulo: IJP publicações, 2024b. Obra no prelo.

PESSOA, J. B. **Fundamentos da Psicoexistência**. São Paulo: IJP Publicações, 2024c. Obra no prelo.

PORTA, P. **História da Cidade de São Paulo**: A cidade na primeira metade do século XX – 1890-1954. Paz e Terra: São Paulo, 2004.

R. **Entrevista 17**. 15 nov. 2023. Entrevistador: Jimmy Barbosa Pessoa. São Paulo, 2023. 1 arquivo mp4 (23 min e 31 s). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta tese.

ROLNIK, R. **O que é cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SÁ, R. N. **As influências da fenomenologia e do existencialismo na psicologia**. História da Psicologia: Rumos e Percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2007. p. 319-338.

SACHS, C. **São Paulo**: Políticas Públicas e Habitação Popular. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1999.

SAWAIA, B. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. *In*: Sawaia, B. B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 97-118.

SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO. Censo antecipado pela Prefeitura de São Paulo revela que população em situação de rua cresceu 31% nos últimos dois anos. **Prefeitura Municipal de São Paulo – PMSP**, 23 jan. 2022. Disponível em: <https://www.capital.sp.gov.br/noticia/censo-antecipado-pela-prefeitura-de-sao-paulo-revela-que-populacao-em-situacao-de-rua-cresceu-31-nos-ultimos-dois-anos#:~:text=Atualmente%20há%2031.884%20pessoas%20nas,rua%20no%20Rio%20de%20Janeiro>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2015.

SNOW, D.; ANDERSON, L. **Desafortunados**: um estudo sobre o povo da rua. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UM NOVO bilionário surgiu a cada 26 horas durante a pandemia, enquanto a desigualdade contribuiu para a morte de uma pessoa a cada quatro segundos. **Oxfam Brasil**, [S.l.], 16 jan. 2022. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/um-novo-bilionario-surgiu-a-cada-26-horas-durante-a-pandemia-enquanto-a-desigualdade-contribuiu-para-a-morte-de-uma-pessoa-a-cada-quatro-segundos/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

VASCONCELLOS, E. G. Se o justo não florescer como a Palmeira, o coping falhou. *In*: ZANGARI, W.; MACHADO, F. R.; PAIVA, G. J. (Orgs.). **A Psicologia do Enfrentamento Religioso na Saúde e na Doença**: Eventos em Psicologia Social – Vol. 1. CRV: Curitiba, 2023.

VASCONCELLOS, E. G. Stress, coping, burnout, resiliência: troncos da mesma raiz. *In*: ZANGARI, W.; JUNIOR, N. S. **A Psicologia Social e a questão do hífen**. São Paulo: Blucher, 2017.

VAZ SERRA, A. **O stress na vida de todos os dias**. Coimbra: Grafica de Coimbra, Ltda, 2011.

YAZBEK, M. C.; WANDERLEY, M. B. A luta pela sobrevivência na cidade: os “homeless” ou “população de rua”. *In*: BÓGUS, L. M. M.; WANDERLEY, L. E. W. (Orgs.). **A luta pela cidade em São Paulo**. São Paulo: Cortez, 1992.

## ANEXO A – TCLE

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Este documento é um convite para você participar da pesquisa: ***Uma rua sem sentido? Uma análise sobre o sentido de vida e métodos de coping com pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo.*** Que é coordenada pelo doutorando Jimmy Barbosa Pessoa, orientado pelo Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos.

Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento.

Este estudo tem como objetivo identificar no discurso das pessoas entrevistadas, nos aspectos relacionados ao sentido de vida e as atitudes para vencer situações de stress. Consiste, também, em verificar, se há diferença no discurso de pessoas em situação de rua conforme o tempo de vida na rua, gênero e sexo, idade e formação dos participantes.

Caso decida aceitar o convite, você participará do seguinte procedimento de pesquisa:

1) você responderá livremente as perguntas que serão feitas sobre sentido de vida na rua e ficará à vontade para responder o que desejar.

2) o tempo médio da entrevista é de no máximo 40 minutos;

A pesquisa não oferece risco aos participantes. Em geral não há risco nesta pesquisa.

Caso ocorra algum desconforto devido a pesquisa, ofereço-me para apoiar e prestar assistência psicológica sem nenhum custo ao participante. E ainda fornecer apoio para indicação de outros espaços de clínica psicológicas e apoio emocional.

Essa pesquisa oferece como benefício pensar sobre suas opções de vida e colaborar para o conhecimento sobre o sentido de vida e atitudes que ajudam a lidar com o stress.

Você ficará com uma via deste termo e toda a dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser esclarecida com o doutorando Jimmy Barbosa Pessoa, cujo endereço institucional e contatos são:

Avenida Prof. Mello Moraes, 1721, cep: 05508-030, Cidade Universitária – São Paulo, SP.

E-mail: [jimmypessoa@usp.br](mailto:jimmypessoa@usp.br) - Telefone: (11) 9.5294-0328

Os contatos do Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IPUSP, para possibilitar ao participante entrar em contato com o CEP para esclarecimentos pertinentes a ética da pesquisa, são: Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, Bloco G, 2o Andar, sala 27 Cidade Universitária – São Paulo/SP – 05508-030 Telefone: 3091-4182 [cep.ip@usp.br](mailto:cep.ip@usp.br)

### **Consentimento Livre e Esclarecido**

O pesquisador assegura a preservação do anonimato de sua participação na pesquisa, e o Sr. tem o direito de esclarecer todas as suas dúvidas com o pesquisador, bem como de conhecer os resultados da pesquisa, incluindo a entrevista.

Estou plenamente de acordo em participar, compreendendo plenamente todos os procedimentos e objetivos da pesquisa.

Confirmo o recebimento de uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, devidamente assinado, em conformidade com as diretrizes da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Todos os procedimentos e objetivos da pesquisa concordo em participar.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em (CONEP).

Nome do participante da pesquisa:

\_\_\_\_\_

Assinatura do participante da pesquisa:

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Jimmy Barbosa Pessoa Coordenador da Pesquisa

Assinatura do coordenador da pesquisa:

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE DE SÃO  
PAULO - USP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Uma rua sem sentido?  
Uma análise sobre o sentido de vida e métodos de coping com pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo

**Pesquisador:** JIMMY BARBOSA PESSOA

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 70515523.3.0000.5561

**Instituição Proponente:** Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.293.029

#### Apresentação do Projeto:

Este projeto de pesquisa propõe analisar se existe um sentido de vida para as pessoas em situação de rua e, em caso afirmativo, investigar como ele é elaborado. Além disso, a partir da perspectiva teórica da Logoterapia, o autor busca descobrir se os conceitos de valores de criação, vivência e atitude fazem parte da construção desse sentido. Também se propõe a realizar uma conexão entre o conceito de sentido de vida e os métodos de coping presentes nas práticas das pessoas em situação de rua para enfrentar as dificuldades da vida na rua. Nossa proposta consiste em conduzir uma pesquisa qualitativa pelo método etnográfico, com perguntas semiestruturadas, com 25 participantes, sendo 20 homens e 5 mulheres, que estão em situação de rua há mais de três anos na cidade de São Paulo. O questionário foi elaborado pelo doutorando e pelo orientador e está dividido em perguntas relacionadas à história de vida do sujeito pesquisado e sua percepção sobre o sentido da vida. Dessa forma, o autor busca compreender como as pessoas em situação de rua encontram um sentido para suas vidas, se a situação de rua é a única fonte de sofrimento, e se existe outro motivador para o vazio existencial ou alguma outra circunstância que as leva a perder o interesse pela vida e como elas superam crises e frustrações.

#### Objetivo da Pesquisa:

O autor apresenta o Objetivo Primário:

Analisar se existe um sentido de vida para a pessoa em situação de rua e, se sim, investigar como

**Endereço:** Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3091-4182 **E-mail:** cep.ip@usp.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE DE SÃO  
PAULO - USP



Continuação do Parecer: 6.293.029

ele é elaborado. Além disso, a partir da lente teórica da Logoterapia, procura descobrir se os conceitos de valores de criação, vivência e atitude fazem parte da construção desse sentido.

Objetivo Secundário:

Os objetivos específicos ou secundários desta pesquisa são: levantar a maior quantidade de informações sobre os sujeitos pesquisados, através de uma coleta de dados pelo método etnográfico através de questionário; compreender e analisar se existe a construção de um sentido de vida para estes sujeitos; realizar uma análise qualitativa dos dados a partir de conceitos teóricos de Frankl, com ênfase na construção do sentido de vida pelos valores de criação, vivência e atitude; buscar entender qual é a percepção de vida que a pessoa constrói morando na rua; registrar se as crenças, perspectivas ideológicas, situações do passado e/ou algo do presente (como os vícios ou o medo do futuro) contribuem para que permaneçam em situação de rua.

A partir dos resultados encontrados, apresentar alternativas de ações em políticas públicas para pessoas em situação de rua, visando seu apoio e assistência.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos são descritos pelo autor no Formulário:

Os riscos poderiam ser a divulgação do nome dos participantes, porém, em nenhum momento o nome dos participantes será citado. E o pesquisador estará atento a todo cuidado na escuta e atenção no espaço de pesquisa para resguardar os participantes e o próprio pesquisador.

No TCLE mais recente, refeito a partir da orientação dada, o autor estabelece que não há risco. Porém se houver desconforto do participante, o autor deverá dar apoio e escuta, bem como prover o encaminhamento para atendimento psicológico.

Benefícios:

Promoção de bem-estar para os participantes por fornecer um espaço de escuta para um grupo social que está em situação de vulnerabilidade. Desenvolver um material que trará uma visibilidade para um público invisível na cidade de São Paulo. Desenvolver propostas a partir dos dados e análises encontrados, que possam promover ações concretas que apoiem políticas públicas de moradia e promoção de cuidado com a saúde mental de pessoas em situação de rua.

Assim o autor aponta benefícios para os participantes e para políticas públicas no cuidado a pessoas em situação de rua.

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27  
Bairro: Cidade Universitária CEP: 05.508-030  
UF: SP Município: SAO PAULO  
Telefone: (11)3091-4182 E-mail: cep.ip@usp.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE DE SÃO  
PAULO - USP



Continuação do Parecer: 6.293.029

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A presente proposta consiste em conduzir uma pesquisa qualitativa pelo método etnográfico, com perguntas semiestruturadas, com 25 participantes, sendo 20 homens e 5 mulheres, na faixa etária entre 18 e 70 anos, que estão em situação de rua há mais de três anos na cidade de São Paulo.

O autor justifica estes números considerando a realidade dos moradores de rua, onde há muito mais homens do que mulheres.

Apresentam um questionário elaborado pelo doutorando e pelo orientador e está dividido em perguntas relacionadas à história de vida do sujeito pesquisado e sua percepção sobre o sentido da vida. O questionário é a base das entrevistas.

O percurso metodológico a ser adotado neste trabalho seguirá a abordagem qualitativa. Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. No trabalho intensivo de campo, os dados são coletados utilizando-se equipamentos como videoteipes e gravadores ou, simplesmente, fazendo-se anotações num bloco de papel. Para esses pesquisadores um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados. A pesquisa qualitativa é descritiva.

A análise dos dados ocorrerá a partir das perspectivas teóricas desenvolvidas por Viktor Frankl a respeito dos valores na construção do sentido da vida. Usando uma lente hermenêutica sobre a construção do sentido da vida a partir da logoterapia nas categorias de valores de criação, valores de experiência e valores de atitude. E ainda dispondo da possibilidade de uma análise dos dados a partir do conceito de coping discutidos por Esdras Vasconcelos. (o orientador da pesquisa).

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos foram refeitos - o formulário está melhor escrito. E principalmente o TCLE foi refeito em linguagem mais acessível aos participantes.

**Recomendações:**

Não há.

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27  
Bairro: Cidade Universitária CEP: 05.508-030  
UF: SP Município: SAO PAULO  
Telefone: (11)3091-4182 E-mail: cep.ip@usp.br

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE DE SÃO  
PAULO - USP**



Continuação do Parecer: 6.293.029

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Tendo atendido as pendências dos últimos envios, o projeto pode ser aprovado do ponto de vista dos aspectos éticos.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_NOVO.pdf	06/09/2023 15:55:59	CRISTIANE OLIVEIRA POLATO	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_2155771.pdf	16/08/2023 20:02:54		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_JIMMY.pdf	16/08/2023 20:02:26	JIMMY BARBOSA PESSOA	Aceito
Outros	Carta_Reposta_JimmyPessoa.pdf	31/07/2023 12:34:01	JIMMY BARBOSA PESSOA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoFinal_Jimmy.pdf	13/07/2023 18:17:33	JIMMY BARBOSA PESSOA	Aceito
Folha de Rosto	Jimmy_folhaderosto.pdf	15/06/2023 10:07:35	JIMMY BARBOSA PESSOA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_jimmy.pdf	06/06/2023 14:58:46	JIMMY BARBOSA PESSOA	Aceito
Outros	JustificativaJimmy.pdf	06/06/2023 14:57:39	JIMMY BARBOSA PESSOA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27  
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 05.508-030  
 UF: SP Município: SAO PAULO  
 Telefone: (11)3091-4182 E-mail: cep.ip@usp.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE DE SÃO  
PAULO - USP



Continuação do Parecer: 6.293.029

SAO PAULO, 11 de Setembro de 2023

---

**Assinado por:**  
**Helena Rinaldi Rosa**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3091-4182 **E-mail:** cep.ip@usp.br

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO****Parte 1: Dados sociodemográficos**

1. Faixa etária:
  - ( ) 18 a 19 anos
  - ( ) 20 a 24 anos
  - ( ) 25 a 29 anos
  - ( ) 30 a 39 anos
  - ( ) 40 a 49 anos
  - ( ) 50 anos ou mais
2. Estado civil:
  - ( ) Solteiro
  - ( ) Casado
  - ( ) Separado
  - ( ) Divorciado
  - ( ) Viúvo
3. Grau de escolaridade:
  - ( ) Analfabeto
  - ( ) Ensino Fundamental incompleto
  - ( ) Ensino Fundamental completo
  - ( ) Ensino Médio incompleto
  - ( ) Ensino Médio completo
  - ( ) Superior incompleto
  - ( ) Superior completo
  - ( ) Pós-graduado
4. Está trabalhando atualmente?
  - ( ) Sim
  - ( ) Não
5. Renda mensal:
  - ( ) Nenhuma
  - ( ) Menos de 0,5 salário mínimo

- ( ) Entre 0,5 salário mínimo e 1 salário mínimo
- ( ) Entre 1 salário mínimo e 1,5 salário mínimo
- ( ) Mais de 1,5 salário mínimo

## **Parte 2: História de vida**

1. Como era sua vida antes de estar em situação de rua?
2. Por qual motivo passou a viver na rua?
3. Possui contato com seus familiares?
4. Possui algum grupo de pessoas ou amigos mais próximos que também estão em situação de rua? Tem amizade com pessoas que não estão em situação de rua?
5. Como é sua vida, sua rotina, o que faz no dia a dia?
6. Realiza alguma atividade para ganho financeiro?
7. Onde dorme?
8. Como faz para se alimentar?
9. Onde realiza sua higiene?
10. Sobre seus pertences, onde ou com quem ficam? Ou você anda com todos eles?
11. Tem apoio financeiro de alguma pessoa ou instituição ou recebe algum subsídio do governo?
12. Quais são os maiores desafios de se viver na rua?

## **Parte 3: O sentido da vida**

1. O que significa viver na rua para você?
2. O que você mais gosta na rua?
3. O que você não gosta na vida na rua?
4. Quais as maiores dificuldades na sua vida?
5. Você precisou aprender algo para viver na rua?
6. Tem algo de sua vida antes da rua que você sente falta?
7. A rua é boa para você?

8. Como faz amigos na rua?
9. Você já teve oportunidade de morar em algum lugar como casa, abrigo, etc.?  
Se sim, por que não foi?
10. Você tem medo de viver na rua?
11. Como você entende a vida?
12. Tem algo que te ajuda a viver e vencer os desafios da rua?
13. Você pensa ou já pensou em mudar de vida?
14. A vida tem um sentido?

## APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES

### ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 1

**Arquivo: Entrevista 1 – Tempo de gravação: 11 min e 32 s**

**Realizada em 19 de setembro de 2023.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: A<sup>10</sup>

P. Oi, oi, oi, está dando certo. Valeu. Bem, vamos aqui. Sua faixa etária está entre 30 e 39 anos, é isso?

A. 31.

P. Estado civil?

A. Sou solteiro.

P. Grau de escolaridade?

A. Até quarta série.

P. Está trabalhando atualmente?

A. Eu sou autônomo.

P. Você acha que a sua renda mensal fica entre um salário mínimo, dois salários mínimos, menos de um salário mínimo ou mais de um salário mínimo?

A. Menos.

P. Vamos lá. Como era a sua vida antes de viver aqui em situação de rua?

A. Eu morava na Venezuela. Da Venezuela eu vim para cá e eu queria viver uma vida de viajante. Só que ainda não começou como tal, mas pelo menos eu estou aqui, não estou numa barraca e tal, porque é mais fácil. Pagar um aluguel por aqui está difícil.

---

<sup>10</sup> Foi atribuída uma inicial, criada a partir de pseudônimo, para cada entrevistado e entrevistada, a fim de manter o seu anonimato.

P. Sim. Por qual motivo você passou a viver em situação de rua?

A. Só pela liberdade mesmo.

P. Você possui contato com seus familiares?

A. Sim.

P. Tem algum grupo de pessoas, amigos mais próximos também, que estão em situação de rua, que vivem aqui com você?

A. Sim.

P. Você tem amizade com eles? E o que vocês fazem no dia a dia?

A. Aqui, olha.

P. Faz trabalho, divide a comida?

A. A gente faz uma comida, a gente... Todo mundo come.

A. A gente trabalha no farol, fazendo malabares, a gente trabalha nos artesanatos.

P. Legal. Como é que é a sua rotina normalmente? O que é que tu faz no dia a dia? Como é que acontece o teu dia a dia de trabalho? Como é que é?

A. O que que eu posso dizer?

P. Acordo de manhã tal horário, faço tais coisas.

A. Como?

P. Acordo de manhã tal horário, faço o trabalho.

A. Ah, não tem horário. É... precisamente isso. Que não tem horário.

P. Tá. Tu tem alguma... a atividade que você diz que faz pra ter um ganho financeiro é malabares? E faz artesanato?

A. Malabares, e eu faço umas palhaçadas no domingo, na Paulista.

P. É? Como é essas palhaçadas?

A. Ah, eu... Eu boto uma maquiagem e a gente vai acompanhar uma amiga aqui trabalhar e... a gente faz umas rolancinhas pras crianças, pras pessoas pular corda...

P. Legal, interessante. Você dorme aqui mesmo?

A. Sim.

P. Tá.

A. Do outro lado. Monto uma barraca e...

P. Quando você tem que realizar higiene, tomar um banho, fazer alguma coisa, como é que vocês fazem?

A. Tem uma igreja aqui descendo na Nova de Julho?

P. Sim.

A. Aí mesmo.

P. Então vocês fazem tudo lá? A galera da igreja ajuda lá, o pessoal?

A. Só tomar um banho.

P. Tá. Teus pertences, com quem fica, tipo, as tuas coisas?

A. Como?

P. Teus pertences, tuas coisas, como é que fica o pessoal?

A. Fica aqui, eles cuidam.

P. Legal.

A. É, nem todo mundo vai todo dia, entendeu?

P. Tá.

P. Aqui, o governo ou alguma instituição financeira já deram, eles já quiseram dar algum apoio pra vocês? Fizeram alguma coisa?

A. É... Tem assistência social que passa por aqui de vez em quando.

P. Aí eles ajudam em alguma coisa, assim?

A. Sim, mais ou menos. Por exemplo, eles chegam aqui perguntando se tava faltando alguma coisa. Se... Sei lá, ele tava prestando os seus documentos, ele tá esperando a resposta deles aí, ó.

P. Tá.

A. Mas, pelo menos, passaram por aqui.

P. Na Venezuela, você chegou a trabalhar com que área lá?

A. A mesma coisa. Só que também eu faço umas artes digitais, eu trabalhava com Photoshop. Aqui, cheguei a fazer no telefone, utilizando aqueles aplicativos que nem Canvas. CCPress. E... Fazia... Trabalho de informática. Conserto de computadores, essas coisas. Hoje em dia, não sei se conseguiria mais, ainda mais porque em cinco anos a tecnologia avançou bastante... Sei lá...

A. Acho que eu tô desatualizado.

P. Qual o maior desafio de viver na rua?

A. Não é desafio, eu não acho desafio, eu acho normal.

P. Normal?

A. É.

P. Legal.

A. É normal, tipo... A gente não vive preocupado por nada. A gente mora aqui, pronto.

E se preocupa só pela comida, pelo essencial. E é isso.

P. O que significa viver na rua pra você?

A. Como?

P. O que significa viver na rua pra você?

A. Ah, é... Nada. É, é só morar mesmo.

P. Qual o motivo de você estar vivendo na rua? Você falou mais ou menos já? Você disse que pela questão de querer ser um viajante.

A. Não entendi.

P. Qual o motivo de você estar vivendo na rua mesmo? Só de ser um viajante?

A. É, só por causa de querer ser viajante. Se tivesse achado um bagulho pra alugar, tal, de repente. Mas... Tá difícil, então a gente montou uma barraquinha por aí.

P. O que você mais gosta de viver na rua?

A. Como?

P. O que você mais gosta?

A. Não tem uma coisa que eu goste ou que eu odeie, simplesmente eu não fico. Curto o momento, o dia, é isso.

P. Qual será um, se você fosse pensar na sua vida assim, qual será a maior dificuldade que você já teve?

A. Maior dificuldade? De viver na rua?

P. Não, no geral.

A. Aqui em São Paulo a dificuldade é o dinheiro pra nós. Nós, malabaristas. Em país, lugares onde a gente paga mais.

P. As pessoas ajudam mais?

A. É, aqui em São Paulo é um pouco difícil.

P. Entendi.

A. Mas em outras coisas as pessoas fortalecem.

P. O que você precisou aprender pra viver na rua?

A. Aprender, essencialmente... O que a gente tem que aprender pra viver na rua é... Respeito, cara. Porque se você não respeita ninguém, um dia você vai tomar o seu.

P. Legal.

A. As pessoas na rua são muito ásperas.

P. Tem algo antes da sua vida na Venezuela, antes de viver na rua, que você sente falta? Alguma coisa que você sente falta? Antes de viver na rua?

A. A comida da minha mãe. Não tem como.

P. Você liga pra sua mãe às vezes?

A. Aham. WhatsApp. Ah, o WhatsApp faz magia.

P. É verdade. A rua, você pensa que é boa pra você? A rua, nesse ponto?

A. Como?

P. A rua é boa pra você?

A. Ah, não é boa, também não é ruim, tá ligado? Simplesmente... É o que é.

P. Sim. Você fez todos os amigos aqui na rua? Você fez os amigos que você tem, todos foi na rua aqui?

A. Tudo por aí.

P. Tudo por aí mesmo? Legal. Já teve oportunidade de morar em algum lugar? Tipo, abrigo, esses lugares que a prefeitura oferece? Alguma coisa assim, já pediram?

A. Já fui num abrigo desses que fazem pras pessoas que vêm de outros países principalmente. Lá em Roraima tinha. Mas não gostei.

P. Por quê?

A.. Não gostei.

P. Por que você não gostava lá? Por que você não gostava lá?

A. Dos abrigos... É que... Mano, como é muita gente, como é muita gente, nem todo mundo vai ser asseado, penado, tá ligado? Sempre vai ter um problema. Então os banheiros acabam sendo uma merda. A comida é simplesmente pra nós ter alguma coisa pra comer. Também não digo que eles tenham que manter nós. Mas... É isso.

P. Tu acha que podia ser melhor?

A. Então eu não critico, mas também não gostei. Então eu busquei o meu melhor ajuste. Se podia dizer. No canto que eu achei melhor e tô aqui.

P. Você tem medo de viver na rua?

A. Não. Não tenho problema com ninguém.

Outro: A rua tem medo dele. Eu sou a rua.

P. Como você... O que você pensa sobre a vida? O que seria a vida pra você?

A. A vida? Mano, eu acho que a gente tem que viver ela e pronto. Do jeito que a gente melhor acha que vai curtir ela. Sei lá, porque tipo... A gente tá aqui de passagem. Esse

planeta aqui gerou vida por conta de um ciclo só. Depois de completar esse ciclo, esse planeta vai voltar a ser o que era. Que é um monte de fogo e tal. E quem sabe depois vai voltar a ter vida de novo. Outro tipo de vida diferente. Antes do fogo tragar ela. Então a gente vai morrer antes de tudo isso, né? Mas é isso, mano. É tudo passageiro. Então a gente tem que aproveitar.

P. Tem algo que te ajuda a vencer e a viver os desafios da rua?

A. Eu?

P. Já pensou, tipo, o que fazer da sua vida depois, assim?

A. Ah, eu quero mudar, quero fazer isso.

A. Sim, tô pensando em fazer outras coisas. Porque eu gosto muito da fotografia e das minhas artes digitais. Informática também gostaria de... Que de vez em quando alguém me chamasse assim pra consertar um computador. Sei lá, me pôr ao dia nos negócios, né? Que há muito tempo que não mexo com um.

P. Se você pensasse em algo que pudesse ajudar toda a população que tá passando nessa mesma situação. O que você pensa? O que você diria? Acho que se eu fizesse isso, ajudava bastante a gente.

A. Nunca fui bom com isso.

P. Então não pensa em...

A. Não, porque também eu sou um tipo de pessoa que não gosta de que ninguém diga nada, então...

P. Alguma proposta? O que você faria pra poder ajudar?

A. Eu não gosto de dar muitas opiniões.

P. E o que você faria pra poder ajudar as pessoas também, se você pudesse?

A. Ah, se eu pudesse ajudar, eu ajudaria, sei lá, de qualquer jeito que desse, mano. Mas... Se desse, né? Então, por enquanto, não dá, então...

P. Vai fazer o seu corre. Valeu.

A. Mas é isso.

P. Obrigado.

A. Até mais.

P. Não deu nem vinte.

## ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 2

**Arquivos: Entrevista 2 - Parte 1 – Tempo de gravação: 2 min e 14 s / Entrevista 2 - Parte 2 – Tempo de gravação: 8 min e 38 s**

**Realizada em 19 de setembro de 2023.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: B

Parte 1

P. A gente está aqui hoje, fazer a leitura do TCLE aqui, autorização do nosso participante. A gente vai lá então. A sua faixa etária, tá em quantos anos mais ou menos?

B. É, 50.

P. Então você tá entre 50 e mais. Seu estado civil?

B. Solteiro.

P. Você estudou até que...

B. Quinta série.

P. Você tem noção da sua renda mensal? Se dá um salário mínimo?

B. Um salário mínimo.

P. Beleza. Como era a sua vida antes de viver na rua?

B. Cara, era uma vida sem descoberta do que era. A verdade, né? Era uma vida oculta, né? Porque era uma vida que a gente ainda vivia em casa, né?

P. Interessante. Qual foi o motivo que você foi viver na rua?

B. A vontade de conhecer o mundo. Descobrir coisas novas, né?

P. Você veio de onde?

B. Eu sou da Bahia.

P. É? Salvador?

B. É, Eunápolis.

P. Aunápolis?

B. Eunápolis.

P. Eunápolis.

B. Eunápolis.

P. Aí você possui contato com seus familiares ainda?

B. Consigo ter contato, sim, sim. Um oi, tudo bem? Boa noite, né?

P. Tipo WhatsApp? Essas coisas?

B. Não, não. Não, pessoalmente mesmo, é.

P. É? Eles moram aqui também, em São Paulo?

B. Não, moram na Bahia.

P. Ah, você vai lá às vezes?

B. É.

P. Você vai como pra lá?

B. É, clandestino. Ônibus clandestino.

P. Ah, se pá é aqueles que...

B. Mais barato, é. Isso, é esse mesmo, é. É o leva... É o leva periquito e leva louro.

P. Você tem algum grupo de amigos, familiares que você tem contato com eles?

B. Tem, tem uma galera que a gente... Trabalha junto aqui na Paulista.

P. Eles estão em situação de rua também?

B. Também, também.

P. Ah. É... Como é que é a sua vida, sua rotina, seu dia a dia? O que é que você faz?

B. Ah, o dia a dia é trabalho, né? A gente tem que trabalhar para se autossustentar, né?

P. Como é que você faz?

B. Ah, eu trabalho com artesanato e eu trabalho com um trabalho chamado Arte Livre, que ele é nos bares, restaurantes, né?

B. O pessoal que está andando na rua, a gente consegue abordar eles e vender a mercadoria que a gente tem.

P. Onde é que você dorme?

B. Ah, eu durmo aqui do lado. Bem aqui ao lado, é. Segunda barraca aqui na rua Rio Claro.

P. Como é que você faz para se alimentar?

B. A alimentação ainda tem as doações, né? Que aparecem e a gente também trabalha para se manter, né? Com esse salário que a gente ganha sempre consegue...

## Parte 2

B. No momento da pandemia, tinha os banheiros públicos, né? E antes disso a gente paga num hotel aí embaixo, nesses hotéis que eles alugam por hora, e toma banho nesses hotéis mesmo, né?

P. Teus pertences, tuas coisas, fica com quem? Você deixa...

B. Dentro da barraca, dentro da barraca, dentro da barraca. Deus cuida. Deus cuida, é?

B. Deus cuida, é.

P. E aí, sobre essa questão também do... Apoio financeiro, de instituição, do governo, tem alguma coisa?

B. Não, na realidade até o meu cadastro foi negado.

P. Por quê? Você sabe?

B. Não sei, cara. Não me deram nada. Fui, cadastrei, mas acho que alguém recebeu no meu lugar, né? Passei a pandemia, nada, nada. Nem o auxílio ainda não deu certo.

P. Cara, quais são os maiores desafios de viver na rua?

B. Cara, é tentar entender o preconceito da humanidade. O ser humano hoje ele tem muitos preconceitos das pessoas que estão um pouco abaixo dele. Geralmente vem de uma escala de altura, né? O maior vai oprimir aquele que é maior também. E o menor vai querer oprimir o menor.

B. E o menor que é menor ainda oprime mais ainda. Então a gente vive na opressão daquelas pessoas que não têm entendimento, né?

P. Entendi. O que significa viver na rua pra você?

B. Viver na rua pra mim significa resistência, né? Amor à liberdade, à tranquilidade. E a convivência, né, com o ser humano de perto a perto, né? Quando você mora dentro

de uma casa, às vezes você não consegue ter contato nem com o vizinho, né? E aqui você tem contato com todo mundo.

P. O que você mais gosta de ver na rua?

B. Cara, as crianças que tão nela. O que é o mais bonito é as crianças, né?

P. Entendi. Qual o motivo principal de você tá vivendo na rua?

B. Liberdade.

P. Liberdade?

B. Liberdade, é.

P. O que você não gosta de ver na rua?

B. Cara, é, como se diz, a violência, né. De pessoas que não podem nem se defender. Geralmente tem muitas pessoas que são violentadas e não podem se defender. As ameaças da sociedade, que é o pior de tudo.

P. Qual a maior dificuldade de viver na rua?

B. Cara, a maior dificuldade é ficar doente. Como a gente não fica doente, não tem dificuldade.

P. Entendi. O que você precisou aprender pra viver na rua assim?

B. Cara, ter paciência e sabedoria. Você tem que ser paciente e sábio, né?

P. Sabedoria principalmente como, assim?

B. Pra poder dissimular, né, o entendimento do que as pessoas querem de mal pra você. Porque o mal tá no olhar, né? Você não precisa nem falar, só de você olhar você já passou a energia, né?

P. Tem alguma coisa da rua, que você tá na rua, né? Da tua vida antes, assim, da tua vida que tu sente falta hoje na rua? Que tu tinha antes?

B. Na realidade, eu acho que a rua me completa em tudo. O que a gente sente falta na rua é apenas os pais, né? Eles não estão presentes, né? Eles estão na casa deles. Mas a partir do momento que a gente se separa dos pais, corta o cordão umbilical, acho que já não tem aquela necessidade de estar tão perto. A gente vive igual os chineses, pela mente.

P. Interessante. A rua, cara, você pensa que a rua é boa pra você?

B. Cara, a rua é boa porque a minha sobrevivência vem dela, né? Tá ligado? Tudo que eu tenho que fazer tá aqui. Não só na rua, eu digo em qualquer outros lugares, praia, campo, fazenda, cachoeira. Acho que tudo é uma liberdade, né? Que aqui a

gente tá mais pela facilidade, né? São Paulo, a rua é a facilidade que você tem de ter as coisas. Em outro lugar, você não tem tanta facilidade.

P. Como é que você faz amigos na rua?

B. Com diálogo. Um diálogo de arte livre. A gente consegue dialogar com as pessoas que são alegres. Que a arte é para quem é alegre. As pessoas que são alegres gostam de arte. As que não são alegres, não gostam de nada.

P. Você teve a oportunidade de morar em alguma casa, abrigo?

B. Já, já, já tive, já tive. Mas eu não quis, não, não, não. Na realidade, eu prefiro um lugar que você possa estar livre, né? Você sabe que tudo tem regras, né? E as regras, às vezes, elas não são tão necessárias, né?

P. Então, por isso que você achou melhor não ir?

B. É... porque tem regras pra mim que não... não cabem pro meu cotidiano de dia a dia, né? A liberdade de horário, né? Às vezes, se a gente ir pra um abrigo, você tem que chegar na hora certa. De repente, você trabalha no horário que eles querem que você entre.

P. Você tem medo de viver na rua?

B. Cara, eu tenho medo das pessoas. As pessoas a gente sempre tem medo, né? Porque a gente não sabe quem que tá passando do teu lado. Quando aquela ameaça é verdadeira ou é mentirosa. Tipo, aqui de manhã passa vários aqui e a maioria fala, vai, vamos botar fogo. Não mata, não, irmão, bota fogo. Então, tipo, é uns caras que a gente sente a energia da maldade, né? A maldade é aquela que você fala.

P. Como é que você entende a vida?

B. Cara, entendo a vida como se fosse um aprendizado, né? A gente veio aqui só pra aprender. Aprender e se comportar pra ver se você vai ter um descanso espiritual diferente, né, do que você não tivesse aprendido que a rua vem te ensinar, né?

P. Tem algo que te ajuda a viver e a vencer os desafios da rua?

B. Cara, é superá-los.

P. Mas o que é que te move a superá-los?

B. Ah, Jesus Cristo. Jesus Cristo é a grande base de tudo, né? Ele também morou na rua, né? É, é. Jesus Cristo também foi da rua. Na realidade, na época dele da rua não tinha... É, não tinha tanta facilidade como hoje, né? Hoje você morar na rua é fácil.

Jesus Cristo, na época que ele morou na rua, não. Você pode ver que o que levou ele a rua, levou ele a cruz, né?

P. Sim.

B. Porque ele quis pregar a verdade e acabou deixando ele meio complicado, né?

P. Você já pensou em mudar de vida, alguma coisa assim, sair dessa situação?

B. Cara, eu já pensei em mudar de vida quando morrer. E vai mudar de vida mesmo, porque a vida só tem uma mudança quando você vai embora dela. Porque a vida vai ser sempre a mesma, né, cara? Você com dinheiro ou sem dinheiro, acho que você não vai mudar.

P. Por que você pensa que muda a situação?

B. Acho que a situação, cara, a situação é boa. Eu digo assim, é de você poder estar no meio de todo mundo. De não estar escondido, sabe? Porque a casa era como fosse um esconderijo. Tipo, você quer uma casa pra quê? Pra morar, não. Você quer uma casa pra se esconder.

P. Se você pensasse sobre o sentido de vida da tua vida, qual seria?

B. Não entendi.

P. O sentido da vida pra você?

B. Cara, o sentido da vida é tentar continuar fazendo o que eu faço sem prejudicar ninguém. É igual o Cazuzza, né? Ele falava que fazia mal pra ele mesmo, né? Não pra ninguém, né? Então eu acho que esse é o grande sentido da vida, né? É você viver ela sem fazer mal pra ninguém.

P. Esse tem sido o seu sentido de vida, assim?

B. É, viver sem fazer mal a ninguém. Aí você tá em paz, você vai viver a vida toda, né? Você nunca vai deixar de viver.

P. Se você pensar sobre algo que pudesse ajudar a população de rua, o que você pensa?

B. Cara... Só a fé. Acho que não tem ajuda maior... do que a fé. E a fé você não pode dar, eles têm que ter, né?

P. Você pensa que tem que partir da pessoa isso?

B. Tem que partir da pessoa, né? Acho que cada um quer a sua melhor, a partir do momento que ele quer mudar, o que ele quer fazer. Acho que cada um tem uma viagem na rua, tem uma visão. Uns querem paz, tranquilidade, sossego. Outros

querem esperança de vencer, de ter um emprego, de estudar. Mas isso aí vem dele, né, cara? Não adianta você chegar e puxar pela orelha que ele vai sair, vai botar... Tipo a moça que ela nunca vai sair da merda se ela não quiser. Tipo, acho que ela pode sair pra outro lugar, pra uma flor. Mas depende do pensamento, da vida de cada pessoa. Acho que cada pessoa, ela sabe o que faz.

P. Sim. Boa, viu? Gostei.

B. Eu acho que cada pessoa sabe o que faz. Acho que ninguém pode mudar ninguém.

P. Tem que partir da...

B. É igual você perguntar. Vamos começar. Se fosse não, não posso. Então acho que isso vem de cada pessoa. Acho que você ajuda a pessoa até com papo.

P. Boa! Obrigado.

B. Legal, meu irmão. Gratidão. Tamo junto.

P. Eu que agradeço a você.

B. Sucesso pra você.

## ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 3

**Arquivo: Entrevista 3 – Tempo de gravação: 10 min e 45 s**

**Realizada em 19 de setembro de 2023.**

[ ] Homem [x] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: C

P. Então a gente tá aqui, vamos lá, qual é a sua faixa etária? Você tá entre 25 a 29 anos?

C. Isso.

P. Seu estado civil?

C. Solteira.

P. Grau de escolaridade? Você estudou...

C. Fundamental incompleto.

P. Você tá trabalhando atualmente?

C. Sim, eu sou artesã.

P. A tua renda de salário mínimo varia mais ou menos entre um salário mínimo, um salário mínimo e meio, não tem renda?

C. Eu acho que entre meio salário e um salário. É oscilante.

P. Como era a sua história de vida antes de viver em situação de rua? Como é que foi?

C. Ah, a minha... Eu morava com a minha família, né? O pessoal acabou não me aceitando direito. Aí acabei ficando grávida, minha mãe me pôs pra fora de casa e fora de casa eu fiquei.

P. E o seu bebê, ou era bebê, como é que ficou?

C. A minha bebê acabou ficando com o meu pai. Como eu era menor na época, não teve muita coisa que eu pudesse fazer a respeito.

P. Qual foi o motivo que você passou a ver na rua mesmo? Dessa situação, foi você ser tirada de casa pela família?

C. É, foi falta de aceitação mesmo.

P. Entendi. Você morava onde?

C. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

P. Como é que você veio para São Paulo?

C. Ah, depois de um certo tempo em situação de rua, comecei a ver que tinham pessoas que viajavam, decidi fazer um pouquinho de mochilão, conhecer um pouquinho do Brasil e acabei vindo parar aqui.

P. Você possui contato com seus familiares?

C. Não.

P. Com seus amigos da rua que você fez aqui, como é que é?

C. Olha, a convivência é tranquila, não vou dizer lá que eu tenha muitos amigos, tem muita gente com a qual a gente só convive mesmo, mas abre aspas a convivência é tranquila.

P. Como é a tua rotina, o teu dia a dia, o que é que você faz?

C. Comumente eu levanto em torno de umas 8 horas, eu pego meu artesanato, vou pra calçada, costumo trabalhar até umas 7 ou 8, depois disso é o horário que eu paro pra comer alguma coisa, quando eu tenho dinheiro e venho descansar. Hoje foi um dia a parte porque eu tô com crise de úlcera desde o sábado, então eu tô com uma dor horrorosa e eu não tô conseguindo nem transportar minhas coisas da barraca pra calçada.

P. Você dorme aqui nessa barraca?

C. Aqui.

P. Na barraca mesmo?

C. Isso.

P. Como é que você faz pra se alimentar?

C. É, trabalhando, né? A gente vai, espera vender uma coisa ou outra, compra, às vezes chega alguma coisa de doação, mas não é sempre.

P. Onde você realiza a sua higiene? Banho, toalete?

C. Higiene ultimamente tá meio complicado porque os locais que a prefeitura cedia pra gente, em grande parte foram fechados. Que eram as tendas que atendiam a região do centro. Aí a gente vai improvisando, né?

P. E aí a prefeitura fechou e fez alguma outra coisa?

C. Não. Foi só fechado mesmo por questão que acabou o tempo de contrato, a prefeitura não quis renovar, e não foram oferecidos outros locais ou recursos, pelo menos, não que eu tenha ficado sabendo.

P. Teus pertences, as tuas coisas, elas ficam aonde?

C. Na barraca.

P. Você tem apoio financeiro do governo?

C. Não, eu tinha apoio financeiro até o final do ano passado, mas eu fui fazer a renovação do cadastro único, eu não sei por qual motivo eles entenderam que deveria ser cortado o meu benefício. Então, desde o mês de novembro eu não tenho recebido nenhum tipo de ajuda do governo.

P. E alguma instituição te ajuda também? Tipo, tem alguém que te ajuda ou...

C. Não.

P. Quais são os maiores desafios de viver na rua?

C. Olha, sinceramente, é tentar conquistar um pouco de dignidade. Porque as pessoas sempre vão te olhar com aquele olhar de quem menospreza ou quem não te quer por ali. Por mais que você tente trabalhar ou fazer alguma coisa diferente, você sempre vai ser tachado como um inútil ou um vagabundo ou alguma palavra pejorativa do gênero.

P. O que significa viver na rua para você?

C. Sobreviver, tecnicamente.

P. Se você pensasse qual o principal motivo de tá vivendo na rua, que você decidiu continuar vivendo na rua, qual seria?

C. O principal motivo seria, acredito, que a falta de suporte do próprio Estado pra gente poder tá conquistando algo. A nossa Constituição diz que todo cidadão tem direito a uma moradia, mas eu me vejo em situação de rua e eu não vejo nenhum tipo de ajuda do Estado em relação ao local. Até porque eu trabalho, tenho uma certa renda, daria pra se fazer algo a respeito, mas não se consegue recursos.

P. O que você mais gosta de viver na rua?

C. Olha, o que eu mais gosto é a liberdade. Se eu decidi que eu não quero mais tá aqui, eu pego minhas coisas e vou.

P. Você, tipo, como é que você pensa sobre isso? Você já se mudou de vários lugares, então.

C. Sim, já passei por muitos lugares e... bem, quando se torna desconfortável ou por algum motivo eu não quero mais estar ali, eu tenho toda liberdade pra ir embora.

P. O você não gosta de viver na rua?

C. Acredito que a forma que a sociedade nos enxerga, a forma truculenta pela qual a gente é tratado pelo Estado e principalmente pela polícia e as humilhações diárias que a gente tem que tá passando. É uma questão bem complicada.

P. Qual a maior dificuldade de viver na rua?

C. Olha, muitas vezes a nossa própria dificuldade vem do próprio clima. As intempéries do clima podem ser pesadas às vezes. Muita chuva ou muito calor, como tá acontecendo agora, é um pouco complicado isso, porque muito calor a gente não tem o que fazer pra se desfazer do calor, muita chuva, na maior parte das vezes a gente também não tem pra onde fugir.

P. Quando você pensa sobre o que foi necessário aprender, você precisou aprender algo para viver na rua?

C. Muito, muitas coisas. Foi um amadurecimento precoce, mas foi útil.

P. Se você fosse pensar sobre o que seria mais importante você aprender, você tinha como dizer o que foi?

C. Cautela. Cautela é sempre necessário.

P. Em algo antes... Na sua vida, antes de vir à rua, tem algo que você sente falta?

C. Sinceramente, não.

P. A rua é boa pra você?

C. Olha... Eu ficaria no meio termo. Acredito que eu não posso dizer que seja totalmente bom nem totalmente ruim. Tem o seu equilíbrio.

P. Como é que você faz amigos na rua?

C. Dificilmente faço.

P. Teve a oportunidade de morar em algum lugar como casa, abrigo, etc.?

C. Já me ofereceram oportunidades em albergues mas infelizmente a falta de respeito é bem predominante, o pessoal furta pertences, usa drogas, substâncias ilícitas dentro

do local e normalmente não é feito muita coisa a respeito. Então acredito que não seria um local bom pra que eu estivesse.

P. Por isso que você não foi morar então nesses lugares?

C. É, exato. Eu não acho que eu seja melhor do que ninguém, mas tem certos tipos de situações que eu já não quero mais tá convivendo no meu dia a dia. Eu faço o possível pra evitar.

P. Entendi. Quando você pensa sobre isso, você tem medo de viver na rua?

C. Não. Eu tenho medo de não saber até quando essa situação pode se estender.

P. Você quer que ela acabe, então?

C. É, eu quero que ela acabe. Eu tô tentando buscar suporte, apoio pra poder fazer alguma coisa.

P. Como é que você entende a vida?

C. É uma grande bola de merda.

P. Por quê?

C. Você nunca sabe onde é que ela começa e quando ela vai acabar. E de que forma ela vai te acertar.

P. Tem algo que te ajuda a viver e vencer os desafios na rua?

C. Olha, eu acredito que seja a persistência mesmo. Força de vontade. Tem alguma coisa que você leva na sua vida da rua? Tem alguma coisa que você acredita, tem algo que te ajuda a vencer? Como alguma ação que você colocou, que você faz, que você realiza também, esses desafios?

C. Desculpa, não exatamente. Normalmente o que me mantém firme é a perspectiva de poder conseguir alguma coisa melhor, por mais que precise ser bem longe daqui. Mas é o que me mantém inteira.

P. Você pensa, pensou, já sobre mudar de vida?

C. Tenho tentado fazer isso, mas infelizmente eu acredito que o nosso país torna inviável.

P. Principalmente por quê?

C. Porque aqui eu tenho meu trabalho desvalorizado, menosprezado, todos os dias. Todos os dias, pelo menos uma pessoa passa pelo meu trabalho e menospreza. Bem, no meio do ano eu recebi uma proposta pra ir trabalhar fora do país, com uma pessoa que está abrindo uma loja, do mesmo nicho de artesanato que eu faço. Então esse é

um dos motivos porque eu acredito que no meu próprio país eu não vou poder construir, porque meu trabalho é menosprezado.

P. Por isso que você pensa em mudar de vida?

C. É, por isso eu penso em mudar de país e de vida.

P. Se você pensasse sobre algo que poderia ajudar mais a população em situação de rua, o que é que você pensa?

C. Eu acredito que o governo deveria se reunir talvez com ativistas ou pessoas que tivessem interesse na causa pra construir políticas públicas eficientes, porque as políticas públicas voltadas pra situação de rua hoje em dia, elas são uma porcaria.

C. Eu não sou assistida de nenhuma forma pelo governo. Eu tive meu benefício cortado em meados do ano passado e, infelizmente, até agora eu não consegui nenhum retorno, nenhum apoio. A máquina pública tá simplesmente tentando marginalizar e tacar o pessoal pro fundo do poço. A população de rua só aumenta e o descaso do Estado também.

P. Se você pensasse sobre o sentido da vida pra você, qual é?

C. A vida não tem sentido.

P. A vida não tem sentido. Obrigado, C.

C. Beleza.

P. Gostei.

## ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 4

**Arquivos: Entrevista 4 - parte 1 – Tempo de gravação: 1 min e 27 s / Entrevista 4 - parte 2 – Tempo de gravação: 2 min e 48 s / Entrevista 4 - parte 3 – Tempo de gravação: 9 min e 39 s**

**Realizada em 19 de setembro de 2023.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: D

Parte 1

D. Aqui no frio tem coragem de trabalhar.

P. É melhor, né?

D. Mas no calorzão não tem coragem nem de pegar carroça pra sair debaixo de 40 graus.

P. Não dá. A sua faixa etária, quantos anos o senhor tem?

D. 50 anos.

P. Tá. O seu estado civil?

D. Praticamente casado.

P. Tá, legal. A sua escolaridade? O senhor estudou até que ano?

D. Até a 5ª série.

P. Tá. O senhor tá trabalhando atualmente?

D. Com a reciclagem.

P. Reciclagem, legal. A sua média de renda atualmente fica variando em que?

D. Assim por dia por dia, dependendo do material, às vezes sai cem conto, às vezes sai sessenta, setenta.

P. Por mês dá uns dois salários, três?

D. Ah, dá menos. Dá menos.

P. Um salário e meio?

D. Ah, um salário e meio, por aí.

P. Como era a sua vida antes de viver em situação de rua?

D. Antes eu trabalhava nas firmas, nas fábricas, né? Trabalhava em várias firmas aí, registrado e tudo. E era tudo por contrato também, né? Acabava os contrato e já era, era rua.

P. Qual foi o motivo que o senhor passou a viver em situação de rua?

D. Foi que eu perdi minha mãe, né, nesse começo da pandemia aí, né? Começou essa pandemia aí do coronavírus. E minha mãe, como ela já era de idade, até mesmo dentro de casa se cuidava, se tratava e tudo, mesmo assim ela começou a passar mal e foi pro hospital e eu fiquei em dúvida se foi no hospital que ela pegou a Covid através dos outros ou foi dentro de casa.

## Parte 2

D. É onde o cara vai só cometer maldade. Já há vários vídeos que vem aí os caras querem perturbar aqui direto, quem tá na rua, né? A rua não tem... dizer que tem amizade na rua, tem tudo, tem nada, na rua é só maldade.

P. Como é que o senhor faz com seus pertences, pra guardá-los e tudo? D. Tá tudo dentro daquela carroça ali, ó. Opa, tudo. Até dentro da outra carroça.

P. O senhor fica andando com eles, então?

D. Não, ela fica parada aí direto, aí. Fica direto, encostado do jeito que tá ali, ó. Eu ando com essa outra carroça aqui, pô. Uma praticamente é a casa, hein. Aquela lá praticamente é a casa, a minha morada, né.

P. Sim.

D. E a outra é onde eu corro atrás de...

P. E a sua companheira fica aqui, então?

D. Não, ela vai comigo. Ela roda comigo também, atrás da reciclagem e tudo. Nós só abaixo as portas D...

P. Vai embora.

D. E sai no mundo aí, pô.

P. Você tem algum apoio financeiro de alguma instituição, da empresa, de algum governo?

D. Não tenho nada. Não tenho nada do governo. A única coisa que eu tenho é o Bolsa Família. A única coisa que os caras me dá aí pra me dar uma força aí é esse Bolsa Família, esse auxílio aí, velho. Fora isso, eu corro atrás da reciclagem mesmo, conto só com a reciclagem. Uma coisa que eu perdi umas vistas agora também, né, meu. Eu tava fazendo uns tratamentos aí no hospital, e essa última vez que eu fui agora no dia 12 agora, passei de novo lá, e era uma coisa que tinha magia, viu? E uma dessa vista aqui mesmo eu perdi, velho. Estava esbagaçada, tudo zoada. Aí eu falei, como eu só tô com o olho só agora, não teve mais jeito, o cara deu, falei, você tem que sair, você não precisa falar nada. Você ir lá onde o cara determinou que não tem mais jeito suas vistas mesmo, você vai ficar o resto da vida com um olho só, você pede um laudo pra eles, você leva no INSS, o médico do INSS lá da perícia vai periciar, se ele confirmar que a sua vista tá perdida de tudo mesmo, aí ele vai dar uma aposentadoria por incapacidade de trabalhar, mano. Incapaz de trabalhar, porque você não pode trabalhar puxando carroça com uma vista só. Ninguém pode, pô. Aí pode acontecer um acidente, uma tragédia aí, e eu...

P. Sim. E o senhor vai fazer isso então?

D. E eu ia procurar aposentadoria, eu ganhando aposentadoria do INSS, do governo, aí eu ia, dava até pra me alugar uma casinha, um quartinho aí e sair da rua, pô. Ficar mais de boa, mais tranquilo com a mulher, né. Só queria aposentadoria, porque sem auxílio aí também não dá muito. Pra pagar um aluguel e pra comer não dava. Não tinha como.

P. Quais os maiores desafios de viver na rua?

D. O maior desafio é enfrentar a maldade dos outros que estão na rua, das outras pessoas que estão na rua. Esse é o maior desafio. Porque você dorme à noite e você não sabe nem o que vai acontece, pô. Não sabe se vai vir um outro, causar maldade com você e tudo, o outro vai tacar fogo na carroça, roubar o que você tem. Muitas vezes na rua acontece isso. Toda hora...

## Parte 3

D. Feia mesmo, só quem tá na rua mesmo é que sabe o que que passa na rua. Quem tá vivo, quase que nem tá na rua, esses 30 anos que eu quase vivo na rua aí, já tem uma vida na rua que foi só a vida de... Sobreviver por Deus, velho. E Deus que dava os livramentos, colocava a mão. Aí já enfrentei muita... muita coisa ruim na rua aí.

P. Como é viver na rua pro senhor?

D. É ruim.

P. O que significa?

D. É muito ruim. É como se o cara estivesse praticamente no deserto, vegetando, né, mano? Vegetando no mundo.

P. Esse é o significado de viver na rua para o senhor?

D. É. O cara tá na rua, é a mesma coisa que ele tá vegetando. Pra ele já não existe mais saída. Não tem mais nada na vida. Só resta mesmo a mesma morte. Muitos caras aí, eles esperam o que? Esperam a morte só. E eles acham que não tem mais saída, né? Eu ainda procurei saída, corri pra ir pra igreja. Eu acredito que Deus ainda... Pra Deus sempre há uma saída, né, mano? Sempre tem uma solução pra Deus. Deus é o impossível. Vai pra muitos aí que nem eu, que vivem na rua usando droga, bebendo cachaça. Esses que vivem bebendo cachaça, usando droga, esses caras acham que não têm mais saída, velho. Os cara querem morrer mesmo usando droga. Eu era um ex-viciado em droga, era ex-viciado de droga, cachaça. Aí depois que eu saí de umas companhia errada, mano, tomei a decisão de ir pra igreja, parei de usar droga, parei de beber cachaça. Parei com tudo, cara. A única droga agora que eu uso agora é o cigarro, né meu? E ainda tô rezando, pedindo a Deus pra largar o cigarro também e parar com tudo.

P. Qual o motivo de você tá vivendo na rua hoje?

D. Ah, hoje eu vejo um monte de coisa na rua. Tudo que não presta, que presta, eu vejo na rua.

P. Não, qual o motivo?

D. Hoje? Ah, hoje eu praticamente... Até não apareceu um monte de gente aqui, tava tranquilo aí mesmo.

P. O que o senhor mais gosta na rua?

D. Na rua eu só gosto mais do meu trabalho aí, meu. Fazer meu trabalho e... E vivia de doação também, não preciso mais, não dependo mais de doação. Agora...

P. Do que o senhor dependia?

D. Compro um alquinho no pão de gasolina, faço meu café, que nem ia fazer agora meu café. Fiz um arroz agora meio dia, pra mim comer com a mulher, fritar linguiça de uma cesta aí que me... vira e mexe eu ganho na rua aí, o alimento que a senhora me dá na rua. E aí eu faço debaixo da carroça, né, mano?

D. Alimento, café... Aí... Correndo atrás, né, pô.

P. O que que você não gosta de viver na rua?

D. Na rua? Eu não gosto de ver esses caras que tá sofrendo assim, pior do que eu, né, meu? Nas condições mais piores do que eu. Vi um parceiro meu deitado aqui, deitado aqui ó, que eu ia até dar ia dar um arroz pra ele, né, mas como eu comi arroz puro hoje, aí eu falei pra mulher que eu ia fazer um café e ia levar um café e um pão pra ele, que eu tenho aí, né, e que ia dar um arroz puro pra ele, porque eu comi arroz puro também, só com a linguiça.

P. Sim.

D. E tem parceiro meu que, olhando pros parceiros meus, nas condições piores do que eu, o que me entristece é ver os cara pior do que eu, meu. Eu ainda tenho a carroça, eu corro atrás do meu ganha-pão. Talvez as pessoa me ajudem, mas uns parceiros igual esse, assim, ó. Colega meu, velho. Dá-me dó, velho. Corta o coração, pô. Eu tava falando com a mulher agora aí, ó. Pô, eu não tenho muito, mas o que eu tiver, eu posso me dar um cara desse aí.

P. Qual a maior dificuldade da sua vida, na situação de rua?

D. A maior dificuldade?

P. É.

D. A maior dificuldade é conseguir um lugar pra morar, uma casa mesmo.

P. O que o senhor precisou aprender pra viver na rua?

D. Ah, eu precisei aprender muita coisa, viu cara? O mundo pra mim foi uma escola. A rua pra mim foi uma escola, né mano? O que eu não aprendi quando eu estudava lá atrás, parei na quinta série, eu aprendi no mundo. Aprendi na rua, aprendi tudo o que é errado e o que é certo, né mano? Na rua eu aprendi o que é fazer coisa errada e fazer o que é coisa certa.

D. O que é ajudar o próximo, o que não é ajudar, com quem andar, com quem não deveria andar. Aprendi tudo isso.

P. Tem algo na sua vida antes da rua que você sente falta?

D. Antes da rua?

P. É.

D. Dos filhos, né, mano?

P. E onde é que eles estão?

D. Tá tudo lá em São Mateus, no Parque Santa Madalena. Duas tá lá, no Madalena, e duas tá em Mauá ainda, né, com as minhas irmãs. Eu tive que entregar meus filhos, porque depois que eu vim pra rua, que eu fiquei sem nada mesmo, perdi os empregos nas firma, por causa de contrato. Não tinha situação e os cara não dava pra ele, comecei ... mandar pra bancar ele, dar pensão pra ele. Então, deixei com as minhas irmã que tinham mais condições, deixei com a minha ex-mulher também, que tinha mais condições de ficar com as menina.

P. Quando o senhor saiu do desemprego, qual foi o motivo?

D. Foi o contrato mesmo, né? Eu trabalhava por contrato, né? Todas as firma que eu passei, era tudo contrato. Contrato de dois anos, contrato de seis meses, contrato de um ano. Aí vencia o contrato e ia pra rua, pegava meus direito e ia pra rua. Aí cheguei numa certa idade, numa situação de saúde, que eu não passava mais em teste nenhum pra entrar nas firma.

D. Aí o único jeito era correr pra reciclagem, né? Correr pra reciclagem. ... na carroça e partir pra reciclagem pra não ficar sem a moeda, ficar sem dar a força pra minha mãe, pra minhas filha.

P. A rua é boa pra você?

D. É ruim, velho. Muito ruim a rua. Eu mesmo, se eu pudesse, eu nem taria mais na rua. Eu todo dia de manhã cedo peço pra Deus, faço minha oração, peço pra Deus que me prepare uma casa, me tire da rua, me tire desse deserto que eu tô aqui, velho. Que aí eu vou ter mais paz, mais sossego, vou ter mais tranquilidade. Se virar pra comer, pra beber, eu sei que Deus dará um jeito, né, meu Deus, não deixa ninguém pra necessidade, pra passar fome. Mas o que eu mais queria mesmo era sair daqui da praça e ir pra dentro de uma casa. Que Deus abra as portas de uma casa e falasse, isso aqui é sua, mano. A partir de hoje, nunca mais você vai viver na rua.

P. Como é que você faz pra ter amigo na rua?

D. Na rua é difícil ter amigo. Eu mesmo não tenho amigo na rua, né, mano. Tem uns coleguinha aí que passa, é bom dia, boa tarde e pronto. Ele segue o caminho dele e eu sigo o meu, né? Mas amigo, amigo mesmo eu não tenho. Amigo mesmo só é minha mulher, né? Minha mulher e Deus, né?

P. Você já teve oportunidade de morar em algum lugar como casa, abrigo?

D. Não, eu já procurei esse tipo de hotel social aí, mas os caras não deram nem atenção pra mim. Disse que não podia me arrumar.

P. Você tem medo de viver na rua?

D. Tenho, muito medo. Tenho medo de tudo na rua. Medo de morrer na madrugada, medo de... em qualquer momento... acontecer algo de grave comigo. Não acontece porque estou nos caminhos de Deus, né, mano? Estou buscando a Deus. Mas, se não... Quando eu vivia... Antes de eu... Eu vivia nessa praça aqui, nessa Avenida Paulista aqui. Eu vivia na Praça da Sé. Lá era mais perigoso ainda, lá que eu tinha mais medo ainda. Porque lá era lugar de só gente de... da pior espécie. Que tinha lá. Antes de eu vir pra cá.

P. Como é que o senhor entende a vida?

D. Ah, a vida eu entendo... de altos e baixos, né, pô. Uma hora tá... alto, baixo, uma hora a pessoa tá... na situação boa, outra hora a pessoa tá numa situação ruim. Uma hora a pessoa tá caminhando pra frente, outra hora a pessoa volta pra trás. É altas e baixas, né?

P. O que que ajuda o senhor a vencer esses desafios na rua?

D. Deus. O que me ajuda é Deus. Primeiramente, Deus, né, mano? Porque se eu não tiver fé em Deus, se eu não tiver na presença d'Ele agora...

P. O senhor pensou, já pensa em mudar de vida?

D. Penso, é o que eu mais quero. O que eu mais quero que Deus me ajude a mudar de vida, ter uma nova vida, uma nova situação. De deixar tudo isso aqui que eu tô passando para trás. Esquecer que, pôr na minha cabeça, fazer de conta que eu nem passei por isso aqui. Quando eu tiver numa nova vida mesmo, Deus me dê uma nova vida, uma nova casa, uma nova perspectiva de vida. Eu nem lembrar disso aqui, isso aqui vai ficar no passado.

P. Existe um sentido de vida pro senhor?

D. Ainda tenho sentido de vida, né? Ainda tenho sentido de vida, tenho alegria. Eu ainda tenho alegria, ainda cumprimento as pessoas, ... as pessoas, né? Cumprimenta. Ainda tenho a esperança de vida ainda, acredito, ainda creio num milagre ainda que vai acontecer. E a vida ainda... tem muitos aí que eu vejo aí, né, meu, que acham que a vida não tinha mais sentido, não tinha mais perspectiva. A Vi fala de muita gente que já se jogou de viaduto, já deu cabo da própria vida, mas eu... Eu falo pra mulher mesmo nas condições que eu tiver, na situação que eu estiver, eu entrego tudo nas mãos de Deus e Ele tá no controle, né? Tá no controle de tudo, do meu trabalho, da minha situação, de tudo que eu faço. A hora que Ele estender as mãos e falar, meu, seu milagre chegou, glória a Deus. Só dobrar o joelho e agradecer a Deus e seguir o meu caminho.

**ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 5**

**Arquivo: Entrevista 5 – Tempo de gravação: 8 min e 16 s**

**Realizada em 09 de outubro de 2023.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: E

P. Vamos aqui gravar, dia 9 de outubro, fizemos a leitura do TCLE, apontando todas as questões, deixando ali uma cópia e aqui vamos começar. E., a sua faixa etária, você está em qual idade?

E. Eu tô com 37.

P. Você segura aí?

E. Sim.

P. Legal que fica pertinho de você. Então você vai ficar entre 30 e 39. Seu estado civil?

E. Solteiro.

P. Você é solteiro?

E. Solteiro.

P. Grau de escolaridade? Você terminou o ensino médio?

E. Completo.

P. Completo. Muito bem. Você está trabalhando atualmente?

E. Não.

P. Você... como é que você faz? Atualmente você pensa que quando você faz seu serviço, você está entre menos de um salário mínimo, metade do salário mínimo, entre meio e um salário mínimo...?

E. Menos.

P. Menos de um salário mínimo.

E. Menos.

P. Certo. Como é que era a sua vida antes da situação de rua?

E. Trabalho.

P. Você trabalhava?

E. Trabalhava. Na igreja mundial.

P. Na igreja mundial. Você trabalhava com que função?

E. Limpador de vidro.

P. E qual foi o motivo que você passou a viver na rua?

E. Pandemia.

P. Você ficou desempregado?

E. Fiquei desempregado na pandemia.

P. Certo. Você possui contato com seus familiares?

E. Não.

P. Algum grupo de pessoas mais próximos, que também estão em situação de rua, com amizade com o pessoal de rua? Você tem amizade com pessoas em situação de rua também?

E. Tem. Convive eu e meu irmão aqui.

P. É?

E. É.

P. Como é a sua vida, sua rotina? O que você faz no dia a dia?

E. Ah, eu sou reciclador, mexo com reciclagem. A partir de... praticamente o dia, só que roubaram meu carrinho, que eu trabalhava. Então, agora eu não trabalho. Trabalho durante a noite, só a noite.

P. Como é que você faz pra pegar as coisas? Você leva no ombro? No saco?

E. No saco.

P. Como é que... aí você... onde é que você dorme?

E. Aqui.

P. Aqui?

E. Aqui.

P. Como é que você faz pra se alimentar?

E. Ah, tirando... tem alguns restaurantes que ajudam, tem outros que a gente pega, joga fora e a gente vai pegando, se alimentando, da melhor forma.

P. Onde é que você realiza sua higiene?

E. Aqui também.

P. Aí quando é pra tomar banho, assim, como é que você faz?

E. Não, aí eu vou lá, na tenda lá, na Santa Cecília.

P. Certo. É... Sobre os teus pertences, com quem que ele fica? Ou você fica andando com todos eles direto?

E. Depende. Eu levo mais o que é pessoal.

P. Entendi.

E. Mas o resto fica tudo aqui, na maloca.

P. Você tem algum apoio financeiro, de alguma instituição?

E. Tenho nada.

P. Você recebeu algum subsídio do governo?

E. Não. Também não recebo.

P. Pra você, quais são os maiores desafios de viver na rua?

E. Preconceito. Preconceito... É tudo. Que as pessoa julga muito, mas não sabem a situação que a gente vive. Às vezes a gente faz o certo, pra não fazer o errado. Não roubar, trabalhar, meter a mão no lixo. E as pessoas veem a gente de outra forma.

E. De outra forma. Acha que a gente somos bicho. Julga.

P. O que significa viver na rua pra você?

E. Um desafio.

P. Qual o motivo de hoje você está vivendo na rua?

E. O motivo? Ah... É a circunstância, né? Trabalho. Só trabalho. Se não fosse isso, eu não tava na rua.

P. Se você tivesse um emprego, você conseguia sair da rua?

E. Conseguia.

P. Você precisa de uma oportunidade?

E. Uma oportunidade.

P. Boa, isso é importante. O que você mais gosta de viver na rua? Tem alguma coisa que você gosta de viver na rua?

E. Que eu gosto de viver na rua?

P. Tem alguma coisa?

E. Não.

- P. Não. O que que você não gosta da vida na rua?
- E. Ah, que eu não gosto, é o medo. Tenho medo de acontecer algo, né? A gente nunca sabe. Tanto na rua como em qualquer residência. Aqui a gente tá disposto a tudo.
- P. Quais são as maiores dificuldades na sua vida?
- E. A maior dificuldade? Não sei, essa não tem.
- P. Tem mais de uma? Tem alguma questão que é muito difícil pra você que você pensa, isso é muito difícil pra mim?
- E. É difícil só voltar pra minha terra. Que eu acho que é difícil.
- P. Porque você não quer, porque não tem condição?
- E. Porque não tenho condição.
- P. Você queria voltar?
- E. Lógico, com certeza.
- P. Você precisou aprender algo para viver na rua?
- E. Hã?
- P. Precisou aprender algo para viver na rua?
- E. Não, não precisei aprender nada. Cair nela foi fácil.
- P. Tem algo antes da sua vida na rua que você sente falta?
- E. Tem, minha família, minha casa, isso que eu sinto falta.
- P. A rua é boa pra você?
- E. Não, não é boa.
- P. Como é que você faz amigo na rua?
- E. É questão de humildade, ser humilde, ser alegre, demonstrar felicidade, não demonstrar tristeza.
- Outro: Você não quer ajuda, moço...? A gente quer ajudar ele...
- P. Eu sou pesquisador da USP, e eu tô fazendo um trabalho de pesquisa com a pessoa..., mas se quiser ajudar ele está sempre aí.
- Outro: Eles querem comida, mais comida?
- P. É, passa aqui, deixa uma ajuda pra eles, tá bom? Aí ele está sempre aqui na força, mais o irmão também, está trabalhando, catando reciclagem. Tá bom? Procura ele aí. Obrigado. Você já teve oportunidade de morar em algum outro lugar, como casa, abrigo?
- E. Ah, em abrigo já.

P. Por que que você não foi?

E. Muitas das vezes é porque... É documento. Sempre tem aquela rigidez, então aí já não compensa.

P. Você tem medo de viver na rua?

E. Hã?

P. Medo de viver aqui na rua?

E. Tenho.

P. Como é que você entende a vida?

E. Ah, como que eu entendo a vida? A melhor forma, a melhor forma é continuar ajudando o próximo, fazendo com que você melhore cada dia mais.

P. Tem alguém que te ajuda a viver e vencer os desafios da rua?

E. Não. O desafio, só Deus.

P. Então Deus é que te ajuda a viver?

E. Deus é que me ajuda a viver, a vencer, melhorar.

P. Você já pensou ou pensa em mudar de vida?

E. Penso todo santo dia. Todo santo dia. Mudar, de sair dessa. Só uma oportunidade tá faltando.

P. Você pensa que a vida tem um sentido?

E. Muito. Construir família. Ter sua própria moradia, conseguir seus objetivos.

P. Boa, fechou.

## ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 6

**Arquivo: Entrevista 6 – Tempo de gravação: 17 min**

**Realizada em 09 de outubro de 2023.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: F

P. Mas você fica entre... Qual é a sua idade?

F. A minha idade é 48.

P. Então você fica entre 40 e 89. O seu estado civil?

F. Solteiro.

P. Você estudou até que série?

F. Até quinta série.

P. O ensino fundamental um, é completo. Você está trabalhando atualmente?

F. Não, eu tô com um problema de saúde.

P. Qual foi o seu problema de saúde?

F. Trombose, insuficiência venosa crônica. Aí deu um monte de coisa, deu úlcera na perna, uma úlcera. De vez em quando essa úlcera abre e depois ela volta de novo.

P. Você tratava aonde?

F. Eu tratava lá no... Eu tratava lá no Santa Casa. Aí de Santa Casa eu tratava no posto aqui perto.

P. Você ganha algum benefício do governo, alguma coisa?

F. Não, eu ganho, ganho, ganho.

P. Então, fica entre uma média de um salário mínimo?

F. Um salário mínimo.

P. Como era a sua vida antes de viver na rua?

F. A minha antes de viver na rua, eu tinha saúde... quando a minha saúde era boa eu trabalhava. Aí depois, como é que você fala? É... Depois que eu comecei a ficar doente com esses problema, você fica debilitado. Debilitado, porque eu não pude fazer, nem tênis eu posso calçar. E vários trabalhos, às vezes, várias oportunidades aparecem, e eu não posso trabalhar por causa disso aqui, que nem agora. Ali, aquele evento que tem aqui agora, aqui.

P. Sim.

F. Nessa casa aí. Tava aparecendo pessoas pra trabalhar, eu não pude trabalhar por causa disso, da perna. Olha aí. Várias coisas que, às vezes, deixa a pessoa debilitada.

P. Sim.

F. No caso tem pessoa que acha que a pessoa fica doente, tá com ouro no bolso, não tem nada, a doença te mata. Porque você não pode mais trabalhar, tem pessoa que fica te julgando, te invejando, tem pessoa que acha que a pessoa tá com dívida, que a pessoa tá doente, deixa eu falar, que a pessoa quer ficar doente. Então tem pessoa que... Tem pessoa que... que julga uma coisa que não existe.

P. Entendi.

F. Eu escuto várias coisas, ela come e dorme, que não sei o quê. Isso me deixa até constrangido, porque o seguinte, porque eu não queria ficar... você acha que eu queria ficar doente? Que a doença te mata, todo dia, porque, se eu parar de tomar o antibiótico, parar de tomar o dipirona, eu vou começar com febre. E fica deprimido, posso calçar tênis.

P. Você possui contato com os familiares?

F. Hã?

P. Possui contato com os familiares?

F. Não, eu perdi o contato com os meus familiares.

P. Totalmente.

F. Eu perdi o contato com os meus familiares, perdi o contato.

P. O que acontece?

F. Então, eu tô tentando me recompor de novo.

P. Por quê?

F. Praticamente, praticamente pra mim foi um baque, depois que eu perdi minha mãe daí eu fiquei mais... Porque mãe é mãe, né, cara? Você pode ser tudo, a única pessoa

que pode te dar um... Como é que se fala? Uma... ajuda em tudo, né? Do lado emocional pra conversar, né? É difícil, né? Então acontece. E depois eu fiquei com esse problema aqui e eu fiquei mais... Mais debilitado, mais ainda. Porque eu perdi mais de mais de 20 empregos.

P. Se você possui algum contato de amigos, em situação de rua, você tem amizade com pessoas em situação de rua também?

F. Não, tem umas pessoas que tem que estar passando por uma situação de rua, que são gente boa, que tem coração bom, tá passando porque mesmo assim tá por causa de problemas, mas tem muitas pessoas boas.

P. Como é que é a sua vida, sua rotina, seu dia a dia?

F. Na minha vida é o seguinte, eu não tô podendo mais tramar, pegar peso, né? De vez em quando eu faço uma coisa, eu cato as latinha, de vez em quando eu vendo umas bala. De vez em quando eu vendo umas bala, de vez em quando eu vendo umas bala... Mas é o seguinte, conviver com o preconceito às vezes é muito difícil, conviver com o preconceito. Você que tem um problema de saúde, no meu caso, você tem que ficar trancado dentro do quarto e não mostrar pra ninguém que você tem um problema de saúde. Porque tem pessoa que fica olhando e te julgando, querendo saber da sua vida, querendo saber do seu passado pra tentar te... Tem pessoa que ao invés de ajudar o próximo, quer atrasar a vida do próximo.

P. Onde é que você dorme normalmente então?

F. Vou dizer uma coisa pra você. Eu pagava pensão. Eu sempre morei em pensão, sempre morei no quartozinho, né, pra tentar me recuperar, pra voltar a trabalhar. Eu sempre morei em pensão, entendeu? Eu sempre quis a cura. Mesmo que às vezes tem médicos que falam, ah, essa perna não tem cura, mas não volta a estabilidade. Não, mas pra Deus tem, Deus é maravilhoso, né? E o que acontece? Poxa, aí a vida paga um quarto, e a vida pago um quarto. Sempre paguei quarto. Sempre paguei quarto. Mas depois eu comecei a ficar meio debilitado, minha perna piorou, na época aí, deu uma... Eu tive... não sei se foi três ou duas parada cardiorrespiratória, né? E fiquei meio... perturbado da cabeça. Mas assim, fiquei surdo, tava ficando surdo. Deu uma hérnia aqui também, uma hérnia. Aquilo foi tudo me debilitando.

P. Como é que você faz para se alimentar?

F. Olha, o que eu faço pra me alimentar, às vezes eu como no restaurante, né? Se eu for tirar dinheiro pra comer no restaurante, meu dinheiro não dá, né? É... e peço ajuda às pessoas. As pessoas que ajudam eu, ajuda. Tem pessoas que ajudam, tem coração bom, ajuda o próximo.

P. Onde é que você faz as suas higiênes? Toma banho, faz uma coisa assim?

F. Quando eu tomo banho, eu tomo banho ali no ..., ali perto. E às vezes eu mesmo tomo banho com o meu chuveiro, com as minha garrafa. Não tá aqui não, tá lá. Eu não posso ficar sem lavar a perna.

P. Entendi.

F. Mas...

P. Os seus pertences, falando disso, onde é que você deixa as suas coisas, seus pertences, suas garrafinhas, seus chuveirinhos? Você deixa aonde?

F. Olha, infelizmente, se eu deixar... Já me roubaram muitas coisa. O que eu fazia? Eu fazia uma... Ali perto da Barra Funda? Tipo uma... Tipo uma casinha mesmo, de pano, do... Mas às vezes deixava lá e pegava. E às vezes a gente não bota mais por causa do rapa.

P. Entendi.

F. Porque vai e tira tudo.

P. Tira tudo, leva tudo.

F. Aí eu deixo com o rapaz lá.

P. Quais são os maiores desafios de viver na rua?

F. Poxa, tem muitos desafios, cara.

P. Se você pensasse nos três maiores assim, quais são?

F. Ó, muitos desafios. É, é, é, como é que se fala? Pra viver na rua assim, cara, é muito desafio. Já fui roubado várias vezes. Já roubaram até meu dente. Levaram o dente que tava dentro da minha bolsa. Levaram minha mochila. Um cara já me deu o mata-leão. Duas vezes. Me deu o mata-leão duas vezes. Roubaram minha muleta, roubaram meu dinheiro. Roubaram meu documento. Meus documento, meu cartão, meu título. Então, meu título. A rua, isso aí não... Como é que você fala? Cara, se eu fosse a pessoa, isso aí... Tentar... Orar pra Deus pra não ficar nessa vida. Porque muita discriminação... As pessoa te discrimina. Tem pessoa que tem um coração... Sabe o que é que a pessoa passa. Mas tem pessoa que só pensa em te criticar... Se

marcar na... Ajuda a acabar com a sua vida. Afundar ainda mais a sua vida. Tem pessoas de coração bom, já peguei pessoas de coração bom que até choram por você. Procura não olhar o seu passado, tem pessoas que quer olhar só, quer descobrir qual é seu passado, pra poder te danificar. Tem pessoa que fica com complexo de estado, tem pessoas que fica com complexo de estado, negócio de estado, mas por que você não volta pro seu estado? Mas tem pessoa que quer ajudar o ser humano com amor, né? Mas tem pessoa não, que só pensa em danificar a vida dos outro. Então, é, porque é que a...

F. Como é que é? Não entendi a...

P. Pesquisa.

F. Não, o negócio pra pôr aqui.

P. Ah, sim. Os desafios, os maiores desafios...

F. É, muitos desafios, muitos desafios, porque a rua se você não saber viver você arruma outro problema. Tem pessoa que quer ... contigo à toa.

P. O que significa viver na rua pra você?

F. Hã?

P. O que significa viver na rua?

F. Eu posso falar como pessoa. Isso aqui é uma escola, sabe? É uma escola, meu. É uma escola. É uma escola. E é uma coisa que eu espero a Deus para nunca mais voltar ...

P. Tem alguma coisa que você gosta de viver na rua?

F. Pô, eu posso falar como pessoa? Às vezes, é até bom que você esquece de tudo. Tudo. Entendeu? Você esquece de tudo, da tua vida. Que nem a vida, às vezes quando eu tinha minha vida melhor, eu viajava pra outros lugares, mas... Não era em termos de poder vagabundar, fazer alguma coisa. Pô, vou ali que eu vou crescer. Eu vou lá que eu vou crescer. Eu vou... retornar à minha vida habitual. Eu vou crescer. Mas às vezes não dá, mas... Você passa por um certo tipo de epidemia que você não quer nem saber nada, você quer encher a cara de bebida, de cachaça, se marcar até droga, né?

F. Mas eu não uso crack não, graças a Deus.

P. Sim.

F. A única droga que eu usei mesmo, que me dá uma doença, é a cocaína. Você não vai ficar mexendo.

P. O que é que você não gosta na vida da rua?

F. Falar uma coisa pra você? É... Tem muita covardia. Muita covardia, muita... muita... Burocracia, discriminação. Muita discriminação.

P. Qual é a maior dificuldade da vida da rua, que você falou da vida da rua? Quais são as maiores dificuldades que você tem?

F. É porque é o seguinte... Que pra... pra tu viver na rua, você tem que tá com a saúde boa.

P. Sim.

F. Não. Porque eu com a saúde boa, mas, pô, só um... você vai em tal lugar... Quando eu tinha a saúde boa, eu andava praticamente em São Paulo andando a pé. Eu gostava. Cê vai... cê vai ali numa igreja, cê vai em outra igreja, cê vai e de repente fazer um...

F. Como é que é? Fazer um... aquele negócio lá, o... Esqueci o nome.

P. É, peregrinação?

F. Do CAPES.

P. Ah, tratamento. Tratamento do CAPES.

F. Então, o problema é contigo. Às vezes você tem que ficar parado pra não ficar doendo.

P. Tem algo antes... Deixa passar esse... Você precisou aprender algo pra viver na rua?

F. Poxa, olha, é o seguinte, eu... Deixa eu falar. Eu aprendi muita coisa. Porque você é um ensinamento, né? É um ensinamento. Tem pessoas que já caem por outro ritmo. Eu não. Eu penso no bem, penso em melhorar, né? Eu convivi com muita coisa nessa rua, muitas coisa que eu vi na rua, muitas coisas. E é um... quando a pessoa tá com, tá com... Não tá, seu lado emocional, não tá seu lado emocional bem. A pessoa não tá com... Você nem quer saber de nada. Quantas pessoas já vi morrendo na rua e com cachaça? Quantas pessoas eu vi perder a perna por causa de droga, de cachaça, que às vezes não quer ir no médico, que o cara... Se larga, sabe? Acha que tá tudo perdido. Então é um aprendizado na vida, acredito nisso.

P. Tem algo de sua vida antes da rua que você sente falta?

F. Da rua? Poxa, eu não sei te explicar sobre isso. Como assim, no caso?

P. Que você sente falta? Ah, antigamente, antes de eu viver na rua, eu tinha isso na minha casa, tinha...

F. Ah, sinto muita falta. A falta do conforto. Né? Do conforto. E da... Como é que você fala? A sua... Como é que é? A sua privacidade. Né? Privacidade. Poxa, e você poder sentar no... No sofá, poder ler uma bíblia, ler, sentar na sua casa e ver uma TV, né? E ver uma televisão, e você pensar o que vai fazer amanhã... Não. Na rua é difícil.

P. A rua é boa pra você?

F. Não, não, pra mim não é boa não. A rua não é boa pra ninguém, cara. Se a rua fosse bom, muita gente queria ficar na rua. A rua é boa pra ninguém. Só que é o seguinte, às vezes é bom você ficar no lugar sozinho, sem ter... Ó, escutar esse canto dessas árvores aí, ó, o barulho. É, respirar um vento é bom. Você pensa aqui não, Papai do Céu, ó, tá aqui por aqui. Você pegar, assustar esse barulho da árvore, aí é bom. Ruim é aquela barulheira, aquelas brigas. Eu já vi muito isso em rua, brigas.

P. Como é que você faz amigos na rua?

F. Hã?

P. Como é que você faz amigos na rua?

F. Não, eu faço o seguinte, eu de vez em quando eu pago uma pensão, e quando eu não tenho dinheiro, eu durmo assim nas rodoviárias, né? Não sou de dormir assim não, nas rodoviárias.

P. Você já teve oportunidade de morar em algum lugar? Tipo assim, um abrigo, uma casa de alguém?

F. Ó, é o seguinte, a minha questão, uma coisa que eu quero é voltar a arrumar um lugar pra mim, um quartozinho, sabe, né? Ou então, tentar voltar, com a minha família lá no estado do Rio, né?

F. Aí então, eu tô sem tratamento, né?

P. Sim.

F. Pra poder, né? Às vezes é muito confuso.

P. Sim.

F. Você fica debilitado.

P. Você tem medo de viver na rua?

F. Ah, ... eu tenho. Agora, eu tenho. Antigamente eu não tinha medo não, né? Porque... quando você tá passando com o problema, sabe? Você tá... você não quer saber de nada. Você não tá nem aí, você... Você sai deitando no lugar, tá nem preocupado com a vida. Com vergonha de... com problema de vergonha. Sabe? Hoje eu vou... cada dia que passa, eu tô ficando velho. A gente vai ficando velho e vai cansando também, né? Isso não é vida não, né?

P. Como é que você entende a vida?

F. Há?

P. Como é que você entende a vida?

F. Como é que eu entendo a vida? Poxa, cara, é o seguinte... Pra você entender a vida, a vida... Pra você entender a vida... Pelo... pelo... O que você passa, você entende... O que você tá passando e você... Aí você tá vendo, eu penso assim, como é que você perguntou então, se eu... Aí você tá vendo. Se você tá desencadeando o que tá acontecendo aqui com a sua vida, aí você vai, mas no meu entender a vida é bela, tem que saber viver, mas na situação de rua você não tem como, cara.

P. Tem algo que te ajuda a viver e a vencer os desafios da rua?

F. Ah, é só ter o conhecimento da palavra de Deus. Pra mim é só orando, fazendo oração, né?

P. Você pensa ou já pensou em mudar de vida?

F. Eu já pensei em mudar de vida. Já pensei em mudar de vida, pensei em tornar, tentar fazer uma... Arrumar uma varoa, um pessoal, né? Pra eu poder tentar, uma pessoa que presta, poder me dar mais conselhos, né? E tentar encontrar mesmo de novo, no caso tentar conversar com meu irmão de novo porque meu irmão é muito gente boa. Tem muitos irmãos, muitas pessoas que gostam de mim.

P. A vida tem um sentido?

F. A vida tem um sentido, pô? Um sentido enorme, cara. Enorme, porque, se você errar na vida, sua vida vai andar mais pra trás. Se ficar errando, tem que tentar pedir o certo. O certo é isso, você tentar ter sua casinha, tocar sua família, que gosta de você, né? ... É bom você tentar outras pessoas, que é até melhor que sua família. Já aconteceu isso comigo. E tentar pedir ao Papai do Céu muita força pra poder sair desse negócio de rua porque as pessoa, quer ver mais a pessoa na merda, a pessoa fica mais na merda ainda. E inventando, se discrimina. Existe pessoa boa, e existe

pessoa que um ... entra dentro delas pra poder atrapalhar a vida dos outro. É, atrapalhar a vida dos outro. Atrapalhar, inventar coisa que não existe, ao invés de ajudar o próximo. Tem até pessoa que é pra trabalhar pelo próximo. Essas pessoa, entra o mau nelas, atrapalha mais ainda. Piora, parece que não quer ver a mudança nas pessoa. Já aconteceu isso comigo, até fazendo curativo, já passei por pessoa que fazia curativo na minha perna, parece que tava até com nojo, né? Então tem até certo tipo de coisa, cara, a vida é assim. Eu vou vivendo e aprendendo na vida.

**ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 7**

**Arquivo: Entrevista 7 – Tempo de gravação: 6 min e 55 s**

**Realizada em 30 de outubro de 2023.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: G

P. A sua faixa etária? 42?

G. É.

P. O seu estado civil? Tá casado, solteiro?

G. Solteiro.

P. O senhor estudou até que série?

G. Até a sexta série.

P. Atualmente o senhor tá fazendo algum tipo de trabalho?

G. Não. O senhor, como é que o senhor faz pra ter a sua renda? O senhor tem uma renda, algum auxílio do governo? Não tenho nada! Nada! Nada, nada, nada.

P. Tá.

G. Só para sair.

P. Como era a sua vida antes de estar em situação de rua?

G. Era um pouco melhor, mas agora... vai piorando, vai piorando, vai piorando... Depois dá um suor, sabe?

P. Uhum.

G. Vai piorar.

P. Por qual motivo passou a viver na rua?

G. Aí é da minha conta. Aí eu não posso predominar nada, nem explicar nada pra ninguém. Não tenho obrigação.

P. Sim, não tem. Perfeito. Você possui contato com seus familiares?

G. Não, eu não tenho família.

P. Certo. Você possui algum grupo de pessoas, amigos, próximos, assim?

G. Não, não.

P. Que também tão em situação de rua, o senhor tem amizade com eles?

G. Não.

P. Tá.

P. Como é que é a sua rotina, senhor G.? O que o senhor faz no seu dia a dia?

G. Ah, o senhor não é bobo. A minha rotina é ir e voltar na hora que Deus quiser. A moradia pro morador de rua não é fácil não.

P. Uhum.

G. Mas o bom é tá em pé.

P. O senhor realiza algum tipo de atividade pra ganho financeiro?

G. Não tenho empurrão.

P. O senhor às vezes faz coleta de latinha, alguma coisa assim?

G. Faço, eu faço...

P. Reciclagem, né? O senhor faz coleta? Como é que o senhor faz?

G. Não, eu pego na rua isso.

P. Onde é que o senhor dorme normalmente?

G. Na rua.

P. Como é que o senhor faz pra se alimentar? O senhor vai em algum local...?

G. Tem que se virar nos trinta.

P. Uhum. O senhor espera apoio social de alguma onde?

P. O senhor vai naquelas... aquelas... é...

G. Nada mesmo.

P. O senhor não vai em nenhuma dessas?

G. Não, eu peço pra alguém.

P. Certo. Quando o senhor quer tomar um banho, fazer alguma coisa, sua higiene, como é que o senhor faz?

G. Ah, aí é ruim, aí é ruim. Aí é ruim, é difícil.

P. O senhor tem que procurar algum local? O senhor pede pra alguém?

G. É porque eu não gosto de tomar banho em albergue, sabe? Porque é uma maliagem.

P. Sim.

G. Aí eu fico um tempão, pra tomar banho na rodoviária é mó caro, dezesseis reais.

P. É mesmo?

G. Dezesseis reais, oito minutos. Aí fica difícil. E dentro do albergue, você vai lá tomar banho, é dois chuveiro.

P. Uhum.

G. Aí o que acontece? Os caras ficam uma dúzia de homem lá pelado lá dentro, usando droga, com faca na mão. Aí eles animam você de lá, eu não gosto dessas coisa. Eu gosto mais de uma, queria ter um serviço, um quarto sabe?

P. Sim.

G. E sair dessa, mas é difícil.

P. Quando você pensa sobre seus pertences ou isso que o senhor tem, fica com quem? Ou o senhor não tem nada?

G. Não tenho...

P. Nenhum? Certo. O senhor tem algum apoio financeiro de alguma instituição?

G. Nada, nem Bolsa Família. Nunca peguei os seiscentos reais.

P. O senhor tentou o benefício, mas nunca conseguiu?

G. Nunca peguei, verdade. Se eu pegasse, não tava na rua, não.

P. Quais são os maiores desafios de viver na rua.

G. O maior desafio é eu tá com vida. Não importa a dificuldade, tudo custa dificuldade. Mas o que importa é o desafio, é o que a gente passa. A gente tá aqui, amanhã se Deus quiser eu vou tá aqui de novo, ou talvez não, e quem manda é Ele, quem cuida da minha vida é Deus.

P. Qual são os motivos de o senhor pensar que tá vivendo em situação de rua?

G. O meu motivo?

P. Sim.

G. Aí... É problema meu.

P. Certo. O que é que o senhor... O que é que o senhor gosta de... Tem alguma coisa boa de viver na rua? O que o senhor mais gosta de viver na rua? Tem alguma coisa boa?

G. Não. Nem droga, nem bebida, nem nada.

P. O que é que o senhor não gosta da vida na rua?

G. Hã?

P. O que é que o senhor não gosta na vida da rua?

G. A vida da rua? Eu não gosto de nada.

P. Quais são as maiores dificuldades de viver a sua vida?

G. Financeira.

P. O senhor precisou aprender algo pra viver na rua?

G. Não.

P. Tem algo que na sua vida, que antes da vida na rua que o senhor sente falta?

G. Também não.

P. A rua é boa pro senhor?

G. Não.

P. O senhor faz amigos na rua?

G. Não.

P. O senhor já teve a oportunidade de morar em algum local, um albergue assim?

G. Não, não, não. Não quero nem saber de albergue...

P. O senhor tem medo de viver na rua?

G. Não. Medo tem, quem não tem medo é o carrapato que não tem. P. Como é que o senhor entende a vida?

G. Ô senhor, agora vamo parar com as ideias e já é.

P. Uhum.

G. Certo?

P. Só fazer... Só fazer uma pergunta. Tem alguma coisa que ajuda o senhor a viver na rua? Alguma força, alguma...

G. É... As pessoas que não me conhecem que me ajudam. Não é que nem o senhor assim, que chega assim, passa, fazendo uma entrevista... Pra colocar no papel aí, pra arrumar algo em cima.

P. Não, não.

G. Que nem aqueles pessoal que dá comida na rua aí<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Quase no fim da entrevista, o G. disse que não queria mais responder. Agradeceu e falou que só queria ajudar até ali. Demonstrou ter medo de responder as perguntas e de ter algum tipo de sofrimento psicológico. Ficou com semblante e fala agressiva e, posteriormente, isolado no ponto de ônibus.

## ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 8

**Arquivo: Entrevista 8 – Tempo de gravação: 13 min e 20 s**

**Realizada em 30 de outubro de 2023.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: H

P. É, qual a sua idade?

H. 42.

P. Seu estado civil?

H. Solteiro.

P. Seu grau de escolaridade?

H. É, fundamental.

P. Tá trabalhando atualmente?

H.. Não. Ah, faço reciclagem, né?

P. E a sua...

H. Não tenho profissão.

P. E a sua média de salário, é um salário mínimo, dois?

H. Não, quando eu trabalhava era de peão. Quando eu trabalhei formal era peão, salário mínimo.

P. E hoje fica mais ou menos o que hoje?

H. É mixaria, só pra droga.

P. Meio salário mínimo?

H. Não, é reciclagem da mixaria, cara. É 20, 30. Quando eu saio pra reciclar eu faço 20, 30 reais no dia.

P. Como era a sua vida antes de viver na rua? A sua vida antes de viver na rua?

H. Ah, o comum. Família, final de semana, balada, trabalho formal, estudava, namorava.

P. E qual o motivo que você passou a viver na rua?

H. Droga.

P. Você possui contatos com os seus familiares?

H. Possuo, sim, com a minha mãe. Tá perto... Tá próximo bastante?

P. Não, tá bom. Você possui algum grupo de pessoas ou amigos mais próximos? Que também estejam na situação de rua?

H. Não.

P. Você tem amigos que estão na situação de rua?

H. Ah, eu tenho um... Dá pra contar no dedo. Uns colegas que... Amizade, não. Tem uns colegas aí que eu cumprimento, às vezes uso droga junto, mas são poucos.

P. Como é a sua vida, sua rotina, o que você faz no seu dia a dia?

H. Cara, eu não tenho rotina. Mas basicamente minha vida se resume a isso, comer, beber, dormir e reciclar pra usar droga. É isso.

P. Onde é que você dorme normalmente?

H. Não tenho lugar, qualquer lugar.

P. Como é que você faz pra se alimentar?

H. Doação. Doação e as ONGs, né? Tem as ONGs e doação pra rua. E do lixo também. Quando eu tô no uso, que eu não vou atrás das doação, eu me alimento de sobra do que eu acho no lixo.

P. Onde é que você realiza sua higiene?

H. Ah, no Capes Santana, banho né, no caso?

P. Isso.

H. Capes Santana, no Chá do Padre, ali na rua Riachuelo, que é uma ONG. É... e numa tenda lá na Luz, é os três lugares que eu tomo banho.

P. É... e os teus pertences, o que você tem? Fica com quem?

H. Não tenho nada, eu tenho uma troca de roupa e um kit higiene, só.

P. Então você anda com tudo que você tem você anda com ele?

H. É o que eu tenho, uma troca de roupa e um kit higiene.

P. Você tem apoio financeiro de alguma instituição, recebe algum tipo de benefício?

H. Bolsa Família.

P. Quais são os maiores desafios de viver na rua?

H. É, eu acho que viver na rua é uma vida medíocre, mas é extremamente fácil. Uma vida medíocre, infeliz, porém extremamente fácil. A parte que eu acho difícil é o efeito da droga. O medo que ela traz. Fica muito vulnerável. E o meu medo ele atrai muita coisa ruim. Acho que é a única parte que eu não gosto. E a solidão, né? A solidão e o medo que a paranoia traz. O resto é fácil.

P. O que significa viver na rua pra você?

H. ãhn?

P. O que significa viver na rua pra você?

H. Ah, um pouco a liberdade. Uma certa liberdade, uma liberdade... ilusória, né? Fácil, né? É fácil, acomodei. E é uma vida... Eu acho que é... Como que é a palavra? É... Quando serve é bom e é ruim, serve pro bem e serve pro mal. Como que é o...

P. Paradigma?

H. Não, não é paradigma, é...

P. É dúbio?

H. É, não, esqueci, vou lembrar ainda, mas é bom e é ruim...

P. Paralelo.

H. Não, é... Tem duas palavras, tem uma palavra que já define, que faz bem e faz mal.

P. Ambígua.

H. Ambígua? Ambiguidade e ambivalência.

P. Isso.

H. Ambiguidade. Morar na rua é ambiguidade e ambivalência. Você aprende, você evolui e se atrasa. Você evolui por um lado e se atrasa por outro. Você aprende muito também, e também deixa de aprender, né? Porque você tá numa vida muito... Aprende e desaprende, evolui e retrocede. Ambiguidade e ambivalência.

P. O que é que... O que é que você gosta de viver na rua?

H. Comodismo, né? A vida é fácil, porque assim o uso da droga me deixou... me tornou uma pessoa muito revoltada, então eu não consigo mais conviver com as pessoas.

P. O que você não gosta na vida da rua?

H. Ah... Não sei nem... acho que... O que eu não gosto... Ah, discriminação, né? Discriminação... E... Correr atrás... Não ter o mínimo, né? Mas assim, eu sou consciente que eu não tenho porque eu não quero, né? Mas... Porque eu escolho...

Eu pego dinheiro, eu corro usar droga. Eu escolho ser fraco e não ter o mínimo, um canto, uma televisão pra se distrair. Essas coisas, o mínimo do bem material. Acho que a parte ruim é essa.

P. Quais são as maiores dificuldades na sua vida?

H. É suportar o próximo. As diferenças. Conviver com as diferenças das pessoas.

P. Você precisou aprender algo pra viver na rua?

H. Ah, você tem que... você tem que... na rua você tem que... enfrentar o seu medo. Acho que medo todo mundo tem. Todo mundo tem, mas na rua você... você tem que aprender a enfrentar ele, porque senão... Senão... Eu não sei se eu posso dizer que você não sobrevive, mas fica bem mais difícil. Como é que é? Como foi a pergunta mesmo?

P. O que você precisou aprender pra viver na rua?

H. Eu acho que isso não é nem um aprendizado, né? Na rua já é natural, você perde a vergonha na cara com o tempo. Então não é nem um aprendizado, acho que só que ao mesmo tempo que é uma pessoa estranha, vira um sem vergonha. Mas eu considero uma das maiores, foi a minha maior libertação foi essa. Eu considero como, não sei se dá pra considerar um aprendizado, é que é uma experiência de vida que você, e eu me libertei assim de coisas que... Eu vejo que as pessoas tão aprisionada por conta de vaidade, de orgulho. Eu vejo que é uma prisão. Eu sou meio que um escravo da droga e eu sinto que a maioria das pessoas são escravas da vaidade e do orgulho.

P. Tem algo na sua vida que você vivia antes da rua que você sente falta?

H. Eu sinto falta de ter uma ca..., uma ca..., o conforto né, um pouco mais de conforto.

P. A rua é boa pra você?

H. Um cachorro, eu sinto falta de ter um cachorro, porque, mas como eu sou usuário de crack, eu ando muito, então eu não arrumo pra mim, porque ele iria sofrer muito. Eu sinto falta disso. Ter uma casa com o mínimo, o mínimo, e um cachorro. Sinto muita falta disso.

P. A rua é boa pra você?

H. Eu gosto. Gosto.

P. Como você faz amigo na rua?

H. Não faz. Eu sou antissocial, sou lobo solitário.

P. Você é lobo, como?

H. Sinto nesse... é... É raro os momentos que eu sinto a necessidade de interagir com outras pessoas. Então eu sou sozinho, eu gosto de tá sempre sozinho mesmo.

P. Você já teve a oportunidade de morar em algum lugar, como casa, abrigo, etc.?

H. Não entendi.

P. Você teve a oportunidade de morar em algum abrigo, alguma casa, algum local? Já, alguma vez?

H. Já, já, já morei em muito albergue.

P. E por que você não ficou?

H. Ah, as regras, né? É... Regra. E outra... No albergue... Porque eu uso droga quase todo dia. Aí eu... A pessoa... Eu fico mais antissocial do que eu já sou. Aí você chega lá, aquele monte de gente olhando pra sua cara... A rua é... É eu e Deus. Eu no meu quadrado, sem... Porque eu não gosto de ninguém me monitorando.

P. Você tem medo de viver na rua?

H. Eu tenho medo... quando eu tô drogado eu fico extremamente paranoico. Com medo. Mas o drogado não tem um pingão de medo. Nenhum pingão. Eu vou na Cracolândia lá, eu fico lá... se eu não tiver drogado, durmo lá dentro. Sem medo de fazerem mal nenhum comigo. Ando em Parque Dom Pedro de madrugada, sem um menor, um pingão de medo. Mas a brisa, se eu usar droga, eu fico com medo dentro do shopping. Se eu estiver andando dentro do shopping. Acho que vão me matar dentro do shopping.

P. Se você estiver usando droga?

H. Se eu estiver no efeito. Eu fico com medo, não existe lugar seguro pra mim. Se eu estiver dentro da casa da minha mãe, eu acho que ela vai me matar.

P. Como é que você entende a vida?

H. A vida é boa se você dominar suas inclinação. Mas pra dominar suas inclinação você tem que... É... tá disposto a pagar o preço. E eu ainda não acho que... Eu ainda tô escolhendo a porta larga.

P. Tem algo que te ajuda a viver e vencer os desafios da rua?

H. Se eu conheço ou se eu acho que tem?

P. Você tem algo que te ajuda a viver e vencer os desafios da rua?

H. É assim, acho que minha mãe, né? Minha mãe, as porta lá, na casa dela, tá sempre aberto pra mim, todo mês eu vou lá, fico uns dias lá, dou uma renovada no espírito e saio renovado. É, acho que é ela que faz com que eu... E a droga, a droga me faz com que eu não caia em depressão. Muito tédio, muito vazio, aí ela preenche tudo isso. Tédio, vazio, a... A solidão, a droga, ela, ao mesmo tempo que ela é ambígua, é a relação de ambiguidade e ambivalência também, a droga. E a minha mãe me ajuda demais. Quando eu tô lá eu esqueço, não quero saber. Mas é depois de 10 dias, é uma semana, 10 dias no máximo eu saio correndo. Eu fujo, saio pra rua de novo.

P. Você pensa ou já pensou em mudar de vida?

H. Já. Hoje eu tô satisfeito com a minha... Quer dizer, não sei se posso dizer satisfeito, mas... Eu prefiro assim do que voltar a ser um operário do salário mínimo, aquele que é explorado. Porque eu observo, eu vejo o inferno que as pessoas vivem... E... eu não sei, eu acho que não vale a pena. Quer dizer, eu sei que se eu me esforçar a longo prazo vai valer a pena, mas eu tô velho, eu não sei, já... A abstinência é fortíssima e eu aprendi que pra mim evoluir eu não tenho que parar. Eu não preciso parar pra evoluir, eu tenho que evoluir pra parar, então vai ser um processo. Eu acho que eu vou conseguir me libertar do vício a longo prazo. É isso.

## ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 9

**Arquivo: Entrevista 9 – Tempo de gravação: 4 min e 59 s**

**Realizada em 30 de outubro de 2023.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: I

P. Qual a sua idade?

I. 25

P. Seu estado civil?

I. Solteiro.

P. Seu grau de escolaridade?

I. Médio completo

P. Tá trabalhando atualmente?

I. Aqui com a coleta reciclagem.

P. Tem alguma profissão

I. Auxiliar de serviço elétrico

P. E a sua média de salário?

I. Um salário mínimo.

P. Como era sua vida antes de estar em situação de rua?

I. Eu tinha uma rotina de vida, né, Pô? Eu trabalhava, acordava cedo, ia pro serviço. Seis horas, acabava o meu expediente, eu voltava, tomava um banho. Aí jantava e depois ia pra fazer um exercício na academia.

P. Por qual motivo você passou a viver na rua?

I. Por uso da droga.

P. Você possui contato com seus familiares?

I. Não muito, mas um pouco.

P. Você tem possuído alguns amigos próximos na rua? Você tem amizade com pessoas que não estão em estação de rua ainda?

I. Tem, tem sim.

P. Como é que é a sua rotina? O que você faz no dia a dia atualmente?

I. Meu dia a dia mesmo, pai, na verdade, na realidade, é reciclagem. Infelizmente, eu uso essa droga.

P. Você faz alguma atividade pro ganho financeiro?

I. Não.

P. Então a coleta de reciclagem é o que você trabalha atualmente, dedicado a ganhar.

I. Isso.

P. Você dorme aonde?

I. Eu durmo no banco que tem ali em cima, em Higienópolis ali.

P. Como é que você faz pra se alimentar?

I. Doação.

P. Onde é que você realiza a sua higiene?

I. Como é que fala, no banheiro comunitário.

P. Todos os pertences eles ficam em algum lugar ou ficam com você?

I. Ficam comigo.

P. Você tem apoio financeiro do governo, alguma coisa assim?

I. Não.

P. Quais são os maiores desafios de viver na rua?

I. Os maiores desafios de viver na rua? A discriminação.

P. Como é... O que significa viver na rua pra você?

I. Na rua? Viver na rua, a situação é crítica, não é fácil.

P. Qual o motivo de você tá vivendo na rua?

I. O uso de droga.

P. O que é que você não gosta na vida na rua?

I. É aquela parte que eu falei pra você, a pessoa, como é que se diz, a soberba, você querer ser mais do que os outro.

P. Tem alguma coisa que você gosta na vida na rua?

I. Na vida na rua não tem nada que eu gosto, não tem nada de bom. P. Quais são as maiores dificuldades na sua vida atualmente?

I. Largar o vício.

P. Você precisou aprender algo pra viver na rua?

I. Não.

P. Tem algo na sua vida antes da rua que você sente falta?

I. Minha família.

P. A rua é boa pra você?

I. Pra ninguém.

P. Como é que você faz amigos na rua?

I. Às vezes eu tô passando, a pessoa chama pra me dar um material, alguma coisa, começo a conversar, trocar um diálogo, aí pega intimidade. Mas a pessoa vê também no olho da pessoa quem é bom e quem é mau. Qualquer um pode perceber isso, quem é bom e quem é mau.

P. Você já teve a oportunidade de morar em algum lugar como casa, abrigo, etc., alguma coisa assim?

I. Não, eu tenho casa, tenho tudo, minha família tem condição boa, tem dinheiro, mas... eu tô aqui por escolha minha. É a escolha que eu fiz.

P. Você tem medo de viver na rua?

I. Não, medo não. Medo não porque já faz um tempo também que já... eu sou bem entendido.

P. Como é que você entende a vida?

I. A vida? A vida é uma dádiva, pai. Quem deu ela pra gente foi Deus. A gente tem nível arbítrio. Mas no final de tudo, quem decide é Deus.

P. Tem algo que te ajuda a viver e vencer os desafios da rua? Tem alguma coisa que te ajuda?

I. Só Deus.

P. Você já pensou em mudar de vida?

I. Várias vezes. Mas o uso desse... desse entorpecente, pai, do crack... é muito difícil. Só sabe quem já passou e quem já usou e conseguiu sair. Mas saiu com a força de Deus, entendeu? Que sozinho não sai, não.

P. É um negócio é muito forte.

I. Muito forte. Não é apenas carnal, é sobrenatural também. Uma das coisas de quem... Uma das consequências de quem fuma crack, você pode tá andando e não

deve nada pra ninguém. Você tá andando e quer subir nesse morro, parece que tem uma pessoa andando atrás de você. Dois, três passos andando, você olha pra trás e não tem ninguém.

P. A vida tem algum sentido?

I. A vida sempre tem sentido, basta a gente escolher a escolha certa. A gente fazer a escolha certa, né?

P. Isso aí.

**ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 10**

**Arquivo: Entrevista 10 – Tempo de gravação: 5 min e 16 s**

**Realizada em 12 de novembro de 2023.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: J

P. É... Obrigado, beleza. Pode falar perto. Sua faixa etária fica em qual idade?

J. 38, né?

P. Seu estado civil?

J. Solteiro.

P. Você estudou até que série?

J. Eu fiz o terceiro completo. É médio completo, né?

P. Tá trabalhando atualmente?

J. Não, só fazendo reciclagem.

P. Então você trabalha com reciclagem.

J. Com reciclagem.

P. Legal. Você acha que normalmente seu salário mínimo... Tem um salário mínimo que ganha por mês? Tem...

J. Ah, dá uma coisa de 600, 700 reais por mês.

P. Menos de um salário mínimo?

J. É menos de um salário mínimo.

P. Como era a sua vida antes de estar em situação de rua?

J. Eu era mecânico, né? Eu era mecânico de veículo.

P. Por qual motivo que você passou a viver em situação de rua?

J. Por causa da droga.

P. Você possui contato com seus familiares?

J. Sim. As vezes os vejo

P. Ah, é... Você tem amigos mais próximos?

J. Sim.

P. Como é que você faz pra ter amigos na rua?

J. A gente conversa e faz algumas coisas juntos e aí faz os colegas. Amigos são poucos.

P. Como é a sua vida, sua rotina, seu dia a dia?

J. Faço reciclagem, vou no castelinho e fico por aqui quando término.

P. E você realiza algum tipo de atividade para ganho financeiro atualmente?

J. Só reciclagem.

P. Você dorme aonde?

J. Por aqui mesmo.

P. Como é que você realiza a sua higiene?

J. Indo lá na tenda ou no castelinho.

P. Os seus pertences? Onde é que eles ficam? Você fica com todos eles?

J. Sim, ficam aqui comigo.

P. Você tem apoio financeiro?

J. Não.

P. Quais são os maiores desafios de viver na rua?

J. O medo de alguém fazer algo. A violência né.

P. Quais são maiores desafios de viver na rua?

J. O preconceito das pessoas com a gente. E a violência.

P. O que é que significa viver na rua para você?

J. Viver na rua. Não tem significado para mim. Essa vida não é boa.

P. O que você mais gosta de ver na rua?

J. Não gosto de nada.

P. O que você não gosta daqui da rua?

J. Não gosto de viver na rua.

P. Você precisou aprender algo para viver na rua?

J. Não.

P. Quais são as maiores dificuldades na sua vida?

J. A droga e fica longe da família.

P. Tem algo antes da rua que você sente falta? Antes de você estar vivendo em situação de rua, tem algo que você sente falta?

J. Sim, da casa da minha mãe, do trabalho e dos amigos.

P. A rua é boa pra você?

J. Não, não é boa pra ninguém.

P. Você já teve a oportunidade de morar em algum lugar? Casa, abrigo?

J. Já. Mas não gosto de abrigo. É muita confusão e perigoso.

P. Você tem medo de viver na rua?

J. Sim.

P. Como é que você entende a vida?

J. Normal. Eu que fiz a escolha, não é!?

P. Tem algo que te ajuda a viver e vencer os desafios da rua?

J. Força de vontade. Querer fazer as coisas.

P. Você pensa em mudar de vida?

J. Sim, todo o dia.

P. A vida tem algum sentido?

J. Sim. Sempre tem um sentido. A questão é querer.

## ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 11

**Arquivo: Entrevista 11 – Tempo de gravação: 4 min e 52 s**

**Realizada em 12 de novembro de 2023.**

[ ] Homem [ ] Mulher [x] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: K

P. Qual a tua idade?

K. 32 anos.

P. Seu estado civil?

K. Solteira.

P. Grau de escolaridade?

K. Primeiro ano.

P. Você está trabalhando em algum local atualmente?

K. Não. Gostaria muito.

P. A renda mensal, ela fica mais ou menos em...

P. Quanto você acha?

K. A minha?

P. Sim.

K. Eu só recebo bolsa.

P. Bolsa Família.

K. Isso.

P. Como era a sua vida antes de viver em situação de rua?

K. Eu trabalhava em mercados, já fui promotora de venda. E aí, um vira e volta na minha vida e aí eu parei na rua. Mas hoje em dia a minha situação está um pouco melhorada, né? Que não vai ao caso agora, mas assim, é por um vício, né?

P. Sim. Qual foi esse motivo então que você passou a viver na rua?

K. Ah, é... Coisinhas que eu não prefiro comentar, desculpa.

P. Então você não precisa responder o que você não quer, viu?

K. Tá bom.

P. Você possui contato com seus familiares?

K. Sim.

P. Ah, é... Você tem amigos mais próximos?

K. Sim.

P. E fora ela tem mais gente também?

K. Tem, sim.

P. Como é que você faz pra ter amigos na rua?

K. Aqui é só você conversar, é questão de você... é muito fácil.

P. É...

K. Não amigos, conhecidos, né?

P. Aham. Como é a sua vida, sua rotina, seu dia a dia?

K. Ah, é isso daí é, tô tranquila, mas ainda eu trabalho, né? Ao lado aqui, assim, eu já saí da rua faz tempo e... Eu vim pra cá por conta de vício, né?

P. Aham.

K. Mas aí eu tenho o meu cantinho, lá em Guarulhos, tudo.

P. E você realiza algum tipo de atividade para ganho financeiro atualmente?

K. É, no momento não.

P. Você dorme aonde?

K. Aqui.

P. Como é que você realiza a sua higiene?

K. Indo lá na tenda tomar banho.

P. Aonde estão seus pertences? Onde é que eles ficam? Você fica com todos eles?

K. É, a gente deixa aqui ou dá alguém olhando.

P. Você tem apoio financeiro, além do que seria o Bolsa Família então?

K. Não, não tenho apoio financeiro, só da Bolsa.

P. Quais são os maiores desafios de viver na rua?

K. Hã?

P. Os maiores desafios de viver na rua?

K. É o preconceito.

P. O que é que significa viver na rua para você?

K. Ah, viver na rua é uma questão de... É, financeiramente, se você não tem um lugar para pagar, você vai ficar ali onde que... entre aspas, se sentir bem, né? Já pegou uma coletividade, um pouco, tudo, e ali fica... mais ou menos...

P. O que você mais gosta de ver na rua?

K. Ah, aventura, adrenalina, sei lá, uma coisa totalmente diferente... que só nós, um pro outro, sabemos explicar.

P. Uhum. O que você não gosta daqui da rua?

K. Ah, essa palhaçada, dessa humilhação. Pessoal vem, tira a gente. Pessoal vem, discrimina, quer ser melhor. E, enfim.

P. Você precisou aprender algo para viver na rua?

K. Não. Só peguei porque eu sou muito observadora, né? E observei e peguei aquilo que... era bom pra mim.

P. Quais são as maiores dificuldades na sua vida?

K. Ah, eu supero, viu, a dificuldade. A gente tenta superar, né? Então pra mim é... sei lá, coisas pequenas, né.

P. Tem algo antes da rua que você sente falta? Antes de você estar vivendo em situação de rua, tem algo que você sente falta?

K. Sim, do meu trabalho, registrado.

P. A rua é boa pra você?

K. Não, pra ninguém.

P. Você já teve a oportunidade de morar em algum lugar? Casa, abrigo? É que nem eu tô te falando. Fui lá e...

P. Você tem medo de viver na rua?

K. Não.

P. Como é que você entende a vida?

K. Eu entendo ela do jeito que... Eu até hoje vivi. Né? Em meio de altos e baixos.

P. Tem algo que te ajuda a viver e vencer os desafios da rua?

K. É Deus. Só se apegando a Deus.

P. Você já percebeu a moda de vida?

K. Sim, sim. Já dando os passos.

P. A vida tem algum sentido?

K. Não, nenhum. É a opção de necessidade mesmo, de momentos, né?

## ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 12

**Arquivo: Entrevista 12 – Tempo de gravação: 8 min e 35 s**

**Realizada em 12 de novembro de 2023.**

[ ] Homem [ ] Mulher [x] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: L

P. Não, fica em paz. Sua faixa etária, sua idade?

L. 32, vou fazer 33 semana que vem.

P. Estado civil?

L. Solteira.

P. Seu grau de escolaridade?

L. Segundo ano do ensino médio.

P. Tá trabalhando atualmente?

L. Não entendi, é por causa do barulho.

P. Tá trabalhando atualmente?

L. Infelizmente não, mas queria, né? Queria não, quero, né? Basta correr atrás.

P. Você tem algum subsídio, alguma renda mensal do governo?

L. Não, então, esse que é o meu mal, né? De eu ainda tirar minha identidade, para poder tirar o Bolsa Família. Tem uma, não sei se você já ouviu falar, o Transcidadania. Não? Que é uma renda que eles, né, proporcionam para o público LGBT de rua só que aí você termina a sua escolaridade, né, você estuda e aí fica recebendo essa bolsa todo mês, de um salário mínimo, mas...

P. Como era sua vida antes de viver na rua?

L. Ai, assim trabalhei já não, não de carteira assinada mas já fiz alguns como se chama? Bicos, né? Vamos dizer assim. Mas trabalhei sim, né? E como eu quero voltar a trabalhar, né, também.

P. Qual o motivo que você passou a viver na rua?

L. Ah, é o familiar, relacionamento, infelizmente vícios, né? Drogas, álcool, né?

P. Você possui contato com seus familiares?

L. Não. Pra mim, família é pai e mãe. Então, já são falecidos, então... Mais ninguém.

P. Você possui algum grupo de amigos mais próximos?

L. Não entendi.

P. Você tem algum grupo de amigos mais próximos, assim, na rua?

L. É, então, a gente acaba virando, né, família praticamente, né, algumas pessoas, né, porque a maioria é tudo uma patifaria, né.

P. Sim.

L. Mas tenho amigos, sim, bastante.

P. Como é a sua vida, sua rotina?

L. É complicado, né? Uma vida meio louca, né, vamos supor assim. Como eu te falei, até por causa das drogas e tudo mais. Mas eu queria voltar a ter uma vida normal, né. Uma vida de trabalho e tudo mais.

P. Você realiza alguma atividade pra ganho financeiro?

L. Não, por enquanto não.

P. Você dorme aonde?

L. Embaixo do elevador, na calçada mesmo. Onde tiver uma marquise, a gente já tá ali descansando.

P. Como você faz com essa alimentação?

L. Ah, é muita... Por exemplo, essa aqui foi uma moça que passou, doou pra gente, né, essas marmitas, que você tá vendo a gente almoçar, né, então muita gente... Ainda existe gente boa no mundo, né, vem e doa. ONGs, né, que passam aqui, param de carro, embaixo do elevador, né, e doa marmita, doa cobertor, doa roupa. Graças a Deus, né. Em contrapartida ainda tem gente mau, né, que quer o nosso mal. Que acha que a gente tá na rua porque a gente é drogada, nória, tem que morrer, e é isso, aquilo e tudo outro. É babado.

P. Onde é que você realiza a sua higiene?

L. Na tenda, né, na tenda da prefeitura. Inclusive, amanhã já estarei indo, porque preciso. Banho a gente toma todo dia, né.

P. Sobre seus pertences, as suas coisas ficam aonde?

L. Ai, menino, muita coisa a gente perde, os próprio morador de rua que tá do teu lado rouba você, e então assim, tem mais Deus pra dar do que sei lá quem pra tirar.

P. Você tem apoio financeiro de alguma instituição, governo, benefício do governo?

L. Não, nada, nada, nada.

P. Quais são os maiores desafios de viver na rua?

L. Ai, desafio... Como é que eu vou falar? Cada dia é um desafio, né? Cada hora é um desafio. A questão da alimentação, a questão da vestimenta... Você tem que correr atrás, né? Tem que... pra gente que tá nessa situação de rua sem meio e sem renda, né? Você tem que se virar em dobro, né? Em triplo. É complicado.

P. O que significa viver na rua pra você?

L. Nada, nada, nada assim porque isso, como eu disse aqui, essa vida de rua não é nem um cachorro, entendeu? Então é o que eu, como eu te falei, é o que eu pretendo é sair disso o mais rápido possível.

P. Qual o motivo de você estar vivendo na rua?

L. Então, questão de família, por não aceitarem a opção sexual e tudo mais, por eu ser travesti, né, então tem todos esses fatores.

P. O que você mais gosta na rua?

L. Se eu te falar a verdade, nada também, e como eu te falei, a cada dia é uma dificuldade, então pra mim não tá valendo muito a pena.

P. O que você não gosta da vida na rua?

L. O que eu não gosto é da, da, da... Como é que eu vou te falar? É dessa questão das drogas, né? Não vou falar pra você que eu gosto, né? De usar droga, que eu gosto de beber... Infelizmente isso, né? Acabou acontecendo, né? E eu fui... foi se tornando a própria palavra, um vício, né? Então, mas... dizer que eu gosto eu não gosto.

P. Quais são as maiores dificuldades na sua vida?

L. Maiores dificuldades? Ai... Como é que eu vou te responder? Maior dificuldade? É questão de querer trabalhar, de querer... E não ter oportunidade, porque afinal não é falta de vontade, é falta de oportunidade. Tem muita gente preconceituosa ainda. Em pleno 2023, né? Então, tem gente que, né, você vai procurar ali, manda um currículo, mas tá vendo que você tá na rua, que você é travesti, e já, né? Com o pé atrás, a pessoa da empresa, né? Então aí, é complicado, né?

L. Mas as portas estão se abrindo aos poucos.

P. Você... Precizou aprender algo pra viver na rua?

L. Ai, cada dia foi um aprendizado, entendeu? Não vou dizer que é fácil tá aqui, né? Cada dia é um... É um... Uma batalha, então você tem que aprender né, tem que aprender a se virar, ter jogo de cintura, com os próprios moradores de rua que quer embaçar na tua vida, que quer ter o mal, então você tem que aprender a se virar né.

P. Tem algo da sua vida antes da rua que você sente falta?

L. Ai, com certeza, família sim, não vou dizer que me dava mal com eles, mas assim, com o tempo foi desgastada a relação, mas sinto muita falta, com certeza.

P. A rua é boa pra você?

L. Nem um pouco.

P. Como você faz amigos na rua?

L. Ai, é automático, né? As pessoas se aproximam de ti, né? Às vezes pra querendo teu bem e querendo teu mal também. A maioria querendo o mal, né? Mas assim, mas eu graças a Deus sempre tive amigos bons de coração, até porque eu sou uma pessoa boa de coração, eu me considero assim, então...

P. Você teve a oportunidade de morar em algum lugar, como casa, abrigo, etc.?

L. Não peguei, repete.

P. Você teve a oportunidade de morar em algum lugar, tipo casa, abrigo?

L. Já, já morei em um albergue, já tive casa, já morei em apartamento, na época que eu trabalhava, né? Mas agora, como eu não tenho renda, né, por enquanto, isso me faz muita falta.

P. Você tem medo de morar na rua?

L. Não, nem um pouco, não, porque como eu te falei, eu aprendi a ter jogo de cintura, então...

P. Como é que você entende a vida?

L. Como eu entendo? Ai, a vida é um eterno aprendizado, entendeu? Então assim, é... E... Como é que eu vou te falar? Ah, é, bom... Como é que é assim?

P. Como você entende a vida?

L. Ai, como eu entendo? Ai, a vida é... A vida é... Como é que eu vou te falar? Eu entendo... Ah, eu não sei te responder essa pergunta.

P. Tem algo que te ajuda a vencer os desafios da rua?

L. Minha força de vontade, com certeza.

P. Já pensou em mudar de vida?

L. Com certeza, como eu te falei, é o que mais eu quero. E estou lutando pra isso.

P. A vida tem um sentido?

L. Ai, sentido... ter, tem né? Ai, mas pra mim por enquanto não tem tido sentido, né?

## ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 13

**Arquivo: Entrevista 13 – Tempo de gravação: 4 min e 22 s**

**Realizada em 12 de novembro de 2023.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: M

P. Qual a sua idade?

M. Eu tenho 20.

P. Seu estado civil?

M. Solteiro.

P. Seu grau de escolaridade?

M. Terminei o primeiro.

P. Você tá trabalhando atualmente?

M. Atualmente eu faço uns bico.

P. Atualmente a sua renda é mais ou menos salário mínimo, um salário, meio salário mínimo, um salário mínimo, meio ou é mais?

M. Na verdade eu recebo só auxílio.

P. Auxílio, legal. Como é que era a sua vida antes de viver em situação de rua?

M. Ah, eu trabalhava, né?

M. Era garçom.

P. Qual o motivo que você passou a viver na rua?

M. Conflito familiar e relacionamento, né?

P. Você possui contatos com as familiares?

M. Sim.

P. Você possui algum grupo de pessoas mais próximos, que também estão em situação de rua, tipo, tem amizade com essas pessoas?

M. Tem, eu tenho sim.

P. Como é que é a sua rotina, o seu dia a dia?

M. Ah, é mais, como dizer, catar reciclagem, né? Catar reciclagem, faz um mangueio, pede aqui, pede ali.

P. Você realiza alguma atividade de ganho financeiro, além da reciclagem?

M. Não.

P. Onde é que você dorme? Aqui?

M. Aqui mesmo, é, na barraca mesmo.

P. Como é que você faz pra se alimentar?

M. Nós cozinha. A gente cozinha mesmo aqui mesmo.

P. A higiene? Banho, essas coisas onde que você faz?

M. Então a gente toma no castelinho.

P. Sim. Sobre os seus pertences, ficam aqui?

M. Fica tudo aqui.

P. Você fica andando com eles?

M. Fica tudo aqui, que a gente tranca a barraca também, né?

P. Ah. Você disse que recebe um subsídio do governo, né?

M. Isso.

P. Quais são os seus maiores desafios de viver na rua?

M. Quê?

P. Maiores desafios de viver na rua, pra você?

Outro: Os maiores desafios é passar fome e o medo de perder tudo que a gente tem.

M. E o risco, né? O risco, né?

P. O que é que significa viver na rua pra você?

M. Nossa.

P. Tem algum significado? Ou não?

Outro: O que significa morar na rua pra você? Você gosta dela?

M. Ah, na verdade, gostar eu não gosto, não. Na verdade, não é uma coisa muito boa, não. Não é uma coisa muito boa, não.

P. Então, você não gosta de nada na vida na rua?

M. Não.

P. O que é que você não gosta mesmo da vida na rua? Que é aquilo que você...

M. É mais por causa do... É mais preconceito, né? A gente fica mais difícil pra arrumar um serviço, fica mais difícil pra gente comunicar com a pessoa. Porque a gente vai tentar comunicar, a pessoa corre. Fora a gente pode correr risco até de morrer na rua, né? Tacar fogo.

P. Quais são as maiores dificuldades na sua vida?

M. Minha maior dificuldade mesmo agora tá sendo é na rua e serviço, né?

P. Tem algo na sua vida antes da rua que você sente falta?

M. Meu pessoal, minha família, né?

P. A rua é boa pra você?

M. Não.

P. Você acha que a rua é boa pra alguém?

M. Pra ninguém.

P. Como é que você faz amigos na rua?

M. Ah, a gente tem que saber ser comunicativo, né? Saber chegar, saber conversar, saber pedir licença.

P. Você teve a oportunidade de morar em algum lugar? Tipo casa, abrigo?

M. Em abrigo nós já moramos sim.

P. Por que você não ficou lá?

M. É por causa da... Na verdade foi mais picuinha, né? Peco, aí no fim...

Outro: E aí desligaram a gente por causa do nosso cachorro.

M. E também acabaram desligando a gente por causa do cachorro, né?

P. Você tem medo de viver na rua?

M. Medo eu não tenho, não. Medo eu não tenho, não. Pra mim é até... Como posso dizer? É até um aprendizado a mais, né?

P. Como é que você entende a vida?

Outro: A vida não tem como entender.

M. Não tem como entender a vida, porque também ela é...

P. Tem algo que te ajuda a vencer os desafios da rua, a viver aqui nas ruas?

M. Ah, força de vontade, né?

P. Você já pensou em mudar de vida?

M. Já. E penso até hoje, né?

P. A vida tem algum sentido?

M. Sentido até tem, mas não desse jeito pra gente que a gente vive, né? Desse jeito assim... Mas tem sentido sim, é saber viver, né?

**ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 14**

**Arquivo: Entrevista 14 – Tempo de gravação: 6 min e 6 s**

**Realizada em 12 de novembro de 2023.**

[ ] Homem [x] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: N

P. Qual a sua idade?

N. 19.

P. Seu estado civil?

N. Solteira.

P. Grau de escolaridade?

N. Parei no terceiro.

P. Tá trabalhando?

N. Não.

P. Sua renda? Salário mínimo, um salário mínimo?

N. Então, agora tô pegando um auxílio.

P. Tá. Como é que era a sua vida antes de viver em situação de rua?

N. É muito ruim, porque tudo que a gente tem a gente perde.

P. Como é que ela era antes de você tá aqui em situação de rua?

N. Antes?

P. Isso.

N. Eu tinha minha filha, tava com a minha família. Então hoje em dia eu já não tenho mais nada. Antes era melhor do que hoje em dia.

P. Entendi. Qual foi o motivo que você veio ficar em situação de rua?

N. Briga familiar.

P. Você possui contato com esses familiares?

N. Sim, com a minha mãe.

P. Você possui algum grupo de pessoas ou amigos mais próximos que também estão em situação de rua?

N. Sim, tenho meu irmãozinho de consideração ali. Tenho irmão, tenho pai de rua que ajuda a gente.

P. Entendi. Como é que é a sua vida, a sua rotina? O que você faz no dia a dia?

N. A nossa rotina no dia a dia é pegar reciclagem, ou senão a gente corre pra entregar currículo em um canto, no outro.

N. Mas é super, bem difícil. A gente vai manguear lá embaixo.

P. O que é isso?

N. É pedir no mercado.

P. Chama-se manguear?

N. É manguear. Então a gente vai pedir pras pessoas. Às vezes a gente é muito humilhado. As pessoas falam, ah, vai arrumar um serviço. Não sei por que você tá aqui. Você tá usando o seu auxílio, tá usando... Tá metendo a cara pra quê? Então isso é muito humilhante na rua.

P. O manguear sempre só acontece se for no mercado? Se for na rua...

N. Sim, na porta do mercado. Entrar mesmo pra manguear dentro do mercado já não pode.

P. Entendi. Onde é que você dorme? Faz higiene?

N. Na barraca mesmo. Eu faço... Minha higiene no dia a dia eu faço aqui. Pra escovar os dentes, arrumar o cabelo. E pra tomar banho, no Castelinho... Que é de segunda a sexta. De quinta-feira é corte de cabelo.

P. Entendi. Como é que vocês fazem pra se alimentar?

N. Pra se alimentar a gente pede, ou senão a gente faz aqui mesmo, à lenha.

P. E também passam as pessoas fazendo doação...?

N. Às vezes, porque aqui é bem fraco e é bem difícil ter movimentação das pessoas mesmo pra ajudar.

P. E os teus pertences, onde é que eles ficam?

N. Fica tudo aqui.

P. Então o apoio financeiro que você tem é o subsídio que você recebe? N. Sim.

P. Quais são os maiores desafios de viver na rua?

N. Meu maior desafio de viver na rua... Meu maior desafio de viver na rua é perder tudo e não ter nada. Então é muito ruim morar na rua porque eu nunca morei, nunca passei por isso. Então hoje é um aprendizado pra mim. Tô aprendendo muito sobre a vida, antes eu tinha medo dela. Antes eu não sabia conviver nela. Então hoje em dia a gente tem que saber enfrentar os obstáculos pra poder crescer na vida. Felizmente antes a gente era no alto, hoje a gente está no baixo. Mas a gente vamo aprendendo no dia a dia. E se Deus quiser, a gente vamo conseguir vencer essa luta.

P. O que significa viver na rua para você?

N. Significa viver na rua para mim?

P. Tem algum significado?

N. Não tem um significado exato, porque morar nela não é bom.

P. Tem alguma coisa que você gosta na rua?

N. A convivência com as pessoas que estão do meu lado.

P. Quais são as maiores dificuldades da sua vida?

N. Serviço e ter minha filha de volta.

P. Você precisou aprender algo para viver na rua?

N. Sim.

P. Tem algo na sua vida antes da rua que você sente muita falta? O que você sente mais falta?

N. Minha filha e minha família.

P. A rua é boa em algo pra você?

N. Não, não é boa em nada.

P. Como é que você faz os amigos na rua?

N. A gente conversa, a gente chega, boa tarde, ah, bom dia. E se a pessoa for educada, a gente chega, pergunta o nome, já vai fazendo uma amizade, vai se conhecendo. Agora se for sem educação, a gente já se afasta. Então tipo, com isso, a gente já cria uma família agora. Então é uma coisa que a gente já trouxe pra perto da gente.

P. Você teve a oportunidade de morar em algum lugar, como casa, abrigo?

N. A gente já mora no CTA. Por falta dos meus cachorro mesmo, eles colocaram a gente pra rua.

P. Entendi. Você tem medo de viver na rua?

N. Sim.

P. Como é que você entende a vida?

N. Não tem como entender a vida realmente. Porque uma hora a gente tá no alto, outra hora a gente tá no baixo, outra hora tá no baixo, outra hora tá no alto. Então é um zigue-zague na vida. Então não tem como explicar ela.

P. Entendi. Tem algo que te ajuda a viver e vencer os desafios na rua?

N. O meu marido, que sempre tá do meu lado.

P. Você pensa ou já pensou em mudar de vida?

N. Sim. Mas só que é muito complicado. Tando na rua, às vezes parece que segura a gente. Por mais que a gente não goste, parece que é uma pedra que coloca ali no chão e fica aí. Às vezes a gente não consegue sair dela. É um pouco meio difícil. Mas se tivesse um lugar para se enfiar hoje, a gente iria, porque nela não é um bom lugar de ninguém morar.

P. A vida tem um sentido?

N. Sim, tem um sentido de mudança. Um sentido de... Mas como que é a palavra? Esqueci a palavra, bugou a minha mente agora.

P. Essa palavra remete a quê? O que você quer dizer?

N. O sentido que pode levar a gente a ir além, sabe?

P. Esperança.

N. É, isso.

P. É o quê?

N. É uma esperança na vida.

## ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 15

**Arquivo: Entrevista 15 – Tempo de gravação: 7 min e 36 s**

**Realizada em 12 de novembro de 2023.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: O

P. Qual é a sua idade?

O. 49 anos.

P. O seu estado civil?

O. Solteiro.

P. O seu grau de escolaridade?

O. Completo fundamental.

P. Tá trabalhando atualmente?

O. Nada.

P. O senhor tem algum benefício do governo, algum auxílio?

O. Tô recebendo o Bolsa Família.

P. Fica mais ou menos em qual?

O. Eu recebi uma vez só, no primeiro mês.

P. Entendi. Como era a sua vida antes de viver em situação de rua?

O. Como que era a minha vida? Como?

P. Antes de viver em situação de rua.

O. Ah, minha vida era... Bom, cê é louco. Tinha minha família, tinha casa, com a minha mãe, meu pai, trabalhava.

P. Trabalhava em quê?

O. Trabalhava como ajudante de serralheiro. Trabalhei como ajudante mecânico. Trabalhei como ajudante geral, biciboy. Trabalhei na Varig de Cumbica. Na Varig de Cumbica.

P. Qual foi o motivo?

O. Auxiliar de expedição.

P. Qual foi o motivo que você passou a viver em situação de rua?

O. O falecimento da família. Casa era de aluguel. Família faleceu, eu caio em depressão e vou ter que ir pra rua.

P. Você possui contato com os familiares?

O. Ah, familiares não tem... Não tem acordo com familiar. O familiar não é pai e mãe.

P. Aham.

O. Não tem nada a ver. Vão te procurar, exigir de você.

P. Você tem amizades aqui na rua? Com as pessoas, você fez?

O. Eu só tenho amizade. Não tenho inimigo.

P. Como é que você... Você tem alguma atividade financeira que você faz? Tipo, você recolhe reciclagem, trabalha com alguém?

O. Eu não faço nada. Eu só espero o dia do auxílio.

P. Tá.

O. Só.

P. Vai se mantendo aí?

O. No passado eu assaltava, né?

P. Uhum.

O. No passado eu assaltava. Antes de receber o auxílio, antes de colocar minha cabeça no lugar. Quando eu coloquei minha cabeça no lugar, não assalto mais. Tô esperando o auxílio chegar pra me manter, ajudar meus amigo. E assim vai indo.

P. Você dorme aonde?

O. Aqui mesmo. Embaixo do viaduto aqui da rampa do elevador aqui, da Marechal Deodoro. Desde 2009.

P. Desde 2009. Como você faz pra se alimentar? O que você faz aqui então?

O. A gente cozinha coletivamente, porém a população nos ajuda um pouco e nós nos ajudamos também. Onde tem uns amigos que pegam a reciclagem e vai vendendo

ferro velho pra arrumar um capitalzinho por fora. E assim vai se mantendo no dia a dia, cara.

P. Onde é que você realiza sua higiene, as suas coisas?

O. Higiene, tem ali o projeto do Castelinho ali na rua Apa ali, que fornece banho. Alimento, a gente arruma. Mas ali tem banho, tem higiene, tá tranquilo.

P. Seus pertences, ficam com quem?

O. Então, meu pertence é só roupa do corpo.

P. Você anda com eles, então?

O. É só roupa do corpo, caralho. É? Se eu tiver... Se eu tiver uma mochila, por exemplo. Ó, uma mochila, não é minha isso aqui não, essa aqui. Eu tenho uma mochila, aí eu vou dormir, eu durmo ali. Tem uma cama ali sozinha ali?

P. Sim.

O. Ali eu durmo ali. Aí eu vou dormir e vou deixar meu negócio aonde? Se eu deixar ali, vulnerável ali, vão levar embora.

P. Uhum.

O. Então, tem que andar só com a roupa do corpo mesmo.

P. Quais são os maiores desafios de viver na rua?

O. O maior desafio de viver na rua... É viver na rua. Viver na rua não é fácil.

P. O que significa viver na rua pra você?

O. Dificuldade. A maior dificuldade do mundo. Ainda mais por a gente ser ex-presidiário, então as portas são mais fechadas ainda. Não tem residência fixa, não tem endereço fixo. Pra poder fazer um currículo. Pra poder mandar o currículo. Quem vai aceitar? O cara que cumpriu um monte de prisão aí.

P. Tem alguma coisa que você gosta na rua?

O. Ähn?

P. Tem alguma coisa que você gosta da vida na rua?

O. A falta da responsabilidade de você não ter que arcar compromisso com ninguém.

P. Uhum.

O. Mas a falta de responsabilidade é um defeito. A responsabilidade é necessária pro homem viver. Pra mim é só o fato de não ter que dar satisfação pra ninguém. Esse é o motivo. O motivo não. A parte que é pra mim melhor de estar na rua é essa. Porque na rua não tem nada de bom não. Nada.

P. O que é que você menos gosta da vida na rua? O que você não gosta de jeito nenhum?

O. De tá na rua.

P. De estar na rua.

O. É. Eu odeio essa vida de tá na rua.

P. Você precisou aprender algo pra viver na rua?

O. Precisei. Mas eu aprendi já de berço, né? Que minha família já era humilde. Então eu aprendi a humildade.

P. Tem algo...?

O. Humildade e respeito.

P. Tem algo na sua vida antes da rua que você sente falta?

O. Lógico que tem. A comida da minha mãe, xará. A minha cama. Minha casa. O conforto, a minha privacidade.

P. Uhum. A rua é boa pra você?

O. Nunca foi. Pra mim, não.

P. Como é que você faz amigos na rua, assim?

O. Ó, eu procuro não fazer amizade.

P. Uhum.

O. Se quiser encostar pra conversar comigo, converso. Se não quiser encostar, não faço questão também, não. Porque muita amizade na rua não é bom também, não.

P. Você teve a oportunidade de morar em algum lugar? Abrigo e tal?

O. Tive uma oportunidade de morar em uma pensão. Onde meus falecidos, o tio, me pagaram uns meses de aluguel. Mas é limitado, tem regra. Eu não gostei.

P. Uhum.

O. Resolvi ficar na rua.

P. Você tem medo de viver na rua?

O. Tenho, tenho. Com a maldade dos outros. Puta que pariu, não tá legal isso aqui.

P. Como é que você entende a vida?

O. Puta que pariu, agora pegou isso aí, hein? Socorro.

P. Senta aí. E o senhor? Senta aí.

O. E aí?

P. Como é que o senhor entende a vida?

O. Como que eu entendo a vida? A vida tem luta. Sem luta não tem conquista, não tem vitória. Tem que haver luta. Se não haver luta, não tem ganho, não tem vitória de nada. Não tem alcance de objetivo.

P. Tem algo que te ajude a viver e a vencer os desafios da rua?

O. Tem.

P. O que seria?

O. Uma cachaça.

P. Você já pensou em mudar de vida?

O. Porra, meu amigo. Eu tô falando pra você. Só precisa de uma oportunidade pra eu sair dessa vida. Que eu recebo um auxílio de 600 real. Uma pensão por aqui é 600 real o quarto. Eu vou viver de quê depois? Pago 600 real, eu vou viver de quê?

P. O seu básico ... seria um trabalho, né? Pegasse um trabalho.

O. É, você entendeu, meu amigo?

P. Sim.

O. Eu tô pensando em colocar uma placa ali de preciso de emprego.

P. Sim. A vida tem um sentido?

O. Seria ajudante geral, seria auxiliar de expedição.

P. Certo.

O. Sei lá. Qualquer coisa que... Aprender, a gente aprende. A gente não nasceu sabendo. A gente aprende com o dia a dia. O sentido da vida?

P. Sim.

O. O sentido da vida é nunca desistir. É lutar. Sempre.

**ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 16**

**Arquivo: Entrevista 16 – Tempo de gravação: 3 min e 2 s**

**Realizada em 12 de novembro de 2023.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: Q

P. Qual a sua idade?

Q. 36.

P. Seu estado civil?

Q. Solteiro.

P. Você estudou até que série?

Q. Colegial.

P. Você tá trabalhando atualmente?

Q. Não.

P. Você tem algum tipo de renda? Ou ajuda? Faz reciclagem?

Q. Não, não.

P. Como que era a sua vida antes de viver em situação de rua?

Q. Como que...?

P. Como era a sua vida antes de viver em situação de rua?

Q. Era normal.

P. Normal?

Q. Normal.

P. Qual foi o motivo que você passou a viver em situação de rua?

Q. Perda de emprego.

P. Você possui contato com seus familiares?

Q. Possuo.

P. Você possui amigos que tão em situação de rua? Amizade com o pessoal aqui próximo?

Q. Sim.

P. Como é que é a sua rotina que você faz no seu dia a dia?

Q. Uso droga.

P. Você realiza alguma atividade financeira? Tipo para ganhar algum dinheiro?

Q. Não.

P. Você dorme aonde?

Q. Em albergue ou na rua.

P. Como é que você faz para se alimentar?

Q. Boa ação.

P. Você realiza sua higiene aonde?

Q. Nos albergues.

P. Seus pertences ficam com você ou você deixa em algum lugar?

Q. Comigo.

P. Uhum. Você anda com todos eles então? Você tem algum apoio financeiro do governo?

Q. Não.

P. Qual é o seu maior desafio de viver na rua?

Q. Sobreviver. Sobreviver.

P. O que que significa viver na rua pra você?

Q. Luta constante.

P. Tem alguma coisa que você gosta na rua?

Q. Nada.

P. O que que você não gosta na rua de jeito nenhum? Que é aquilo que você menos gosta?

Q. A violência.

P. Quais são as maiores dificuldades da sua vida?

Q. Sei lá.

P. Você precisou aprender algo pra viver na rua?

Q. Precisei.

P. O que seria?

Q. Não, não quero te responder.

P. Tem algo na sua vida antes da rua que você sente falta?

Q. Tem a minha casa.

P. Sua família...?

Q. A minha família, a minha avó.

P. A rua é boa em alguma coisa pra você?

Q. É uma experiência, né?

P. Como é que você faz amigos na rua?

Q. Eu não tenho amigos não, eu tenho colegas.

P. Você teve a vontade de morar em algum lugar? Como casa, abrigo?

Q. Não, só abrigo.

P. Você tem medo de viver na rua?

Q. Tenho, lógico.

P. Como é que você entende a vida?

Q. Obstáculo.

P. Tem algo que te ajuda a viver e a vencer os desafios da rua?

Q. Não entendi.

P. Tem alguma coisa que te ajuda a viver e a vencer os desafios da rua?

Q. Deus, né. Deus, Deus.

P. Você já pensou em mudar de vida?

Q. Todo dia.

P. Existe um sentido pra vida?

Q. Existe.

P. O que seria esse sentido pra você?

Q. Deus.

**ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 17**

**Arquivo: Entrevista 17 – Tempo de gravação: 23 min e 31 s**

**Realizada em 15 de novembro de 2023.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: R

R. Mesmo que você tenha que saber quem tá falando, né?

P. Isso. Então seria...

R. A origem, né?

P. A idade do senhor?

R. 58.

P. O seu estado civil?

R. Divorciado.

P. Grau de escolaridade?

R. Secundário.

P. Está trabalhando atualmente?

R. Não. Formalmente, não.

P. O senhor recebe... A renda que o senhor consegue fazer, ela fica mais ou menos...

Meio salário mínimo, menos que meio salário mínimo, um salário mínimo...? Não tem?

R. Basicamente eu sobrevivo de corre, pronto.

P. Bom, vamos lá. Como era a sua vida antes da situação de rua?

R. É...

P. O que que é que o senhor estava falando pra mim agora?

R. Eu tava em um outro país, não vou ser detalhista, mas eu tava em um outro país...

Onde eu desenvolvi uma... Ajudei a desenvolver um restaurante. É... Aí vim para cá...

Tendo fechado... Esse restaurante de uma maneira muito positiva, porque eu fechei

esse restaurante com clientes... Na expectativa de voltar continuar desenvolvendo o trabalho... É... Dessa maneira, não mais... Me associando a alguém ou contribuindo com alguém, mas sim, fazendo... Buscando uma carreira solo, porque de onde eu vim... Eu criei uma... É... No que se refere a minha parte... Eu criei uma... Uma estima... Eu criei amizades, eu criei uma reputação positiva, né? Aí depois que eu venho aqui, acabo entrando nessa situação...

R. Aquilo que já era uma intenção se torna basicamente como a maior meta da minha vida. Ou seja, caramba, o país que eu vivo me oferece isso daqui... E não tô jogando a responsabilidade ao país...

P. Uhum.

R. Mas o país que eu vivo me mete nessa situação... E da onde eu venho, eu tenho uma outra perspectiva... Não tem mais... Se eu precisasse de algum motivo. Ou tivesse em dúvida, né? Se ficasse no Brasil ou voltasse pra onde eu estava... Essa situação já me respondeu que eu não devo ficar aqui... Que realmente eu devo seguir...

P. Pra outro local...

R. Com a ideia... Lutando com a possibilidade de voltar pra esse outro local e retomar aquilo que eu tava fazendo...

P. Então qual foi o motivo que você passou a viver em estação de rua?

R. É... Não, é que eu contei com... Com atitudes familiares... Resumindo, é isso... Atitudes familiares... Que não se cumpriram... Que não se cumpriram... Tá? E que me tirou... Digamos assim... O chão...

P. Entendi...

R. No que se refere a recursos financeiros... Basicamente isso...

P. O senhor possui contatos com seus familiares assim?

R. Sim... Sim... Normalmente... Seja familiar enquanto família, né? Seja familiar enquanto familiar...

P. O senhor tem amigos próximos aqui que estão em situação de rua também como o senhor... O senhor mantém contato com eles...?

R. Na rua não existe amizade... Porque quem vê cara não vê coração... Tá? Isso não é muito diferente do que acontece nos degraus acima da sociedade... Isso não é muito diferente... Tá? É... O que existe são companheiros... Né? Companheiros que em

algum momento, um se solidariza com o outro e acaba ajudando, né? Mas atribuir a essas pessoas a qualidade de amigos, no verdadeiro sentido da palavra... Eu acho que é muito raro que ocorra, né?

P. Como é que é a sua rotina do senhor? O que é que o senhor faz no dia a dia?

R. Olha... Eu procuro despertar o mais rápido possível, né? É... O mais cedo possível... Que me permita sair daqui, ou seja... Isso daqui pra mim é apenas uma pernoite, busco tratar como uma pernoite. Porque mesmo que eu não saia daqui e vá produzir alguma coisa... O simples fato de eu sair daqui, eu tô me mexendo. Eu tô me inserindo em alguma coisa, no que está acontecendo... É... É... Numa área maior, né, de influência. É, obviamente, se nesse dia eu tenho algum corre programado, vamo lá. Se eu não tenho, de repente, vá que eu consiga arrumar um corre.

P. O senhor realiza alguma atividade pra ganho financeiro?

R. Esses corres.

P. Os corres?

R. Esses corres. É, eu não estou recebendo, eu não recebo ajuda do governo. Tá? Por quê? Talvez uma parte disso, eu seja culpado, né? É... Na ocasião da pandemia, se abriu a possibilidade de muitas pessoas receberem auxílio emergencial, né? E eu me habilitei, mas me habilitei como morando com meu filho. Morando com meu filho. E que depois eu vim a perder também por essa situação, né? É... Quando o governo Bolsonaro, ele passa decidir diretamente os valores e a abrangência do auxílio emergencial, tirando de muitas pessoas. Por que que ele passa a dirigir isso? Porque nós todos, nós sabemos que o início dessa conversa tá... É... É... Tá nos parlamentares, não está no governo. Está no parlamento, e encontrava no governo uma resistência. Principalmente em relação a valores, encontrava uma resistência. E seis meses depois, o governo, politicamente ele tirou. Assumiu o controle disso e impôs as suas regras. E nessas regras, muitas pessoas deixaram de receber e eu fui uma delas. De lá pra cá, como esse país nosso é um trem fantasma, ou seja, em cada curva é um susto, principalmente aquelas pessoas que tão numa situação de vulnerabilidade, ou de não estabilidade socioeconômica, ela sofre mais. Então, por exemplo, nesse espaço de tempo, vou ver se consigo me inserir no Bolsa Família. Ah, mas não tem mais na descrição. É, tudo que está acontecendo tá indo contra a novos ingressos. Bom, preciso cuidar da minha vida. Não vou ficar insistindo nisso que não

tenho tempo pra isso. E a coisa vai se protelando, protelando, e fez com que nesse momento eu não esteja debaixo desse guarda-chuva que hoje é chamado Bolsa Família.

P. Onde é que o senhor dorme?

R. Exatamente aqui.

P. Como é que o senhor faz pra se alimentar?

R. É... Eu me alimento através de doação, não necessariamente... É, a importância não é, na proporção, não importa. Mas através de doação. As doação vinda de grupos, de grupos, é... Associados, entidades ou em ONGs, não importa. Que isto ajuda muito, tá? E algo que eu consigo produzir nos meus corres.

P. E onde é que o senhor realiza a sua higiene?

R. Olha, a única higiene que eu uso na rua, propriamente na rua, é urinar, né, e eu faço ali.

P. Entendi. E banho, barba, escovar os dentes...?

R. Banho, obviamente a frequência não é a mesma de uma pessoa em uma situação normal, tá? Mas quando eu preciso tomar banho, não dá mais, eu me socorro com os meus filhos, né? É... Agora, aquela higiene basiquinha, muito básica, muito básica, muito básica, cortar a barba, aparar a barba, cortar o cabelo. A barba, por exemplo, eu faço semanalmente porque todo final de semana, todo sábado, eu vou ao meu neto e lá eu dou uma ajeitadinha na coisa. E, o cabelo, normalmente eu uso um benefício ... de cabelereiros aqui em São Paulo, cujo preço é mais acessível e eu consigo acomodar isso no que eu consigo receber dos meus corres. Por exemplo, eu tô recém com cabelo cortado, eu cortei ontem, isso me custou cinco reais. Num horizonte que isso custa de 30 para cima, eu conseguia acomodar.

P. Seus pertences ficam com o senhor, na casa de alguém?

R. Bom, eu tenho dois tipos de pertence, tá? Aquele pertence que me acompanha diariamente, e isso está na minha mochila, não fica aqui nesse local.

R. E eu tenho um pertence que ainda resta do meu passado, e isso eu tenho guardado com meu filho.

P. Entendi. Quais são os maiores desafios de viver na rua?

R. O maior desafio de viver na rua é enfrentar a nossa resiliência. Todos nós temos algo de resiliência em nós. É enfrentar essa resiliência. Ou seja, incorporar essa

resiliência no dia a dia. Porque sem essa resiliência tudo o mais fica comprometido. Então é um grande desafio. Hoje eu preciso me levantar. Mesmo depois, quando eu voltar e que vier a dormir, eu tenho que manter minha autoestima. Eu tenho que manter os meus projetos. Eu tenho que não deixar me influir pelo meio.

Então isso e muitas outras coisas vêm da capacidade que nós temos de desenvolver resiliência.

P. O que significa viver na rua pro senhor?

R. Viver na rua para mim significa estar longe de uma vida digna.

P. Tem alguma coisa na rua que o senhor gosta? O que o senhor mais gosta na vida na rua?

R. Nessa minha experiência, eu chamo experiência porque eu não nasci aqui, não vou morrer aqui e vou seguir o meu caminho. Eu não discuto se vou, eu discuto quando. Mas que vou, eu vou. Muito bem. A coisa mais bacana e isso eu falo pra vários desses grupos, que eu vou levar daqui quando eu sair dessa situação é essa solidariedade. Essa solidariedade humana, que muitos interpretam como caridade, mas eu gosto muito mais dessa palavra solidariedade. Essa solidariedade humana que é prestada por grupos de pessoas e, sobretudo, à noite. Isso ocorre basicamente à noite. Sai distribuindo marmitas, distribuindo uma série de doações, roupas, etc, etc. etc. pra quem está nessa situação de rua. Isso é formado por grupos que estão ligados a ONGs e a entidades religiosas, etc. É formado por iniciativas, até por iniciativas pessoais. Ou seja, uma pessoa que solidariza com a situação. Ele tem algo de recursos financeiros, ele consegue produzir individualmente os próprios fundos pra sair à noite e dar uma colaboração. Nem que seja com um pão com mortandela e uma água da torneira.

P. O que que o senhor não gosta da vida na rua?

R. A situação em si, a situação em si não leva a pessoa a uma vida digna. A discriminação, ou seja, tudo aquilo que a sociedade consegue produzir enquanto hipocrisia, na rua ela fica muito mais clara, né?

P. Quais são as maiores dificuldades na sua vida?

R. Olha, hoje a minha maior dificuldade na minha vida é talvez encontrar apoio pra sair dessa situação. Mas mesmo isso que eu posso dizer como maior dificuldade, no momento em que eu atribuo a que alguém me ajude, na realidade eu tenho que

compreender e compreendo que a única pessoa que deve efetivamente me ajudar sou eu, não as pessoas. As pessoas nenhuma tem obrigações. Por exemplo, esse grupo, esses grupos de solidariedade... Eles vêm aqui com uma missão, vamos chamar assim, ou com um propósito distinto, e eles não podem abraçar outros propósitos porque estão enfocados naquilo. Então se houvesse um... Se eu fosse exigir apoio, seria basicamente apoio por parte do governo. Só que o governo historicamente, não importa qual seja o nosso país, e nas últimas décadas e isso tem se intensificado. Os últimos governos estão muito mais preocupados em desenvolver uma política de poder, ou seja, é uma política de poder no país, do que uma política de... de país.

P. Uhum.

R. Ou seja... A política ainda é inuso nas últimas décadas. Tem se agravado isso. Quem assume, quem atua na política, ele atua, é... Pra desenvolver uma política de poder, não uma política de país.

P. O senhor precisou aprender algo pra viver na rua? Precisou aprender algo para viver na rua?

R. Não. Não, não... Pra não dizer que eu não aprendi, logo no início, inclusive no momento da pandemia, eu não sabia, poxa vida, preciso comer... Então, em algum momento eu conheci uma pessoa. Ah, vem cá. O que eles chamam de boca de rango. Boca de rango normalmente são entidades ou organizações que produzem alimento e doam. De uma maneira assim, né? Como se fosse um restaurante, mas não é. É uma entidade que produz alimento pra doar. Entidades, igrejas, nananã... Entidades, igrejas e... Bem, e ONGs. Pô, conheço uma boca de rango. Ah, é? Vamos lá. Isso me ajudou muito porque, é, satisfaz uma necessidade básica de qualquer um que é alimentação.

P. Tem algo de sua vida antes da rua que o senhor sente falta?

R. Tudo. Tudo, tudo, porque, né? É... Uma das coisas que faz parte da minha resiliência, a minha resiliência, não significa que seja a resiliência de todos. Mas que faz parte da minha resiliência é o... Não me adaptar à ela, não tê-la como um fim em si mesmo. Porque isso pra mim, comparado com a grande maioria, eu até posso me entender como uma pessoa de sorte, na medida que eu tenho uma perspectiva. Voltamos pro início da nossa conversa. Na medida que eu tenho uma perspectiva.

Como a grande maioria das pessoas não têm essa perspectiva. Nessa parte da sua resiliência, ele toma a rua como um fim em si mesmo, entendeu?

P. A rua é boa pra você?

R. Pra ninguém. Não só pra mim, pra ninguém. É claro que todo... Tudo o que nos ocorre de uma maneira negativa, nós temos que, não importa em que degrau da sociedade nós estejamos, tudo o que ocorre de uma maneira negativa, nós temos que aprender a transformar de maneira positiva. Então, ou seja, tudo de negativo que tá na rua, dentro da minha resiliência, eu transformo isso de uma maneira positiva. E uma das maneiras positivas é não me acostumar com essa situação, por exemplo, tá?

P. O senhor já teve a oportunidade, já teve a oportunidade de morar em algum lugar como casa, abrigo?

R. Não, não. Essa oportunidade eu também não me dei. Por exemplo, me referindo ao albergue, que é um serviço por parte do governo municipal e estadual que é disponível em cidades como São Paulo. Então, afinal de contas estamos falando de São Paulo. Então quando eu entrei em situação eu fiz uma promessa pra mim mesmo. Eu não vou pra albergue. E eu fiz isso de uma maneira muito instintiva. Aí na medida que eu começo a conhecer uma ou outra pessoa da rua, que eu fico ouvindo as conversas... A gente não pode dizer que o ambiente desses albergues é o ambiente mais maravilhoso e adequado possível. Então eu fiz bem de não ter ido pra esse albergue, mas foi uma decisão pessoal minha. Há disponibilidade disso, bem ou mal há.

P. Você tem medo de viver na rua?

R. Olha... Quem dizer, quem estiver na rua, ou até mesmo que não esteja, dizer que não tem medo é um mentiroso. É um mentiroso. Aonde tá a diferença em relação quem tá vivendo na rua, ele não pensa no medo. Porque se ele pensar no medo ele vai entrar numa situação muito complicada. Ele não pensa no medo. Isso ocorre na nossa vida de uma maneira geral. Ou seja, se você pensar no medo de pular de paraquedas, você nunca vai fazer.

P. Como você entende a vida?

R. Maravilhosa, maravilhosa.

P. Tem algo que ajuda a viver e vencer os desafios na rua? Você tem algo?

R. A perspectiva, ou seja, e essa perspectiva, ela também tá associada a uma base da minha criação, né? É... Não só a base da minha criação, mas também a base da minha personalidade. Porque, por exemplo, uma pessoa em situação de rua, ela pode ter uma perspectiva, mas ela não tem uma base tão sólida na sua educação e na sua personalidade, então ela fica vulnerável nesse quesito. Eu não me sinto vulnerável nesse quesito. Então quando eu uno perspectiva à minha base e à minha base de educação, base intelectual inclusive. É... Eu crio, de uma certa maneira, uma blindagem.

P. Você pensa ou já pensou em mudar de vida?

R. Pra mim é fundamental. Eu tomo isso daqui como uma massagem, ou seja, isso pra mim é diário, é diário, ou seja, o que me move todo dia, levantar pela manhã, dormir, descansar, pra levantar no dia seguinte é justamente... Isso não se trata só de necessidade. Isso se trata de uma série de fatores. Ou seja, aqui eu não tenho nada, não existe nada pra mim aqui. Eu não produzo nada pra mim aqui. A minha vida não é essa, eu estou nessa vida. Minha vida é outra.

P. A vida tem um sentido?

R. Sempre, sempre, o maior sentido da vida somos nós mesmos. Nós damos o sentido da vida.

**ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 18**

**Arquivo: Entrevista 18 – Tempo de gravação: 5 min**

**Realizada em 15 de novembro de 2023.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: S

P. Qual é a idade do senhor?

S. 53.

P. O seu estado civil?

S. Solteiro.

P. O senhor estudou até que série?

S. Segundo completo.

P. Tá trabalhando atualmente?

S. Não, só tô recebendo auxílio.

P. Tá. Então fica... Qual média? É meio salário mínimo, é um salário mínimo?

S. É 600 reais.

P. Como era a sua vida antes da situação de rua?

S. Como era?

P. Como era?

S. Aqui a gente vive mais em uma sala, doação.

P. Não. Como era antes da situação de rua?

S. Antes eu trabalhava, morava com a família. Aí só que eu trabalhava num lugar aí que é o Parque da Água Branca, né? Aí foi privatizado e saiu todo mundo de lá. Aí fiquei desempregado.

P. Qual foi o motivo que o senhor passou a viver em situação de rua?

S. É, desentendimento com a família. Não deu certo, não dá certo com a família, não dá certo.

P. O senhor possui contato com esses familiares?

S. Tenho, falo com todos eles.

P. O senhor possui alguns amigos próximos também que tão em situação de rua?

S. O pessoal daqui.

P. Daqui. É, como que é a sua rotina, o seu dia a dia? O que o senhor faz? O dia a dia é limpar aqui...

S. ... buscar uma água. É, dar banho nos cachorros, sair com eles pra passear. É isso aí. Lavar uma roupa.

P. O senhor realiza alguma atividade pra ter um ganho financeiro?

S. Não, nada. Se aparecer alguma coisa eu até faço. Sei trabalhar, trabalho com negócio de obra...

P. O senhor trabalha tipo de pedreiro, essas coisas?

S. Ajudante.

P. Ajudante de pedreiro?

S. Pintura.

P. Pintura.

S. Se aparecer eu faço.

P. Que...?

S. Paga...

P. Onde que o senhor dorme?

S. Ali.

P. Ali.

S. Eu gosto de barraco, é muito...

P. Como é que o senhor faz pra se alimentar?

S. A gente faz comida aqui. Tem um fogão improvisado.

P. Ah.

S. Fogão de lenha. Às vezes chega marmitta também.

P. A sua higiene o senhor faz aonde? Banho, barba?

S. É naquele sobretudo, tá vendo?

P. Ah, tô vendo. Aí faz um banheiro aí então.

S. Banheiro, banheiro. Eu já tomei banho lá hoje.

P. Ah, que ótimo. Os seus pertences ficam aonde? As coisas que o senhor tem?

S. É, tudo é meu. Os meus tão naquele carrinho ali, que o pessoal toma conta. Esse ali é meu.

P. Entendi. É, o senhor tem algum apoio financeiro que o senhor tem ou do auxílio então?

S. Do auxílio, Bolsa Família. No momento é isso.

P. Quais são os maiores desafios de viver na rua?

S. Ah, segurança, né? A gente tem um pouco de medo, né? Aqui a gente não tem muito medo por causa dos cachorro. Mas é estranho, é sinistro. Não é fácil não.

P. O que é que significa viver na rua pra você?

S. Não é bom, não. A gente se acostuma, mas o bom mesmo é ter uma casa, né?

P. O que é que o senhor gosta de viver na rua? Tem alguma coisa que o senhor gosta?

S. É, só uma pequenas amizade mesmo.

Outro: No dia a dia, né? A gente vê muita gente todo dia.

P. O que é que o senhor não gosta na vida da rua?

S. Não gosto da rua. Não gosto de viver na rua, não gosto.

P. Nada.

S. Deve ter uma casa.

P. O senhor precisou aprender algo pra viver em situação de rua?

S. É?

P. Precisou aprender algo?

S. É, conviver com as pessoa. É, tem que ter respeito, só isso.

P. Uhum. Tem algo na sua vida antes da rua que o senhor sente falta?

S. Ah, família, né, a casa. Tenho um filho aí, mas eu tenho vergonha. Não vai pensar que eu tô numa vida dessas. Ele não sabe que eu tô na rua, né? Ele acha que eu moro em quarto de pensão.

P. Quantos anos?

S. Ele? Tem dezenove. Entrou no exército.

P. Ah.

S. Falo com ele, direto.

P. A rua é boa pro senhor em alguma coisa?

S. Ah, é boa porque eles ganham as coisas, né? Ganham roupa, ganham comida. Entendeu? Ninguém é acomodado, né? O pessoal ajuda.

P. Uhum. Como é que o senhor faz amigos na rua?

S. A gente vai se conhecendo. Vai passando, ficando aí. Tinha muito mais gente aqui antes.

P. O que aconteceu com eles?

S. Ah, muitos num... A maioria saiu porque é sem vergonha, é nóia. Roubavam celular. Meu celular, já roubaram uns três celulares meu aqui. Por aqui, aí eles mandam embora.

P. O senhor teve a oportunidade de morar em algum lugar, como casa, abrigo?

S. Abrigo, não. Nada de albergue, nada de prefeitura. Só o hotel social.

P. Uhum.

S. O hotel social e individual, no máximo duas pessoas, cara, mas... O negócio de albergue aí tá fora. Só tem tranqueira.

P. O senhor tem medo de viver na rua?

S. Não, medo não. Acostumei já.

P. Como é que o senhor entende a vida?

S. Como que eu entendo a vida? É... Complicada. Não é fácil. Viver é difícil.

P. Tem algo que te ajuda a viver e vencer os desafios da rua?

S. A vontade de viver mesmo, a fé em Deus. Um dia eu vou sair daqui.

P. O senhor já pensou em mudar de vida?

S. Já, mas falta oportunidade, né? O emprego.

P. A vida tem um sentido, senhor?

S. Às vezes tem, às vezes não tem, não.

P. Às vezes tem, às vezes não tem.

S. Às vezes... Tem, tem. Tudo tem sentido, né? A gente não tá aqui à toa. Eu acho assim, ó.

P. Interessante.

**ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 19**

**Arquivo: Entrevista 19 – Tempo de gravação: 6 min e 51 s**

**Realizada em 15 de novembro de 2023.**

[ ] Homem [x] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: T

T. Começar. Alô.

P. Sua idade?

T. Ah, de espírito?

P. Não, de... Fica, mais ou menos qual é a sua idade?

T. A minha idade é 39, a de espírito é 60.

P. Estado civil?

T. Ah, solteira, amaziada, com um macaco... Ô, ô, rapaz de...

P. Grau de escolaridade?

T. Sexta série.

P. E tá trabalhando atualmente em algum lugar?

T. Tô. Raiva.

P. Não está trabalhando, então.

T. Passo mó veneno.

P. Você recebe algum benefício?

T. Recebo. Tapa na cara. É brincadeira. Desculpa, brincadeira. Recebo é... o auxílio Bolsa Família. Recebo.

P. Como era a sua vida antes de estar em situação de rua?

T. Como é a minha vida?

P. Como era a sua vida antes de estar em situação de rua?

T. Eu nem sei o que é vida. O que que é vida?

Outro: Não, quando você tava na sua casa com a sua família.

T. O que é vida? Ah! Quando minha mãe existia, era bom. Mas quando ela morreu, sem chance. Aí não existiu mais nada.

P. Qual foi o motivo que você passou a viver em situação de rua?

T. Por causa da minha mãe que morreu, faleceu.

P. Você possui contato com alguns dos seus familiares?

T. Uhum. Às vezes eles vêm aqui. Mas é difícil, né?

P. Você possui os seus amigos que tão aqui em situação de rua? São eles?

T. Eu adoro meus amigos aqui. Meus amigos são da hora. Meu marido também.

P. Como é que é o seu dia a dia? Sua rotina? O que que você faz?

T. Ah, a gente lava a louça, a gente vai buscar, vai na feira. A gente limpa aqui, vai buscar água. É essa vida que a gente leva. Se depender dos outros, a gente tá fodido.

P. Você tem alguma atividade que você faz pra ganho financeiro? Como, por exemplo, colher reciclagem, fazer o serviço de...?

T. Isso. A gente pega latinha. Nós pega, é... Ai, como é que é? Um negócio de... É que eles sabem. Como é que é o negócio?

P. Papelão, essas coisas?

T. Não, papelão não. Não dá lucro, não. É alumínio.

P. Ah!

T. A gente coloca ali alumínio, latinha, a gente coloca ali.

P. Onde é que você dorme e faz tudo aqui?

T. Normal.

P. Uhum. Dorme aqui, então?

T. Isso.

P. Pra se alimentar, como é que você faz?

T. A gente tem que pedir. A gente tem que pedir lá no restaurante, pedir em outro, pedir em outro.

P. Pra fazer a higiene de vocês?

T. Ah, isso aí, tem um lugarzinho ali que ele fez pra mim. Eu coloco lá, tem umas coisinhas lá.

P. Pra tomar um banho, tudo isso?

T. Tem a caixa d'água lá, a caixa d'água. Tá vendo a caixa d'água? A gente toma banho na caixa da caixa d'água.

P. Entendi. Os seus pertences, ficou com quem? As coisas que você tem, fica tudo aqui?

T. Tudo aqui.

P. Tudo aqui. Você...

T. Meus pertences são esse homem aqui, ó.

P. Ah, é? Tudo bem.

T. Olha meu pertence aqui, ó. Só tenho ele.

P. Quais são os seus maiores desafios de viver na rua?

T. O meu desafio é aturar as pessoas ruim. Aturar as pessoas medíocres, egoísta e ambiciosa.

P. O que é que significa viver na rua pra você?

T. Não é viver na rua. É você conhecer pessoas que precisam de ajuda. E você não vê. Julgar, todo mundo julga. Mas ninguém conhece.

P. O que é que você gosta na vida na rua?

T. Os amigos. Meus amigos, os amigos.

P. O que é que você não gosta na vida na rua?

T. A pessoa ambiciosa, medíocre, folgada.

P. Quais são as maiores dificuldades da sua vida?

T. Dificuldade? É... Lidar com a minha... Meu nervosismo. Eu sou muito agressiva.

P. Você precisou aprender algo pra viver na rua?

T. Amor. Amor.

P. Tem algo em sua vida antes da rua que você sente falta?

T. Não.

P. A rua é boa pra você?

T. É. Eu tenho meus amigos. Eu só não sei lidar com a minha agressão. A minha brutalidade. Mas os amigos aqui que eu tenho, maravilhoso.

P. Como é que você faz esses amigos na rua?

T. Eu cultivo, né? É que nem uma planta. Cultivo com eles. Converso com eles, bagunço com eles. Falo palhaçada, como sempre, né?

Outro: Nós cozinha aqui, nós come todo mundo junto. Isso, esse é o cultivo.

P. Você teve a vontade de morar em alguma casa, abrigo, algum lugar?

T. Não, não. Eu quero morar numa caverna.

P. Ah. Não quer, né?

T. Não, pra mim tá ótimo.

P. Tem medo de viver na rua?

T. Não. Eu tenho medo da família, tenho medo das pessoas ambiciosas, egoístas. Aqui eu tô tranquilo.

P. Como é que você entende a vida?

T. A vida pra mim, hoje, é viver num lar a sério. Longe das pessoas. Longe de tudo. Você cultiva a sua vida ali, faz o seu negócio.

T. Sem gente pra ficar, ó, de olho nas suas coisas.

P. Tem algo que te ajuda a viver e a vencer os desafios da rua?

T. Tem algo? Os amigos. Os amigos.

P. Você pensa ou já pensou em mudar de vida?

T. Já. Ainda moro do lado da rua, ali, ó.

P. Você que pensa.

T. Desculpa, que eu sou muito comediante.

Outro: Não, mas ela é sincera também. Ela nunca saiu da rua, que ela se sente bem aqui. É isso, né, Michelle? É, eu sei...

P. Existe um sentido pra vida?

T. Existe. Um amor. Se não for com amor, você não faz nada. Nada. Só sofre. Maldade? Em todo lugar. Você só consegue uma coisa com amor. Tem que ter paciência. Se você não tiver paciência, não vai. Às vezes é difícil, né? Como ele, assim, ó. Às vezes é difícil falar com ele. É chato pra caramba. Mas eu vou cultivando ele. Vou cultivando a plantinha. Tem que ter paciência. Na vida, na rua, tem que ter paciência e amor. Se não tiver, ó. Não adianta ser bruto, não. Querer bater nos outros na rua, não. Não adianta, não. Isso é coisa feia, ridícula. Não adianta fazer isso. Você vai machucar a pessoa ou você vai entender ela? Você sabe o que ela tá passando? Ah, eu vou ficar louco. Só você pode ficar louco? Eu não posso? Se eu ficar louca, aí o cara vai me dar uma paulada. Se o cara tá louco, eu vou dar paulada no cara porque ele tá louco? Não. Vou entender o lado dele. Você não sabe o que ele tá passando.

Não é assim. Não é agressão, não. É amor. Carinho. Dialogar, como sempre, conversar e dar amor.

## ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 20

**Arquivo: Entrevista 20 – Tempo de gravação: 11 min e 34 s**

**Realizada em 15 de novembro de 2023.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: U

P. Sua idade?

U. 39 anos.

P. Estado civil?

U. Solteiro, solteiro mas nunca só.

P. Você estudou até que...

U. Solteiro sim, sozinho nunca. Primeiro colegial incompleto.

P. Você tá trabalhando em alguma atividade atualmente?

U. Eu faço um trampo voluntário no Parque da Água Branca aqui do lado.

P. Se você fosse pensar, você ganha mais ou menos o que? Um mês?

U. Não, não, é voluntário, é de graça.

Outro: Ele faz o que ele gosta.

P. Ah, entendi.

U. Eu faço porque eu gosto.

P. Legal. Como era a sua vida antes de tá em situação de rua?

U. Boa, boa. Gostava da minha vida, eu queria voltar pra lá, pra minha área, pra minha vida.

P. Como era?

U. Não, era boa, boa, sei lá, com família, feliz. Só que o vacilo foi eu, que eu que me envolvi em coisa errada. Mas eles mandam eu voltar, mas eu não voltei por causa dos meus dentes. Mas minha vida era top, eu gostava da vida.

P. Qual foi o motivo que você passou a viver em situação de rua, se puder falar assim?

U. Droga, droga, me envolvi com droga. Essa real.

P. Possui contato com seus familiares?

U. Não, eu tenho contato, eu tenho contato com todos eles. Família, amigos. Eu tenho Instagram, Facebook, WhatsApp. É que eu perdi meu celular, que eu sempre estou com contato, eu estou no grupo da família, do WhatsApp. Eu converso com todo mundo.

P. Você possui amigos próximos, são aqui.

U. Oi?

P. Os amigos próximos da rua são eles, que estão aqui com você.

U. É, os amigos próximos são aqui, mas eles estão próximos de mim pelo Facebook e Instagram, lá da minha vila lá. Mas pessoalmente é eles aqui, ó.

P. O que é que você faz no seu dia a dia? Sua rotina?

U. A minha rotina é sair para poder comer bem. Comer, tomar café e cuidar dos bicho. Eu gosto de animais. Eu cuido dos bicho aqui no... Conhece o Parque da Água Branca?

P. Sim, sim.

U. Então, não tem aqueles galinheiros que ficam assim?

P. Sim.

U. Eu trabalho lá dentro, lá, de graça lá. Eu ajudo, tem galos que é cego, que aí ele não consegue comer, então nós temos que abrir a boca dele e colocar comida dentro, porque senão eles morrem. Então eu vivo lá, já tem mó tempo que nós alimenta eles.

Outro: Ele traz ovo de pato pra nós.

U. É, eu trago ovos. Eu tenho ovos aqui, depois eu vou te mostrar. Eu tenho ovos de pato aqui e de galinha caipira. Natural, tirado de lá debaixo da galinha. Nós tira para ele não se reproduzir. E é fresquinho.

P. E você dorme aonde?

U. Aqui mesmo. Eu durmo ali, ó, do outro lado ali. Aquele sofá lá é meu.

P. Como você faz, para se alimentar, você...

U. Eu saio na correria e peço. Peço, peço nos restaurantes. Me arruma um pouco de... Eles já me conhecem. Eles vão lá e servem pra mim o café, tomo cinco, seis cafés em padaria de rico. Eles já me conhecem. Eles não querem que eu peço.

U. Então eles pegam, tomo um cafezinho para você. Aí eu vou embora. Mas eles sabem que eu não peço, eu converso, troco ideia e depois eu vou embora. Saio de uma, eu vou para a outra. Saio da outra, vou pra outra. Eu tomo cinco, seis cafés de manhã.

P. Onde você realiza sua higiene? Banho, essas coisas? Barba?

U. É, banho eu tomo aqui, aqui, ou senão, eu tomo em uma torneira lá em cima, lá. A moça também deixa eu tomar também. Faço minha higiene, ando limpo. Tô sujo aqui porque tô de chinelo, mas...

P. E seus patentes? Onde é que fica?

U. Fica tudo aqui.

P. Fica tudo aqui com você?

U. Fica tudo aqui.

P. Então você não recebe nenhum auxílio, benefício?

U. Não, recebo o Bolsa Família.

P. Quais são os maiores desafios de viver na rua?

U. Ah, é o perigo, o perigo. O perigo de nego me agredir. Porque já me agrediram já. Já me agrediram. É, o meu medo é de agressão. O resto eu desenrolo rapidinho, facinho. O ruim é a agressão. E a agressão também com meus amigos, minha família também. Chega alguém que nesse dia chegou um rapaz aqui, querendo tirar onda e pegou madeira ainda. Pegou madeira pro outro rapaz que tá deitado ali, ó. Então o ruim é isso aí. Nós tá aqui, que nem ela é mulher. Que nem nós e eu, nós somos fortes. E se não tiver que chegar alguém que agredir eles. Então o ruim é a agressão. O resto nós tira de letra.

P. O que é que você gosta de viver na rua?

U. O que eu gosto? O que eu gosto é que não tem ninguém pra mandar, eu posso fazer o que eu quiser. Eu posso tomar café, eu posso ir ali, e posso ir cá. Que nem tipo assim, eu sei que é bom trabalhar, mas se você... Que nem eu, eu não tenho sorte. Quando eu arrumo trabalho, os patrões querem tirar onda comigo. Querem tirar onda comigo. E podem me pagar 10 mil real, mas se for pra cuspir em mim, eu prefiro ficar desempregado na rua. Eu prefiro ganhar nada, que nem eu sendo voluntário, eu não ganho nada. Mas lá me respeitam, eu faço uma coisa que eu gosto. Agora pra trabalhar registrado pros outros me humilhar, nem que me pagassem 50 mil real, eu

não vou, não vou, não vou. Então o bom da rua é isso aí, que você faz o que você quiser.

P. O que que você não gosta na vida da rua?

U. Então, é... O que eu não gosto é agressão. Agressão e também tá na sarjeta assim, entre aspas. Que nem, tem hora que é ruim, tem hora que você quer comer, não tem. Ou eu tenho que correr atrás, tenho que ir lá na Casa do Chapéu pra poder pegar uma comida. Eu consigo, que nem mas tá longe. Eu tenho que andar até lá, esperar o horário pra poder pegar comida. Eu como comida o quê? Três e meia da tarde. Mas como bem, mas eu queria comer meio-dia. Meio-dia. Um arroz, feijão, uma bisteca, filé mignon, contrafilé.

P. Quais foram as maiores dificuldades na sua vida?

U. Minha dificuldade... Hoje, minha dificuldade é os dente. Mas eu tô arrumando. É ruim, horrível. Tá, perder os atacante, os centroavante, tudo junto. É a mesma coisa da Seleção Brasileira, não tem nada. Seleção Brasileira tá uma porcaria. O único que tem de bom ali é o Neymar, eu nem Neymar não tenho.

P. Tem algo que você precisou aprender pra viver na rua?

U. Que eu precisei aprender pra viver na rua? Ah, coragem, você tem que ter coragem na rua. Se você for medroso, tímido, você morre de fome, você fica sujo. E você até se joga pra coisa ruim ainda, pra coisa errada. Então você tem que ter coragem até pra sair da coisa ruim também.

P. Tem algo da sua vida antes da rua que você sente falta?

U. É minha família. Não, antes da rua... Peraí, como que é a pergunta?

P. Isso, antes da rua, antes de você tá em situação de rua. Tem algo que você sente falta da sua vida?

U. Tudo lá. Tudo. Minha vida é lá. Eu sou louco pra poder voltar pra lá, eles me chamam pra poder voltar pra lá. Só que é o seguinte, se você voltar pra lá, eu mesmo não tenho futuro nenhum, eu não tenho estudo. Eu sempre bagunço na minha vida. Hoje eu não bagunço mais, mas acontece que eu não tenho oportunidade. Um exemplo, se colocar você e eu pra entregar um currículo, você entregar um currículo, os caras vão chamar você e não vão chamar eu. E também eu não quero ser humilhado, então, se eu for pra lá, a família vai receber, mas daqui a pouco eu vou começar a jogar na cara também. Ó, você tem que trabalhar, que não sei o quê. Aí eu

vou retornar pra cá. Então o ruim é isso aí. Mas eu amo minha família, eu amo eles. Eu queria voltar, mas vai ser difícil, vai ser difícil.

P. A rua é boa pra você?

U. Num ponto sim, num ponto não. Mas tem os seus méritos também na rua, que nem lá também tem os seus méritos também, tá? Debaixo do teto, televisão, wi-fi, internet, família, conversas. Apesar que família aqui também tenho também.

P. Como é que você faz amigo na rua? Como é que você fez amigos aqui?

U. Ah, conversa. Passa ali, conversa. Eu conheci essa aqui, essa aqui me mangueou. Eu tava, eu tava, que nem eu, eu sou ex-usuário de droga, daquelas, aqueles craques lá. Aí eu ando bem arrumado, com o celularzão. E eu tava sentado lá, usando a fala. Até arrumado ... Ó, me ajuda com alguma coisinha. Falei, ó moça, eu tô na rua também. Eu peguei amizade com ela, através dela eu conheci todo mundo aqui.

P. Legal. Você já teve a oportunidade de morar em algum lugar como casa, abrigo?

U. Já. Já tive, mas... Eu já tive e já fui já, mas eu voltei rapidamente. Voltei rapidamente, porque não dá, não dá pra ser dominado. Eu não nasci pra ser mandado. E nem mandar nem ninguém. Não gosto.

P. Você tem medo de viver na rua?

U. Não, não tenho medo, não.

Outro: Qual o mal da rua? A aparência, né?

U. Hã?

Outro: A aparência, né? Se você tá sujo, né?

U. É, o ruim da rua também é que muitas pessoas te discriminam. Que nem o exemplo. Um exemplo, vai, se você estiver no Parque da Água Branca mesmo, não é a parte do trabalho, é a parte da segurança lá, que é o... Um exemplo, se você chegar lá e colocar o carregador pra carregar, seu celular, eles vão falar, não, você é um rapaz, um rapaz, um cidadão do Brasil, eles não vão requisitar. Agora, se eles veem eu carregando o celular, não, pode tirar daí, que não sei o quê, eles até desligam a energia. Já fizeram isso comigo, então é discriminação.

Outro: A aparência, né?

U. É, aparência. Eles me veem na rua...

Outro: Aqueles de gravatinha bonitinha, é os que mais rouba.

U. É, você pode, eu não posso. Um exemplo, você pode fazer tudo. Eu não posso. Mesmo se eu pedir permissão, um acordo, dizer vamo tirar. Eles tiram. É muita discriminação. E até demais.

P. Como você entende a vida?

U. Ah, meu, a vida... A vida é injustiça, é injustiça. Que nem na parte do futebol mesmo. Neymar ganhando milhares de reais aí, não sei nem quantos, e nós aqui na rua, o cara jogando... O cara abriu uma champanhe lá, uma champanhe que custa 10 mil real. Chacoalhou pra comemorar. Chacoalhou o champanhe pra comemorar. Nós aqui passamos necessidade. Não tô falando que ele... Não pode ter, ele pode ter, mas é injustiça. Muitas pessoas têm muito e nós não temos nada.

P. Tem algo que te ajuda a viver e a vencer os desafios da rua?

U. Ah, sim, sim. Que nem a minha família e eles aqui mesmo, aqui, eles aqui.

Outro: A gente não tem, mas ajuda também.

U. É, sim, sim. Que nem eu mesmo, eu cheguei aqui... Eu já tive aqui, mas eu saí e retornei. Eu tô aqui tem o quê? Cinco dias? Cinco, seis dias que eu retornei aqui. Que nem aqueles motivos aqui, pra caramba. Até eu não me envolvi com coisa errada. Eu sou elétrico. Eu sou elétrico, eu tenho problema mental, entre aspas. Tenho problema de cabeça, então, eu sou agitado.

Outro: Você é demente?

U. Eu parei um carro com a cabeça. Eu tenho uma cigarrinha, sem mentira. Eu entrei debaixo de um carro quando eu tinha nove anos de idade. O carro desceu e a minha cabeça parou o carro. Eu sou filho de evangélico, se não foi Deus colocar a mão ali. Então, aí, eles motivam até melhorar, é que nem... Eu saio pra fazer meu trampo voluntário, eu bebo uma cervejinha com o gringo que eu trabalho. Mas na hora que eu saio de lá, tem um mundão ali, droga, na minha frente, que eu já fui envolvido, mas não, eu volto pra cá por causa deles aqui, ó. Então, eles me motivam a viver melhor. Viver, tipo, e sair da loucura. Eles, aqui, ó. O carioca ali também.

P. Você pensa ou já pensou em mudar de vida?

U. Não, penso sim. Penso e quero. Quero mudar de vida. Eu queria arrumar um trabalhinho, um trabalho que ninguém cospe em mim. E eu trabalho honestamente e ganho meu dinheiro pra poder ajudar minha família. E me ajudar também, e andar bem arrumado. Ajudar eles também, que nem vir aqui... Que nem, bebida, eles

bebem. Eu trago uma bebida pra eles beber também, que eu gosto mesmo, que eles ficam alegres. Se eles não beber, eles não ficam feliz. Então, é legal. Eu não bebo. Eu bebo uma cervejinha. E trazer aqui também algo pra nós que eu gosto de comer. Trazer um negócio, fazer um churrascão aqui. Então, é isso que eu gosto. Qual o sentido da vida? Existe um sentido pra vida? Um sentido? Um sentido? Ah, não sei entender muito bem.

P. Existe um sentido pra viver?

U. Ah, um sentido pra viver é... Fazer de tudo pra poder se levantar. É isso aí, mais ou menos? Então, fazer o possível pra poder sair da pior. Que nem eu tava na pior. Eu tava naquele craque lá. Que nem um zumbi, um zumbi mesmo, zoadado. Falaram que eu parecia o Espetô Bugiganga. Descabelado, todo chupado. Eu jamais vou querer aquela vida. Então, o meu sentido é melhorar cada dia mais, cada dia mais. Essa vida eu já descartei e eu tô aqui, tô melhor, 100% melhor, mas eu quero tá melhor ainda.

## ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 21

**Arquivo: Entrevista 21 - parte 1 – Tempo de gravação: 51 s / Entrevista 21 - parte 2 – Tempo de gravação: 5 min e 20 s**

**Realizada em 06 de janeiro de 2024.**

[x] Homem [ ] Mulher [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: V

Parte 1

P. Qual é a sua idade?

V. 37 anos.

P. Seu estado civil?

V. Solteiro.

P. Você estudou?

V. Ensino fundamental e completo.

P. Tá trabalhando atualmente?

V. Não.

P. Você tem alguma renda que você faz? Algum valor?

V. Não.

P. Nada?

V. Nada.

P. Como era a sua vida antes de viver situação de rua?

V. Trabalhava.

P. Trabalhava com o que nessa época?

V. Eu trabalhei com vigilância. Era vigilante.

P. Qual foi o motivo que você passou a viver em situação de rua?

V. Olha, eu costumo dizer que não existe um motivo. Eu costumo dizer que existe escolhas que nós fazemos. Muitas das vezes escolhas erradas que nos levam a situação de rua. As pessoas falam, ah, a culpa é...

## Parte 2

V. Família não, é escolha.

P. Você possui contato com seus familiares?

V. Consigo.

P. Você tem algum grau de amigos, tipo amigos mais próximos de situação de rua, que você tem amizade com eles? Você tem...?

V. Tenho.

P. Certo. Como é que você, fala pra mim como é a sua rotina?

V. Bem, minha rotina assim, de manhã, pela manhã faço uma reciclagem, tomo um café, almoço e à noite descanso.

P. Você, na atividade que você realiza pra ter um ganho financeiro, então é com reciclagem?

V. Reciclagem.

P. O senhor dorme aonde?

V. Eu durmo na rua Franco da Rocha.

P. Certo. Como é que você faz pra se alimentar?

V. Eu pego, quando eu não pego no restaurante, eu compro.

P. Você realiza sua higiene, tipo, faz aonde?

V. Não, aí eu consigo na Sumaré, debaixo do metrô, tem uma nascente de água...

P. Sim.

V. Aí eu tomo um banho lá.

P. Teus pertences, tuas coisas, ficam com você, ficam em algum lugar?

V. Não, ficam comigo.

P. Então o que você tem, anda com você?

V. Anda comigo.

P. Você tem algum apoio financeiro, do Estado, algum?

V. Não.

P. Nada?

V. Nada.

P. Tá. Quais são os seus maiores desafios de viver na rua?

V. Maior desafio? Não tem nenhum desafio, outro dia. Pra mim é tranquilo viver na rua.

P. O que é que significa viver na rua pra você? O que significa viver na rua pra você?

V. O que significa? Nossa, essa... não tem significado.

P. O que é que você mais gosta na vida na rua?

V. Não gosto de nada na rua.

P. E o que é que você não gosta na vida na rua?

V. Dos próprios companheiros da rua.

P. Quais as maiores dificuldades da sua vida?

V. Maiores dificuldades? Da minha vida?

P. Sim, da sua vida. Quais são as maiores dificuldades?

V. Vencer minhas vontades.

P. Você precisou aprender algo pra viver na rua?

V. Precisei.

P. Antes da rua, tem algo da sua vida que você sente falta?

V. Tenho.

P. O que é que seria?

V. Quando eu trabalhava, tinha meu lar, tinha minha esposa. Disso sinto falta.

P. A rua é boa pra você?

V. Não.

P. Como é que você faz amigos na rua?

V. Não faço amigos.

P. Você já teve a oportunidade de morar em algum lugar, como casa, abrigo, etc.?

V. Em casa, já. Em casa. Abrigo, não.

P. Por que que você não ficou, não foi pra casa, então?

V. Questão financeira.

P. Você tem medo de viver na rua?

V. Tenho.

P. Como é que você entende a vida?

V. Como que eu entendo? Eu entendo que a vida não tem sentido. Eu entendo que ela não tem sentido. E tudo que nós fazemos é em vão. É perda de tempo.

P. Tem algo que te ajuda a viver e vencer os desafios da rua?

V. Tenho.

P. O que é que seria?

V. Deus.

P. Você pensa ou já pensou em mudar de vida?

V. Todos os dias.

P. O que é que você pensa que tinha que fazer pra mudar de vida?

V. O que eu... peraí.

P. O que é que você pensa que tinha que fazer pra mudar de vida?

V. O que eu penso que eu tinha que fazer?

P. É. O que é que precisava ser feito?

V. Eu parar de... de olhar muito pro que os outros pensam e falam.

P. A vida tem um sentido ou não?

V. Tem.

P. Você falou pra mim no início que não.

V. Não tem.

P. E ela tem ou não?

V. Ela não tem um sentido da forma que nós vivemos aqui.

P. Certo. Qual seria o sentido então?

V. O sentido seria Deus. Viver pra Deus. Esse é o nosso sentido da vida. Mas como eu te falei, o sentido que ela não tem é a forma que nós vivemos, correndo atrás de materialismo.

P. Certo.

V. Ela não tem sentido.

P. Certo.

V. Agora ela tem sentido quando se trata de viver pra Deus. Aí ela tem sentido.

## ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 22

**Arquivo: Entrevista 22 – Tempo de gravação: 12 min e 12 s**

**Realizada em 06 de janeiro de 2024.**

[x] Homem [ ] Mulher cis [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Sim.

Identificação: W

P. Qual é a sua idade?

W. 49.

P. Seu status civil?

W. Solteiro.

P. Você estudou até que série?

W. Sétima série.

P. Tá trabalhando?

W. Não.

P. Atualmente você tem alguma renda? Como é que você faz?

W. Sim, sim, eu tenho uma pensão por morte que era da minha finada mãe.

P. Tá, fica mais ou menos entre um salário mínimo e um salário mínimo e meio? Mais de um salário mínimo?

W. Mais de um salário mínimo e qualquer coisa.

P. Como é que era a sua vida antes da situação de rua?

W. Antes?

P. Isso, antes de situação de rua. Como é que era?

W. Antes eu morava com minha mãe. Depois eu morava com minha esposa. Morei com ela 14 anos. Tô separado dela já tem 17 anos. Tenho uma filha de 24 anos. Mora junto com a mãe. Graças a Deus, estudou. Ela ganhou uma bolsa de estudo de

faculdade, aí ela se formou numa psicóloga. Ela mora lá na cidade de Júlia, fica perto do Jardim Miriam, entre Diadema e São Paulo.

P. Por qual motivo você passou a viver na rua?

W. O motivo foi assim. Quando eu... Eu morava com minha mãe. Aí até tudo bem, né? Aí depois o papai do céu levou minha mãe. Aí eu vivia com meus irmãos só de aparência. Era unido, mas só de aparência. Depois que a minha finada mãe faleceu, aí cada um ficou a sua cara. Aí eu fui morar com meus irmãos de aluguel. Aí ele alugou uma casa que tinha 23 degrau de escada pra subir sem corrimão. Eu usava muleta porque eu tive poliomielite na infância. Aí tem seis anos atrás ele foi trabalhar, a filha dele ficou em casa, a filha dele queria brincar. Só que lá embaixo não tem espaço pra criança brincar, ... só na lavanderia. Escada também de ferro, 17 degraus de escada, só que não tinha corrimão. Dois buracos um do lado do outro. Ela subiu 11 horas da manhã. Quando foi uma hora da tarde, ela desceu. Eu tô descendo e eu desequilibrei. Eu não cheguei a cair de momento. Eu fiquei pendurado. Chamei a vizinha que é cunhada do proprietário da casa, que ela tem um filho homem. Se eles fossem me pegar pela perna eu não teria caído da laje. Aí eu não aguentei ficar muito tempo pendurado, eu soltei e caí de pé. No que eu caí de pé, eu apaguei por segundo. Aí quebrou o joelho, fraturou o fêmur e demorou 19 dias pra fazer a cirurgia. Inclusive a cirurgia foi feita no Hospital Estadual Mário Covas lá em Santo André. Aí demorou uma semana pra fazer a cirurgia. Uma semana pra fazer os exames pra poder fazer a cirurgia, e demorou muito tempo. Fiz a cirurgia no Hospital Mário Covas, não deu resultado, essa perna direita minha não dobra. Eu fico de pé, dói muito o joelho. Aí eu vim pra lá na cadeira de rodas. Inclusive na época eu fui na prefeitura de Diadema pra ver se conseguia uma cadeira de rodas através da prefeitura. Até hoje, já tem 6 anos, me prometeu e não me deu. Aí eu tive que tirar do meu bolso pra comprar uma cadeira, fiquei cadeirante. Aí, disso aí, aí eu saí da casa do meu irmão. Aí eu fui morar noutra casa que eu aluguei. Aí eu tinha tudo que uma casa tinha. Aí teve um colega que falou Ivan, lá no acampamento dos ... tem uma casa lá de um cômodo com banheiro dentro. Vai pra lá que você não vai pagar água, não vai pagar aluguel, não vai pagar nada. E eu fui pra lá sem conhecer o local. Chegando lá, só terra, mosquito 24 horas, morro. Aí eu fiquei dois meses. Quando eu voltei pra Diadema, uns três dias depois que eu passei na casa dele, porque ia pegar minhas coisa porque eu ia morar

em Diadema, ele falou, Ivan, não adianta você ir lá que arreventaram a porta, roubaram tudo que você tinha. Então eu só saí com a roupa do corpo e meus documentos. Aí daí pra cá não consegui achar mais uma casa pra mim alugar. Eu acho casa, mas de casa de escada, de degrau, não tem rampa. E é complicado um cômodo pra mim, pra mim entrar e sair com a cadeira, pra mim me locomover com facilidade. Aí eu fiquei na rua. Da rua eu peguei e fui pros albergues. Só que nos albergues, muita gente elogia os albergues, mas nem todos os albergues que eu passei não é 100%. Ali tem drogado, ali tem bêbado, perrengue em cima do outro, alimentação péssima, tem alimentação fora de hora. O último CTA que eu passei foi no da Lapa, no CTA 8. É muito legal lá, mas o que que acontece. O café da manhã chega às 5 horas, é servido às 6 horas, até aí tá quente. Só que o café da tarde, 3 horas, é a sobra do café da manhã. Às vezes tá gelado, quando ele esquenta, ferve o café. O almoço chega às 10 horas pra ser servido meio dia, tá gelado. Outra, tem as estufas lá pra esquentar os marmiteix, mas não esquenta. Foi reclamado isso e nada resolvido. Os banheiros, a mesma coisa. Tem banheiro masculino, só que as privadas de lá não tem descarga. Tem que pegar com balde pra jogar a água dentro da privada pra dar descarga dentro do ... Eu saí de lá já tem uns dois meses. Inclusive eu acho que eu tô até com meu nome fixo lá, mas eu não quero voltar pra lá porque muita gente prefere ficar na rua do que no próprio CTA, nos próprios albergue.

P. Você possui contato com as suas familiares?

W. Não, não possuo não. Inclusive com a minha filha já tem quase um ano que eu não falo com ela.

P. Você possui algum grupo de amigos mais próximos? Que estão em situação de rua também como você?

W. Tem, tem, tem. Tem um pessoal dali também.

P. Entendi. Como é a sua rotina? O que você faz no dia a dia?

W. No meu dia a dia, como eu não tô trabalhando, eu não paro, irmão. Eu fico saindo, vou pra lá, vou pro canto, vou pro outro.

P. Entendi.

W. A alimentação que eu me alimento, o que que acontece? Quando eu tenho dinheiro eu pego lá no Parque Dom Pedro. Almoço lá num Bom Prato, de um real. Mas pra mim, o pessoal fala de manguear, né? Manguear dinheiro e tal. Eu não tenho

coragem, eu tenho vergonha de pedir um real pra mim, a minha alimentação. Se eu fosse pedir um real na esquina, na praça, qualquer lugar que eu fosse, eu ganharia. Mas não é o meu estilo de vida.

P. Entendi.

W. Entendeu?

P. Você tem essa ajuda do governo, não é? Aí você faz alguma atividade pra realizar algum ganho financeiro? Fora essa ajuda do governo?

W. Eu fazia, irmão, só que agora tá difícil, né? Eu trabalhei muitos anos também de cobrador lá na Zona Sul. Só que eu trabalhei lá na Zona Sul de cobrador no clandestino. Que era clandestino, eles não eram registrados. Eles pagavam por viagem, mas pelo menos eu trabalhava e ganhava. E agora ultimamente nem o clandestino tem mais.

P. Entendi. Onde é que você dorme?

W. Eu durmo aqui dentro do terminal da Barra Funda, próximo do banheiro.

P. Como é que você faz pra se alimentar? Pedindo nesses lugares você falou?

W. Não, quando eu tenho dinheiro eu vou no Parque Dom Pedro comer. Inclusive hoje eu tô pensando porque eu não tenho um centavo pra mim almoçar lá. P. Se não, você faz o que?

W. Aí eu passo o dia sem comer, irmão, até outro dia.

P. Como é que você realiza sua higiene?

W. Eu uso aqui mesmo no terminal Barra Funda.

P. O que você tem? Seus pertences? Com quem é que ficam? Ou você anda com todos eles?

W. Eu ando com todos eles, tá tudo aqui. Inclusive tá tudo sujo. Eu tô com uma calça limpa. Inclusive tenho que tomar um banho pra colocar essa calça.

P. Entendi. O senhor é cadeirante, então é importante a gente trazer isso na pesquisa. O senhor observa que tem algum tipo de apoio específico para as pessoas deficientes? Pela prefeitura, pelo estado ou alguma ONG? Tem algum tipo de atividade que alguma vez ajudou o senhor?

W. Não, não, não tem. Eu já procurei no AACD lá do Lar Central, aí eles mandaram pra outra. Um manda pra outro, mas não tem acessibilidade nenhuma.

P. Qual são os maiores desafios de viver na rua?

W. É o medo. Porque um morador de calçada, de rua, ele é muito mal visto pela população, mas nem todo morador de rua que tá na rua, ele é ladrão, ele é nóia. Nem todos. Tem uns que quer, que acostumou na rua, então não quer sair da rua, quer ficar ali. Eu não me acostumei e eu não pretendo ficar na rua, e eu quero sair o mais rápido possível da rua.

P. O que é que significa viver na rua pro senhor?

W. É um desamparo. Um desamparo pela sociedade em geral.

P. O que você mais gosta na rua?

W. Mais gosta na rua? Praticamente nada. Na rua, nada.

P. O que você não gosta na vida da rua? O que você não gosta?

W. Da droga, que é ao ar livre. Da bebida alcoólica e do pessoal pedir dinheiro, em vez de alimentar, vai comprar cachaça e droga. Isso é revoltante.

P. Quais são os maiores desafios na sua vida? Maiores dificuldades da sua vida?

W. É a situação de rua.

P. Você precisou aprender algo pra viver na rua?

W. Precisei.

P. O que seria?

W. Respeitar o próximo. O pessoal de rua.

P. Tem algo na sua vida antes da sua vida de rua que você sente falta? W. Minha filha.

P. Você mantém um contato com ela assim?

W. Perdi o contato.

P. A rua é boa pra você?

W. Não.

P. Como é que se faz amigo na rua?

W. Na convivência do dia a dia.

P. Você já teve a oportunidade de morar em algum lugar como abrigo, casa, etc.?

W. Abrigo sim. É tipo o que eu já te falei, CTA e albergue. E eu não pretendo nem voltar.

P. Você tem medo de viver na rua?

W. Tenho.

P. Como é que você entende a vida?

W. Na rua?

P. Em tudo em geral, sua vida?

W. Na rua, o que que acontece, você pode deitar e dormir e não amanhecer. Através dos drogado. Porque drogado, você sabe, ele rouba até mãe e pai e mata.

P. Como é que você entende essa também, a vida pro senhor em geral?

W. De rua?

P. Não só de rua, pra tudo.

W. Pra tudo, o que que acontece, muita gente culpa o governo. Situação de rua, isso, aquilo e tal. E você pensando bem, eu concordo que é culpado mesmo. Ele podia ter um assistente social pra pessoa de rua, incentivo de curso, incentivo de trabalho. Mesmo que não ganhasse bem mas tava trabalhando, ganhasse alguma coisa. Apoiar essa pessoa mais, porque o desamparo é a pior coisa que tem. Você se sente isolado e sozinho.

P. Tem algo que te ajuda a viver e a vencer os desafios na rua?

W. Minha filha. Faço tudo por ela. Eu tô em situação dela, ela não sabe, eu não passei pra ela. Mas o dia que eu tiver meu cantinho, minha casa, eu vou contar tudo que eu passei pra ela porque eu não escondo nada dela.

P. Você já pensou ou pensa em mudar de vida?

W. Sim, a todo momento.

P. A vida tem um sentido?

W. Tem.

P. O que seria?

W. Seria... Seria... Um canto pra você morar, pra você ter paz, liberdade de entrar e sair do sol.

## ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 23

**Arquivo: Entrevista 23 – Tempo de gravação: 6 min e 29 s**

**Realizada em 06 de janeiro de 2024.**

[x] Homem [ ] Mulher cis [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: X

P. Qual a sua idade?

X. 32.

P. Seu estado civil?

X. Estado civil é solteiro.

P. Estudou até que série?

X. Até o segundo ano do médio.

P. Você está trabalhando em algum lugar?

X. Não.

P. Como é a sua renda mais ou menos?

X. A minha renda é só o que eu ganho na rua mesmo.

P. Como é que era a sua vida antes de viver em situação de rua?

X. Antes eu era açougueiro, há 18 anos. Ganhava bem, mas eu acabei caindo na situação de rua.

P. Qual foi o motivo que você passou a viver na rua?

X. Foi... Minha filha acabou contraindo um câncer, aí eu comecei a beber muita cachaça. Ela é cadeirante também agora, só que a renda que eu tenho do auxílio eu deixo tudo para ela. Ela recebe a renda do auxílio que eu recebo, aí eu não pego pra mim, fica com ela. Ela pega direto lá no Caixa Tem, no celular dela.

P. Ela mora com a mãe?

X. Mora com a mãe e outro filho. E a casa também que eu tinha também ficou com eles.

P. Entendi.

X. Entendeu?

P. Como é que ela está de saúde hoje?

X. Hoje ela se encontra na cadeira de roda. Mas está bem. Mas só que se encontra cadeirante.

P. Entendi.

X. Entendeu?

P. Você possui contato com seus familiares?

X. Não. Só com minha ex-esposa, pra mim perguntar se as criança tão bem. Só isso.

P. Você tem algum grupo de pessoas que é mais próximo? Que tem amizade com as pessoas?

X. Tem alguns mas eu não confio. Porque eu não tenho amizade com as pessoas. Porque joga na cara quando a gente tá morando na casa. Começa a jogar na cara.

P. Como é que é a sua vida? Sua rotina? O que você faz no dia a dia?

X. A minha rotina é... Não vou mentir pra você. Eu manguieio, peço. Entendeu? Peço, vou no corre, cato latinha e ganho meu dinheiro, entendeu? Aí bebo cachaça todo dia.

P. Você realiza alguma atividade pra ter ganho financeiro assim? X. Patrimônio?

P. Não. Ganho financeiro.

X. Não. O que eu tinha é tudo deles.

P. Onde é que você dorme?

X. Eu durmo aqui ou lá na estação.

P. O que você faz pra se alimentar?

X. Pra se alimentar a gente vai. Igual a gente tava ali com as Tupperware, com as Tupperware. Aí a gente ou vai no restaurante ou senão no Bom Prato ou senão a gente pede. Porque tem gente que não nega.

P. Como é que você realiza sua higiene?

X. Oi?

P. Banho?

X. Banho é lá no Boracéia. Tem um assistente social ali que a gente entra, toma banho, escova os dente. A primeira vez que eu fui foi ontem.

P. O que você tem de pertence, algumas coisas?

X. Tenho. Eu ando só com a minha bolsa.

P. Tudo que você tem anda com você?

X. Isso. Tudo que eu tenho anda comigo.

P. Você tem algum apoio financeiro de alguma instituição? Algum apoio do estado?

X. Tenho sim, né? O auxílio que na verdade não é pra mim, é pra minha filha.

P. Entendi.

X. Entendeu?

P. Quais são os maiores desafios de viver na rua?

X. O maior desafio? Perigo. Um tem que olhar o outro. É muito perigoso.

P. O que significa viver na rua pra você?

X. Nossa, doído. É doído. Não é fácil não.

P. O que você mais gosta na rua?

X. O que eu mais gosto na rua? Eu não gosto da rua. Eu não gosto. Na verdade, não gosto não. Se eu pudesse estar em uma casa dormindo, descansando, tava de boa.

P. O que você não gosta na vida da rua?

X. Não gosto de nada.

P. Então você não gosta da rua?

X. Não gosto da rua. Mas infelizmente agora eu não tenho como, né? P. Quais são as maiores dificuldades na sua vida?

X. Maior dificuldade na vida ou na rua?

P. Pode ser na rua. Pode ser as duas.

X. Na rua é a fome. É a fome é a maior dificuldade que tem.

P. E na vida?

X. Na vida é sair da rua e sair do álcool. Eu também bebo muito.

P. Há quanto tempo, você sabe?

X. Eu acho que uns oito ano, dez ano, não sei.

P. Você precisou aprender algo pra viver na rua?

X. Eu precisei. No começo da rua é difícil e depois eu vou aprendendo. Aí eu aprendi a maguear, pedir, catar latinha. Aí eu aprendi.

P. Tem algo na sua vida, antes da rua, que você sente falta?

X. Sim.

P. O que seria?

X. Da minha ex-esposa, dos meus filho, do conforto de uma casa, de um lar. Eu sinto muita falta.

P. A rua é boa?

X. A rua não é boa. Boa é se eu estivesse lá com meus filho e com minha ex-esposa.

P. Como é que você faz amigo na rua?

X. Oi?

P. Como é que você faz amigo na rua?

X. Faz, a gente sempre tem alguns amigos que ajudam um, ajuda o outro. Na verdade, eu ajudo todo mundo.

P. Já teve a vontade de morar em algum lugar como casa, abrigo?

X. Abrigo eu não gosto. Porque abrigo sempre rouba, sabe? Pessoal leva tudo da gente. Aí eu prefiro ficar na rua mesmo, que é melhor. Na calçada, na verdade.

P. Você tem medo de viver na rua?

X. Oxe, eu tenho que o quê, todo dia. Aí toda hora que alguém me toca assim, eu já dou um pulo.

P. Como é que você entende a vida?

X. Como é que eu entendo a vida? Agora na rua? Difícil. Era melhor tá com minha esposa, minha ex-esposa e meus filho. Trabalhando de boa.

P. Tem algo que te ajuda a viver e a vencer os desafios assim na rua?

X. No dia a dia?

P. Sim.

X. Tem. Alguma pessoa?

P. Não sei, pode ser qualquer coisa assim.

X. Porque eu não paro. Mas vai e sabe? Sabe, eu não paro. Eu vou no corre, eu vou, ganho dinheiro, trago comida, entendeu? Aí eu tento. Passou um rapaz que queria dar trabalho pra nós mas depois não voltou, entendeu?

P. Você pensa em mudar de vida ou já pensou?

X. Lógico que eu penso. Todo dia.

P. Uma última pergunta. A vida tem um sentido?

X. Tem.

P. Se você fosse pensar nesse sentido, o que seria pra você?

X. O meu sentido agora, parceiro, não vou mentir pra você, era Minha filha sair da cadeira. Aí eu ficaria de boa. Porque ela tem só 10 anos, entendeu? E ela é cadeirante. Nem andou ainda e já ficou cadeirante. O meu sentido da vida hoje é tanto que meu cabelo tá assim, que é promessa era ela sair da cadeira. O meu sentido da minha vida hoje seria isso. Entendeu? Ela sair da cadeira.

## ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 24

**Arquivo: Entrevista 24 – Tempo de gravação: 11 min e 49 s**

**Realizada em 06 de janeiro de 2024.**

[x] Homem [ ] Mulher cis [ ] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: Y

P. Qual a sua idade?

Y. Minha idade? Eu tenho 30.

P. Seu estado civil?

Y. Solteiro.

P. Você quer que eu fique em pé?

Y. Não, tá tranquilo.

P. Você estudou até alguma série?

Y. Zero.

P. Você está trabalhando atualmente?

Y. No serviço, eu trabalho em serviço geral.

P. Certo. Como é que você acha que a sua renda mensal, é meio salário mínimo, mais de um salário mínimo?

Y. O meu que eu tô conseguindo do governo é 600 reais.

P. Menos que um salário mínimo.

Y. Menos que um salário mínimo.

P. Como é que era a sua vida antes?

Y. Minha vida antes de tá aqui em São Paulo, não tô reclamando nem falando mal de São Paulo. Era bem, porque eu ganhava 4, 5 mil, 6 mil por mês, eu mexo com motosserra. Entende? Sou serreiro, eu mexo com motosserra. Eu mexo com serralheria. Com serralheria, eu mexo com ferro.

P. Sim.

Y. E eu mexo com madeira também.

P. Sim.

Y. Que é meu forte. Eu corto arco, eu derrubo, eu sou derrubador. E aqui não tem isso. Entende? Aqui só tem pra derrubar eucalipto. Só que a diária não compensa.

Porque você tem que assinar documento.

P. Você era de qual estado?

Y. Eu sou de Ji-Paraná, Rondônia.

P. Por qual motivo você passou a viver na rua?

Y. Cara, são dois motivos que não tem explicação. Um foi minha mãe primeiro, Deus levou. Colocou outra no meu caminho. Mas sempre tem mãe. Mas nunca é aquela mãe que você sabe que é sua. Mas é a sua mãe a que cuida, que zela de você. E o amor que eu tenho hoje, que eu ganhei, que eu tenho, que você perdeu, mas por outro lado, eu caí na cachaça, caí na droga. A droga que eu falo é a maconha. Maconha. Maconha eu fumo demais. É a única coisa que eu tenho. Maconha e cachaça. E puta também. Mas tirando disso, cara, é a lei da sobrevivência. Você dorme com um aberto e o outro fechado. Nada disso tem valor. Mas depois que eu perdi meu filho, não tem mais nada. Na época da pandemia, pra mim foi o pior. Meu filho tava de sete mês. Minha mulher pegou corona. Ela tomou medicação, que ela era louca também. Tomou uma medicação louca. E acabou perdendo o neném de sete mês. Quando chegou, na hora, eu tava lá mais ela. O neném não saiu, mas saiu morto. Sem vida.

P. Você conseguiu contato com ela?

Y. Não. Aí depois Deus me deu uma filha. Que é a da mesma mulher. A M. A. D. S.

PR. Ela tá com quinze ano. Que é o valor da minha vida. Querendo ou não.

P. Ela mora aqui?

Y. Não. Pra lá, nem contato dela eu tenho.

P. Então, você não conseguiu contato com seus familiares?

Y. Não. Não, com a minha família eu tenho. Só não tenho com a dela. Porque ela não mora com nós. Ela mora na família dela.

P. Entendi. Você possui amigos próximos na rua? Pessoal que tá aqui?

Y. É só da maloca. Nós têm nossa maloca. É eu, o velho, outro velho cadeirante. Entende? Quem achar que nós consegue colocar na maloca, nós encaixa, ao contrário, pega descendo que subindo é contramão.

P. Entendi. A maloca é o grupo, né?

Y. Exato. Porque se tá na maloca é porque gosta de alguém ou não gosta de alguém, né velho?

P. Como é a sua rotina? O que você faz no dia a dia?

Y. Beber cachaça e fumar maconha. E manguear.

P. Então a atividade que você realiza pra ganho financeiro é manguear?

Y. Manguear. Manguear.

P. E você dorme aonde?

Y. Eu durmo na calçada.

P. Como é que você faz pra se alimentar?

Y. Pra se alimentar? Até agora eu não me alimentei. Faz três horas, eu tenho que ir no restaurante pedir pra me conceder uma comida.

P. Onde é que você realiza sua higiene?

Y. Opa, lá no banheiro.

P. Que é da...?

Y. É da estação ou da rodoviária. A estação é daqui, da rodoviária é lá do outro lado.

P. Os seus pertences? Ficam com quem as coisas que você tem? Ou você anda com eles?

Y. Fica tudo na maloca, mas ninguém mexe.

P. Cada um sabe o que tem. Recebe algum apoio financeiro do Estado, alguma coisa, algum subsídio?

Y. Só o que eu falei pra você.

P. Só o auxílio, né?

Y. Só o auxílio.

P. Quais são os maiores desafios de viver na rua?

Y. Maiores desafios? É primeiramente ver minha família bem, que é o maior desafio. Primeiramente saber se está bem. Tando bem, eu tô legal. Mesmo tando ruim, eu tô legal. E segundo é acordar, se tá com saúde, tá com força e meter marcha no Corolla, filho. Bola pra frente, traduzindo assim, né?

P. Sim.

Y. Marcha no corola é bola pra frente.

P. O que significa viver na rua pra você?

Y. É um aprendizado. É uma escola que você estuda e você nunca sabe o final dela. Você estuda, estuda, estuda. Você acha que sabe de tudo, mas nunca você sabe nada. Chega um moleque de 10 anos e te dá na sua cara. Fala assim, assim, assim, assim. Esse é o beabá. Então, essa é a vida aqui na calçada. Tô mentindo, velho?

Outro: Não.

P. O que você mais gosta na vida na rua?

Y. O que eu mais gosto? Do conhecimento, da amizade, do fluxo. Sou do fluxo também. O fluxo é o melhor. Você vai na 25 lá. Chega lá. Tem esse papel aí pra você ver se os mano já não te gruda. Gruda ou não gruda, velho? Outro: Gruda.

P. Gruda na hora, parceiro. É na hora. E já eu colo lá, não dá nada. Mas só que os parças já conhecem.

P. Eles querem, tipo, saber o que é que eu estou fazendo.

Y. Exatamente.

P. O que é que eu estou...

Y. Isso aí você tem que se explicar. Porque se você não se explicar, dá ruim. Você não pode demorar muito nem gaguejar. É palavra em cima de palavra, é direta em cima de direta. Finalizou, parceiro. Mas voltando ao resumo onde nós tava. Onde você parou?

P. O que é que você gosta na vida na rua?

Y. O que eu gosto da vida é da calçada. Conhecimento, igual eu falei pra você. E o público que eu tenho do meu lado que me fortalece, que me ajuda. Igual eu ajudo eles também. E bola pra frente, filho.

P. Quais são as maiores dificuldades na sua vida?

Y. A maior dificuldade é de não ter minha família do meu lado.

P. O que é que você não gosta na vida na rua, aqui na calçada?

Y. O que eu não gosto? É de ver tanta briga, tanta discussão. Muitas vezes se acaba por causa de um pedaço de droga, um pedaço de maconha. Por causa de 10 reais, um matando o outro. É isso, parça.

P. Você precisou aprender algo pra viver na rua, na situação de calçada aí?

Y. Pra viver, pra viver... Melhor. Pra conduzir o trem, tem que ter energia. Sem energia, o trem não vai a lugar nenhum. Nem o trem, nem o metrô. Então, nós somos o trem. Traduzindo, nós somos a energia que tem dentro de nós. Sem energia, você não vai a lugar nenhum. Você não consegue nada. Você não consegue nada. Você tem que tá bom.

P. Você precisou aprender algo pra viver na rua?

Y. Já veio desde berço. Desde berço. Desde os meus 10 anos, já fazia o meu corre.

P. Tem algo na sua vida, antes da situação de rua ou calçada, como você chama, que você sente falta?

Y. Sim.

P. O que seria?

Y. A minha primeira namorada.

P. Lá no estado de Rondônia?

Y. No estado de Rondônia. Minha primeira namorada.

P. A rua é boa pra você?

Y. Cara, bom não é pra ninguém. Apenas um aprendizado que você aprende dia a dia. Se você andar certo, você vai andar livremente. Se você andar errado, você vai... Mais cedo ou mais tarde, você vai levar uma madeirada. Ou senão, uma facada, um tiro.

P. Tem que andar certo, então?

Y. É, andar certo.

P. Como é que você faz amigo na rua?

Y. Como é que eu faço? Eu não faço. Primeiro, é estratégico. Estratégia. Você não precisa fazer amizade? Você não tem amigo. Não. Amigo é seu pai e sua mãe. Você tem conhecido, tem firmeza do seu lado. Aqui, olha. Você tem amigo, velho?

Outro: Não.

Y. Ali é só seu pai e sua mãe. Ali é seu pai, sua mãe, seu avô, seu tio. Ali é só amigo. Se for preso, vai te visitar. Agora, nós somos conhecido. Nós somos amigo. Mas na palavra, entre aspas, pra quem sabe entender, conhecido. Porque quando você vai preso, quem vai te visitar?

P. Entendi.

Y. É seu pai e sua mãe. Então... Meu ponto de vista é esse, parça.

P. Você tem medo de viver na rua?

Y. Não. Por que que eu vou ter medo? Se eu vivo dela.

P. Você já teve vontade de morar em algum lugar como casa, abrigo, essas coisas assim?

Y. Já parei uma vez no albergue.

P. Por que que você não teve vontade?

Y. Só uma vez. Não, porque eu não gosto. Eu gosto da calçada. Eu gosto do fluxo.

P. Como é que você entende a vida?

Y. Essa é a coisa mais fácil de explicar, mano. Primeira palavra. Por que que a dor existe? Por que que a dor existe? Só a verdade eu vou seguir. Se você tá vivo, a dor. Sem dor, não há batalha. Não há consequências. Não há vitória. Então todo dia, um após o outro, sempre será um novo dia. Se você mata um, então amanhã você tem que matar dois. E assim a caminhada segue.

P. Tem algo que te ajuda a viver e a vencer os desafios da dor?

Y. Primeiramente, Deus. Sempre. Nunca esqueci do meu pai.

P. Seu pai ensinava?

Y. Não.

P. Meu pai me ensinava? Não. Eu já nasci num berço cristã. Cantava num grupo de jovem.

P. Na igreja?

Y. Na igreja, grupo de jovem. Da cristã. Cristã do Brasil.

P. Congregação Cristã?

Y. Congregação Cristã do Brasil. Cristã. E olha onde eu tô?

P. Você já pensou ou pensa em mudar de vida?

Y. Já pensei, mas sem condição você não chega a lugar nenhum. Então, traduzindo, a conclusão é essa. Até sem meu remédio eu tô, parça. Até sem meu remédio. Quem pode me ajudar? Você pode me ajudar?

P. Acho que não.

Y. Pode.

P. Você fala no sentido de...

Y. Me levar no hospital.

P. Entendi.

Y. Pra mim pegar uma receita. Pra mim pegar meu remédio, que o meu remédio é público. Só isso, parça.

P. A vida tem um sentido?

Y. É só você estar vivo. Só de você estar vivo já é o primeiro sentido.

Que é o que vale tudo. Né não, pai?

Outro: É verdade.

P. Só de você tá vivo. Já tem o primeiro sentido, né pai? É o maior sentido. É você acordar, tô vivo. Então, não tem prazer maior do que esse. Você falou, venci mais um dia. Só que você não fala pra ninguém. Conta aqui. Sua mente. Sua mente é seu guia. Apenas seja dono de suas palavras, para cedo ou mais tarde, não ser escravo delas. Que? Querendo ou não, a língua é chicote do corpo. Só isso, meu parça?

P. Valeu, doutor.

Y. Pode deixar gravado aí, filho.

P. Pode deixar, viu? Pode deixar tudo gravado.

**ENTREVISTA COM PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA 25**

**Arquivo: Entrevista 25 – Tempo de gravação: 7 min e 47 s**

**Realizada em 06 de janeiro de 2024.**

[ ] Homem [ ] Mulher [x] Pessoa trans

Possui alguma deficiência? Não.

Identificação: Z

P. Qual a sua idade?

Z. 29.

P. Seu status civil?

Z. Amasiada, né?

P. Seu grau de escolaridade?

Z. Até a sexta série.

P. Tá trabalhando atualmente?

Z. Não.

P. Qual a sua renda mensal? Fica um salário mínimo, meio salário mínimo, abaixo...?

Z. 600 reais é o auxílio.

P. Como é que era a sua vida antes de tá em situação de rua?

Z. Ai... Como assim?

P. Como é que era a sua vida antes?

Z. Era bem, tudo super bem, né? Trabalhava, registrado, entendeu? Aí eu perdi o serviço, perdi tudo e fui pra rua.

P. Qual foi o motivo que você passou a viver em situação de rua?

Z. Por causa disso. Perdi o serviço, aí depois em casa engavetou tudo, nós aí parou de pagar aluguel e saiu da casa.

P. Você possui contato com seus familiares?

Z. Não, tá longe.

P. Você possui algum grupo de amigos? Ou pessoas mais próximas em situação de rua?

Z. É nós aqui.

P. Como é que é a sua vida? Sua rotina? O que que você faz no dia a dia?

Z. Acordo cedo, vou pro albergue lá, no Boraceia, o núcleo, né? Todo dia tomo banho, tomo café da manhã lá, almoço, venho pra cá e fico aqui. Faço um corrinho aqui, outro ali, pra dinheiro.

P. Você realiza alguma atividade pra ganho financeiro?

Z. Não. Pego reciclagem. Pego reciclagem, latinha, plástico.

P. Você dorme aonde?

Z. Lá na rodoviária, lá em cima, na parte de cima.

P. Como é que você faz pra se alimentar?

Z. Almoço no albergue e espero a graça de Deus a doação passar todo dia de noite.

P. Quando passa?

Z. Quando passa. Ontem não passou mesmo.

P. Onde você realiza sua higiene?

Z. Lá no albergue.

P. Seus pertences? Ficam com quem?

Z. Roubaram, é a noite passada. Roubaram todas as minhas coisas. Roubaram tudo, dormindo. Até minha escova de dente usada. Mas dormindo.

P. Você tava dormindo?

Z. É, passaram e levaram. E ainda foram tão abusados que me roubaram aqui. Andaram ali na minha frente, jogaram tudo pro chão. Eu dormindo, sabe? Se eu acordo na hora, dá merda.

P. Tem algum apoio financeiro que você tem, é um auxílio?

Z. É o auxílio. Tô esperando pra mim.

P. Quais são os seus maiores desafios de viver na rua?

Z. O desafio de viver na rua?

P. Maior desafio?

Z. Maior, pra mim?

P. Pode ser mais de um.

Z. Não conhecer ninguém, né? Então vamos dizer é um desafio, tipo, você acha que conhece e não conhece, daí na hora que você vai ver as pessoas que moram na rua também. O desafio é você conviver com elas. Assim, nem todas. Tem muitas pessoa boa, mas tem pessoa que nem eu falei pra você, roubou até minha escova de dente usada. Então tem muita pessoa ruim. Então pra mim o desafio é essa, não saber quem é quem, entendeu? Meu maior desafio é esse.

P. O que significa viver na rua pra você?

Z. Viver na rua? Pelo menos pra mim é uma glória. Tô vivo, com saúde, entendeu? É difícil, é dói, dói. Tem hora que chove, tem hora que você não sabe pra onde vai. Mas pelo menos eu tô na rua, né? Porque eu fiquei sete anos presa, entendeu? Então hoje eu... A liberdade pra mim é tudo. Então só de eu tá na rua, é isso. Pra mim é tudo.

P. O que você mais gosta na rua?

Z. Na rua? O direito de ir e vir, ninguém mandar em nada e eu fazer a minha vida sem dar explicação pra ninguém.

P. O que você não gosta na rua?

Z. Ah, é... Vamos dizer... A vida errada de bandeja. Tá aí, né? Você não precisa nem ir atrás, ela tá na rua. Então você não precisa procurar droga que tem. Não precisa procurar cachaça que tem. Então não é uma coisa muito boa, né?

P. Quais são as maiores dificuldades na sua vida?

Z. Na minha vida, dificuldade? Na minha vida, dificuldade? Enfrentar o preconceito. É... Porque você sabe que... Ser homossexual não é fácil, entendeu? É o preconceito, é o... Mas um dia nós vence. É difícil, mas nós vence. Preconceito pra mim é a maior dificuldade. Que o povo olha torto, sabe, critica, xinga. Mas ninguém gosta de ninguém.

P. Vou fazer aqui uma... Algum adendo diferente pra você aqui, a pergunta. Você que é uma pessoa trans e também tá em situação de rua, você pensa que o preconceito ainda é maior?

Z. Bem maior, lógico. Aham, bem maior, bem maior. Sofre duas vezes.

P. Você precisou aprender algo pra viver na rua?

Z. Se eu precisei aprender algo? Eu acho que não. Eu acho que tipo assim, aprender... Nós aprende todo dia, né? Todo dia nós aprende na rua, entendeu? Tipo, você não

precisa nem aprender. É sozinho, né? Você vai vivendo e vai aprendendo. Mas pra precisar aprender não.

P. Tem algo da sua vida antes da rua que você sente falta?

Z. Minha casa. Minha casa. Meu lar.

P. A rua é boa pra você?

Z. Às vezes. Assim como ela dá o pão, ela também dá o amargo, né?

P. Como é que você faz amigo na rua?

Z. Como a gente faz amigo? É meio difícil, mas vai chegando devagarzinho pra... Pra conhecer a pessoa, né? Mas faz. E quando faz é leal, de verdade, entendeu? Quando a amizade é...

P. Você já teve a oportunidade de morar em algum lugar como casa, abrigo, etc.?

Z. Já, já. Eu e meu esposo mesmo, a gente tinha a casa e tudo bonitinho. Aí quando a gente veio pra cá a gente conseguiu uma vaga no albergue lá em Jaçanã. Só que com quatro dias lá aí a assistência social chamou e falou que a gente não se encaixou no perfil do albergue. Não se encaixou, mas tá bom então. E voltei pra rua.

P. Você tem medo de viver na rua?

Z. Não.

P. Como é que você entende a vida?

Z. Como que eu entendo? Não é muito entender, é viver, né? Então... A gente não entende. Eu não entendo, né? Uma hora tá bom, uma hora tá ruim, uma hora com tanto, outra hora sem nada. Eu entendo que é meio confuso.

P. Tem algo que te ajuda a viver e a vencer os desafios da rua?

Z. Sim, meu esposo.

P. Você pensa ou já pensou em mudar de vida?

Z. Sim. Mas é difícil pra... A situação de rua, usuário de droga, é meio difícil. Vai na mesma hora que vai, não vai. Passar aí não é fácil não.

P. A vida tem um sentido?

Z. Se a minha vida tem um sentido? Tem. A vida tem um sentido? Sim.

P. E a sua também, você pode falar.

Z. Sim. Não sei te dizer, sabe, o sentido. Porque quando nós estamos na situação de rua, nada faz sentido. Tipo assim, eu não sabia nem que você ia vir hoje. Então tipo,

eu não tenho certeza de nada que vai acontecer. Então não tem como ter aquele, falar que tem sentido. É viver.

P. E a vida em geral tem um sentido?

Z. Quando é muito tempo assim, a gente já perde o sentido da coisa. É... Pra mim tem sentido, sentido. Sentido, tem. Meio indefinido, mas tem.

## APÊNDICE C – FOTOS

Figura 1 - Barracas no elevado em outubro de 2023



Fonte: Elaboração própria.

Figura 2 - Barracas em frente a lojas fechadas



Fonte: Elaboração própria.

Figura 3 - Distribuição de comida na região da Sé



Fonte: Elaboração própria.

Figura 4 - Pessoa em situação de rua em local solitário



Fonte: Elaboração própria.

Figura 5 - Decoração de Natal em barraca



Fonte: Elaboração própria.

Figura 6 - Material reciclável recolhido por entrevistado



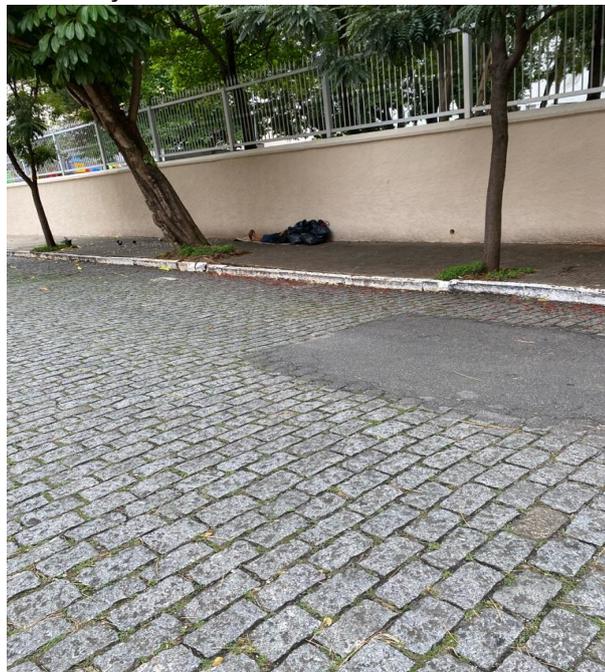
Fonte: Elaboração própria.

Figura 7 - Homem dorme em banco de praça



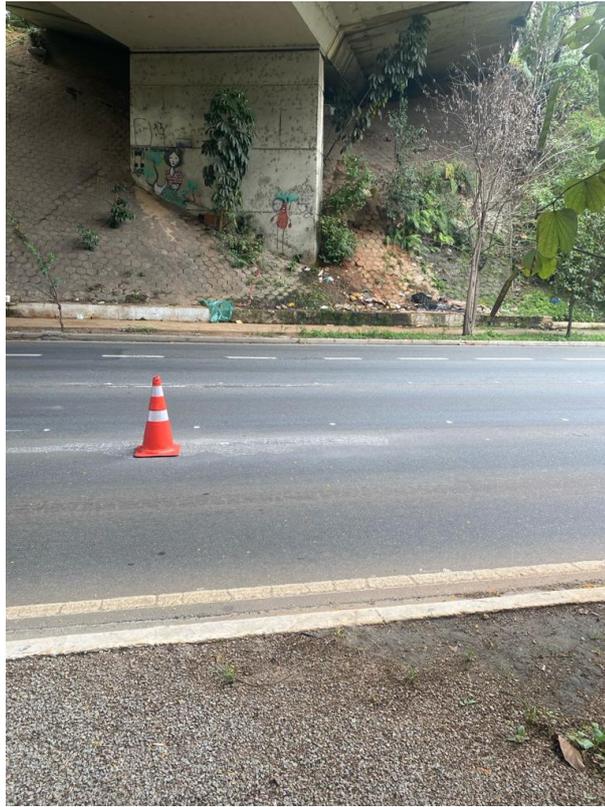
Fonte: Elaboração própria.

Figura 8 - Pessoa em situação de rua em um bairro nobre na Zona Oeste de São Paulo



Fonte: Elaboração própria.

Figura 9 - Nascente de água usada para banho



Fonte: Elaboração própria.

Figura 10 - Homem dorme pela manhã embaixo de marquise no centro de São Paulo



Fonte: Elaboração própria.

Figura 11 - Estabelecimento fechado com barraca na frente



Fonte: Elaboração própria.

Figura 12 - Decoração de Natal embaixo de elevado na Avenida São João



Fonte: Elaboração própria.

Figura 13 - Barraca na região central de São Paulo



Fonte: Elaboração própria.

Figura 14 - Barracas na avenida



Fonte: Elaboração própria.